

AS
TRES ROMAS.

DIARIO

D'UMA VIAJEM À ITALIA.

PELO ABBADE GAUME ,

Vigario geral da diocese de Nevers, cavalleiro da ordem
de S. Silvestre, membro da Academia da Religião
Catholica de Roma , etc.

*Nec unquam (civitas) nec
major nec sanctior.*

Nunca houve cidade
maior nem mais sancta.
TIT. LIV. *Hist. lib. I.*

TOMO SETIMO.



PORTO :

TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO ,
Rua das Hortas n.º 82.

—
1860.



Bibliothèque Saint Libère

<http://www.liberius.net>

© Bibliothèque Saint Libère 2009.

A reprodução sem fins lucrativos é permitida.

AS

TRES ROMAS.

VII.

TRES ROMAS.



2 d'Abrii.

Tolentino. — S. Nicolau. — Napoleão. — Murat. — Macerata. — Recanati. — Loretto. — Porta da Cidade. — Rua. — Praça. — Historia da Santa Casa de Nazareth.

Ao romper do dia estavamos em Tolentino. Espessas trevas nos haviam escondido a vista dos desfiladeiros de mà fama e dos precipicios medonhos, pelo meio dos quaes se atravessa a parte do Apennino que separa a Ombria da Marca d'Ancona. Entre dois montes apenas desviados um do outro cincoenta toesas, a grande villa de *Serravalle*, com os muros vacillantes do seu velho castello, havia passado diante dos nossos olhos como não sei que visão das *Mil e uma Noites*. Na ponte da Trave, sandamos, de longe sobre a esquerda, Camerino, villa que conta ainda com orgulho que enviou seiscentos homens, a flor da sua juventude, a Scipião para passar á Africa.

Tolentino, edificado sobre o Chienta, é uma villa interessante somente pelas recordaçoes que com ella prendem. A mais viva, a mais popular posto que a mais antiga, é a d'um pobre religioso que tinha o nome bendito de S. Nicolau de Tolentino. Foi um daquelles prodigios de penitencia que a misericórdia divina envia aos povos que quer poupar. A historia da epocha revela o segredo da sua missão. Por espaço de trinta annos in-

teiros, o santo sacerdote jejuou, orou, e edificou a sua segunda patria. Morreu a 10 de setembro de 1308; e o reconhecimento publico e a confiança filial que o haviam rodeado durante a vida, o rodeam ainda seiscentos annos depois da sua morte. O quarto que elle sanctificou com a sua presença, os instrumentos de penitencia com que expiava sobre a sua carne innocente as iniquidades d'outrem, a capella onde elle tantas vezes immolou a augusta Victima e na qual repousa o seu sagrado corpo, tudo isto é ainda o thesoiro, a alegria, o sanctuario querido dos Tolentinos.

Ajoelhados nós proprios n'estes logares, na presença destes objectos, testemunhas de tantas virtudes, unimos com amor as nossas fugitivas orações ás de tantos outros, repetindo com o propheta: Como é bom servir-vos, grande Deus! que pagais alguns annos de trabalho com seculos de gloria, sem prejuizo das felicidades eternas!

A esta recordação, tam grata ao christão, succede outra humilhante e penosa para o viajante francez. Tolentino recorda o tractado, ou antes o acto d'odiosa espoliação pelo qual o Directorio, abusando do direito da força, arrebatou ao Padre Santo o condado Venaissin, Ferrara, a Romania, triota e um milhoens de francos, quadros, estatuas, e outros objectos preciosos, n'uma importancia incalculavel. Dezoito annos depois, a 3 de maio de 1815, o cunhado do homem que dictára estas iniquas e duras condições, perdia, no mesmo sitio, uma batalha e um reino!

Atravez d'uma planicie fertil e bem cultivada, chega-se a Macerata. Esta cidade de doze mil almas, situada n'uma graciosa collina, occupa o sitio da antiga *Helvia Ricina*, cujas ruinas branca-

centas, semeadas aqui e acolà nos arredores, se parecem com ossadas n'om velho campo de batalha. A igreja da Misericordia merece ser vista. A sua magnificencia recorda ao viajante que ainda està na patria das artes, em tanto que o Adriatico, cuja superficie azulada limita o horisonte, lhe annuncia que toca nos limites da Italia. Desce-se de Macerata a uma campina, ou antes a um vasto jardim todo matizado de tulipas nascidas per si mesmas como as papoilas nos nossos campos de trigo. Nada mais agradavel que esta vista, nos primeiros dias da primavera: a paizagem toda parece adornar-se de graças, á proporção que a gente se aproxima do sanctuario querido da amavel Rainha do ceu.

Do fundo do valle, a estrada se eleva serpenteando á encosta de uma longa collina dominada pela cidade de *Recanati*. Alguns habitantes, que haviam descido a buscar agua e lenha á planicie, subiam conosco para a cidade aerea. Uns levavam elles proprios seus fardos; outros os tinham descarregado sobre o dorso de alguns burros, em todos os paizes servos complacentes do pobre. Este penoso trabalho, que se renova todos os dias, é consequencia das guerras sem cessar renascentes que assolaram por tanto tempo as republicas italianas. Para pôrem a vida, a fazenda e a liberdade ao abrigo da rapina e da devastação, os povos viram-se obrigados a refugiar-se nas alturas; e por conseguinte a fazer ir da planicie as coisas necessarias à vida. *Recanati* offerece ao viajante um notavel monumento de bronze, collocado na fachada da Camara Municipal, e que recorda a trasladação da *Santa Casa* para o territorio da Municipalidade.

Sahindo de Recanati, tomamos o caminho do Monte Real, e descemos a uma formosa campina que serve d'avenida a Loretto. A cidade apparecia ao longe, graciosamente assentada na planura d'uma vasta collina. Acima das muralhas se ergue a esvelta torre e a magestosa cupula da Basilica: a esta vista o coração vos pulsa com força; aspira-se á felicidade de pôr o pé n'aquella terra de milagres. Todavia, por um instante é a attenção attrahida por outro objecto: quero fallar do aqueducto, cujas arcadas gigantescas sahem d'uma collina, atravessam a planicie, e vão levar um manancial abundante e puro ao meio da praça publica de Loretto. Esta obra, digna dos Romanos, é devida ao cardeal Scipião Borghese, protector da Santa Capella, no anno de 1620.

Finalmente chegamos à porta Romana. Doas estatuas de prophetas sobrepujadas pela estatua de Maria-lhe formam a moldura e annunciam que a rainha da cidade é a Virgem divina annunciada pelos prophetas. Eis-nos na praça dos Gallos, assim chamada d'uma magnifica fonte ornada d'um dragão e quatro gallos que lançam uma agua limpida: diante de nós se estende a Rua Grande, ou para melhor dizer a unica rua de Loretto. Mas esta rua é larga, comprida e bem calçada; e, como a d'Enschede, guarnecida d'ambos os lados de lojas onde se vendem rozarios, medalhas e outros objectos de devoção. Vai dar à soberba praça da Madona, executada pelos desenhos de S. Gallo, e terminada pela augusta Basilica.

No meio eleva-se uma magnifica fonte, cuja pyramide e cujo amplo tanque são aformoseados por escudos d'armas, e grupos d'aguas, de dragões e tritoens de bronze, obras-primas dos dois

Jacometti. A' esquerda, o palacio apostolico apresenta a sua brilhante fachada e recorda gloriosamente os soberanos pontifices Julio II e Bento XIV; finalmente, sobre a direita está o collegio Illyrio, onde os padres jesuitas formam uma numerosa juventude na sciencia e na virtude.

Depois deste primeiro lance d'olhos, seguido de primeira homénagem a Maria no umbral do seu sanctuario, entramos na hospedaria *della Campana*. Algumas horas de descanso, tornadas necessárias pelas fadigas da jornada, deviam preceder a visita miuda da Egreja e da Santa Casa. Foram empregadas em nos recordarmos da historia do santo logar, que vou relatar em poucas palavras.

O Evangelho diz-nos que a SS Virgem tinha a sua casa na pequena cidade de Nazareth-na Galilea. N'ella vivia com S. José, quando o archanjo Gabriel foi annunciar-lhe o mysterio da Encarnação que se realizou logo nas suas castas entranhas. Voltou a habitar n'ella no regresso da fuga para o Egypto com S. José e o menino Jesus. A santa familia não teve outra mórada, até a prégação publica de Nosso Senhor. Este humilde asylo foi pois testemunha da infancia do Filho de Deus, das suas virtudes, das suas conversações com Maria sua mãe e S. José seu pai alimentar. Alli se realizaram, no silencio e na obscuridade, os ineffaveis mysterios d'humildade, pobreza, obediencia e amor, que, mais tarde revelados, se tornaram a base do Evangelho e o principio da mais admiravel revolução moral de que o mundo tem conservado memoria. Faça-se idéa do amor filial e da profunda veneração dos Apostolos e dos primeiros christãos, a um logar

ao mesmo tempo tam eloquente e tam santo! Comprehende-se que elles deviam guardal-o com um zeloso cuidado e visital-o muitas vezes: a historia vem confirmar esta inducção do simples bom senso. Ella nos mostra, desde a ascensão de Nosso Senhor ao ceu, uma procissão não interrompida de peregrinos idos de todos os logares do Oriente e do Occidente, para venerarem o berço da fé catholica, a Santa Casa de Nazareth (1).

Em seguimento dos Apostolos e dos fiéis de Jerusalem, eis chegam os pontifices do Occidente, as mais illustres matronas da Cidade eterna, a rainha do mundo, a imperatriz Santa Helena; depois o Occidente inteiro representado pelas suas myriadas de cavalleiros e cruzados, solemne peregrinação, que foi encerrada pelo mais illustre dos seus reis. No anno de 1252, S. Luis, proximo a voltar a França, assistiu pela ultima vez ao officio divino na santa casa de Nazareth (2). A existencia perpetua e a identidade da augusta habitação eram factos incontestados e incontest-

(1) Ob hæc igitur, quæ in hac urbe operata sunt mysteria, Apostoli post Christi in cælos ascensionem, B. M. V. domicilium, in quo ab angelo salutata Christum Dominum concepit, sacris usibus dedicarunt;... eodemque postmodum locum Dei Genitrici peramœnum, et quod archiepiscopali cathedra præcelleret, excitatum fuit templum. — Adricom, in *Zabulon de Nazareth*, n.º 73; H. Hieron. *epist. 27 ad Rustach.*

(2) Guillel. de Nangis. *De Gestis S. Ludovici.*

taveis , como factos que tinham tido por testemunhas o Oriente e o Occidente por espaço de treze seculos : a descripção delles estava em todos os labios e em todos os livros.

Entretanto a partida de S. Lois foi o signal d'uma nova invasão da barbaria musulmana , e da sua dominação secular na Palestina. A tomada de Damietta e o saque de Ptolomaida fizeram o Califa do Egypto senhor de todo o paiz. Irritado com as suas precedentes derrotas , o novo Antiocho ia vingar-se com estragos e profanaçoens inauditas. Foi n'este momento solemne que desappareceu a santa casa de Nazareth , não deixando no solo mais que os seus alicerces chaufrados.

Ora , a 10 de maio do anno de 1291 , no pontificado de Nicolau IV , no imperio de Rodolpho I.º , sendo Nicolau Frangipane , da antiga familia Anicia , governador da Dalmacia , e Alexandre de Giorgio , natural de Madrusia , bispo de S. Jorge , alguns habitantes das praias do Adriatico tinhám sahido pela manha cedo para irem para os trabalhos do campo. Entre Fiume e a villa de Tersatz , encontram não longe do mar , n'um sitio chamado Raunizza , um edificio solitario , posto n'um lugar onde nunca ninguem tinha visto até então nem casa nem cabana. Correm , fóra de si , a aõnunciar o que viram. Chega gente de todas as partes , examina o myste-rioso edificio , construido de pedrinhas vermelhas e quadradas , ligadas umas com outras com bitume. Espantam-se da singularidade da sua estrutura , e do seu ar d'antiguidade ; não podem principalmente comprehender como elle se tem em pé , poisado sobre a terra nua sem nenhum alicerce.

Mas a surpresa augmenta quando penetram no interior pela unica porta aberta ao lado. A camara forma um quadrilongo. O tecto coroadado d'uma torriha é de madeira, pintado d'azul, e dividido em varios compartimentos recamados aqui e alli d'estrellas doiradas. Ao redor das paredes e por baixo dos forros, observam-se muitos semicirculos que se arredondam uns junto dos outros, e parecem entremeados de vasos diversamente variados em sua forma. As paredes de espessura de coisa d'um covado, construidas sem regra e sem nivel, não seguem exactamente a linha vertical. A' direita da porta abre-se uma estreita e unica janella. Em frente ergue-se um altar construido de pedras fortes e quadradas, ao qual domina uma cruz grega ornada d'um crucifixo pintado sobre uma tela collada ao pau, onde brilha o titulo sagrado da nossa salvação: « Jesus Nazareth, rei dos Judeus. » A' direita do altar apparece uma estatua da Virgem em pé, e com o menino Jesus nos braços. Os rostos são pintados d'uma cor semelhante a prata, mas ennegrecidos pelo tempo e sem duvida pelo fumo das vélas ardidias diante destas santas imagens. A cabeça de Maria está adornada d'uma coroa de perolas; seus cabellos apartados á nazarena fluctuam-lhe sobre o pescoço; seu corpo está vestido d'uma roupa doirada que, apertada por um largo cioto, cahe fluctuante até aos pés; um manto azul lhe cobre os hombros: um e outro são sinzelados e formados da mesma madeira que a estatua. O Menino Jesus, de estatura mais que ordinaria, e de figura cheia de magestade, tem o cabello apartado sobre a testa como o dos Nazarenos, cujo vestido e cinto tem, levanta os

primeiros dedos da mão direita, como para dar a bênção, e na esquerda sustenta um globo, symbolo do seu poder supremo sobre o universo.

A' esquerda, ao pé do altar, vê-se um pequeno armario, ou retabulo, aberto na parede, que parece destinado a receber os utensilios necessarios a uma pobre familia: encerra alguns pequenos vasos ou escudellas, semelhantes áquellas de que se servem, para tomarem o seu alimento, os pobres habitantes dos campos. Finalmente, perto d'alli, uma especie de chaminé ou lar, coado d'um nicho e sustentado por columnas ornadas de candelabros. Tal era a disposição deste mysterioso sanctuario.

D'onde vem elle? Que habitação desconhecida è essa? Que mão a transportou repentinamente a um lugar onde nunca se viu habitação alguma? eis as perguntas que faz toda a gente e ás quaes ninguem pôde responder: o pasmo é geral. De subito vê-se chegar o bispo Alexandre, com andar vivo e seguro, e rosto radiante de felicidade: novo motivo d'admiração. Toda a gente conhecia o santo bispo atacado havia tres annos d'uma hydropisia declarada incuravel pelos medicos, e tam doente que, havia muito tempo, não podia sahir da cama, d'onde se esperava de dia para dia vel-o descer á sepultura. No meio do silencio que ordena o seu apparecimento inesperado, milagroso, elle conta n'estes termos o que lhe succedeu.

« Eu estava na cama, moribundo, quando foram annunciar-me a chegada desta casa desconhecida. Suppliquei á Santissima Virgem que me concedesse forças sufficientes para vir eu proprio visitar este maravilhoso sanctuario e implorar

n'elle o seu poderoso auxilio , resolvido como estava a fazer-me trazer aqui se não pudesse vir por mim mesmo. Movida pelo meu desejo , a Santa Virgem me appareceu , resplandecente de luz , e me disse : « Alexandre ; vós me invocastes ; eis-me vinda em vosso auxilio. Sabei que a casa que acaba de apparecer n'este paiz , é a mesma onde eu nasci em Nazareth ; onde recebi a visita do anjo Gabriel , e onde o Verbo se fez carne no meu ventre. Sêde vós proprio para todo o povo a prova viva da verdade das minhas palavras ; sêde curado. » E a santa Virgem appareceu ; e eu fiquei curado. » Ora lançar-se de joelhos , bendizer a sua bemfeitora , correr ao augusto sanctuario para lhe dar graças foi ao mesmo tempo para o venerando bispo a primeira necessidade do seu coração , e para todo o povo a prova brilhante de que esta visita sobrenatural não era uma chimera criada n'um cerebro desvairado pela dor.

Entretanto a nova do prodigioso successo chega aos ouvidos do governador da Dalmacia. Corre , toma as mais minuciosas informações , interroga , vê per si mesmo ; e finalmente , para certificar-se por uma prova material e sem replica da verdade , decide que quatro commissarios , escolhidos por si , partam immediatamente para a Palestina , com as plantas e dimensoens da mysteriosa capella ; que se certifiquem por si mesmos e que digam debaixo da fé do juramento : 1.º se a casa da Santa Virgem , em Nazareth , conhecida por toda a christandade , desappareceu realmente sem que se saiba o que foi feito della , nem que mão a arrebatou ; 2.º se os alicerces ficaram ; 3.º se a sua figura e as suas dimensoens

quadram com as paredes da casa que acaba de chegar ; 4.º se a natureza da pedra é a mesma ; e 5.º se é identicamente o mesmo genero de construcção , de modo que seja impossivel negar que aquelles alicerces , que ficaram em Nazareth , e a casa ha pouco apparecida em Tersatz são o mesmo edificio em duas partes.

Os quatro commissarios , egualmente eminentes por sua sciencia e por sua virtude , partem para a Palestina. Dirigem-se aos christãos de Nazareth , e lhes perguntam onde está a casa da Santa Virgem. Estes lhes respondem a chorar que desapareceu ha pouco tempo , sem que se saiba o que é feito della ; que ainda podem mostrar-lhes os alicerces della , porem nada mais ; que não podem comprehender como se podesse arrebatat aquella santa casa sem deixar no sitio outra coisa que os alicerces chanfrados. Os commissarios são levados ao logar e verificam por seus proprios olhos a narração dos christãos. Para desempenharem o seu mandato , poem-se a tomar o comprimento , a largura , e as dimensoens dos alicerces ; estudam a natureza da pedra , a especie de construcção , e calculam o tempo que ha decorrido entre o desaparecimento da casa e a sua chegada á Dalmacia. Tudo se acha de perfeita exactidão. Escrevem o seu testemunho , levam-o ao governador , confirmam-o com um juramento solemne , e repelem vinte vezes , diante de toda a provincia , o que fizeram e o que viram.

O facto é constante : Tersatz tem a ventura de possuir a Santa Casa de Nazareth. A Dalmacia inteira , a Bosnia , a Servia , a Albania , a Croacia , e todas as provincias parecem esvasiar-se para

derramarem terra os seus habitantes n'aquella favorecida pelo ceu. Mas, ai! nem as homenagens dos fiéis, nem a devoção do soberano, poderam fixar n'aquelles logares o inestimavel thesoiro: tres annos e meio depois da sua chegada, desapareceu a casa de Nazareth aos olhares d'aquelles christãos afflictos.

Levado nas mãos dos anjos, o venerando berço da sua augusta Rainha o repousar no meio d'um bosque de loureiros, no territorio de Recanati. Novos prodigios, que seria demasiado longo referir, assignalaram a sua presença. Innumeraveis peregrinos idos de toda a Italia e da Dalmacia o visitam, reconhecem-o e derramam lagrimas, uns d'alegria, e outros d'inconsolavel dor.

Algum tempo depois, não se encontra a santa Casa: foi repousar a tres milhas de distancia da cidade de Recanati, n'um pequeno outeirinho, nas visinhanças d'uma estrada real. A piedade publica tomou novo impulso; não se falla mais que do novo prodigio. Quatro mezes depois, effectua-se uma nova trasladação: o mysterioso sanctuario acha se no meio da via publica que conduz de Recanati à praia do mar. É' alli que ainda está hoje: é Loretto.

Pergunta-se sem duvida por que razão estas differentes trasladaçoens, realizadas no intervallo de alguns annos. Que somos nós para conhecermos os pensamentos de Deus, e penetrarmos o segredo dos seus conselhos? Comtudo não se pôde responder que, por estas differentes trasladaçoens que todas se prendem e confirmam, Deus queria dar a este prodigio tal evidencia, que fosse impossivel pol-o em duvida? Com effeito a atten-

ção publica, toda fixa n'este prodigio inaudito, provocon novas investigações; estas investigações foram seguidas de novas provas, que levaram a demonstração á ultima evidencia.

Effectivamente, a admiravel narração do que se passa no territorio de Recanati é communicada ao papa Bonifacio VIII. N'esta circumstancia como em todas as outras, obra Roma com a prudente reserva que a caracteriza. O Santo Padre ordena ao bispo de Recanati que tome particular cuidado do precioso deposito, cuja identidade o empenha a fazer verificar de novo.

O conselho do Pontifice é uma ordem; no anno de 1296 uma celebre deputação, composta de quatorze cavalleiros, parte de Recanati. Leva as medidas e as plantas do sanctuario novamente chegado a Loretto; passa á Dalmacia, cujos habitantes inconsolaveis mostram o sitio occupado ha pouco pela santa Casa. Os deputados examinam com cuidado a capella construida sobre este terreno segundo o modelo daquella que, por mais de tres annos, alli tinha repoisado. Applicam a este monumento as medidas da casa de Loretto, e acham inteira e perfeita conformidade. Notam, alem disso, que o mesmo dia que viu desaparecer o sanctuario de Tersatz, o viu apparecer no territorio de Recanati.

Os cavalleiros tornam-se a fazer de vela e chegam á Palestina. O que haviam feito cinco annos antes os commissarios dalmatas, o renova a' deputação de Recanati com ainda maior attenção, se è possível. Existencia dos alicerces, desaparecimento das paredes, natureza da pedra, comprimento, largura, configuração do sitio, tudo se examina, e compara com os planos e modelos

de Tersatz e Loretto: a identidade é perfeita. A' vista disto brilha a alegria, e as lagrimas correm em abundancia; tornam a partir, felizes por levarem a certeza palpavel de que Loretto possui o mais precioso de todos os thesouros; chegam á presença do povo e dos magistrados, e o testemunho é dado debaixo da fé do juramento; é assignado e deposto nos archivos da cidade, a fim de perpetuar a memoria d'om acontecimento tam digno de ser transmittido a todas as edades. Bem se vê, que para verificar o prodigio, a fé *simples e ingenua* de nossos pais se houve exactamente do mesmo modo como poderia fazer a alta razão da Academia das sciencias ou o espirito suspeito e desconfiado da nossa epocha (1).

A' demonstração da sciencia, veio o Ceu ajuntar o seu testemunho. Alem do testemunho perpetuo do apparecimento e da trasladação do santuario; alem da cura do bispo Alexandre, e da revelação de S. Nicolau de Tolentino, milagres particulares, palpaveis, brilham por todas as partes em confirmação do facto que occupa todos os espiritos. A fé publica fica d'ora em diante fixa sobre uma base immutavel como o rochedo. A Europa inteira se commove. Então essa procissão immensa, solemne, que, durante treze seculos, chegava a Nazareth de todas as partes do Oriente e do Occidente, muda o seu curso e se dirige para a collina de Loretto. Começada ha seiscentos annos, esta procissão continua sempre; em suas alas tem ella visto tudo quanto o mundo civilisado conhece mais sabio, maior, mais illustre,

(1) Vejam-se, no fim do volume, os documentos justificativos.

mais santo, mais augusto, junto a tudo quanto ha mais pobre e mais ingenuo: os povos e os reis, os imperadores e as imperatrizes, os proprios papas tem ido apresentar as suas humildes oraçoens e as suas magnificas offrendas à bemaventurada casa de Maria, e cumprir solememente as propheticas palavras da Virgem de Judà: « D'or'avante todas as naçoens me chamarão bemaventurada. »

Tal è em resumo a historia da santa Casa de Loretto, que veremos ámanhan (1).



3 d'Abril.

Impressão: — Missa na Santa Capella. — Descripção da Egreja. — Do monumento que rodêa a Santa Capella. — Da Santa Capella. — A Sacristia. — O Thesoiro. — O Palacio apostolico. — A Pharmacia. — As Damas do Sagrado Coração:

Agitando as provas do milagre, a historia da Santa Casa forma na alma do viajante, não sei que indizivel mixto de fé, respeito, temor, confiança e alegria; receia e deseja o momento solemne em que lhe serà dado ver a grande maravilha. Penetrados deste duplo sentimento, transpozemos

(1) A historia da santa Casa foi escripta no todo ou em parte por mais de 150 auctores de todos os paizes e de todas as condiçoens; pode-se consultar a que acaba de publicar o sr. abbade Cailleau, 1 vol. Eu segui Torsellini, Giannizi e Antonio Gaudenti, arcediago de Loretto. Póde-se tambem consultar Benedicto XIV *De Festis e la Bibliotheca Ecclesiastica* de Zinelli, t. III p. 256.

a porta de bronze da Basilica, e, com os olhos fitos na Santa Capella erguida no meio do sanctuario, fomos prostrar-nos no limiar da porta. Alli, não se vive senão pelo coração; fecham-se os sentidos, e todas as potencias da alma, absortas n'um só objecto, se deslizam em certo modo nos sentimentos que elle inspira. Mais alguns instantes, e nós iamos entrar n'aquelle sanctuario profundamente veneravel; e eu, sacerdote, subir áquelle altar aonde subira S. Pedro, e depois delle tantos Santos do Oriente e Occidente. A' vista destes logares que foram felizes testemunhas delle, o grande mysterio da Encarnação vos apparece em todas as suas particularidades: os personagens estão diante de vós; animam-se, um homem vê-os, e os ouve.

Ha mil oitocentos quarenta e tres annos, que um Archanjo resplandecente de luzes foi enviado do ceu à terra para trazer a maior, a mais consoladora nova que o genero humano podia saber. Desceu a Nazareth de Galilea, a uma pobre casinha. E esta casa, eil-a aqui: eu vejo-a por meus proprios olhos, toco-a com minhas proprias mãos.

N'esta casa habitava uma moça virgem humilde e modesta; havia n'ella nascido, n'ella vivia, era a casa de seus pais; e esta virgem chamava-se Maria.

E esta casa, eil-a aqui: eu vejo-a por meus proprios olhos, toco-a com minhas proprias mãos.

O Anjo sauda-a com profundo respeito, e lhe annuncia a augusta escolha que della fez Deus, e Maria inclina soa virginal cabeça, e o Verbo se fez carne em seu ventre, n'esta casa.

E esta casa, eil-a aqui: eu vejo-a por meus proprios olhos, toco-a com minhas proprias mãos.

E o Verbo divino que creou o mundo, que o regenerou, habitou em forma visivel entre os homens, submisso a José e Maria, vivendo com elles em sua pobre casa.

E esta casa, eil-a aqui: eu vejo-a por meus proprios olhos, toco-a com minhas proprias mãos.

Eis a mesma porta cujo limiar elle tantas vezes transpoz, as mesmas paredes que viram o seu trabalho, a sua obediencia, e a sua pobreza, que ouviram sua voz divina, a voz de seu Pai, a voz de sua Mãe! Paredes felicissimas! fallai pois; contai ao mundo os ineffaveis mysterios de que fostes por tanto tempo testemunhas.

Tendo 'chegado a hora da missa, subi ao altar. No momento da consagração, os olhares do sacerdote cahem sobre estas palavras escriptas em grandes letras d'ouro no degrau do altar: HIC VERBUM CARO FACTUM EST: « FOI AQUI QUE O VERBO SE FEZ CARNE. » E o sacerdote pronunciou as divinas palavras, e o grande mysterio se realizou de novo! O' meu Deus! que não seja o sacerdote Maria, para sentir dignamente a sua felicidade!

Sob a intelligente direcção d'um penitenciario de Loretto, a quem estavamos recommendados, passamos o dia no exame da Basilica e da santa Capella. Entra-se na Basilica por tres portas de bronze, mais notaveis ainda pelo lavor que pela materia. A do meio, mais alta e larga que as outras, apresenta nos seus dois batentes os principaes factos do Velho Testamento, postos em relação com os do Novo: d'um lado, a figura e a prophecia; do outro, a realidade e o cumprimento. As paginas da grande epopeia christan que não poderam ser escriptas na porta do meio, se acham nas portas lateraes, em soberbos medalhoens ro-

deados d'arabescos. Como complemento ou melhor como irradiação das tradiçoens sagradas, estes quadros são acompanhados de estatuasinhas representando as Sibyllas. Em que vem a dar toda esta longa marcha dos seculos antigos? Qual é o objecto de todos os oraculos e de todas as promessas? Elevando-se acima da porta principal, para o centro do frontispicio, os olhos vêem uma magnifica estatua de bronze da santa Virgem, tendo nos braços o seu divino Filho. Este grupo divino, obra-prima do Lombardo, vos responde: Eu é que sou o principio e o fim, o alpha e o omega de todas as prophcias e de todos os acontecimentos do mundo antigo.

A Egreja forma uma cruz latina, cujo centro é coroado por uma magnifica cupula, ornada d'uma lanterna, que o peregrino sauda de muitas leguas, como o navegador sauda o pharol que o deve dirigir para o porto. A cupula, scintillante de ricas pinturas, cobre a Santa Capella adornada de marmores preciosos dos quaes irradia a arte catholica. Tres naves dividem a Basilica, rodeada d'uma cinta continua de capellas lateraes. Nos lados inferiores da nave principal contam-se seis capellas á direita e seis á esquerda: tres em cada um dos braços da cruz, e outras tres no que se póde chamar a cabeça; assim doze altares parecem formar uma via gloriosa para chegar até á casa de Maria, rainha dos Apostolos; e outros nove, imagens dos nove córos dos anjos de quem ella é tambem rainha, a cercam como d'uma corôa de gloria. Cada uma destas capellas forma um museu, onde a pintura e a esculptura multiplicaram obras-primas que fôra demasiado longo descrever.

Dizei somente que todas estas bellezas empalidecem ante as magnificencias do Baptisterio. Só a pia custou, segundo Reozoli, oitenta mil francos. E' formada d'um grande vaso de bronze semi-pyramidal, sustentado por quatro anjos, e adornado de baixos-relevos egualmente de bronze. Tudo quanto no Velho e Novo Testamento, se refere ao Baptismo, se acha recordado alli. Quatro estatuasinhas d'um lavor delicado estão nos quatro cantos do vaso. A primeira representa a Fé, com esta divisa: «Ella não póde ser enganada:» *Nescia falli*. A segunda, a Esperança, com estas palavras: «Ella não póde ser abalada:» *Nescia scindi*; a terceira, a Charidade, com esta inscripção: «Ella não póde ser dividida:» *Nescia flecti*; a quarta, a Perseverança, com esta legenda: «Ella não póde ser quebrada:» *Nescia frangi*. Eis ahi os maravilhosos effeitos do Baptismo e os grandes caracteres do christão. Por baixo destas quatro estatuas estão quatro medalhoens que apropriam este soberbo Baptisterio á Egreja de Loretto. Podem-se alli seguir as diversas estaçoens da *Santa-Casa*, primeiro atravessando pelos ares o mar Adriatico, depois parando no bosque dos Loureiros, para passar d'alli ás terras dos dois irmãos de Recanati, e vir finalmente fixar-se no sitio onde hoje descança.

A nave principal ergue-se magestosamente e torna-se a curvar com arte, para formar uma abobada onde apparecem a claro-escuro diferentes imagens de prophetas da mão de Lucas Signorelli e do Pomarencio. A este ultimo e á sua eschola são egualmente devidos os frescos tam graciosos da cupula.

No meio dos anjos e das virtudes fez o agra-

decimento escrever pela mão do genio a memoria dos bemfeitores da Basilica. Dezeseis anjos sustentam as armas dos papas e dos cardeaes protectores. Nas duas pilastras do arco cruzeiro, que separam a nave da capula, vêem-se, á esquerda, as armas da casa d'Austria, que deu todas as grandes vigas que sustentam a cobertura da egreja, hem como todos os pinheiros e larizes que n'ella se encontram; e á direita as da casa Farnesio, que se distinguio egualmente pela sua liberalidade para com a augusta Basilica.

Finalmente eis-nos em frente do Santa Capella: uma capa de marmore de Carrara do mais bello grão lhe cobre as paredes sem as tocar. Em todas as faces o immortal sizel de Cioli, Raniero di Pietra, Francisco del Tadda, Jeronymo Lombardo, do cavalleiro della Porta, de Bandinelli e Sansovino, esculpiu os acontecimentos, e os personagens que annunciaram o mysterio de Eocarnação. Uma soberba columnata d'ordem corinthia rodea o monumento. Entre cada par de columnas estão dois nichos, o primeiro para os Prophe-tas, e o segundo para as Sibyllas que cantaram as glorias da Virgem Mãe. Mais acima estão corôas e figuras angelicas, symbolos da gloria e do poder de Maria.

Na parte lateral que olha ao norte, vê-se em primeiro logar a Sibylla hellespontica, cujo oraculo é este: « Um dia que eu estava occupada com diversos pensamentos, vi uma Virgem elevada, por causá da sua castidade, a uma sublime honra. O Altissimo a julgou digna deste augusto ministerio; ella dará ao mundo um descendente brilhante de glorioso esplendor; porque será verdadeiramente o Filho glorioso do Senhor do tro-

vão ; virá governar o mundo em profunda paz. (1) » Mais abaixo está o propheta Isaias, proferindo este oraculo conforme com o primeiro : « Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um Filho , e o seu nome será Manuel [2]. » Vem depois a soberba porta de bronze, fundida, assim como as outras tres, por Jeronymo Lombardo, sob o pontificado de S. Pio V, e coroada da Natividade da santissima Virgem, recebida no mundo pelas sete Virtudes que a deviam distinguir : a Innocencia , a Fidelidade, a Obediencia, a Humildade, a Modestia, a Charidade e o Amor do retiro.

Entre as duas columnas do meio, eis a Sibylla phrygia e o profeta Daniel. A primeira proferiu o oraculo seguinte : « Foi ao ventre d'uma Virgem que o mesmo Deus quiz fazer descer do ceo seu proprio Filho, que o Anjo virá annunciar a esta augusta Mãe (3). » O segundo fixou a epocha do glorioso acontecimento : « As setenta semanas foram abreviadas, a fim de que seja des-

(1) Dum meditor quædam, vidi decorare poellam
Eximio, castam quod se servaret, honore ;
Munere digna suo et divino Numine visa,
Quæ sobolem mundo pareret splendore micantem :
Progenies summi speciosa et vera Tonantis
Pacifica mundum quæ sub ditione gubernat.

CANISIUS, *De Beata Virg.*, lib. II, c. 7.

(2) Ecce Virgo concipiet et pariet Filium,
et vocabitur nomen ejus Emmanuel.— Isaï. VII, 14.

[3] Virginis in corpus voluit demittere cælo
Ipse Deus Prolem, quam nuntiat angelus almæ
Matri.

CANISIUS, *De Beata Virg.* lib. II.

truida a iniquidade, e o Santo dos santos receba a unção [1]. »

A segunda porta, de bronze como a primeira, representa primeiro o casamento da sancta Virgem, depois a levada da Cruz, e finalmente a morte de Jesus no Calvario. Como muitos outros, estes bronzes estão quasi gastos pelos piedosos beijos dos fiéis.

Os dois ultimos nichos do lado septentrional, são occupados pela Sibylla de Tivoli e pelo propheta Amos. A Sibylla parece repetir ainda: « Pode mostrar essa Virgem santa, cujo seio conceberá no paiz de Nazareth aquelle que, Deus na carne, se fará ver nos campos de Bethlem (2). » O Propheta responde com est'outro oraculo: « Nesse dia, eu elevarei o pavilhão de David (3). »

Os grandes destinos de Maria são nos conhecidos pelos oraculos dos prophetas d'Israel e dos prophetas da Gentilidade: passemos ao cumprimento dos factos. No meio da fachada occidental que olha para a nave, apparece a estreita janella pela qual entrou o anjo Gabriel, para annunciar a Maria a sua gloria e a felicidade do genero humano. Por baixo está um altar consagrado ao mys-

[1] Septuaginta hebdomades abbreviatæ sunt, ut deleatur iniquitas et ungetur Sanctus sanctorum. — *Dan.* IX, 24.

(2) Sanctam potui monstrare puellam
Concipiet quæ Nazareis in finibus illum
Quem sub carne Deum Bethlemitica rura videbunt.

CANISIUS, *De Beata Virg.* lib. II.

(3) In die illa suscitabo tabernaculum David.
— *Amos*, IX, 11.

terio do Verbo feito carne; por cima brilha um soberbo baixo-relevo representando a Anunciação da Santíssima Virgem. Esta obra prima é devida ao sinzel de Sansovino. Nas partes lateraes da janella, vê-se, á esquerda, a Visita de Maria a Isabel; á direita, a Viagem a Bethlem.

Do lado do Evangelho, eis a Sibylla da Lybia que canta: « Chega o dia em que o principe da eternidade, alumando a terra contente, apagará os crimes dos homens. Fará justiça a todos. O Rei santo, que vive em todos os seculos, irá descansar no regaço da Rainha do mundo (1). » Por baixo está Jeremias cujo oraculo é ainda mais explicito: « O Senhor creou na terra um prodigio novo: uma mulher encerrará um homem no seu seio [2]. »

Do lado da epistola, é a Sibylla de Delphos que celebra ao mesmo tempo o Filho e a Mãe: « Concebido no seio d'uma virgem, nascerá sem auxilio de pai mortal (3); » mais abaixo o propheta Ezechiel faz conhecer o divino Pai do Messias:

(1) Ecce dies veniet, quo æternus tempore princeps,
Irradians sata læta, viris sua crimina tollet,
Æquus erit cunctis; gremio Rex membra reclinat
Reginæ mundi sanctus per sæcula vivos.

CANISIUS, *De Beata Virg.* lib. II.

(2) Creavit Dominus novam super terram:
femina circumdabit virum. — Jer. XXXI, 22.

(3)Virgineo concepto ab alvo,
Prodibit sine contactu maris...

CANISIUS, *De Beata Virg.* lib. II.

« Eu suscitarei ás minhas ovelhas um pastor unico, que as levará aos pastos (1). »

A parte lateral que olha para o Sul nos offerece primeiro o Sibylla d'Erythrea, cuja predicção diz : « Eu vejo o Filho de Deus que desceu do ceu... Uma virgem augusta da raça dos Hebreus o dará á luz... Elle terá uma virgem por mãe [2] ; » depois o propheta Zacharias que disse : « Eis que eu farei apparecer o Oriente, meu servo ; eis o homem, Oriente é o seu nome (3). »

A moldura, por cima da porta, representa o presepio onde o Menino Jesus está deitado, sob a guarda de José e Maria, aquecido pelo sopro dos animaes cuja morada elle partilha e louvado pelos anjos. E' ainda a Sansovino que as artes devem este admiravel trabalho. Os dois compartimentos da porta são ornados da Encarnação do Verbo e do Nascimento do Salvador.

Entre as duas columnas do meio brilham a Sibylla de Cumas, na Italia, que proferiu estas palavras : « Então Deus fará descer do alto do Olympo um Rei novo ; então uma Virgem sagrada

(1) Suscitabo super eas pastorem unum qui pascat eas. — Ezech. XXXIV, 23.

(2) Cerno Dei Natum qui se demisit ab alto..
Hebræa quem virgo feret de stirpe decoro..
Virgine matre satus.

CAMISIUS, *De Beata Virg.* lib. II.

(3) Ecce ego adducam servum meum Orientem... Ecce vir : • Oriens nomen ejus. Zach. III, 8 ; VI, 12.

nutrirá com o seu leite o rei da milicia celeste (1); e o propheta David, que, com a harpa na mão, faz ouvir a todos os seculos este divino Cantico: « Eu estabelecerei sobre o vosso throno o fructo das vossas entranhas (2). »

Depois da adoração dos Magos apparecem a Sibylla punica e o propheta Malachias. A primeira diz do Desejado das naçoens: « Elle sera gerado d'uma virgem mãe..... E' d'uma virgem pura que este Deus nascerá (3); o segundo o qualifica por estas palavras: « Nascerá o Sol de justiça (4). »

Finalmente chegamos á ultima fachada, virada para o Oriente. Ella nos offerece primeiro a Sibylla Samia que desvela o mysterio do Deus feito carne: « Elles poderão tocar com suas mãos o glorioso Rei dos vivos, esse Rei que uma Virgem sem macula aquecerá em seu seio mortal (5). » Vem depois Moysés que proclamou, ante o antigo

(1)Tunc Deus e magno demittet Olympo
Militiæ æternæ Regem sacra virgo cibabit
Lacte suo.

CANISIUS, *De Beata Virg.* lib. II.

(2) De fructu ventris tui ponam super sedem
tuam. *Ps.* 113.

(3) Virgine matre salus.....

Ille Deus casta nascetur virgine matre.

CANISIUS, *De Beata Virg.* lib. II.

(4) Orietur sol justitiæ. — *Malach.* IV, 2.

[5] Hunc poterunt clarum vivorum tangere
regem.

Humano quem virgo sinu inviolata fovebit.

CANISIUS, *De Beata Virg.* lib. II,

povo, a gloria do Legislador futuro: « O Senhor te suscitará da tua nação um propheta como eu (1). »

A morte da Santa Virgem é outra obra prima que separa estas estatuas das duas seguintes. Os Apostolos levam a sua rainha ao logar da sepultura; os anjos, voejando nos ares, parecem esperar o momento de conduzi-la ao ceu, em tanto que um bando de judeus procura arrebatar o precioso deposito.

Os dois ultimos prophetas são a Sibylla de Cumas no Ponto, e Balaam. A Sibylla enche o mundo com este oraculo: « Humilde em tudo, o filho de Deus escolherá para mãe uma virgem casta (2); » o propheta, apezar seu, exclama do alto da montanha: « Sahirá uma estrella de Jacob, e um rebento se erguerá d'Israel (3). »

Taes são, em resumo, os magnificos assumptos que o genio esculpiu no revestimento da Santa Capella. É de admirar que o mundo inteiro se haja aggrupado em torno do sanctuario de Naem que veem a terminar quarenta seculos de espera, promessas e preparaçoes? Ou a palavra poesia já não tem sentido, ou se convirá em que ella irradia aqui em todo o seu esplendor.

(1) Prophetam de gente tua, sicut me, suscitabit Dominus. *Deut.* XVIII, 15.

(2) In cunctis humilis castam pro matre puellam Diliget; hæc alias forma præcesserit omnes. *CANISIUS, De Beata Virg. lib. II.*

(3) Orietur Stella ex Jacob, et consurget virga de Israel. *Num.* XXIV, 17. — N'esta descripção, não fizemos mais que abreviar M. Caillean, cuja narração é tirada de Giannizi, etc.

zareth? Não foi alli que se cumpriu o mysterio. Antes de penetrarmos na Santa Capella, lêmos ainda a bella inscripção gravada na fachada oriental por Clemente VIII. E' assim concebida :

« Christãos estrangeiros, que, guiados pelo voto
« da piedade, viestes a este logar, védes a santa
« casa de Loretto, veneranda aos olhos de todo
« o universo pelos divinos mysterios e pela gloria
« dos seus milagres. Foi aqui que a santissima Vir-
« gem Maria, Mãe de Deus, viu a luz; aqui que
« foi saudada pelo anjo; aqui que o Verbo eter-
« no de Deus se fez carne. Transportada pri-
« meiro pelas mãos dos anjos da Palestina para
« a cidade de Tersatz, na Illyria, no anno da
« Salvação 1291, no pontificado de Nicolau IV;
« tres annos depois, no começo do reinado de Bo-
« nifacio VIII, passou, sustentada pelo ministerio
« dos espiritos celestes, para as terras d'Ancona,
« perto da cidade de Recanati, a um bosque
« desta collina, onde, depois de ter mudado tres
« vezes de logar no espaço d'um anno, tambem
« fixou aqui, por um effeito da Providencia, a sua
« morada ha trezentos annos. Desde então, tendo
« a novidade de tamanho prodigio ferido d'admi-
« ração os povos visinhos; e havendo-se propa-
« gado ao longe a fama dos milagres operados
« n'este logar, todas as naçoens teem rodeado de
« seus respetos esta santa Casa, cujas paredes,
« ainda que postas sem alicerce na terra, estão,
« depois de tantos annos, solidas e em perfeita
« inteireza. O papa Clemente VII a revestiu de
« todas as partes deste adorno de marmore, no
« anno de 1525. Clemente VIII, summo ponti-
« fice, mandou escrever n'esta pedra uma breve
« historia desta admiravel trasladação, no anno de

• 1595. Antonio Maria Gallo, cardeal sacerdote
• da santa Egreja romana, bispo d'Osimo, pro-
• tector da santa Casa, teve cuidado de fazer
• executar esta ordem. Vós, piedosos estrangeiros,
• vinde implorar religiosamente a Rainha dos anjos
• e mãe das graças, para que pelos seus mere-
• cimentos e pelos seus rogos, obtenhaes do seu
• amavel Filho, auctor da vida, o perdão dos
• vossos peccados, a saude do corpo e as alegrias
• da eternidade. »

Finalmente entramos na santa e santissima casa. O que já levamos dicto, pode servir para se fazer uma idéa della. Resta precisar-lhe as dimensoens e mostral-a com as leves mudanças e os novos ornatos que a piedade dos Summos Pontifices julgou dever-lhe ajuntar. A santa Casa tem 29 pés e 8 pollegadas de comprimento, por 12 pés e 8 pollegadas de largura, e 13 pés e 3 pollegadas d'altura. As paredes teem 1 pé e 2 pollegadas d'espessura. São, não de tijolos, mas de pedras duras, de côr avermelhada, sobre as quaes serpenteam pequenas veias amarellas (1).

(1) « Examinei, diz o famoso Saussure, physico protestante, os materiaes da Santa Casa; é construida de pedras cortadas em forma de grandes tijolos, collocadas uma sobre outra e tamhem unidas, que não deixam entre si mais que pequenissimos intervallos. Estas pedras tomaram quasi a côr do tijolo, de modo que á primeira vista se tomam realmente por uma especie de barro cozido; mas examinando-as com attenção, reconhece-se que são d'uma pedra arenosa d'um grão mui fino e compacto. » *Mem. sobre a Constit. phys. e Geol. phys. da Italia.*

Estas pedras d'um pedaço de tamanho mediano e d'uma forma pouco regular, parecem-se com a nossa alvenaria. Disse que as paredes são isoladas do revestimento de marmore. Foi-nos fácil convencermo'-nos disso por meio d'uma véla accesa collocada entre os dois edificios: o intervallo pôde ser de duas pollegadas e meia. Nenhum alicerce sustenta a angusta casa, cujas paredes descansam sobre a terra nua, e até d'um lado, por causa da desigualdade do terreno, não tocam no chão.

Teem-se verificado, por muitas vezes, estes dois factos, na renovação do lageamento exterior; O celebre Tiburcio Vergelli, architecto da Santa Capella, fez notar o segundo prodigio a Mons. Buzi, governador de Loretto, e a multidão d'outras testemunhas recommendaveis, introduzindo á vontade a bengala entre as paredes e a terra (1).

Em uma das paredes distinguem-se os restos d'uma antiga pintura representando S. Luis miracolosamente livre dos ferros de que o tinham carregado os sarracenos.

A antiga cobertura não existe: as telhas della foram collocadas debaixo do pavimento actual; uma peça do madeiramento está ao nivel do pavimento, onde continuamente trilhada pelos pés dos peregrinos, está sem alteração. Outra atravessa a capella e sustenta as lampadas de prata que ardem diante da Santa Virgem. Varias cabeças de traves que sustentavam outr'ora o tecto, acham-se hoje serradas ao nivel da parede. Todas estas peças são de cedro, madeira inteiramente

(1) Martorell, *Trat. istor.* t. II, fol. 388.

estranha na Italia, e muito commum pelo contrario na Judea. Apesar da sua antiguidade, estas madeiras se conservam inteiras e sem picaduras, como se acabassem de ser cortadas e postas em obra.

No meio da santa Casa está o altar. Um postiguinho collocado no frontal permite ver o antigo altar, de pedra de cantaria, vindo com o venerando sanctuario; à esquerda acha-se o sancto armario, fechado n'um bofete moderno. Alli se conservam as duas pequenas escudellas em forma de chicaras que serviram, com varias outras, para os usos da santa Familia. São de barro cozido, d'uma côr esbranquiçada, listadas de vermelho. Atraz do altar abre um gabinetesinho chamado *il Santo Camino*, por causa da antiga chaminé collocada ao fundo. O lar deste augusto monumento tem 4 pés e 3 pollegadas d'altura, 2 pés e 2 pollegadas de largura, e 6 pollegadas de profundidade. Alli, se conserva uma terceira chicara, semelhante ás precedentes; mas, por um feliz privilegio, escapou á espoliação franceza de 1797. Esta coberto de laminas d'oiro, sobre as quaes estão gravados os dois mysterios da Anunciação e da Natividade do Senhor.

Por cima do *Santo Camino*, em um nicho outr'ora d'oiro e semeado de pedras preciosas, mas hoje decorado somente de arabescos de pau d'orado, se venera a antiga estalua da bemaventurada Virgem. E' de cedro do Libano, assim como a do divino Menino que descança nos braços de sua mãe. A altura da primeira é de 2 pés e 8 pollegadas; a segunda tem 1 pé e 2 pollegadas. Graças à agradecida piedade do mundo catholico, a augusta imagem está adornada de infinito nu-

mere de pedras preciosas e de promessas d'oiro e de prata. No fundo da Santa Capella se abre a janella do anjo, guarnecida d'uma grade de bronze sinzelado, que é coroada pela cruz antiga trazida com a santa casa e cuja altura é egual á largura.

Depois de termos lançado uma olhadella em globo sobre o veneravel monumento, entramos na grande capella do Thesoiro.

Eis primeiro a sacristia destinada á vestidura dos sacerdotes que devem celebrar missa no altar da Santa Capella, ou no da Anunciação. Os olhos ficam deslumbrados com o brilho das pinturas e dos adornos. O admiravel quadro do Guido, representando uma piedosa dama que instrue meninas; a Santa Virgem recebendo a communhão de Nosso Senhor; o Salvador diante do povo depois da sua flagellação, de Gerardo das Noites; o S. Jeronimo, de Paulo Veronna; o enterro de Nosso Senhor, pelo Tintoreto; a graciosa madona, guardada debaixo de vidro, magnifica copia de Raphael, executada por Sasso Ferrato; a Santa Familia á meza, pelo Corregio: taes são as obras principaes que ornão esta esplendida sacristia.

A' esquerda está uma porta grossa, guarnecida de ferro e de fechaduras; dá entrada para a capella do Thesoiro, construida no pontificado de Paulo V em 1682. A abobada está coberta de pinturas de grande belleza, devidas ao pincel de Christovam Roncalli, denominado o Pomarencio. N'ellas se vê toda a vida da Santissima Virgem. O meio da abobada forma tres compartimentos; no centro, brilha a augusta Mãe com seu Filho nos braços, assentada no topo da sua santa Casa e levada por um grupo de espiritos celestes. Ses-

senta e nove armarios de nogueira cercam a sala. Tal é a sua belleza e a riqueza dos seus ornatos, que custaram 565,000 fr.

Bem que o thesoiro esvasiado pelas guerras e pelas pilhagens haja soffrido grandes desfalques, ainda tem com que surprehender. N'elle se vê multidão innumeravel de coraçoes d'ouro e de prata, de estofas preciosas, de calices, de perolas, de diamantes, de quadros, de castiças, de relógios, de anneis, de cruces, de estatuas, de vasos, de custodias, de corôas, de collares, de rosetas, de lampadas; de thuribulos, de bacias e d'outros objectos preciosos. Notamos particularmente as calices d'ouro dados por Murat e pelo principe Eugenio. Não é um bello espectaculo o de todas estas riquezas offerecidas pelos pontífices e pelos reis, pelos principes e pelos christãos de todos os paizes, ao Deus feito pobre para nos salvar, e á doce Virgem que tornando-se sua Mãe se tornou a nossa, e a dispensadora de todos os thesoiros do Ceo? Que mais nobre, que mais util uso, pode o homem, vassallo de Deus, fazer dos bens que recebeo, que consagrar parte delles a pagar o tributo sagrado da submissão e do reconhecimento? No numero destas ricas offrendas, figuram tambem dois estandartes tomados aos turcos na batalha de Lepantho. Compraz-se a gente em ver em todas as egrejas d'Italia, consagradas á santa Virgem, os tropheus daquelle victoria que salvou a humanidade, a qual, com voz unanime, o Pontífice que ordenou a expedição, o grande capitão que a dirigiu, os generaes que pelejaram ás suas ordens, o exercito e o povo, attribuiram à omnipotente Rainha dos homens e dos anjos.

Vinte armarios estão orphãos dos donativos da

piedade. Humilhante recordação! Porque é força que o viajante francez seja obrigado a reconhecer como auctores desta espoliação sacrilega, os seus criminosissimos compatriotas? Voltando á Santa Capella, fizemos confissão do delicto por esta patria tam chara, supplicando à mãe das misericordias esquecesse tudo excepto que a França é o seu reino: *Regnum Galliæ regnum Mariæ*.

Ao sahirnos da egreja, visitamos os saloens do palacio apostolico, verdadeiro museu onde a riqueza dos objectos disputa a perfeição do trabalho. A pharmacia sagrada offerece depois á admiração do viajante os tresentos e oitenta vasos pintados segundo os desenhos de Raphael, de Julio Romano, de Miguel Angelo e d'outros artistas egualmente celebres. Podem dividir-se em quatro classes: a primeira encerra os acontecimentos mais memoraveis do Velho e Novo Testamento; a segunda, as façanhas dos antigos Romanos; a terceira, as metamorphozes d'Ovidio; a quarta, brincos infantis. No dizer d'um historiador, a rainha Christina da Suecia os estimava mais que todas as riquezas encerradas no thesoiro de Loretto; « porque, dizia ella, as pedras preciosas não faltam em outras partes; porem onde se poderá encontrar' tam numerosa e admiravel collecção (1)?

O dia terminou por uma visita às damas do Sagrado Coração estabelecidas em Loretto ha alguns annos. Possa a Santissima Virgem abençoar o seu estabelecimento, e accetar em compensação dos roubos sacrilegos commettidos no seu sanctua-

(1) Bartoli, *Ist. di Lor.* c. 20.

rio por mãos francezas, as orações e os trabalhos das nobres filhas da França, que consagram á sua vista os seus talentos e a sua vida a formar-lhe tantos sanctuarios vivos quantas medinas confiadas á sua piedosa sollicitude contam!



4 d'AbriL.

Missa no altar da Annuñciação. — Chegada dos Peregrinos. — Os Dalmatas, suas orações. — Novo Vetturino. — Contracto. — Partida de Loretto. — Ancona. — Arco de Trajano. — Cathedral. — Sarcophago de Corconio. — Historia e conversão da joven Aninna Constantini.

Cabindo este anno a Sexta-feira Santa a 25 de março, a festa da Annuñciação da Santa Virgem se achava differida para 4 d'abril. Graças a esta circumstancia, tive a felicidade de celebrar, no dia anniversario do grande mysterio, o augusto sacrificio no altar da Annuñciação. Como disse, este altar está collocado por baixo da mesma janella onde dezoito seculos antes, appareceu a Maria o archañojo Gabriel resplandecente de luz e lhe disse: *Ave, Maria, cheia de graça*. A trasladação da festa nos grangeou outro prazer. De todos os logares circumvisinhos, chegavam as populaçoens, com bandeiras na frente, cantando ladainbas, para celebrarem o alegre mysterio, felicitarem a angusta Virgem e offerecerem-lhe o tributo da mais filial ternura. No umbral da Basilica, cahiam as piedosas procissoens de joelhos e subiam deste modo a vasta basilica cujo pavimento recebia as suas abundantes lagrimas, e trettanto que as abobadas repelliam suas orações

e seus cantos. Chegados ao ultimo degrau que conduz à Santa Capella, davam os peregrinos uma volta em torno do edificio, seguindo o envasamento de marmore que sustenta as magnificas esculpturas. Ora, como eu vi, este caminho de marmore está cavado, sulcado pelos joelhos dos fieis; as piedosas esculpturas, os crucifixos de bronze estão gastos por seus ardentes beijos. Como se ha de assistir a semelhante espectáculo sem ficar profundamente commovido pela fé terna e vigorosa d'aquelle bom povo? As communhoens foram innumeraveis.

Porem o que nos moveu a ponto de derrarmos lagrimas, foi uma numerosa caravana de Dalmatas, com seu trajo tam pitoresco e simples, que haviam passado o Adriatico para virem, segundo um costume seis vezes secular, visitar a sua Virgem, orar-lhe e dirigir-lhe ternas exprobraçoens. De joelhos diante da Santa Capella, com as mãos estendidas, e os olhos banhados de lagrimas, ora elevados para o ceu, ora fitos na santa imagem, não cessavam de dizer em voz alta: « Voltai a nós, ó bella Senhora! voltai a nós, ó Maria, com a vossa santa Casa (1)! » E durante horas inteiras, tudo eram as mesmas palavras e as mesmas lagrimas. Esta linguagem, demonstração eloquente d'uma dor eterna, todos os seculos a teem ouvido.

« Eu vi, no anno de 1559, escreve o Padre Riera, mais de tresentos peregrinos deste paiz com suas mulheres e seus filhos, chegarem a Lo-

(1) Ritorna a noi, bella Signora; ritorna a noi, ó Maria, colla tua casa.

retto, trazendo tochas accesas, pararem primeiro á porta principal, onde se prostraram para implorarem o auxilio de Deus e de sua santa Mãe; depois todos de joelhos, dispostos em ordem pelos seus sacerdotes que haviam trazido consigo, entraram assim no templo, bradando com uma só voz em seu idioma natural: « Voltai; voltai a Fiume, ó Maria! Maria, voltai a Fiume..... Maria!.. Maria!..... Maria!..... (1) » A sua dor era tam viva e a sua supplica tam fervente, que eu procurava impor-lhes silencio, temendo que tam ardentes rogos fossem escutados, e que a Santa Capella fosse arrebatada da Italia para ir para Tersatz tornar a occupar a sua antiga posição.»

Accrescentarei que, para favorecer e recompensar a devoção deste bom povo, fundaram os Summos Pontifices em Loretto um hospicio destinado a varias familias da Dalmacia que não tinham podido resolver-se a voltar á sua patria deixando a Virgem de Nazareth, considerando de ahí em diante como sua patria o logar que ella escolhera para sua residencia. D'onde nasceu a celebre companhia do *Corpus Domini*, chamada por isso dos Esclavonios até ao pontificado de Paulo III (2).

Quanto a nós, menos felizes que estes bons Dalmatas, foi necessario afastarmó'-nos. Adeus, pobre casa de Nazareth, mais bella aos olhos do christão que todos os palacios dos reis;

(1) Revertere, revertere Flumen, Maria; Maria, Flumen revertere! O Maria..... Maria!..... Maria!..... *Hist. Loret. c. IV*

(2) *Hist. de N. S. de Loretto*, p. 20.

nós vos deixamos, eil talvez para sempre; mas até á morte estareis á frente das nossas mais charas recordaçõens.

Tomamos em Loretto um novo *vetturino* para nos conduzir até Veneza. Um acto, encerrando todas as clausulas e condiçoens reciprocas, foi lavrado em boas formas e assignado pelas partes contractantes. Esta precaução não é inutil; previne contestaçõens, e em todo o caso dá ao viajante um meio legal de fazer que lhe façam justiça (1).

(1) Eis aqui o texto deste documento que pode servir na occasião :

Loreto, à di d'aprile 1842.

Fra il signore canonico N. e Giovanni Rochetti, vetturino, é convenuto quanto siegue :

1.º Il vetturino sopradetto s'obliga a portare il detto signore canonico con tre suoi compagni, da Loreto a Venezia, tra cinque Giorni.

2.º Il vetturino provederà un bon legno con due buoni cavalli, che non potrà cambiare senza il permesso del signore canonico et de suoi compagni.

3.º Il vetturino dovrà foroire la collazione, il pranzo, e almeno due camere a tre letti per i quatro viaggiatori.

4.º Il vetturino dovrà andar sempre a buoni alberghi, partendo ogni mattina di buon ora per arrivare ogni Giorni prima di notte all'albergo ove dovrasi pernottare.

5.º Tutte le spre d'ajuti nel passaggio di fiumi, ponti, montagne; come quelle di dogana Sarauno a carico del vetturino conduttore.

De Loretto a Ancona contam-se seis leguas. O paiz, muito irregular, offerece bellos pontos de vista, e uma cultura intelligente faz sempre do antigo *Picenum* o jardim da Italia. Ancona conta 20,000 almas, inclusos 5,000 Judeus, a maior parte muito ricos e alguns até opulentos. O porto é magnifico, e os Anconezes passam pelos melhores marinheiros da Italia. A cidade encostada a uma montanha é coroada por uma forte cidadella. Entre os monumentos profanos admira-se o arco de triumpho de Trajano, todo de marmore de Paros, e o mais bello que ha no mundo (1). As partes unem tam perfeitamente, que parecem não fazer senão uma unica pedra. Este magnifico monumento é um testemunho do reconhecimento dos Anconezes para com o imperador que ampliára o seu porto. Do lado do mar, entre as duas columnas, lêem-se as duas inscripções seguintes, que se referem uma á mulher, e outra á irmao de Trajano:

PLOTINÆ
AVG.
CONJVG. AVG.

DIVÆ
MARCIANÆ
AVG.
SORORI. AVG.

6.º Il signore canonico e suoi compagni s'obligano a pagare dieci scudi a testa al fin del viaggio, la buona mancia resta alla loro facolta.

È per l'osservanza di cio si sono volontariamente sottoscritte ambo le parti, come appresso.

N. canonico.

Giovanni ROCHETTI.

(1) Scipio Maffei, *Observ. litter.* t. V. p. 194.

Sobre as ruínas do templo de Venus se eleva a cathedral, dedicada a S. Cyro na Cyriaca, e cuja fachada, obra de Margaritone, offerece uma bella pagina da arte christã. Foi perto d'alli que se pescou o famoso rodvalho sobre o qual fez Domiciano deliberar o senado.

Ancona a dorica (1) recorda ao christão os discipulos de S. Pedro que foram libertal-a do jugo da idolatria, e os gloriosos martyres cujo sangue generoso cimentou o edificio da fé. Na capella das reliquias, construida por Vanvitelli, conservam-se os sagrados corpos das santas Palatia e Laurentia que, pelo anno 303, sanctificaram com a effusão do seu sangue virginal estes logares manchados pelo culto da infame deusa. O artista não deve esquecer, na mesma igreja, as columnas antigas, outro monumento do triumpho da fé sobre o paganismo, bem tamponco o tumulo de santa Palacia, e o bello sarcophago de Corconio, situado na crypta. Este monumento, que remonta ao IV.º seculo [366], apresenta o Menino Jesus no presepio, no meio do boi e do burro. Arruina assim as pretenções de certos auctores que assignavam ao V.º seculo a origem da tradição que põe estes dois animaes na estrebaria do Redemptor (2). De resto, a mesma circumstancia está reproduzida nos vidros das catacumbas muito mais antigas, de forma que se deve ir até ao berço da fé para encontrar o começo desta tradição contemporanea do acontecimento.

(1) Ante domum Veneris quam dorica sustinet
Ancon. *Jwo.*

(2) Scipio Maffey, *Observ. litterar.* t. V. p. 194.

E' em S. Francisco *in Alto* que se acha a Virgem tão ingenua e pura do Ticiano, e a Anunciação de Guerchino.

Uma locante recordação me preocupava ao percorrer as ruas de Ancona. Era a d'uma joven Israelita cuja maravilhosa conversão tinha, quatorze annos depois, conduzido ao pé dos altares seu tio, sua tia e suas tres primas: feliz familia a cujo triumpho nós tinhamos assistido na igreja romana d'*Ara-Cœli*. Mas o factó em si mesmo, pouco conhecido em França, como todos os da mesma especie, exige ser primeiramente referido. Eil-o tal qual está consignado na relação authentica, publicada na propria Ancona por uma testemunha ocular. Em 1826, a joven Annina Constantini, de idade de dezesis annos, filha unica de uma das mais ricas familias judias d'Ancona, foi posta como pensionista em casa das *mestras Pias*. Posto que baptisada secretamente, quando estava no berço, por uma ama christã, experimentava para o christianismo uma repugnancia extrema, augmentada por uma ternura inexprimivel para com sua familia: só a palavra conversão teria bastado para provocar a sua ira. Todavia os exemplos que tinha ante os olhos, as palavras que não podia deixar de ouvir dissipavam pouco a pouco os seus prejuizos: o espirito estava convencido, mas o coração resistia. Ninguem, de resto, era confiante deste trabalho interior.

Chega o dia do Corpo de Deus. A joven endurecida põe-se a uma janella que dá para a praça, a fim de ver passar a procissão. O bispo, Mons. Membrini Gonzaga, que levava o SS. Sacramento, para benzer o mar e os navios. N'este momento solemne, Annina fita os olhos na santa

hostia e , « Vi , são estas as suas proprias palavras , no meio dos raios luminosos que partiam do centro da custodia , um lindo menino que voou direito a mim , se poz no meu regaço , me abraçou com amor e me encheu d'uma suavidade inexplicavel (1). »

Cabe desmaiada nos braços de suas mestras e de suas companheiras , vivamente inquietas com um estado cuja causa ignoram . Voltando a si pouco a pouco , recobrou os sentidos e derrama abundantes lagrimas ; mas tal era o seu affecto á sua familia , que occultou cuidadosamente o que tinha visto , com receio de ser obrigada a fazer-se catholica . « Antes quereria , dizia ella , cair no inferno ficando judia , que contristar a minha familia fazendo-me christian (2). »

Deus , que queria possuir essa alma escolhida , soube triumphar da sua obstinação como triumphara da de Saul , ha dezotto seculos , e da d'Alfonso Ratisbonna ha quatro mezes . No quarto onde dormia Annina se achava uma velha imagem de S. Francisco de Paula , o thaumaturgo da Calabria . Sem saber porque , sente-se apossada de grande devoção para com este santo , e corre a prostrar-se derramando lagrimas diante do seu retrato . « Francisco , lhe diz ella , se sois santo ; se a religião chris-

[1] Quando [lo dirò colle sue precise parole] essa vide fra molte luce dell'ostentorio un vezzoso bambino , ed a lei direttamente volare , e posarsele in grembo , e stringersele al seno soavemente . il cuore empiendo di non più udita dolceza. *Relaz* , p. 12.

(2) *Relaz*. p. 13.

tan que professastes na terra é verdadeira, obten-de-me de Deus a graça de vencer a minha repugnancia.» «Desde esse momento, ajunta ella, eu me senti cheia de ternura para com aquelle santo; e não comprehendia como podia amar com amor tam sensível um ser invisível e que me era perfeitamente desconhecido. Nunca tive semelhantes sentimentos para com nenhuma creatura terrestre, bem que fosse immensa a minha ternura pela minha familia (1).

No entretanto, ella resistia a todas as sollicitações da graça; e taes eram as suas luctas contra Deus, que perdeu a vontade de comer, e passava as noites a chorar.

«Finalmente, diz ella, na noite de 27 de Junho acordei, e conheci que quando dormia orava ao meu Santo. As ultimas palavras da minha prece estavam ainda em meus labios, quando, estando perfeitamente acordada, elle me appareceu maravilhosamente á direita do meu leito, e, pegando-me pela mão, me disse com doçura: «Consolai-vos, e socegai vosso coração; vós sereis a minha filha.... sempre.... sempre;» e desapareceu (2).»

A victoria está ganha. Nem o incrível amor que ella tem á sua familia, nem a perda d'um rico casamento, convencionado já com um de seus

(1) *Id.* p. 15.

(2) Quando a me svigliata perfettamente, in mirabil modo egli apparve alla sponda destra del letto, e presami per la mano: — Ti consola, soavemente mi disse, e rasserenà il tuo cuore.... tu sarai mia figlia.... sempre... sempre — e ciò detto svani. *Relaz.* p. 16.

primos, nem a certeza de contristar sua mãe, viu-va muito havia, e seu tio que lhe serviu de pai, e sua tia que a creou, podem fazer-lhe reter captiva a verdade. A 31 de julho escreveu tres cartas, em que sua alma tam terna, tam dedicada, porem ao mesmo tempo tam corajosa e tam forte, se revela toda. A primeira é a sua mãe, a segunda a seu tio, e a terceira a sua tia. São admiraveis de simplicidade, piedade filial e energia christan. Não citarei senão uma só:

Foris. — A minha charíssima maman, GENTILE PERERA.

Intus. — « *Charissima Maman,*

« Ha uns quatro mezes que, por humano respeito, para não perder um rico esposo, para me não privar de numerosas vantagens e numerosos prazeres, e muito mais para não affligir os meus queridos parentes, vivo cruelmente combatida por sentimentos oppostos e sempre em lucta contra a minha intima convicção. Mas a graça celeste operou em mim de modo tal, que não devo nem posso resistir mais. Deus, ó minha chara e charíssima maman! quer que eu seja christan, e me tem feito conhecer evidentemente a sua vontade por mil meios cada qual mais sensivel.

« Comprehando que similhante noticia vos traspassará a alma; e é este, estai certa disso, o principal motivo por que a minha presente resolução tanto custa ao meu coração, e por que tenho até agora derramado e ainda derramo tantas amargas lagrimas. Mas tranquillisaí-vos, por quem sois, minha boa e terna maman, e consolai-vos pensando que, não se fazendo a vossa Anni-na christan por capricho, mas para corresponder á graça de Deus, nunca fará coisa que possa me-

recer as vossas exprobraçoens. N'esta verdadeira religião, minha boa mamam, já vós haveis collocado, sem o saberdes, e antes de mim, uma de vossas filhas que, tendo morrido depois de ter recebido o santo baptismo das mãos de sua ama, goza agora a Deus no ceu.

« E eis ahí a explicação do mysterioso sonho que tivestes antes do meu nascimento, e no qual vos foi ordenado que me desseis o nome de Annina, nome que tinha a minha irmanzinha morta no berço. Esse sonho, que me contastes, não o communiquei a niaguem, excepto quando soube com certeza que a minha irmanzinha tinha sido baptisada, e foi para mim um novo motivo para abraçar com força, como faço, a religião christã. Praza ao Senhor que elle seja tambem para a minha chara mamam uma razão que a determine a seguir suas duas filhas, e a prover deste modo á verdadeira felicidade de sua alma !

« Abençoai-me, minha mui chara mamam; offercei meus sentimentos de respeito a meu excellento tio Leão; dai mil ternos beijos a meus charos irmãosinhos, recordai-vos de que vos amo desmedidamente, e não cesseis, por quem sois, de amar-me sempre.

« Ancona, 31 d'agosto de 1826.

« Vossa amantissima filha,

« ANNINA CONSTANTINI (1). »

(1) La gloria di Dio manifestata nella conversione ammirabile dell'egregia ed illustre donzella signora Annina Constantini, d'Ancona, operata dedicata alla medesima del canonico Mariano Bedetti publico prof. histor. Eccl. nel vescovile sem. di detta città 10 settemb. 1826.

O effeito das suas cartas, junto às maravilhosas circumstancias da sua conversão, foi tal sobre o espirito de seu tio Benedetti Constantini, que determinou, depois de quatorze annos de luctas interiores, este excellente homem, com toda a sua familia, a seguir o exemplo de sua sobrinha.

Esta interessante recordação, tornada ainda mais viva pela vista dos logares, theatro deste prodigio consolador, nos occupava deliciosamente em tanto que, por uma estrada encantadora, traçada na praia do mar, vencemos o espaço que separa Ancona de Sinigaglia. Cahia a noite quando nós entravamos nesta ultima cidade, antiga fundação de nossos avós.



5 d'Abril.

Sinigaglia, — Sua feira. — Fano. — Fossombrone. — Recordação d'Asdrubal. — Pesaro. — Cathedral. — Recordações de Rossini, de Raphael e de Bramante. — Republica de S. Marino. — Organização civil e judicial dos Estados-Pontificios. — La Cattolica. — Recordações dos Padres de Rimini. — Arco d'Augusto. — Igrejas. — Martyrio de S. Gaudente. — Quadro de Paulo Veronese.

Ha um proverbio, velho d'alguns mil annos, que tem corrido e corre ainda o mundo todo; esse proverbio diz: « Não ha guerra sem soldados gaulezes: *Nullum bellum sine milite gallo.* » Nossos avós eram pois de todos os combates, como outros são de todas as partidas de prazer. Que paz, que seculo os não tem visto guerreando-vos, ora por sua coala, ora por conta d'ou-

trem, deixando suas assadas sob todos os climas, e fundando colonias nas terras estrangeiras? No anno 358 antes de Jesus Christo, pois, as encantadoras praias do Adriatico viram chegar um exercito de Senonezes que se fizeram senhores do litoral, e n'elle fundaram uma cidade a que deram o seu nome. Sob o involucro italiano de Sinigaglia, reconhecei a filha dos Gallos senonezes, a antiga *Sena Gallica*. A sua bella cathedra, as suas velhas muralhas, as suas magnificas ruas, annunciam a antiguidade da sua origem, a prosperidade do seu commercio, e os progressos da sua moderna civilisação.

Sinigaglia, que conta umas 9,000 almas, é o Beaucaire da Italia. A sua celebre feira começa no mez de julho e dura até 20 d'agosto. Attrahe uma prodigiosa affluencia de negociantes italianos, sicilianos, allemaens, dalmatas, e gregos principalmente. Desde tempo immemorial estes ultimos costumam vir buscar a Ancona e Sinigaglia os productos da industria europeia, e distribuil-os depois no interior da Grecia e nas Escalas do Levante. Antes da formidavel concorrência que lhe faz Trieste, Ancona parecia uma cidade do Peloponeso e do Archipellago. Os navios da Hellenia enchiam o porto; a maior parte dos armazens, das lojas e dos cafes pertenciam aos gregos, e Sinigaglia era um mercado quasi exclusivamente aberto aos seus compatriotas. Hoje já não veem a Sinigaglia, e é por correspondencia que operam. Trieste, mais bem collocada, cresce á custa da sua antiga rival, cujas exportações se reduzem agora ao trigo, canhamo, tabaco, cebo, pelles, tartaro de potassa e madeira de construcção.

Apesar da sua decadencia, Sinigaglia offerece, ainda, durante o espaço da feira, um espectáculo digno do pincel do artista. Imagine-se um movimento perpetuo d'homens de todas as nações, de trajos variados, occupados a procurar-se, ou pressurosos de fazerem transportar as mercadorias do porto á cidade e da cidade ao porto; uma cidade inteira nas ruas, guarnecidas de duas fileiras de elegantes lojas, cobertas de toldos que se humedecem de quando em quando, e cujo solo é guarnecido de taboas para commodidade dos transportes; uma cidade tornada um vasto basar, e cujos fossos, explanadas e planicies circumvisinhas estão cobertas de barracas, de cosinhas e de cavallos amarrados; e um espectáculo que apresentam apenas as cidades orientaes, aonde vão ter as grandes caravanas da Mecca e do Sahará.

Deixamos nossos primos, os Gallo-Senonezes, depois de termos tomado uma chicara do seu excellente *café bianco*, e algumas horas depois estavamos em *Fano*. A antiga *Fanum fortunæ* não conserva outras recordações da sua historia pagan, que o seu nome, os restos d'um arco de triumpho erguido em honra de Augusto, e uma bella estatua da Fortuna, collocada sobre a fonte publica. O nome e a estatua immortalisam o reconhecimento dos romanos pela victoria de que vou fallar.

E' em Fano que se passa o Metauro, rio celebre pela derrota do desgraçado Asdrubal, digno irmão de Annibal. O habil capitão procurava operar a sua junção com o vencedor de Cannas, ao qual levava reforços. Suspendido em sua marcha pelos consules Livio Salinator e Claudio Nero, o seu corpo de exercito foi feito em postas e elle

proprio ficou no campo da batalha. Este combate, ao qual talvez devesse Roma a sua salvação, deu-se perto de *Fossombrone*, *Forum Sempronis*, no anno 207 antes de Jesus Christo, a algumas milhas para a esquerda de Fano. Na montanha, que tem ainda o nome d'Asdrubal, vê-se a via Flaminia, aberta pelo sinzel durante o espaço de uma milha no mesmo coração da rocha viva. Esta abertura, capaz de espantar o nosso corpo real das pontes e calçadas, é a *Petra Pertusa* de Victor, cuja origem se perde na noite dos tempos.

Meiodia soava quando entravamos em Pesaro, outra cidade do littoral d'umas 18,000 almas. Como se vê, toda esta costa do Adriatico é muito povoada. Em breve terei occasião de voltar a este facto. Celebrava-se a festa de S. Vicente Ferrer, o grande thaumaturgo do decimo-quinto seculo. As egrejas estavam cheias de uma multidão recolhida e avida de ouvir uma bellissima missa em musica, executada pelos curiosos da cidade: a patria de Rossini é fecunda em artistas distinctos. Vimos na cathedral, notavel edificio, uma soberba *Circumcisão*, do Barroche, mestre da pintura na Romanha, e um *S. Jeronymo*, do Guido. Pesaro é, de resto, uma cidade encantadora pela sua posição e rica pela fecundidade do seu territorio que produz os melhores figos da Italia.

Continuando a correr pela via Flaminia, deixa-se à esquerda Urbino, patria de Raphael e do Bramante; um pouco mais longe encontra-se a gente à vista da montanha sobre que descança a republica de *San Marino*. Este pequeno estado conta umas cinco mil almas de população e possui tres castellos e cinco egrejas. Os seus usos e o seu

direito costumado fizeram cair a conversação sobre a organização administrativa e judicial dos Estados pontifícios.

O dominio temporal do Santo Padre divide-se em vinte provincias.

As de Bolonha, Forli, Ferrara, Urbino e Pesaro, são presididas por um cardeal legado e tomam o titulo de legação.

As outras, chamadas delegações, são regidas por um prelado delegado apostolico.

Cada provincia divide-se em districtos.

Cada districto comprehende varios arredondamentos ou governos.

Abaixo dos governos estão os municipios.

Em cada municipio existe um Conselho municipal composto de 16 a 48 membros, segundo a importancia da população.

Em cada Conselho municipal ha um ou varios deputados ecclesiasticos, eleitos pelos bispos. Assistem ás reunioens municipaes, e tem voto deliberativo quando se tracta de questoes relativas aos interesses das fundações pias, dos estabelecimentos de charidade e dos bens do clero.

O Conselho municipal nomêa e demitte os empregados municipaes.

Cada municipio mantem, para o serviço publico, um medico, um cirurgião-vaccinador, um mestre-eschola, um secretario, um recebedor das contribuições, e um corneta encarregado de affixar as leis e decretos, e de publicar as decisoes do poder local.

Para fazer face às despesas, emprega o Conselho os rendimentos dos bens de raiz do municipio.

Em caso de insufficiencia póde estabelecer :

1.º um imposto sobre todos os objectos de consumo, excepto os cereaes e a farinha; este imposto nunca pôde passar de 60 baiocos (3 francos) por cabeça de individuo varão, desde 14 até 60 annos; 2.º sobre os mesmos individuos, um imposto pessoal, graduado segundo a riqueza das familias e que não pode exceder 100 baiocos; 3.º se os direitos de consumo e de taxa pessoal não bastam, recorre-se a centimos addicionaes estabelecidos sobre o proprietario (1).

Todos os cidadãos nobres, proprietarios, e artistas, são representados no conselho municipal. Juntando-lhes os deputados ecclesiasticos, todos os interesses tem seus órgãos e defensores n'esta assemblea verdadeiramente popular.

Desta organização civil resulta: 1.º que os Estados Pontificios não estão, como dizem certos periodicos, entregues ao arbitrio do despotismo sacerdotal; 2.º que as instituições municipaes são n'elles mais completas e mais liberaes que as nossas; 3.º que os tributos são comparativamente muito leves.

Como o não está a fortuna dos particulares, a sua reputação e a sua vida não estão de modo algum á mercê do poder. Lá está uma organização judicial para defender o fraco, reprimir e castigar o mau.

O primeiro grau de jurisdicção acha-se no municipio; os auditores legaes julgam por via economica pelo que toca às quantias inferiores a cinco francos.

(1) Vej. *Estados Rom.* por M. Falchiron, t. III, p. 212.

O segundo acha-se na cabeça do districto, onde o governo pôde pronunciar sobre um valor de duzentas piastras.

O terceiro está na cabeça, ou sede do tribunal civil.

O quarto está nos tribunaes d'appellação, que conhecem em segunda instancia dos processos julgados em primeira pelos tribunaes civis.

O quinto é o supremo tribunal da *Sagra Ruota*, que está em Roma: é o nosso tribunal de Cassação.

A jurisprudencia dos Estados Pontificios exige que se tenham obtido duas sentenças conformes, para haver coisa julgada. D'onde resultam lentidões que tem provocado a censura de varios escriptores. A applicação desta lei pôde ser viciosa, porem parece nos bom o principio. Estas demoras que são uma nova prova da prudencia romana, dão às partes tempo de prepararem os seus meios de defeza, aos juizes o de estudarem as peças do processo, e de conhecerem a sentença anticipada da opinião publica; por outro lado, as paixões acalmam-se, e tornam-se mais facis composições amigaveis.

Parallelamente a esta jerarchia judicial, eleva-se outra á qual as partes são felizes em recorrer. Os bispos e arcebispos são juizes em primeira instancia nos limites das suas dioceses. Pronunciam pelo organ dos seus vigarios môres, qualquer que seja a somma em litigio, sobre os seculares, se houver consentimento das partes.

Pôde-se appellar da sentença do bispo para a do arcebispo de quem elle depende; em todo o caso o appellante tem sempre direito de appellar directamente para a Santa Sé.

Esta julga pelos tribunaes ecclesiasticos da camera apostolica e do cardeal vigario.

Os crimes ecclesiasticos e contra as pessoas ligadas pelas ordens sacras ou dedicadas a Deus pela profissão religiosa, são julgados pelos tribunaes ecclesiasticos.

Estes tribunaes teem cinco juizes: o arcebispo ou bispo da diocese, e quatro pessoas por elle escolhidas.

Póde-se appellar deste julgamento para a Congregação romana dos bispos e regulares.

Em Roma, é ao cardeal vigario que pertence exclusivamente o julgamento dos crimes contra os bons costumes. O prelado vice-gerente, o prelado supplente civil e dois assessores compoem o tribunal.

A appellação da sentença é levada á Congregação dos bispos regulares.

Os crimes e delictos dos soldados e officiaes são exclusivamente da competencia dos tribunaes militares (1).

Finalmente, as offensas á religião são deferidas ao tribunal da Inquisição, o mais misericordioso de todos os tribunaes.

Tal é, a grandes traços, o esboço da organização judicial nos Estados Romanos. A distincção das differentes classes de pessoas é cuidadosamente conservada. Os simples cidadãos, os ecclesiasticos e os militares teem seus tribunaes particulares. E' isso, segundo nos parece, uma coisa perfeitamente justa, e que contribue mais do que se pensa para a conservação da moral publica. O mesmo

(1) Ved. *Estados Rom.* por M. Fulchiron, t. III, *passim*.

acontece com as cathogorias de crimes. Que coisa mais sabia, por exemplo, que o reservar o conhecimento das faltas contra os costumes ou contra a religião a juizes que, pelo seu caracter sagrado e pelos seus estudos especiaes, estão mais aptos que quaesquer outros para tractarem com a reserva e sciencia convenientes estas difficeis causas? Em tudo isto confessamos não acharmos o minimo vestigio desse despotismo embrutecedor, de que os nossos periodicos accusam o governo pontificio.

Que haja na legislação romana lacunas e defeitos, que haja molleza e até abusos na applicação das leis, ninguem pensa em pol-o em duvida. Porem onde não se encontram esses inconvenientes? Ha cincoenta annos que estamos fazendo revoluçoens para destruir os abusos, e temol-o conseguido?

Os abusos mudaram de nome, de logar e de objectos, mas se havemos de dar credito aos nossos olhos, continuam a existir. Os abusos destroem-se não pelas leis, mas pelos costumes; e os costumes formam-se pela Religião, luz da consciencia, principio de virtude e freio de todas as paixoens. O que leva a concluir mui logicamente, em favor da legislação e da legislatura romana, que os defeitos e os abusos são n'ellas menos frequentes e sobretudo menos graves que entre um povo sem religião.

Quanto à jurisprudencia dos Estados Pontificios, compõe-se, na essencia, do codigo Justiniano, e das prescripçoens do direito canonico; na parte organica, dos decretos e regulamentos dos papas, isto é, na realidade, de tudo quanto a sabedoria humana conhece mais perfeito. D'onde este dicto

do mais profundo publicista dos tempos modernos :
«Que diremos de Roma, pergunta o illustre conde de Maistre? E' no governo dos Pontifices que o verdadeiro espirito do christianismo deve mostrar-se da maneira menos equivocada. Ora, é uma verdade universalmente conhecida; que nunca se exprobrou a este governo senão a brandura: Em parte nenhuma se encontra um regimen mais paternal, uma justiça mais igualmente distribuida, um systema de impostos ao mesmo tempo mais humano e mais sabio, e uma tolerancia mais perfeita (1).»

Entretanto as horas tinham fugido rapidamente. Ao sahirmos do mundo administrativo e judicial, entramos n'uma terra fecunda em recordações da nossa antiguidade christã. Eis na margem da estrada a aldeola *della Cattolica*. D'onde lhe vem este singular nome? Em 359, dava-se uma grande batalha em Rimini: o catholicismo, isto é a verdade, a civilisação, a liberdade, estava ás mãos com o arrianismo, isto é o erro, pai da escravidão e da degradação, sustentado pela astucia dos seus chefes e pela espada dos Cesares: um momento triumphava o arrianismo. Os Padres catholicos cedem à tempestade; e de preferencia a trahirem o deposito da fé, se desterram voluntariamente na aldeola onde estamos.

A esta gloriosa retirada deve ella o nome que tem. Saudemo's ao passarmos os illustres campeões de que ella foi asylo. Phebades d'Agen, Gervasio de Tongres, chefes da corajosa cohorte, conservai-nos a fé pela qual combatestes tão nobremente! Foi o primeiro destes santos

(1) *Cartas sobre a Inq. Catt.* I, p. 22.

bispos que, sabendo da queda do mais antigo dos seus collegas, o centenario Osio de Cordova, escrevia uma carta que se deve ler á queda de todas as grandes columnas da Igreja: « Eu não duvido, diz o novo Athanasio, que depois de termos examinado e exposto todas estas verdades á luz da intelligencia publica, nos opponham, como uma poderosa machina, o nome d'Osio, o mais antigo de todos os bispos, e cuja fé foi sempre tam segura; porém respondo em poucas palavras, que não se pôde empregar a auctoridade d'um homem que se enganou. Todos sabem quaes foram os seus sentimentos até esta avançada idade; com que firmeza elle recebeu a doutrina catholica em Sardica e em Nicca, e condemnou os Arianos. Se agora tem outros sentimentos, se sustenta o que condemnou e condemna o que sustentou, digo-o ainda outra vez, a sua auctoridade não é admittivel. Pois se elle creu mal durante perto de noventa annos, não acreditarei que creia bem depois de noventa annos; e se crê bem agora, que se deve julgar daquelles a quem elle baptisou na fe que tinha então, e que deixaram o mundo? Que se diria d'elle mesmo, se houvesse morrido antes desta assemblea? Portanto, como disse, a prevenção da sua auctoridade não tem força alguma, porque se destroe a si mesma. Assim é que lêmos que a justiça do justo não o salvará, se uma vez cabe no erro (1). »

O Symbolo de Nicca, recitado da Catholica a Rimini, em reparação dos ultrages feitos à divindade do Redemptor, é grato á alma como o é á

(1) *Biblioth. t. II.*

bôcca o fructo comido na arvore. Entramos na antiga cidade pela porta Romana, formada d'um bello arco de triumpho erguido em honra de Augusto. Como todas as cidades estacionadas n'esta costa até e inclusa Veneza, Rimini, antiga *Ariminum*, não é mais que uma sombra de si mesma. Não se contam n'ella mais de 17,000 almas. O mar se afastou dos seus muros, e é com custo que se vêem alguns vestigios do antigo porto. Parte dos marmores que o adornavam, ornam hoje varias egrejas da cidade, entre outras a cathedral. Este edificio, cuja fundação remonta ao quarto seculo, merece, ainda modernizado como está, a curiosa attenção do artista christão.

O que sobretudo o torna venerando aos olhos da fé, é o sangue episcopal de que foi tingido por ordem do imperador Constancio, protector dos Arianos e tambem ariano. No tempo do famoso Concilio, S. Gaudens, bispo de Rimini, frustrava com uma logica irresistivel as astucias d'Ursacio e Valente. Para lhe responder, empregou Constancio a logica dos tyrannos: mandou-o matar pelos lictores do Proconsul (1). Edificada sobre as ruinas do templo de Castor e Pollox, perpetua ainda a cathedral a recordação do triumpho do Evangelho sobre o paganismo, em tanto que a dos Capuchinhos indica o sitio do amphitheatro de Publico Sempronio, cujos ultimos vestigios protege. A estatua de bronze de Paulo V, erguida na praça principal, recorda os beneficios do Pontifice, e na egreja de S. Julião, o pincel de Paulo Veronese repete, com a eloquencia do genio, os combates e as victorias do glorioso martyr.

(1) Baron. *Not ad Martyr.* 14 octob.

6 d'Abril.

Tribuna de Cesar. — Capella do Milagre. — Santo Antonio de Padua, seu discurso aos peixes. — Conversão de Bonvillo. — Porta de S. Julião. — Ponte d'Augusto. — Passagem do Rubicão. — Cervia. — La Pignata. — Mosteiro de Classe. — Mosaico. — S. Romualdo. — O imperador Othão. — Ravenna.

Na praça do Mercado erguem-se dois monumentos que excitam logo a curiosidade do viajante. O primeiro é um pedestal de granito, d'um metro e meio d'altura por cincoenta centímetros de largura. Que é este monumento truncado? porque está alli no meio da rua, embaraçando a circulação mais do que aformosea a praça? Respondem-vos: A este pedestal liga-se um facto decisivo da historia Romana. Aqui mesmo, do alto d'esta singular tribuna, orou Cesar ao seu exercito depois da passagem do Rubicão, para exhortal-o a marchar para Roma. Sabe-se quaes foram as consequencias deste discurso.

O segundo monumento é uma linda capellinha circular, cuja presença no meio da praça publica, é na realidade tam contraria ás regras de bom gosto, que parece a principio opposta ás conveniencias religiosas. Porem estas considerações, por mais graves que sejam, tiveram de ceder ante rasoens ainda mais graves. No mesmo sitio occupado por esta capella, realizou-se um facto admiravel: não se devia marcar o theatro delle, e, com um monumento duradoiro, trazel-o á piedosa memoria das gerações futuras? Assim o pensou a cidade agradecida: d'onde o pequeno sanctuario cuja origem é esta.

No quarto seculo havia nascido no Oriente a

impia seita do manicheísmo. Occulta longo tempo na Bulgaria, esta heresia, a mais perigosa que desolou a idade media, tinha-se espalhado de repente pela Europa pelos fins do XII.º seculo. Sob os nomes d'Albigeses e de Patarinos, os seus sectarios infeccionavam com seus mortaes venenos as cidades e aldêas. Para combater esta hedionda fera, suscitou a Providencia os dois grandes patriarchas S. Domingos e S. Francisco, com seus filhos. De todas as cidades da Romaõha, era talvez Rimini a mais inferna. S. Antonio de Padua, o thaumaturgo da epocha, foi encarregado de cural-a: a sua reputação o havia precedido. Conhecendo que eram vencidos se o fossem ouvir, os herejes resolveram não irem aos seus sermoens. O Santo sobe ao pulpito, e toda a gente se escapa: a egreja fica deserta ou quasi deserta. Elle não desanima, e volta no dia seguinte protestando que prégará, ainda que não tenha nem um só ouvinte. Os Patarinos comprehenderam que a curiosidade acabaria por produzir algumas deserçoens nas suas gleiras; resolveram pois matar o Santo. Antonio sabe-o e encerra se na sua cella, passando os dias e as noites nos jejuns, na oração e nos actos da mais assustadora maceração.

Ao cabo d'alguns dias, inflammado do espirito de Deus, sahe e vai direito á praia do Adriatico, ao sitio onde o Marecchia, que passa em Rimini, se lança no mar. Em pé na praia, chama em voz alta os peixes para celebrarem os louvores do seu Creador, pois que os homens recusam ouvil-os. Um grande numero de habitantes a quem a curiosidade havia conduzido em seguimento do Santo, ou que se achavam alli a passear, o tractam de doido e, no entretanto, param para vêrem o que succede-

rá. No mesmo instante as ondas se agitam, e na superfície apparecem numerosos bandos de peixes, dispostos em boa ordem cada um segundo a sua especie.

Os mais pequenos estão mais proximos do Santo, e os outros estacionam seguidamente, e formam um grande amphitheatro. Elevadas acima da agua, suas cabeças, variadas em formas e em cores, semelham um tapete de perolas sobre o azul das ondas; todos parecem attentos.

O Santo lhes faz então um magnifico discurso: recorda-lhes os particulares beneficios que hão recebido do Creador, a variedade e belleza das suas especies, a graça e agilidade de seus movimentos, a vantagem do seu elemento onde não cahem de cansaço como a ave viajante sobre o navio, ou o quadrupede por terra; a segurança da sua habitação igualmente abrigada do raio e da saraiva, a abundancia e a escolha do seu alimento, e a sua maravilhosa multiplicação que não exige nem os cuidados da mãe, nem o leite d'uma ama; o privilegio de terem sido entre todos os outros animaes preservados do exterminio geral no tempo do diluvio. Repete-lhes a honra que receberam varias vezes de serem empregados pelo seu proprio Creador em differentes misteres, salvar Janathas, curar Tobias, encher as redes dos Apostolos do Filho de Deus, e de se terem multiplicado nas mãos de Jesus Christo para saciar a multidão do deserto; de lhe terem fornecido a peça de moeda para pagar o tributo, e o seu alimento favorito durante a sua vida mortal; de o terem visto caminhar sobre o seu elemento, e finalmente escolher os seus pescadores para fazer delles pescadores d'homens.

Dir-se-hia que aquelles animaes o comprehendem, tam grande é a sua attenção, tam vivos são os applausos que dão ás suas palavras, já levantando a cabeça, já abrindo a bôcca (1). Se os assistentes ficaram estupefactos à vista de semelhante prodigio, não é necessario dizel-o. Desde o principio, muitos correram, quanto podiam, á praça publica annuaciando o que se passa; e Rimini inteira se despejou para ir á praia. Então dá graças a Deus e diz que elle é mais honrado pelos peixes que pelos homens herejes e infieis. Depois, abençoando o seu mudo auditorio fazendo o signal da cruz, o despede; e todos os peixes, agitando as barbatanas, movendo os rabos, e abaixando as cabeças se mergulham nas ondas e desaparecem. Similhante milagre faz cahir todo aquelle povo de joelhos e derramar torrentes de lagrimas. O Santo aproveita-se desta disposição para mostrar, com aquella eloquencia de fogo de que é dotado, a malicia enorme do peccado e sobretudo da heresia: quasi todos se convertem no mesmo instante.

Um pequeno numero delles, todavia, ficaram obstinados. Em primeira linha estava um certo Bonvillo, chefe de seita. Ou porque não estivesse presente ao milagre, ou porque quizesse fazer de incredulo, zombava daquelles que se haviam convertido, por terem visto, dizia elle, cinco ou seis peixes parados por acaso na praia do mar. Veto-lhe a idéa de arruinar a reputação do Santo pe-

(1) O Guerchino immortalizou este milagre no magnifico quadro que se vê no palacio Borghe-se, em Roma.

diando-lhe um novo milagre que considerava como impossível: « Seria indecente, lhe diz elle, para Jesus Christo, estar na Eucharistia, debaixo das especies do pão, e por isso não está lá; e para convencer-te disto, quero fazer-t'ó provar pelo meu burro. Tu lhe apresentarás o teu pão sacramental, e veremos se elle o adora. » Ouvindo semelhante blasphemia, o Santo fica penetrado de horror; contudo, inspirado por Deus, accetta o desafio e marca o dia da experiencia. Os herejes esperam-o com ar de jubilo, e já cantam victoria; os catholicos tremem, não tendo ainda no Santo a confiança e estima que elle merecia. Não obstante o milagre dos peixes sustenta a sua coragem. No entretanto, o Santo jejua, ora e não duvida do auxilio divino: toda a cidade está suspensa.

Na manhã do dia marcado, celebra Antonio a santa Missa, vai á praça publica com o SS. Sacramento, acompanhado dos seus religiosos, e pára diante da casa de Bonvillo. Este caminha com ar despresador com a besta de carga, à qual, havia tres dias, que não déra alimento. Chegando diante do SS. Sacramento apresenta-lhe aveia. O Santo dirige algumas palavras ao povo immenso que o cerca e lhe diz tenha fé e devoção em Nosso Senhor; depois, com voz sonora, chama o estúpido animal, e lhe recommenda venha adorar o seu Creador occulto sob as especies sacramentaes.

A esta ordem, a besta de carga deixa a aveia, caminha, põe-se de joelhos, abaixa a cabeça e fica n'esta attitude respeitosa, até que a santa hostia seja reconduzida á igreja. Que meio para negar um milagre desta força, realizado á vista d'um povo inteiro! Assim que o triumpho dos catholicos e a confusão dos Patarinos foram o que

deviam ser. Bonvillo, estupefacto, interdicto, tocado da graça, abjura a heresia com tanta mais gloria para a verdade quanto mais obstinado elle tinha sido, e quanto era, de todos os Manicheus, o mais acreditado e o mais poderoso. Passou o resto da vida na penitencia, e morren deixando grandes esperanças da sua salvação (1).

Sahimos de Rimini pela porta de S. Julião. Passa-se o Marecchia por uma magnifica ponte de marmore, cheia d'ornatos e construida pelos imperadores Augusto e Tiberio. N'este sitio opera-se a junção das duas antigas vias consulares, Emilia e Flaminia, que ligavam Roma com o norte da Italia. A distancia d'algumas leguas passamos, tam bravos como Cesar, o famoso Rubicão. Sob o humilde nome de *Pisciatello* quem reconheceria o pequeno rio, nas margens do qual se decidiu a sorte a Republica romana? Muitos pretendem que n'este sitio o Rubicão se achou reunido ao *Pisciatello*; e que, para encontrar o famoso regato, é necessario aproximar-se um pouco mais de Savignano. Como quer que seja, por pouco que a imaginação venha em auxilio da memoria, vê-se Julio Cesar em pé na margem opposta da torrente; inquieto, perturbado, hesita, depois caminha de repente lançando ao seu exercito e á historia o famoso dicto: *Jacta sit alea*: « Para que esta hesitação? » Todos sabem que o Senado, cioso da liberdade de Roma, tinha prohibido, por um decreto solemne, a qualquer general que voltasse á Italia com um exercito ou

(1) *Vit. di S. Antonio*, lib. I, c. 9, p. 40—45.

um corpo de exercito, de atravessar este rio sem antes ter deposto as armas e os estandartes. O Rubicão era o limite da Italia e da Gallia Cisalpina. Ao transpor-o, incorria Cesar em todas as penas impostas contra os inimigos da patria. Assim se preparava o momento em que a liberdade romana devia dar lugar á vontade d'um só; momento unico na historia, em que o despotismo, elevado ao seu mais alto poder, devia lutar corpo a corpo com a liberdade que reaparecia no mundo sob a figura de doze pescadores enviados pelo Deus do Calvario.

Deixando á esquerda Cesena, patria de Pio VI e Pio VII, assim como Forli, *Forum Livii*, edificada por Livio Salinator depois da derrota d'Asdrubal, saudamos Faenza, particularmente chã aos Nivernezes que lhe devem o nome e o segredo da sua productiva industria. Honra pois a Faenza, e áquelle dos seus habitantes que nos trouxe a arte de fabricar a *faience* (1)! Depois nos offereceu Cervia de almoçar e nos mostrou as suas montanhas de sal marinho. Em breve la Pignata, desenhando-se como um ponto negro no horizonte, nos annunciou a vizinhança de Ravenna. La Pignata è um bosque de pinheiros que tem umas doze milhas de comprimento por quatro de largo. Comprehende-se de que importancia elle era para os Romanos que tinham em Ravenna uma das tres estaçoens maritimas do imperio.

Entretanto um dia veio em que o ruido dos machados e os gritos dos lenhadores cessaram de fazer-se ouvir; os eccos do bosque não repetiram

(1) Louça vidrada.

mais que cantos e oraçoes. O que fôra feito de Cister á voz de S. Bernardo, foi-o la Pignata á voz de humildes religiosos, dedicados á civilisação pelo duplo trabalho da penitencia e da oraçãõ. No centro do bosque se ergueu, no VI.º seculo, o mosteiro graciosamente chamado Nossa Senhora da Palazziola, ou do Palacinho. Cheio de confiança na intercessão destes anjos da terra, João IX, arcebispo de Ravenna, lhes deu terras e rendimentos com as duas condiçoens de orarem por elle a fim d'obterem de Deus a remissão dos seus peccados, e de alimentarem perpetuamente cincoenta pobres no dia do seu fallecimento (1).

Mais que nunca, merece Ravenna o nome de *pantanososa*, que já lhe dava, ha quinze seculos, Silio Italico.

Successivos aluimentos obstruiram o seu magnifico porto. As risodhas campinas que fizeram a sua gloria e riqueza, estão mudadas em lagoas cuja extensão eguala a das lagoas Pontinas. Tres milhas antes de chegar encontra-se, isolada no meio desta triste solidão, a grande e antiga igreja de Santo Apollinario. O celebre convento *da Classe* está pegado a ella, habitado n'outro tempo pelos Filhos de S. Bento e depois dado aos Filhos de S. Romualdo. Era aqui n'outr'ora o porto de Ravenna, e por conseguinte a esquadra romana, *Classis*. A vizinhança deste lugar, tam frequentado, deu logar ao nascimento d'um vasto suburbio, ou para melhor dizer a uma villa que tomou o nome de Classe, assim como o mosteiro.

(1) *Hist. da ordem de S. Bento*, t. II, liv. V, c. 73, p. 802. A carta é do anno de 865.

A importancia de Ravenna attrahiu a attenção de S. Pedro; o conquistador da Italia enviou, para submettel-a ao Evangelho, um de seus discipulos chamado Apollinario. Chegou, prégou, venceu, e, como todos os seus irmãos, morreu sepultado no seu triumpho. Bispo e martyr, S. Apollinario foi depositado em Classe, junto das muralhas do porto. Em 529, João, arcebispo de Ravenna, edificou sobre o seu tumulo uma magnifica igreja e um convento, cujos religiosos cantavam o officio diante das sagradas reliquias do bemaventurado martyr. Foi, para dizel-o de passagem, deste convento que sahio o abbade João para levar a Carlos Magno o Sacramentario de S. Gregorio que o grande imperador mandara pedir ao papa Adriano por Paulo, seu embaixador.

Bem que damnificada pela agua das lagoas que salpica as paredes, offerece a igreja de Santo Apollinario numerosos vestigios da sua antiga magnificencia. A architectura romano-byzantina é de bellissimo character; em torno das naves estão dispostos os tumulos de marmore dos arcebispos de Ravenna. O côro, ou *tribuna*, é ornado de preciosos mosaicos. Estas pinturas cuja solidez não tem podido arrostar senão imperfeitamente a acção do ar salino, datam do fim do quinto seculo, e representam, no friso, Nosso Senhor em busto e collocado n'um medalhão. A direita e esquerda estão as figuras emblematicas dos quatro Evangelistas. Na parte superior da abobada apparece a mão divina destacando-se d'um rico bordado; mais abaixo brilha uma cruz adornada de perolas, no meio de um circulo cujo campo e cuja circumferencia estão semeados de noventa e nove estrellas d'ouro. As duas letras

A e estão na extremidade dos dois braços; no pé da cruz lê-se: SALUS MUNDI; por cima da cabeça, os siglos seguintes: I. M. D. J. C. *Immolatio Domini Jesu Christi*. E' pois evidente que esta gloriosa cruz é o emblema de Nosso Senhor transfigurado, pois que se vê á direita Moisés, e á esquerda Elias, tendo por baixo delles tres ovelhas que representam os tres Apostolos testemunhas do milagre.

Immediatamente por baixo da Cruz, acha-se Santo Apollinario. O glorioso martyr está em pé, decorado do pallio branco, e revestido da casulla d'ouro. A aureola circular lhe cerca a gloriosa cabeça, á esquerda e direita da qual se lê SANCTUS APOLENARIS. O Santo tem as mãos estendidas na attitude da oração. Por baixo delle estão doze cordeiros, seis á direita e seis á esquerda, que vão para o seu illustre pastor. O resto do campo está plantado d'arvores do melhor effeito. Descendo abaixo do grande quadro, vê-se á direita um grupo tam deteriorado, que é indecifrável; á esquerda, outro grupo, em que se nota Theodorico, rei dos Godos, recebendo em refens o joven Justiniano apresentado pelo seu preceptor. Como moldura a este magnifico quadro, tendes, d'um lado, S. Miguel, e do outro, S. Gabriel, cada um com um *Labarum*; por cima de suas cabeças duas soberbas palmeiras, e finalmente as duas cidades emblematicas, Jerusalem e Bethlem, d'onde se dirigem, para o medalhão do Salvador, doze ovelhas, symbolo dos doze Apostolos e de todos os fieis.

Assim Nosso Senhor, pastor dos pastores, e com elle os doze fundadores da Igreja; depois Nosso Senhor transfigurado, imagem da transfor-

mação do genero humano pelo Evangelho ; em seguida Santo Apollinario, um dos gloriosos artistas desta transformação, chamando a si os povos confiados á sua sollicitude ; finalmente a certeza do successo expresso pelos dois anjos, guardas do Labaro : eis ahi toda a historia da religião no seu auctor, nos seus meios e no seu fim. Onde se acha um assumpto mais christãmente poetico traçado com tanta felicidade ?

Não longe d'alli estão dois quadros igualmente de mosaico ; o primeiro representa Santo Apollinario prégando o Evangelho, e recorda com esta inscripção a origem apostolica da Egreja de Ravenna : *Sanctus Apolinaris, ab apostolo Petro episcopus ordenatus, missus est Ravennam ad praedicandum Christi Evangelium* (1). O segundo offerece aos olhos o martyrio do Santo Apostolo ; veem depois todos os retratos dos arcebispos de Ravenna. No meio da egreja eleva-se uma larga pedra sobre a qual elle soffreu cruéis torturas. Esta pedra é hoje um altar ; conheceis algum mais venerando ? Tambem, quem dirá os votos, a oraçoens, os ardentes beijos depositos aqui pelas geraçoens christans, ha dezoito seculos ?

No meio desta longa procissão, eis chegam dois peregrinos que excedem os outros pelo seu piedoso fervor. O primeiro é um filho de Ravenna. Chama-se Romualdo ; é filho da familia mais nobre da cidade, tem um coração onde ferve o amor do prazer, e a sua fronte està marcada

(1) Santo Apollinario, consagrado bispo pelo apostolo S. Pedro, foi enviado a Ravenna para prégam o Evangelho de J. C.

com uma nodoa de sangue. Hontem, viu matar em duello por seu pae um de seus proximos parentes. Fugiu, e vem pedir graça ante o tumulo do santo Apostolo da sua patria. Por quarenta dias se encerra no convento; ora, geme, castiga a carne até então rebelde, com severas austeridades. Um irmão converso foi-lhe dado para servil-o; e com o sustento do corpo, serve o frade ao seu moço hospede os alimentos da alma. Romualdo escuta-o; e quando está só vae meditar o que acaba d'ouvir ante o tumulo do martyr. Os ossos do Apostolo prophetisam, e faz-se ouvir uma voz; Romualdo disse consigo: Eu tambem hei de ser martyr, martyr da penitencia. Essa obrigação é contrabida ante este sepulcro em que estamos prostrados: em breve o mundo terá mais uma maravilha. Romualdo plantará um viveiro de santos ainda florescente: o tumulo de santo Apollinario será o berço dos Camandulas. Passava-se isto no fim do X.^o seculo.

O segundo peregrino é um homem do Norte, de estatura gigantesca, de formas athleticas, e para quem todas as leis estão na ponta da espada; em sua testa brilha o diadema de Cesar; com o pé tem esmagado o pobre e o pequeno; o ouro e o sangue das provincias tem alimentado suas vigorosas paixoes. E eis que um dia, o lobo se mudou em cordeiro; os religiosos de Classe vêem á porta do convento um pobre estrangeiro que pede timidamente a graça de ir fazer penitencia entre elles. Irmão, sêde bem vindo; e este desconhecido irmão é introduzido. Espanta seus proprios hospedes, pelo fervor da sua oração e pela grandeza das suas austeridades: esse irmão era o imperador Othão III. Dif-

ferença entre o nosso seculo e a edade media: aqui e alli grandes erros; mas alli grandes expiaçoens; aqui a impenitencia e o suicidio. Que epocha preferis?

Depois de ultima oração ante o milagroso tumulo, partimos para Ravenna. Colonia dos Thesalios, occupada successivamente pelos Etruscos, Sabinos, Gallos senonezes e Romanos, trocou Ravenna, depois da separação do imperio, pelo sceptro os ferros que tinha por tanto tempo arrastado. Veio a ser a capital do imperio do Occidente. Todavia não foi o seu reinado de longa duração; aos imperadores succederam os Exarchas, e em breve ella recolheu os ultimos suspiros do colosso romano que expirava aos golpes dos Barbaros. Com elle pereceu a sua antiga gloria; Ravenna não é mais que uma sombra do que foi. De todos os poderes humanos que viu passar, não conserva senão recordaçoes mortas; do poder divino que a subjogou, conserva recordaçoes ainda vivas: duplicado aspecto sob o qual a veremos ámanha.



7 d'AbriL,

Ravenna. — Santa Maria da Rotunda. — Palacio de Theodorico. — Tumulo do Dante. — Egreja de S. Vital. — Tumulo de Galla Placidia. — Egreja de S. Romualdo. — Cathedral. — Cyclo pascal. — Cadoira de S. Maximo. — Bibliotheca. — Recordaçoes. — S. Germano de Auxerre. — Columna dos Francezes. — Anecdota. — Estado da Romanha.

Verdadeiros leitos á italianos, isto é sufficientemente largos para agazalharem um pelotão de grana-

deiros com armas e bagagens, nos tinham sido preparados pela excellente hospedeira *della Spada*. Algumas horas passadas n'esta confortavel cama, coisa rara na bella Peninsula, bastaram para nos pôrem em estado de continuarmos as nossas excursões. Ao nascer do sol, estavamos fóra da cidade, em Santa Maria da Rotunda. Edificada por Amalazonte, filho de Theodorico, rei dos Godos, para servir de tumulo a seu pai, esta igreja recorda os mausoleus d'Augusto e Adriano.

Tem dois andares, e por tecto um unico pedaço de marmore cortado em forma de tampa. Este canto, o mais largo que se conhece, não tem menos de trinta pés de diametro por tres de espessura. O seu peso é d'umas novecentas mil libras. A bella urna de porphyro, que contem as cinzas reaes, e que estava collocada no topo do edificio, está hoje incrustada n'uma velha parede, ornada de tres pequenas columnas de marmore, ultimo resto do palacio de Theodorico. Não longe d'alli, ao virar d'uma rua, apparece o mausoleu do Dante. Os ornatos que decoram o tumulo do illustre poeta, devem-se ao cardeal legado Vincenti Gonzaga. A formosa basilica d'Hercules reconhece-se pelo portico elevado sobre a praça, e sustentado por oito grossas columnas de granito escuro. Odoacro, rei dos Herulos, Astolpho, rei dos Lombardos, e tantos outros potentados de quem Ravenna foi successivamente conquista, não deixaram n'ella vestigios da sua memoria; tam pouco duradoiras são as glorias humanas!

Outra coisa succede com as glorias christans. Maravilhoso poder do Evangelho, que sabe imprimir o sello da immortalidade a tudo quanto toca. Os santos e os martyres, est'outros reis da cida-

de, estão ainda vivos, tanto nos templos er-
guidos em honra sua como no reconhecimento
popular. No VI.º seculo, cantava Venancio For-
tonato a gloria delles sempre antiga e sempre
nova, e os seus versos podem ainda servir de
guia ao peregrino catholico (1).

Seguindo a indicação do poeta, dirigimo'-nos
primeiro á egreja de S. Vital. Este soberbo e
atrevido monumento de forma octogona, todo bri-
lhante de columnas de marmore grego, de pran-
chas de porphyro, de mosaicos e baixos-relevos,
restos da antiga magnificencia de Ravenna, offerece
o estylo byzantino em todo o seu brilho oriental:
este edificio, capital para a historia da arte, abri-
ga as cinzas do illustre martyr, cuja historia é
esta. Era durante a cruel perseguição de Va-
leriano; Vital, imitando a piedade de Tobias,
tinha prestado as honras da sepultura ao martyr
Ursicino, que Paulino o consular acabava de fa-
zer morrer nos tormentos. Criminoso de chari-
dade, é agarrado pelo algoz do seu amigo, esten-
dido no cavallete, lançado n'uma cova profunda,
e sepultado vivo debaixo d'uma massa de terra e
pedras (2). Uma circumstancia particular nos

(1) *Inde Ravennatum placitam pete dulcius urbem,
Pulpita sanctorum per religiosa recurras;
Martyris egregii tumulum Vitalis adora,
Mitis et Ursicini, Pauli sob sorte beati:
Rursus Apollinaris pretiosa ad limina lambe,
Fusus humi supplex, et templa per omnia curre.*

In Vit. B. Martini, lib. IV.

(2) *Baron. An. t. II, 171, n. 3.*

constituia um dever de venerarmos com amor as suas preciosas reliquias. S. Vital tinha dois filhos que, n'um glorioso combate, receberam como seu pai a palma do martyrio, tornaram-se a honra da Italia, e o amor de Santo Ambrosio, e foram por espaço de muitos seculos os queridos padroeiros da nossa cathedral de Nevers.

Edificada por Justiniano, á imitação de Santa Sophia de Constantinopla, a Basilica de S. Vital tornou-se, por ordem de Carlos Magno, o typo da egreja d'Aix-la-Chapelle. Na abobada do côro, resplandece um dos mais bellos e vastos mosaicos que se conhece. Representa a entrada solemne de Justiniano e Theodora sua esposa, recebidos n'esta egreja por S. Maximino, arcebispo de Ravenna e consagrador do templo. D'um lado, o imperador com seus cortesãos e guerreiros; do outro, a imperatriz com suas damas. Tal é a perfeita conservação desta magnifica obra, que as figuras são verdadeiramente vivas, e a gente poderá crer-se na côrte de Constantinopla. Na sacristia, vê-se o *Martyrio de S. Vital*, pintado pelo Barroche; é uma das melhores obras deste artista mui pouco conhecido.

A dois passos de S. Vital acha-se o monumento mais curioso da cidade; quero fallar do tumulo de Galla Placidia. Esta princeza, filha de Theodorico, irmão de Honorio, mãe de Valentiniano III, duas vezes escrava, rainha, imperatriz, nascida em Constantinopla, morta em Roma, não é menos illustre por sua eminente piedade que pelas vicissitudes da sua vida. Roma, Rimini, todo o littoral do Adriatico recontam os seus beneficios; Ravenna lhe deveu quatro magnificas egrejas: S. João Baptista, S. João Evangelista, Santa

Cruz, e S. Nazario e S. Celso. Fallemos primeiro da ultima que a propria imperatriz escolheu para o seu tumulo e para o de sua familia..

Esta egreja, em forma de cruz, foi edificada em 440. Entrando pela porta Real vêem-se, á direita e esquerda, dois tumulos de marmore de Istria, incrustados nas tres quartas partes na parede. Conteem, segundo se diz, as cinzas dos preceptores de Valentiniano e Honorio, filhos de Galla Placidia. Mais acima estão os sarcophagos de marmore grego dos imperadores Honorio II e Valentiniano III. Cada tumulo póde ter seis pés e meio de comprimento por cinco d'altura e tres de largura. O de Valentiniano offerece os seguintes emblemas: na cabeceira, tres cordeiros esculpidos, dois nas paredes e um no meio; este está collocado em cima d'um penedo d'onde sahem quatro rios. A sua cabeça diamantada tem o P, signal hieroglyphico pelo qual os primeiros christãos designavam o Filho de Deus, como os outros cordeiros recordam os Apostolos. Aos pés dos cordeiros estão duas palmeiras carregadas de fructos, symbolo da victoria e da justiça. Ao lado direito do sarcophago, apresenta-se um vaso de duas azas, d'onde parece correr uma fonte em que bebem duas pombas. A tampa do monumento, em forma d'arco, apresenta os siglos conhecidos $A > P < \Omega$.

Assim, o christianismo, escripto todo n'este tumulo, envolve como com uma mortalha immortal o corpo do defuncto imperador. Aquella cordeiro, collocado no meio, é o Rei dos reis, Senhor dos senhores, cujo imperio figurado pelos quatro rios, se estende nos quatro cantos do mundo e derrama por todas as partes a prosperidade e a vida. Os

cordeiros representam os Apostolos, primeiros ministros do divino Imperador, e incançaveis propagadores da sua doutrina. As duas pombas, que bebem no vaso de duas azas, são todos os justos do Velho e Novo Testamento, saciando-se nas aguas de Salvador: fonte de vida sustentada, de um lado, pelo povo judaico, e, do outro, pelo povo christão, figurados pelas duas azas. Quanto aos fructos desta doutrina, são admiravelmente representados pelas palmeiras carregadas de fructos: a Victoria e a Justiça. Finalmente o homem, qualquer que seja o seu nome, principe, imperador, pouco importa, começado em Jezus Christo deve acabar em Jezus Christo; e o monogramma do Salvador, posto na tampa do sacorphago, indica eloquentemente o cyclo mysterioso da vida do homem e do mundo. Admiravel epopêa! Mas, graude Deus! como é preciso ter sido fiel durante a existencia, para fazer assim gravar no tumulo a historia dos deveres que se teve a cumprir! Aliás, que fulminante accusação não são todos estes emblemas!

O monumento d'Honorio offerece pouco mais ou menos os mesmos caracteres. O de Galla Placidia, situada por traz do altar e o mais bello de todos, brilha por sua elegante simplicidade. Não tem emblema algum, excepto algumas volutas gravadas nas paredes; porem offerece uma particularidade notavel. A imperatriz não estava deitada, mas assentada no seu tumulo em um magnifico assento de cypreste. Havia mais de mil annos que estava n'esta posição; quando, a 3 de maio de 1573, aproximando umas crianças velas para vêrem, por uma pequena abertura, o interior do tumulo, pegou fogo ao feretro de cypreste,

que consumiu n'um abrir e fechar d'olhos, assim como o assento da imperatriz, cujo corpo ficou reduzido a cinzas.

A abobada da igreja resplandece com mosaicos, cuja parte mais curiosa é o compartimento do meio. Vê-se Nosso Senhor segurando com a mão direita a cruz inclinada sobre o hombro; na esquerda tem um livro aberto; diante d'elle está uma grade cercada de chammas, e mais longe um pequeno armario aberto (*scrinium*), no qual se vêem volumes que tem por titulo: *Lucas, Mattheus, Joannes*. É a historia iconographica de um facto contemporaneo da Igreja. O concilio d'Epheso acabava de condemnar Nestorio. Por ordem de Theodorico e Valentiniano procuravam-se e queimavam-se as obras do heresiarcha: eis o que significa a pequena fogueira.

Nosso Senhor tendo o Evangelho aberto, e os evangelistas collocados no scrinio, indicam juntamente a fonte da verdade e o profundo respeito dos primeiros fieis aos livros divinos (1).

Depois de termos visitado a igreja de S. João Baptista, consagrada por S. Pedro Chrysologo, e o tumulo de S. Barbariano, sacerdote d'Antiochia, confessor de Galla Placidia, entramos na illustre Basilica de S. João Evangelista chamada *delle Sagra*. Esta igreja recorda um voto da piedosa imperatriz. Voltando de Constantinopla com seus filhos, foi assaltada por uma tempestade: no meio do perigo prometteu, se escapasse, mandar edificar uma igreja. A sua supplica foi escutada

(1) Veja-se Ciampini, *Monim. veter.* t. I, p. 224.

e Ravenna contou mais um monumento. Na capella de S. Bartholomeu vê-se um baixo-relevo que recorda o furacão e a promessa da princeza. O pincel de Giotto decorou as abobadas da segunda capella.

A igreja de S. Romualdo, tornada a capella do collegio, é um esplendido edificio em que brilham o porphyro, o marmore africano, o cipollino, o verde antigo e o alabastro oriental. N'ella se vê um tabernaculo todo de lapis-lazuli, adornado interiormente de pedras preciosas d'um tamanho extraordinario: é uma das joias da Italia.

Quasi tão brilhante é a igreja de Santa Apollinaria, edificada por Theodorico no principio do VI.º seculo. As oitenta columnas de marmore grego que a sustentam, foram trazidas de Constantinopla, assim como o verde antigo, o porphyro e o marmore oriental de que é formado o altar. Foi tambem o Oriente que forneceu os habéis mestres cujo genio brilha nos soberbos mosaicos da abobada. Por baixo d'uma vista de Ravenna, vêem-se d'um lado vinte e cinco figuras de santos; do outro, vinte e duas santas, tendo cada uma uma corôa na mão que apresentam ao Salvador. Já explicamos a significação desta pintura, que prova mais uma vez que, no pensamento christão, os frescos e os mosaicos são o grande livro dos fieis.

O monumento mais interessante da cathedral é o Calendario paschal do VI.º seculo. N'elle se vê gravada em marmore a extrema sollicitude da Igreja para fixar a epocha precisa da Paschoa. Na sacristia o *ambon* ou a cadeira de S. Maximino, obra preciosa do VI.º seculo; uma porção da antiga porta da sacristia de pau de sarmento; Moy-

sés, fazendo cahir o manná, um dos melhores quadros do Guido: taes são os principaes objectos que attrahem a attenção. O baptisterio, separado da egreja por uma rua, conserva-se no seu estado primitivo. É um edificio octogono com oito arcadas, e uma vasta pia de marmore branco de Paros.

Na bibliotheca mostraram-nos o celebre manuscripto d'Aristophanes, do X.º seculo; e no medalhario, uma medalha de Cicero cunhada em sua honra pela cidade de Magnesia. Deixando Ravenna, não pôde a gente abster-se de saudar pela ultima vez os grandes homens e os grandes santos que illustraram esta celebre cidade. Eis, além dos gloriosos martyres de que fallei, os santos bispos, Aderito, Exuperancio, João, Liberio e Marcellino, que, à testa d'uma numerosa cohorte de sacerdotes, leigos e virgens, defenderam, á custa dos mais crueis soffrimentos, a fé catholica atacada successivamente pelos imperadores, e pelos exarchas arianos ou semi-arianos, pelos Godos, Herulos e Lombardos, conquistadores selvagens, meio christãos e meio pagãos.

Porem o viajante francez poderia esquecer o grande S. Germano d'Auxerre, o Athanasio do seu seculo, que com uma mão esmagava o pelagianismo na Inglaterra, e com a outra defendia nas Gallias, com invencivel coragem, os direitos dos povos desconhecidos pelos logar-tenentes de Cesar? Hontem tinha elle atravessado o Oceano para expulsar o lobo do redil, e hoje transpõe os Alpes para ir depor aos pés do throno as supplicas dos opprimidos. Eis-o que se approxima de Ravenna: a côrte e o povo estão á espera. Para evitar a honra da recepção que se lhe prepara, irá

incognito, durante as trevas da noite; porem desconfia-se da sua humildade, e o povo está precavido: o santo embaixador é reconhecido. Um grito immenso d'alegria resoa até ao ceu e vai juntar-se aos bramidos das ondas; Ravenna está na embriaguez da felicidade, Valentiniano e sua mãe Placidia descem do throno, e abaixam o seu poder ante o do homem de Deus. Placidia lhe envia um vaso de prata cheio de manjares muito delicados, mas sem carne, da qual sabe que elle não faz uso. Germano, por sua vez, envia á imperatriz um pão de cevada n'um prato de pau, eloquente homenagem que Placidia recebe com alegria, guarda com respeito, faz engastar em ouro, e que opera milagres. Ha necessidade de dizer que os desejos d'um tal enviado estavam deferidos anticipadamente?

Mas eis que o Santo cahê doente: Ravenna passou da alegria á consternação. A imperatriz está de joelhos á cabeceira do leito do doente; e contudo hesita em conceder-lhe um ultimo pedido. Germano quer que o seu corpo seja conduzido a Auxerre: a imperatriz ter-lhe-hia concedido tudo, antes que semelhante thesouro. Finalmente a vontade imperial teve de ceder á vontade do Santo. Mas ao menos a França terá o que se lhe não pode recusar: a imperatriz obtem o relicario do glorioso Pontífice. Seis bispos repartem entre si os vestidos delle. O camarista Acholio faz embalsamar o corpo; Placidia o reveste d'habitos preciosos, e dá o caixão de cypreste para o encerrar; Valentiniano fornece os coches, a escolta, e as despesas do transporte. Nenhum triumpho eguala em magnificencia este comboi fúnebre. O numero das tochas é tal, que a sua

luz parece revalisar, ainda em pleno dia, com a do sol. Todas as populaçoens acudindo guarnecem o caminho, prostradas ante' o Santo que passa. Milhares de braços aplanam os caminhos, reparam as pontes, e levam o corpo, em tanto que milhares de bôccas cantam hymnos sagrados.

No topo dos Alpes acha-se o clero d'Auxerre que vae buscar os despojos mortaes do seu pastor. A marcha triumphal continua; como as da Italia, as populaçoens da Gallia acodem à passagem do cortejo, e depois de cincoenta dias d'uma gloriosa viagem, o heroe christão é depositado no seu tumulo immortal. Feliz o seculo que produz semelhantes homens! mais feliz aquelle que sabe apreciar-os, e que colloca na primeira ordem na sua estima e no seu respeito, não o inventor d'uma machina, mas o representante da lei religioza e a personificação da virtude!

Nas margens do Ronco saudamos a columna dos Francezes; é uma pequena pilastra de marmore branco que traz á memoria a famosa batalha ganha por Luis XII aos Hespanhoes no dia de Paschoa do anno de 1512: triste victoria em que pereceu, de idade de vinte e quatro annos, o brilhante Gastão de Foix e a flor da nobreza franceza. E' por isso que escrevia Bayard: « Se o rei ganhou a batalha, os pobres fidalgos perderam-a bem; » vinte mil cadaveres jaziam por terra.

Um espesso nevoeiro nos impediu de gozarmos a vista das ricas campinas que separam Ravena de Lugo; o frio tornou-se até bastante vivo para nos obrigar a caminhar a pé parte da estrada. Mediocrementemente enfadado de nos ver a pé tanto por si como pelos seus cavallos, o digno caleceiro se apressou a travar conversação. Insinuar-nos que

contava com boas alviçaras, tal era o seu fim; mas demasiado polido para o manifestar directamente, nol-o fez entender pelo circumloquio seguinte: « Excellencias, nos disse, ha muitos annos que tenho a honra de condazir nobres estrangeiros. A carruagem agora occupada por vossas Excellencias conduziu lord fulano, lady fulana; o illustrissimo senhor cicrano. » Cada nome era seguido d'uma biographia mais ou menos ecomiastica. « Vós vêdes, Excellencias, ajuntou, que a minha memoria não envelhece; é que, *per Baccho!* se o *forestiere* me dà um paulo, elle pôde esquecel-o; mas eu nunca o esqueço. » Acabada esta frase com um ar de indifferença, faz estallar o chicote, excita os cavallos, examina as bagagens debaixo não sei de que pretexto; mas na realidade para nos deixar sob a impressão das suas ultimas palavras.

Tinha sido comprehendido. Os commentarios fizeram-se na carruagem aonde haviamos tornado a subir para entrarmos em Lugo. O *Lucus Dianæ* é uma villa d'umas 3,000 almas, celebre pelas suas feiras, e por um castello da idade media, bem conservado. Villa e castello, tudo foi tomado pelos Francezes em 1796.

Entranhados de novo n'uma estrada cada vez mais difficil, caminhavamos a pé, quando eis que chega um homem de cabellos grisalhos, estatura elevada, hombros largos, andar firme, e attitude militar. « Senhores, nos disse, vós sois Francezes, se me não engano. » A' nossa resposta affirmativa: « Eu entendo um pouco disto, continuou, tenho visto tantos Francezes! Eu sou um veterano do imperio; estive em Metz, capital de Lorena; fui ferido em Wagram; estava no sitio de Riga; servia nos sapadores italianos. » E em prova das suas pala-

bras, mostrou-nos a mão privada de dois dedos, e os botões de uniforme que, em signal de respeito, tinha mandado pregar no seu casaco novo; diziam: *Zappatori italiani*: Sapadores italianós.

« Honra aos bravos, » lhe dissemos nós apertando-lhe a mutilada mão, que elle nos apresentou fraternalmente. — Os bravos vão-se indo; não somos mais de dois no paiz, e ensinamos-lhe muitas coisas. Ao domingo, depois da missa, reúnem-se em volta de nós, e então fallamos do *outro*. Mas que se faz em França? Dizem que vós não estaes tranquillos. — E os *Romanhoes* que fazem? Em que estado se acham os espiritos? » E o velho soldado, membro do conselho municipal do seu concelho, notavel do paiz, nos disse, na sua linguagem militar: « *Per Baccho!* temos aqui Carbonarios que teem a cabeça fóra do seu logar. Não sabem o que querem; mas é o mesmo: fazem minas e contra-minas contra o governo, e enganam certo numero de recrutas que nunca viram nada. » Desenvolveu o seu thema com um bom senso practico, verdadeiramente notavel.

Tal foi a conclusão desta conversa que se prolongou até á passagem d'um rio cujo nome me esqueceu: a Romanha, como as outras partes dos Estados pontificios, deseja, não uma mudança de governo, mas uma reforma administrativa. Ver cardeaes sacerdotes occupar as posições civis mais elevadas, nos parece, a nós outros Francezes, coisa estranha e impopular: laboramos em erro. Primeiramente, todo o homem que quizer dar-se ao trabalho de reflectir, convirá em que não deve ser d'outro modo n'um governo ecclesiastico. Depois, a experiencia ensina aqui que um prelado ou um cardeal são sempre mais

accessiveis ao povo , e , mesmo em rasão do seu caracter , offercem mais garantias que os leigos. Certos ensaios de secularisação , tentados em diferentes epochas , teem provado sufficientemente às populaçoens que não teriam que reclamar sobre este ponto a applicação das idéas d'um pequenissimo numero. Finalmente , todos os empregos estão longe de se acharem occupados por ecclesiasticos ; exceptuando as funcçoens mais importantes , os outros empregos estão confiados pela maior parte a seculares. Deste modo , não duvidamos que , deixado ao seu bom senso , o povo romano continuaria a viver feliz e tranquillo sob as leis do seu governo, o mais paternal do mundo; porem sofre a influencia do espirito geral. Sociedades secretas , livros clandestinamente introduzidos , viajantes de todas as naçoens , depositam no seu seio germens de descontentamento e o impellem a tristes excessos. Tal é a imprudencia ou malicia de certos toristas , que os mais moderados não acham nada mais urgente que patentear , envenenar , exaggerar , se os não inventam , os defeitos inseparaveis de todas as instituiçoens humanas , e que , por fim de contas , são mil vezes preferiveis às mais bellas utopias dos fazedores de constituiçoens *a priori*.

Havia muito que tinha anoitecido , quando chegamos á villa d'Argenta. Graças à pequena casinhola isolada , que nos deu um quarto confortavel , pão francez e um bom lume.



S d'Abriil.

Ferrara. — Manuscriptos do Tasso, d'Ariosto e de Guarini. — Prisão do Tasso. — Hospital. — Alfandega austriaca. — Relações da Austria com a Santa Sé. — Rovigo.

Pela manhã cedo entravamos em Ferrara. O que impressiona primeiro, é o aspecto triste e monótono desta cidade, outr'ora a *grande rainha do Pò* (1), a cidade sabia, o ponto de reunião dos poetas e dos talentos de XVI.º seculo. Que differença hoje! As suas antigas muralhas, de tijolo, estão ainda em pé; a sua cidadella ainda ameaça a cidade; as ruas alinhadas, d'um comprimento e d'uma largura extremos, não mudaram nem de nome nem de direcção; porem o ruído da multidão já não resoa na sua brilhante calçada: o silencio do sepulcro succedeu às agitações dessa vida, outr'ora tam activa. Depois, os olhos do viajante são penosamente affectados ao vêrem o soldado austriaco occupar a cidadella d'uma cidade que não pertence ao imperio. Dir-se-hia um carcereiro que espia os minimos movimentos do seu prisioneiro, sempre prompto a apertar mais fortemente os seus ferros ou a agravá-los. Assim o decidiram os tractados de Vienna de 1815. Ferrara, invadida pelos Francezes, foi restituida à Santa Sé, mas com a condição de que receberia na sua fortaleza guarnição austriaca.

No meio da sua solidão, conserva Ferrara bellos vestigios da sua antiga magnificencia. O

(1) La gran donna del Pò; Tasso. *Secchia rapit. Cant. 37. V, e.*

castello, antiga residencia dos duques, situado no meio da cidade, rodeado de fortes, de torres, balustradas e fossos cheios d'agua, offerece uma vista admiravel. O interior deixou de estar em harmonia com a architectura; tudo foi renovado, caído no gosto moderno. Que de recordaçoes elle suscita! Era alli que tinha a sua brilhante cõrte o duque Affonso, chamado, pelo Tasso, o Magnanimo: *Tu Magnanimo Alphonso*; alli que o cantor da *Jerusalem libertada*, Ariosto e Guarini, recitavam os seus versos; alli que a heresia, sob a figura de Calvino, ia seduzir a princeza Renata, filha de Luis XII, e preparar, pouco a pouco, as desgraças da familia que prestou ouvidos ás suas perfidas liçoens.

Não longe do castello ergue-se a cathedral, dedicada a S. Jorge. Este edificio, do XI.º seculo, conserva exteriormente o seu bello character, meio romano, meio gothico. Na fachada principal apparece a grande scena do Juizo final. No centro do tympano, vê-se o Padre Eterno recebendo os eleitos em seu seio, em tanto que o diabo, armado d'um forcado, impurra os reprobos para o poço do abysmo. Como acompanhamento, ou antes como peripecia deste grande drama, os sete peccados mortaes, a vida do Redemptor, e multidão d'emblemas sagrados occupam as outras partes da frontaria. Se os pensamentos graves são pais dos pensamentos salutaes, a cathedral de Ferrara pôde li-songear-se de dar ao fiel que a ella vai orar utilissimas liçoens.

O interior é decorado de bellas pintoras, entre as quaes se nota uma *Santa Virgem*, cheia de graça e magestade, e um *Juizo final*, o primeiro depois do de Miguel Angelo. Porem o que interessa

vivamente, são as admiráveis miniaturas que adornam os vinte e tres volumes de livros coraes. Estes primores d'arte do Cosme rivalisam com os de Sien-na; elogio que é sufficiente para dar uma idéa da sua magnificencia.

A egreja de S. Domingos attrahe a curiosidade pelas grandiosas estatuas da sua fachada, e pelo tomolo de Celio Calcagnini. O epitaphio deste homem celebre, poeta, sabio, antiquario, naturalista, professor, astrónomo e embaixador, é cheio de profundo senso: *Ex diuturno studio in primis hoc didicit: MORTALIA OMNIA CONTEMNERE ET IGNORANTIAM SUAM NON IGNORARE* (1).

Eis agora a egreja mais antiga de Ferrara: Santa Maria del Vado é anterior ao XI.º seculo. Um brilhante milagre a tornou celebre na devoção dos habitantes. No dia de Paschoa do anno de 1171, um sacerdote, o prior Pedro, dizia missa no altar mór, quando depois da consagração, na presença de todo o povo, correu da santa Hostia um fio de sangue que cobriu a abobada do côro. Um magnifico quadro perpetua a recordação do milagre, cuja utilidade explicam as circumstancias. O dogma mais caro do catholicismo, a sua alma, o seu coração, a sua vida, a' sua gloria, é, sem contradicção, a presença real, a incarnação permanente do Filho de Deus entre os homens. Deve admirar que todas as grandes heresias tenham tido por objecto arruinar directa ou indirectamente a fé deste mysterio? Na idade media, os Meicicheus, espalhados por toda

(1) « De seus longos estudos aprendeu, primeiro que tudo, a desprezar tudo o que é mortal e a não ignorar a sua ignorancia. »

a Europa, a combatiam sardamente, em tanto que Béranger a atacava de cara descoberta : estas causas e outras mais tendiam a lançar nas almas funestas duvidas. Em sua bondade não quiz o Filho de Deus deixar-se sem illustres provas. Cita-se, por essa epocha, no Oriente, o milagre de Constantinopla referido por Nicephora; no Occidente, o das Billetes, em Paris, o de Bolsena, e finalmente o de Ferrara, de que acabo de fallar.

Santa Maria *del Vado* interessa tambem por outra recordação. Quantas vezes não viu ella o Apostolo da Romanha, santo Antonio de Padua, prostrado no seu veneravel sanctuario? Quantas vezes não resoarem as suas antigas abobadas com o hymno tam gracioso e tam terno que elle dirigia a Maria: *O gloriosa domina?* • Este impulso d'amor filial era, diz o historiador da sua vida, o sopro da sua alma; quantas vezes o ar vital se exhalava de seus labios, tantas vezes este hymno se exalava de seu coração (1.)»

Antes d'irmos à Bibliotheca publica onde nos mostrarão os cantos profanos, licenciosos até, dos poetas que o mundo exalta até as nuvens; que os *toristas*, seguindo as pisadas de lord Byron, d'Alfieri e de Lamartine, teem como um dever o venerarem : porque me seria vedado recordar um canto christão, um canto doze vezes secular, que passou sanctificando-os pelos labios de tantas geraçoens, e que respira os mais doces e puros sen-

(1) In ogni incontro faceva uso dell'inno *O gloriosa Domina*, con gran tenerezza e fiducia sino e potersi dire che con esso sulla labbra spirasse. *Dissertaz.*, n. XLVII, p. 441.

timentos? Alem disso, o hymno *O gloriosa Domina*, tam querido a Santo Antonio, não é uma producção do solo que pisamos? Bem que pertença á França pelo seu episcopado, ao mundo, pelo seu genio, o piedoso auctor, Venancio Fortunato, pertence a Treviso pelo nascimento, e a Ferrara, pela amisade. Separado dos nossos breviarios gallicanos pelo vandalismo liturgico dos dois passados seculos, mas conservado no Breviario romano, o hymno virginal continua a perfumar e a alegrar os cinco sextos da Egreja catholica, que o cantam em Laudes do officio da santa Virgem. E' com felicidade que o peregrino catholico, de pé em *Santa Maria del Vado*, o repete unido o seu amor ao de tantos irmãos vivos e mortos que o teem repetido antes delle (1).

(1) Eil-o na sua contextura primitiva :

O gloriosa Domina,
Excelsa super sidera.

Qui te creavit; provide
Lactasti sacro ubere.

Quod Eva tristis abstulit,
Tu reddis almo Germine:
Intrent ut astra flebiles,
Cœli fenestra facta es.

Tu Regis alta janua,
Et porta lucis fulgida,
Vitam datam per Virginem,
Gentes redemptæ, plaudite.

Gloria tibi, Domine,
Qui natus es de Virgine,
Cum Patre et sancto Spiritu
In sempiterna sæcula. Amen.

A Bibliotheca é, sem contradicção, o monumento de Ferrara mais religiosamente visitado pelos viajantes. O que os attrahe, é menos a bella collecção de 80,000 volumes e 900 manuscritos que a enriquecem, do que as reliquias do Tasso, d'Ariosto e de Guarini. Do primeiro mostra-se a *Jerusalem libertada*; é escripta e corrigida pela mão do auctor, que terminou por estas palavras: *Laus Deo! Gloria a Deus!* Como defender-se a gente d'uma viva impressão ao ver o immortal trabalho do maior poeta epico? Como não glorificar o Deus que dispensa o genio, lamentando ao mesmo tempo o abuso que o homem faz d'elle? Se alguma coisa póde expiar os desvarios do Tasso, é o nobre fim que elle se tinha proposto no seu poema, assim como as perseguiçoens mais ou menos merecidas de que foi objecto. Um sentimento de melancolia se apodera do coração, quando se lêem aquelles versos, escriptos pelo poeta na sua prisão, e dirigidos ao duque Affonso, cuja rigorosa sentença soffria:

Piango il morir, ne piango il morir solo,
Ma il modo, è la mia fè che mal rimbomba,
Che col nome veder sepolta parmi.
Nè Piramidi, o Mete, o di Mauzolo,
Mi saria di conforto aver la tomba,
Ch'altre modi innalzar crede co'armi.

A velha poltrona de nogueira e o elegante tinteiro de bronze, d'Ariosto, commovem mais ou menos a alma do viajante. Na memoria deste homem que fez tanto mal aos costumes christãos, ha um não sei quê que repelle, não só o respeito, mas até a admiração. E' necessario, como Alfieri,

levar o enthusiasmo do genio até á idolatria, para venerar os fragmentos manuscriptos do *Orlando*, e pôr na classe dos mais insignes favores a permissão de escrever n'uma d'aquellas folhas destacadas: *Vittorio Alfieri vide è venerò, 18 giugno 1783*. Depois d'isto, teem muita razão de, exprobrar aos catholicos a sua veneração pelas obras, pelas reliquias, pelos corpos e pelo sangue dos martyres!

Que direi do *Pastor fido* de Guarini, cujo manuscripto riscado se conserva com tanto cuidado como os precedentes? Elle me recordou que o auctor, enviado de Ferrara para cumprimentar Paulo V pela sua exaltação, recebeu do cardeal Bellarmino esta severa, mas justa lição: «Tendes feito com o vosso poema, lhe disse o illustre principe da Igreja, tanto mal ao mundo christão, como Lutthero e Calvino com suas heresias.»

Conduziram-nos da Bibliotheca á pretendida prisão do Tasso. E' uma especie de buraco escuro e insalubre, sobre o qual os devotos taes como lord Byron, Casimiro Delavigne e outros traçaram a lapis os seus gemidos mais ou menos poeticos.

Desgraçadamente para a sua sensibilidade, não ha uma alma instruida, em Ferrara, que reconheça n'esta masmorra a prisão do poeta. O hospital de Sant'Anna foi a habitação forçada do Tasso, encerrado, dizem uns, por causa de loucura, e segundo outros por causa de desintelligencia com o duque de Ferrara.

Deixando os eruditos resolver entre si esta questão, visitamos o hospital, em cuja porta se lê esta bella inscripção: *Agris pauperibus patet hic ostium charitatis*. Atravessamos o bairro dos Judeus, mais bello que o Ghetto de Roma, e

entramos no convento dos Benedictinos. A abobada do vestibulo que precede o refeitório, offerece a obrá prima do Garofalo : é o Paraiso. Admira-se a gente de ver o Ariosto na gloria, no meio dos côros dos anjos e das virgens ; mas a tradição vem em nosso auxilio. O poeta disse ao pintor : « Mettei-me no vosso paraiso, pois não estou bem certo de ir para o outro (1). » Oxalá elle se tenha enganado.

A's portas da cidade em Lagoscuro, atravessamos o Pó, o *Rex Eridanus* de Virgilio, cujo leito eguala quasi a altura das torres de Ferrara, e tocamos no reino Lombardo-Veneziano. A alfandega de Santa Maria Magdalena nos fez tomar o primeiro e pouco gracioso conhecimento com a policia de Sua Magestade imperial. Informaçoes authenticas, bebidas nos logares, nos fizeram julgar não só da policia, mas da administração austriaca : eis aqui algumas ; a fim de não comprometter ninguém, callo os nomes proprios.

Durante a nossa estada em Roma, muitas vezes tinhamos ouvido fallar das intrigas e das relações pouco benevolas do governo austriaco com a Santa Sé. Aqui tivemos a prova de que o Josephismo mesquinho, surrateiro e invejoso, continua a caminhar para a oppressão e aviltamento da Igreja. Começo por absolver o mesmo imperador e os membros da familia imperial, cuja piedade sincera e intençoens rectas por ninguém são postas em duvida. Nem porisso é menos certo que á sombra do throno e nas prégas do manto imperial se escondem homens habéis e poderosos

(1) Dipingete mi ne questo paradiso, perche nell'altro io non ci vo.

que querem reduzir a Esposa do Filho de Deos á condição d'uma serva, ao papel d'uma ama de casa.

Assim as communiidades religiosas não podem receber noviços senão com consentimento do poder. Toda a correspondencia directa dos bispos com Roma é severamente prohibida. Nenhuma carta episcopal, ainda que tenha por objecto o pedido d'uma dispensa em materia de matrimonio, pode partir para Roma, sem passar aberta pelas secretarias da chancellaria.

Nenhum bispo se pode dirigir a Roma sem haver obtido licença do governo. Ou esta licença se obtenha difficilmente, ou os bispos ponham pouco empenho em sollicital-a, o facto é que a presença d'um prelado austriaco em Roma é um acontecimento. No anno do jubileu, em 1825, e na canonisação solemne dos santos, em 1837, a cidade eterna reuniu bispos de todas as nações do mundo, excepto da Austria.

Prohibição expressa a todo o ecclesiastico de ir estudar a Roma; aquelle que, apesar desta prohibição, ousasse ir beber a sciencia sagrada no mesmo foco da doutrina, perderia o titulo e as vantagens de cidadão.

Nenhum breve, encyclica ou outro escripto emanado do Summo Pontifice, pode chegar a um bispo, se não fór por intermedio da chancellaria. Para ser publicada, toda a letra apostolica precisa do *placet* ministerial. Em tanto que toda a Italia tinha acabado um jubileu pela Hespanha, nós atravessamos a Lombardia muda e inactiva: nenhum bispo tinha ainda publicado o Breve pontificio.

Mas eis alguma coisa mais estranha. A Austria pôz no index o Index Romano. Abstende-vos pois de

levardes na malla o cathalogo impresso das obras ceosuradas por ordem do Sommo Pontifice, que a alfandega vol-o confiscaria infallivelmente. Assim, como a maior parte das outras naçoens, a catholica Austria está ligada contra a Egreja; pôde até gabar-se de não lhe fazer derramar as lagrimas menos amargas. Comtudo que tome sentido com isso, porque é perigoso bater de encontro á pedra; vinte povos dormem nos tumulos que haviam cavado para a Esposa do Homem Deus.

Atravez d'uma magnifica planicie, entre duas linhas de gigantescos choupos, corre, lisa como um espelho, a estrada de Rovigo. Ella se percorre com interesse lançando um rapido volver d'olhos para as ruinas visinhas da antiga Adria. Da cidade romana não resta hoje senão o nome conservado pelo mar, cujas ondas recalçadas pelas alluviocos já não banham o lado onde ella estava assentada.



9 d'Abril.

Padua. — Historia. — Universidade. — Palacio da Justiça. — Il Salone. — Pedra do opprobio. — Queda dos anjos. — Café Pedrocchi. — Prato *della Valle*. — Casa do conde Luis Cornaro. — Recordaçõens.

Por um bello sol de primavera cujos raios faziam scintillar as torres e as cupulas de suas numerosas egrejas, se offereceu Padua aos nossos olhos avidos de contemplar as suas glorias artisticas e religiosas. Tudo annuncia a architectura byzantina com suas formas brilhantes e variadas.

A mesma Padua, de physionomia meio antiga e meio moderna, reflecte uma dupla civilização. No convento de Santo Antonio nos esperava o P. Prospero L..... joven religioso francez, que se poz à nossa disposição para nos dirigir em Padua. Rogo a este excellente amigo receba aqui a homenagem do nosso sincero agradecimento. Fundada, segundo se diz, por Antenor, depois da queda de Troia, successivamente possuida pelos Etruscos e pelos Romanos, saqueada por Alarico e Attila, e occupada pelos Venezianos, passou Padua para o poder da Austria em 1797. Posto que decahida do seu antigo esplendor, conta ainda 54,000 habitantes. Na antiguidade, teve Padua a gloria de dar a luz a Tito-Livio, e ao celebre grammatico Ascanio Pediano, amigo de Virgilio e commentador de Cicero. Na idade media, veio a ser um d'aquelles grandes focos de luz, que a Igreja creava de longe em longe para dissipar as trevas amontoadas no horisonte pelas invasoes dos povos do Norte.

A Universidade de Padua, já florescente no principio do seculo XII.º, contou até seis mil alumnos. As suas cadeiras foram occupadas por uma serie de professores do mais alto merecimento, cujas armas decoram os claustros do soberbo edificio, e até algumas vezes por homens de genio. Durante dezoito annos, foi alli Galileu leitor de philosophia; Octavio Ferrari, pensionado por Luis XIV, ensinou lá bellas-letas; Forecellini, discipulo de Facciolati, compoz alli, pelo menos em parte, o seu grande Diccionario latino, grego e italiano, o mais perfeito dos dictionarios. Não é sem uma especie de respeito que ao visitar o seminario se lançam os olhos para este manus-

cripto em doze volumes in-folio, e que se lêem as palavras nobres e simples, pelas quaes o auctor recorda os cidadãos e as forças que consagrou a este trabalho de perto de meo seculo: *Adolescens manum admovi; senex, dum perficerem, factus sum, ut videtis.*

Citarei a ultima gloria da Universidade de Padua, que é a admiravel Helena Corparo Piscopia. Menina de onze annos, votou a sua virgindade ao Senhor, e tomou o habito de S. Bento, que trouxe no mundo até à morte. Donzella, excitou a admiração do mundo sabio; philologa, poetisa e litterata, fallava hespanhol, francez, latim, grego, hebreu e arabe, cantava os seus versos acompanhando-se, disputava em theologia, astronomia e mathematica, e foi recebida doutora em philosophia na Universidade. Uma bella estatua de marmore, collocada debaixo do vestibulo da Universidade, recorda as feições desta mulher extraordinaria, fallecida em 1684, de idade de trinta e oito annos. A Universidade conta hoje mil e quinhentos alumnos, e conserva a sua antiga organização por Faculdades e collegios. Gabam-se o gabinete de historia natural e o jardim botanico.

Ao estudo das sciencias e das letras juntou Padua, e junta ainda o culto apaixonado das artes: grande numero d'obras notaveis attestam os seus bons resultados. O cosso exellente compatriota nos conduziu primeiro ao Palacio da Justiça. Na praça *dos Legumes, delle Erbe*, se ergue um immenso edificio, cuja construcção durou mais d'um seculo. Começado em 1172 pelo architecto Pietro Cozzo, foi acabado em 1306 por frei João, da ordem dos Eremitas, o Bramante da sua epocha.

A maravilha deste palacio de forma elliptica è a salla d'audiencia, chamada *Il Salone*, á qual se chega por quatro grandes escadas. Por cima de cada porta d'entrada está o busto d'um illustre filho de Padua: Tito-Livio, principe dos historiadores; frei Alberto, da ordem dos Eremitas, perola dos theologos; Paulo, gloria dos jurisconsultos, e o famoso Pedro d'Albano, astrologo e medico do decimo-terceiro seculo. Roma, Paris, Westminster e Florença, não teem nada comparavel pelo que toca á extensão ao salão de Padua, primeiro do mundo, não só por seu tamanho, mas tambem por sua forma e seus ornatos.

E' necessario imagioar-se uma sala de noventa e sete metros e quarenta e cinco centimetros de comprimento por trinta e dois metros e quarenta e oito centimetros de largura, e outro tanto d'altura, sem outro arrimo que as paredes, nas quaes estão incrustadas noventa grossas pilastras. O salão está edificado parallelamente ao equador; de modo que os raios do sol nascente que entram pelas janellas orientaes, atravessam a sala de parte a parte, e vão sahir pelas janellas occidentaes.

Do mesmo modo nos equinoxios, os raios solares que penetram pelas janellas do sul, vão sahir pelas do norte. Coisa notavel! os raios do sol mudam successivamente de direcção, e allumiam cada dia os signos do zodiaco correspondente. Coisa ainda mais notavel! todas as pinturas do salão são do Giotto. E' verdade que teem soffrido muitos retoques, principalmente no seculo passado, em que o rei dos reparadores, Zannoni, lhes tornou a vida primitiva. Estas pinturas divididas em tres classes, e formando tresentos e dezenove com-

partimentos, representam os signos de zodiaco; os trabalhos proprios a cada estação; os doze Apostolos, cada um dos quaes está collocado junto do signo zodiacal que corresponde á epocha da sua festa; a historia do Velho e Novo Testamento; e depois os effeitos da Redempção tomados do Apocalypse. Entre estes grandes assumptos, se destacam oito figuras aladas, representando os oito ventos dos antigos. Tal é a idea geral destas pinturas, ou antes deste museu, onde o ceu, a terra, os elementos, a vida material e religiosa do genero humano; n'uma palavra, onde a poesia, na sua mais alta accepção, parece immortalizada sob o pincel de Giotto, e o compasso de frei João dos Eremitas.

O magnifico salão não serve mais que para a extracção da loteria, e nas grandes occasioens, para as festas publicas. « Em 1815, nos disse o padre Prospero, foi aqui dada uma brilhante festa ao imperador Francisco e a sua filha Maria Luisa. O salão tinha sido transformado em jardim, com uma sala de baile e um salão de recepção para Suas Magestades; as arvores estavam com a raiz coberta de terra e formavam espessos bosques illuminaados; até havia irregularidades de terreno n'este jardim de sala. »

No angulo do salão está a « Pedra do opprobrio, » *Lapis vituperii*, que recorda um costume singular da edade media. Em Padua, Verona, Florença, Sienna, Lyão e muitas outras cidades, achava-se esta especie de banco em que devia assentar-se o devedor insolvel, para ser entregue aos seus credores. Um homem era perseguido por dividas; não pagava, e prendiam-o; e quando depois de ter sido assentado tres vezes

no sobre a pedra do opprobrio, cheia de gente a praça, jurava não ter coisa que valesse cinco francos, era livre de toda a perseguição. Em Sienna, os mesmos devedores davam durante tres manhaes uma volta em roda da praça, á hora em que se tocava o sino do palacio; iam acompanhados dos esbirros, e quasi completamente nús; no ultimo dia, ao assentarem-se sobre a pedra como seus collegas de Padua, diziam as seguintes palavras exigidas pela lei: « Consumi e dissipei todos os meus haveres; agora pago aos meus crédores da maneira que vêdes. » — « Apesar da sua extravagancia, observa um viajante, este costume era na essencia bastante razoavel. Era um meio de escapar a esses eternos presos por dividas, embaraços da nossa civilisação e jurisprudencia; semelhante publicidade, mixto, de ridiculo e de vergonha, valia talvez mais que certas das nossas sentenças para declarar as pessoas insolvaveis. »

Do Palacio de Justiça descemos ao palacio Pappafava. N'elle se vê e admira, se se quer, a Queda dos Anjos; é um grupo pyramidal de sessenta demontes enlaçados uns nos outros e cahindo do ceu esmagados pelo raio. Julgue-se o que se julgar da idéa, louva-se a execução, assim como a paciencia do Facolato, esculptor paduano, a quem esta obra original custou doze annos de não interrompido trabalho. Que dizer do café Pedrocchi, maravilha de Padua? Consagrar a fortuna para erguer um monumento publico, destinado a perpetuar a recordação d'um grande virtude, d'um grande genio, d'um feito nacional, é fazer um nobre uso della, e a Italia occupa o primeiro logar n'esta especie de patriotismo; porem esgotar immen-

riquezas para edificar um casè, cujas paredes, as columnas, e pavimentos são do marmore mais fino e mais delicadamente trabalhado, não é uma especie de luxo tanto menos estimavel quanto prova, fomentando-a, a invasão do individualismo sobre o espirito publico d'outro tempo?

E'-se feliz em encontrar no *Prato della Valle* um eloquente protesto contra esta terrivel tendencia. Pantheon ao ar livre, é o Prato um dos mais agradaveis passeios e uma das mais bellas praças da Europa. As limpidas aguas do Bacchiglione fazem delle uma ilha que communica com a cidade por quatro elegantes pontes. No centro erguem-se, sobre seus gigantescos pedestaes, as estatuas dos grandes homens de Padua, desde Antenor até Canova, e formam um immenso peristylo. Apesar da sua fecundidade, a patria de Tito Livio não produziu bastantes homens grandes para povoar este vasto templo, e illustres italianos vieram completar a galeria patriotica.

Terminamos este primeiro dia visitando a casa Giustiniani *al Santo*. O motivo da nossa curiosidade era muito menos a boa architectura do celebre Falconetto, que edificou esta bella habitação em 1524, os brilhantes estuques dos saloens, e os frescos encantadores, pintados por Campagnola segundo os desenhos de Raphael, que a habitação do famoso conde Luiz Cornaro, tam conhecido pela sua sobriedade e pelos seus discursos *della Vita sobria*.

Este nobre veneziano, cuja existencia foi successivamente um desmentido e uma justificação dados aos proverbios gastronomicos, se achou desde a idade de trinta e cinco annos n'uma tal magreza, que os medicos declararam o mal incurá-

vel. Comtudo elle tentou todos os remedios durante o espaço de cinco annos; vendo que os socorros da arte eram inuteis, quiz experimentar o que produziria a abstinencia; e deu o primeiro desmentido ao proverbio dos comiloens: «O que é bom ao paladar é bom ao estomago.» A delicadeza e abundancia dos alimentos e dos vinhos havia-lhe lisongeado o gosto e minado a constituição: renunciou a elles, e não comeu senão coisas em relação com o seu resto de faculdade digestiva; e ainda assim tinha cuidado de sahir sempre da mesa com um pouco d'appetite. Chegando a contentar-se com doze onças d'alimento por dia, livrou-se insensivelmente de todas as suas enfermidades, a ponto de espantar os medicos e de lhes fazer gritar que era milagre.

Elle gozava, graças á sua vida sobria, perfeita saude, quando de edade de sessenta annos é deitado abaixo da carruagem, recebe uma forte contusão na cabeça e quebra uma perna e um braço. Querem sangral-o e purgal-o; elle recusa uma e outra coisa e pede sómente que lhe endireitem o braço e a perna. Sara sem outros remedios, e verificou d'este modo os dois proverbios italianos: *Mangia più chi poco mangia*; «Come mais quem come pouco:» *Fa più profitto quel che si lascia sul tondo, che quel che si mette nel ventre*; «O que se deixa no prato dá mais proveito que o que se engole.» De resto, o primeiro destes proverbios vem a dar no nosso axioma: «Não é o que se come que sustenta, é o que se digere.»

Cornaro, de edade de setenta e cinco annos, acabou comtado por ceder ás instancias de seus amigos: em lugar de doze onças d'alimentos toma quatorze; e a bebida, que não era senão de qua-

torze, é elevada a dezeseis. Em alguns dias altera-se-lhe a saúde, e a alegria dá lugar á tristeza; no undecimo dia uma pontada, mui dolorosa, se declara e preludia uma febre de trinta e cinco dias; não cede senão á repetição do novo regime. A partir d'essa epocha até mais de cem annos, o conde gozou da saúde, do uso de todos os seus sentidos e de todas as faculdades intellectuaes. Foi aos noventa e cinco annos que elle escreveu o seu ultimo discurso sobre a vida sobria, d'onde são extrahidas as precedentes particularidades.

10 d'abril.

Santa Sophia.—A B. Helena Enselmini.—A cathedral.—Virgem de Giotto.—S. Daniel.—O B. Gregorio Barbarigo.—O Baptisterio.—O Dypstico.—Corpo de S. Mathias.—Crypta de S. Prosd cimo.—Virgem Byzantina.—*Annunziata*.—Pinturas de Giotto.—Santa Justina.—Pormenores historicos.—Santo Antonio.—Capella d'este Santo.—Popularidade do Santo.—Thesouro.—Thuribulo e naveta gothicos.—Lingua de Santo Antonio —Copo d'Alardino.—Seus sermoens.—Estatua de Guttamelata.—Margens do Brenta.—Veneza.

Todo aquelle canto da Italia que costé. os lados do Adriatico desde Ancona até Veneza, é muitissimo pouco visitado. O viajante que vai de Paris a Milão, de Milão a Florença, e de Florença a Napoles, não conhece a parte intima do paiz. Um tropel de recordações, e de monumentos religiosos e artisticos lhe escapam: só Padua mereceria uma viagem á Italia. Hontem tinhamos visto a sua gloria exterior e profana, e restava-nos contemplar as suas riquezas intimas escondidas á sombra dos

seus numerosos sanctuarios. Santa Sophia recebeu a nossa primeira visita. Esta igreja, do XIII seculo, encerra a *Virgem*, de Zanella; a *Deposição da cruz*, d'Estevam dell'Arzere; e a celebre *Degollação de S. Paulo*, de Bissoni; porém uma obra prima d'outra especie attrahe alli o viajante catholico. Em 1226, estabeleceu Santo Antonio em Padua um convento de Franciscanas. No numero das postulantes estava uma donzella d'uma das familias mais nobres da cidade: chamava-se Helena Enselmini. Sob a direcção do santo apostolo, veio a ser um anjo d'oração, de mansidão, de mortificação e paciencia, em suas longas doenças e crueis adversidades. Purificada nos dois crysoes da afflicção e do amor divino, esta alma privilegiada voltou para o seio do celeste Esposo, deixando a terra embalsamada com o perfume de soas virtudes e consolada com seus numerosos milagres. Seu corpo preservado da corrupção do tumulo, repouza em um dos altares de Santa Sophia. Depois de a termos venerado, dirigimo-nos à cathedral.

Começado na primeira metade do XVI.^o seculo, segundo um plano de Miguel Angelo, o *Duomo* não ficou acabado senão em 1756. Quer dizer que possui o sello mais ou menos feliz de varias gerações d'architectos. A cupula, obra de Giovanni Gloria, distingue-se pela sua solidez e elevação. Depois de ter passado diante da soberba pia de marmore branco, coroada d'uma estatuasinha da Santa Virgem tambem de marmore branco, chega-se, seguindo o lado direito, ao notavel mausoleu de Sperone Speroni, grande orador, grande philosopho, grande poeta, mestre do Tasso e uma das glorias de Padua.

A capella seguinte offerece, à piedosa admiração do peregrino, uma virgem em busto, que se crê do Giotto, e que pertencêra a Petrarca, conego da cathedral. Junto do côro, um grupo, de marmore de Carrara, representa Benedicto XIV, concedendo ao capitulo o uso da *Cappa Magna*, e o cardeal Rezzonico, bispo de Padua, e depois Clemente XIII, que obteve aquelle favor. A gloria da Italia é escrever assim no marmore ou no bronze os factos publicos e particulares. Na sacristia dos conegos, vimos grande numero de quadros de merecimento, entre elles uma Virgem de Sasso Ferrato, pintor das pequenas madonas, *delle madonnine*. Porém o que sobre tudo chama a curiosidade, è um Evangeliario de 1171, e um Epistolario de 1259; um e outro manuscriptos em pergaminho, todo resplandecente de vinhetas e d'estampas illuminadas, são d'om trabalho magnifico e de perfeita conservação.

Da sacristia descemos á crypta. Alli repouisa, n'um magnifico relicario, adornado de baixos-relevos de bronze de Ticiano Aspetti, o corpo de S. Daniel, levita e martyr. Filho de Padua e um dos primeiros apostolos da fé, continua ha oitocentos annos a receber as homenagens sollicitas das geraçoens pelas quaes sustentou gloriosos combates (1).

Voltando á egreja, visitamos a capella do B. Gregorio Barbarigo, cardeal e bispo de Padua, cujo corpo, milagrosamente conservado, repouisa no altar. Nascido em 1626 d'uma nobre familia ve-

(1) O seu corpo foi encontrado em 1073 no oratorio de S. Prosdocimo.

neziana, nomeado cardeal e bispo de Padua por Alexandre VII, digno de o ter por amigo, Gregorio foi o pai dos pobres, o S. Carlos Borromeu da Romanha, e o protector do seu povo contra os estragos da heresia. A sua cidade episcopal lhe deve, além d'um soberbo collegio, o seu seminario, ornamento da Italia, com a sua bibliotheca e a sua imprensa justamente celebres.

O Baptisterio, obra do duodecimo seculo, vizinho da cathedral, conserva o sello daquella grande epocha da arte. Erguido pela princeza Fina Buzzacarina, mulher de Francisco de Carrara o Velho, senhor de Padua, foi adornado interior e exteriormente de admiraveis frescos pelos discipulos de Giotto. As pinturas exteriores pereceram; as outras, bem conservadas ou habilmente retocadas, offerecem diversos assumptos do Velho e Novo Testamento, a piedosa fundadora, orando à Santa Virgem, e varios retratos dos principes de Carrara com o de Petrarcha: Sobre o altar está um soberbo dyptico do decimo-sexto seculo representando os principaes factos da vida de S. João Baptista (1).

O Baptisterio, e o dyptico reunidos formam um monumento que desperta, em todo o seu esplendor, a recordação da nossa veneravel antiguidade. D'uma parte, o brilhante edificio em que se acha a fonte de vida, e todas as suas partes interiores e exteriores, semelhantes ás paginas de um grande livro, nas quaes a arte catholica escreveu toda a historia religiosa do genero humano no passado, no presente e no futuro; da ou-

(1) Nuova Guida, etc., in Padova, p. 74.

tra, o dyptico, glorioso registro, no qual a mão do sacerdote inscrevia o nome dos cidadãos successivamente admittidos na nova republica. Observemos de passagem como a Igreja soube conhecer, appropriando-o a si, um costume já não vulgar entre os pagãos. Os dypticos eram o presente favorito dos imperadores, dos consules e dos grandes dignatarios do imperio. Estas especies de carteiras, cujo interior se compunha de taboinhas de cera, ou de chumbo, ou de papyro, eram adornadas de esplendidas capas de cedro, marfim, prata, e oiro sizelado, enriquecidas de baixos-relevos d'um trabalho magnifico. O luxo destes objectos foi levado tam longe, que os imperadores Valentiniano e Arcadio se viram obrigados, em 384, a prohibir a qualquer pessoa, excepto aos consules ordinarios, o dar dypticos d'outra ou de marfim (1). Estes dypticos consulares receberam o nome de *Fastos*, porque continham a successão dos consules, ou, pelo menos, o nome daquella que fazia presente delles. Nobre costume! que a Igreja observou e de que se apossou; com effeito não é justo que ella tenha seus dypticos? Não tem a registrar nomes mais illustres que os dos Consules e dos Cesares? Desde os tempos apostolicos, os seus artistas estão trabalhando: todo quanto talento e riqueza teem é empregado em fabricar os fastos immortaes da nova sociedade.

Distinguem-se quatro especies delles: os dypticos dos baptisados; os dypticos dos vivos; os

(1) Cod. Theod. lib. XV, tit. IX, l. 1. de *Expressis Lud.*

dypticos dos santos e dos martyres; os *dypticos dos mortos*. A celebração do augusto Sacrificio reunio nas catacumbas, em volta do tumulo d'um martyr, ou nas soberbas Basilicas de Roma e Constantinopla, os filhos da nova Jerusalem; e eis que um ministro sagrado, levando em suas mãos os *livros de vida*, sobe ao ambon e recita em voz alta todos os nomes que elles conteem.

Nomes dos neophytos novamente baptisados; nome do Papa, pai commum da grande familia; nome do bispo, pastor d'uma porção do rebanho; nomes dos sacerdotes que trabalham com elle; nomes dos imperadores, bispos do exterior; nome d'algun fiel em particular, distincto entre todos os outros; nomes dos martyres; nomes dos fallecidos na fé orthodoxa: nomes queridos e gloriosos que cumpre invocar, ou que cumpre recordar ao Deus cuja misericordiosa bondade os collocou nos fastos da Igreja militante, a fim de inscrevel-os um dia no livro immortal da Igreja triumphante. Até ao duodecimo seculo, o Oriente e Occidente ouviram a Esposa de Jesus Christo recitar em voz alta, durante os augustos mysterios, o cathalogo de familia, tam proprio para elevar a charidade de todos os seus membros até á fraternidade (1).

Depois de termos graças aos particulares que precedem, admirado com intelligencia o Baptisterio e o dyptico, partimos para a igreja duas vezes monumental *dell'Annunziata-nell'Arena*. Monumental, porque occupa o sitio do amphitheatro, é

(1) Vide a preciosa obra de Donati, *De' dyptici degli antichi, profani e sacri*. In 4.º, Luccas, 1753.

apresenta a Rainha das Virgens, a mãe da misericórdia, a doce Maria, honrada no mesmo lugar que a voluptuosidade e a crueldade pagão mancharam com tantas iniquidades; monumental, porque é uma das mais bellas paginas da arte catholica. Assis e Padua são as duas immortaes folhas do livro escripto pelo pincel de Giotto. A *Annunziata* foi fundada em 1303 por Henrique Serovigno, rico cidadão de Padua: Giotto a pintou em 1306. Os vastos frescos representam os principaes factos do Velho e Novo Testamento, e principalmente o Inferno, executado, conforme se diz, segundo as inspiraçoens do Dante.

Não obstante o peso de cinco seculos, esta grande composição está no seu todo muito bem conservada. Quanto ás partes, fica-se encantado de u'ellas encontrar a eloquente justificação da Eschola catholica. Os artistas da renasceça não cessaram de lhe exprobrar a sua ignorancia em materia de correcção e ornato. Ora, as pinturas da *Annunziata*, especialmente as da parte superior, são arrebatadoras de graça, suavidade e correcção no desenho, flexibilidade e naturalidade nas roupagens, belleza nas posiçoens e expressão nos rostos. Atraz do altar ergue-se o magnifico tumulo de marmore do fundador. Na base da sua estatua, em pé junto da sacristia, lê-se: *Propria figura Domini Henrici Serovigni militis de Arena*. As pinturas do côro, representando a vida da santa Virgem, são de Thadeu Bartolo, discipulo de Giotto, e provam, apezar da sua inferioridade, que elle não foi indigno do seu glorioso mestre. Se não fosse o desvio do XVI.º seculo, a que grau de perfeição não teria chegado a arte catholica! Foi necessario dizer adeus á *Annunziata*, e

aos seus thesoiros: *Santa Justina* nos chamava para mostrar-nos os seus. O primeiro é a propria igreja. Em pé no meio do *Prato della Valle*, contempla esse magnifico templo por sobre o qual tem passado tres seculos sem lhe fazerem perder o brilhante resplendor da sua juventude; alça aos ares as suas oito cupulas abertas, a mais elevada das quaes forma o pedestal aereo da estatua da santa Titalar; a sua triplice abobada é sustentada por uma longa fileira de pilastras compositas apoiadas duas a duas na mesma base. A sua forma é uma cruz latina: 368 pés de comprimento, 106 d'altura, e 125 de largura, taes são as suas dimensoens. Incluindo a estatua da Santa, a cupula maior mede interiormente 133 pés, e exteriormente 176 d'elevação. De quem é o pensamento creador do augusto monumento? D'um humilde frade de S. Bento, D. Jeronimo de Brescia. Qual foi o seu architecto? Um filho de Padua, André Reccio. Que pincel o adornou das suas esplendidas pintoras? A graciosa santa Gertrudes em extasi é de Pedro Hiberi; Totila, rei dos Godos, prostrado diante de S. Bento, pertence a João Baptista Maganza; S. Cosme e S. Damião, salvos do naufragio por um anjo, é uma composição cheia de fogo d'Antonio Balestra; finalmente o martyrio de Santa Justina, posto no fundo do côro, passa pela obra prima de Paulo Veronese. As bellas cadeiras do côro, ornadas de baixos-relevos representando os diversos assumptos do Novo Testamento, são em parte obrad'um francez, Ricardo Taurigny, de Ruão, que fez tambem as bellas cadeiras do zimbório de Milão. Quem é agora a santa a quem a cidade de Padua dedicou esta magnifica igreja?

Baseado nos monumentos da historia e da tradição, conta Baronio quarenta missionarios, sacerdotes ou bispos, dirigidos às diferentes partes da Italia, das Gallias e da Germania, por S. Pedro, durante a sua estada em Roma. N'este numero figura o santo bispo Prosdocimo, discipulo do pescador galileu, enviado por elle à cidade de Padua, no anno 46 de Nosso Senhor, quarto anno do imperador Claudio, immediatamente antes do edicto contra os Judeus, que obrigou o Apostolo a retomar o caminho do Oriente (1)

A' voz do santo bispo, os olhos se abriram; abandonaram-se os altares dos idolos. Entre os neophytos distinguui-se uma moça virgem chamada Justina. Coisa notavel! quasi que em todas as partes foram as mulheres as primeiras que abraçaram o Evangelho; e quasi que em todas as partes sustentaram os mais nobres combates. Maria, mãe do Salvador, santa Magdalena e suas companheiras no Calvario, deram origem a essa geração de heroínas que pagaram e defenderam, pela generosa effusão do seu sangue, a reabilitação do seu sexo. Justina, presa por ordem do presidente Maximo, e submettida a todas as especies de torturas; firme e pura como um diamante, sua alma virginal resiste egualmente às ameaças, às promessas e aos supplicios. A espada do confector põe fim à lucta. Maximo é vencido; a heroína triumphou; a idolatria vacilla, e Padua, purificada, consagrada pelo sangue da sapta victima, se tornará uma das cidades mais religiosas da Italia: tal é a gloriosa martyr para quem foi edificado o magnifico templo, on-

[1] Annal. t. I., ad. 46, n. 2.

de estamos. Ella se acha alli, de resto, com numerosa e nobre companhia.

No altar da capella mór, á esquerda do transepto, venera-se uma parte consideravel do corpo do apostolo S. Mathias, trazido do Oriente. Por traz do altar uma porta collossal abre para um antigo atrio, no meio do qual está um poço. Prostrai-vos, quem quer que sejaes, que a terra que pisais é uma terra santa. Este poço, chamado dos Santos Innocentes, encerra as reliquias de grande numero de martyres, cujo sangue inundou a praça do *Prato*. Desçamos agora esta pequena escada escura e tortuosa, que nos conduz a uma crypta, venerando berço do christianismo em Padua. Debaixo da pedra deste altar onde elle offerecia silenciosamente a augusta victima, repouisa o santo bispo Prodocimo. Esta virgem byzantina que vêdes no altar foi trazida de Constantinopla pelo santo sacerdote Usio. No anno 741 o iconoclasta imperador, Constantino Copronymo, a mandou lançar ás chammas, d'onde ella sahio milagrosamente intacta. Antes de deixarmos a egreja, fomos, seguindo as pisadas de tantas geraçoens, prostrar-nos ao pé do altar mor ante o corpo sagrado de santa Justina, supplicando ao Deus dos martyres reanimasse, nas veias, dos seus ultimos filhos, o generoso sangue dos primeiros christãos.

O viajante catholico não está no termo dos seus gozos. A Italia conta quatro sanctuarios principaes: Roma, Loretto e Assiz, são os tres primeiros, e Padua é o quarto. Esta cidade teve a insigne felicidade de possuir durante uma grande parte da sua vida, e de coroar, depois da sua morte, o santo mais popular da idade media: no-

meei santo Antonio de Padua: Cumpre ajuntar que a confiança, o amor, o enthusiasmo dos habitantes, *per il Santo*, é verdadeiramente admiravel: faremos idéa delle pelo monumento que a sua piedade filial dedicou em sua honra. Começada em 1255 pelo celebre Nicolau de Pisa, e acabada em 1307, a egreja de Santo Antonio é um edificio gothico da melhor epocha e do melhor gosto. As seis cupulas que a coroam são uma reminiscencia do estylo byzantino, e as suas estatuas, os seus baixos-relevos de Donatello, os seus immortaes frescos de Giotto, assim como os seus quatro grandes orgãos, attestam a reunião de todas as artes para glorificar na terra o humilde santo cujas virtudes corôa o Ceu. . Ao entrar, ficamos muito admirados de vermos ás portas dois caens dalmatas, da especie dos caens pastores. « Desde tempo immemorial, nos disse frei Prospero, é confiada a guarda da egreja a estes fiéis animaes. De pai a filho desempenham perfeitamente o seu dever. Esses que vêdes surprehenderam, ha alguns annos, um creado da casa Sograli, que tinha ficado á noite em oração depois do fechar das portas; pozeram-se ao seu lado, um á direita e outro á esquerda, promptos a arremeçar-se sobre elle ao minimo movimento, e o tiveram assim em prisão até ao seguinte dia pela manhã.»

A egreja é um verdadeiro museu de pintura, cuja descripção nos levaria muito longe. Entre tantas riquezas admira-se, na capella do SS. Sacramento, o tabernaculo de precioso marmore adornado de baixos-relevos de bronze, de Jerouimo Campagny, celebre esculptor do XVI.º seculo, e os quatro anjos, devidos ao sinzel de Donatello. Depois de ter admirado os bellos frescos do XIV.º

seculo, que adornam a capella de S. Felix, apraz-se a gente em se ajoelhar diante do altar onde descança o corpo do glorioso martyr. Mais longe, estão duas antigas capellas onde se vêem preciosas pinturas, anteriores á renascença, uma das quaes representa Santo Antonio revelando ao B. Luca Bellodi o livramento de Padua da tyrannia d'Esselino. O corpo do bemaventurado repouza debaixo do altar.

Chegamos finalmente à capella de Santo Antonio, uma das mais ricas do mundo. Não sei quantos homens celebres trabalharam em construí-la e adorná-la. Começada em 1500 por João e Antonio Minello, continuada por Sansovino e Falconetto, foi adornada de graciosos arabescos por Matheus Alho e Jeronimo Pironi, e de magníficos baixos-relevos por Campagni, Tullio e Antonio Lombardo. Em volta da capella estão nove compartimentos decorados de baixos-relevos de marmore, representando as principaes acçoens do Santo. Admira-se especialmente o milagre da donzella dos arredores de Padua, abafada n'um atoleiro e resuscitada pelo Santo; a conversão do hereje Aloardino de que mais adiante fallarei; o Santo tornando a pôr a um rapaz o pé que elle tinha cortado por ter dado um pontapé a sua mãe. Os estuques da abobada, obra de Ticiano Minio, são de extrema elegancia; porem parece que a arte se excede a si mesma à proporção que se avizinha do altar.

Eis as soberbas estatuas de bronze de S. Boaventura, S. Luis, bispo de Tolosa, e S. Antonio: os quatro anjos que sustentam os candelabros, a grade de bronze e por fim o altar de marmore com suas magnificas esculpturas. No altar repouza o Santo, sobre o corpo do qual eu tive a dita de

offerecer os augustos mysterios. Tal é a immensa popularidade de S. Antonio de Padua, que a magnifica egreja, com sua capella atada mais magnifica, foram edificadas com as offeras dos fieis de todas as naçoens. Uma das tres soberbas lampadas d'ouro massiço, fundidas em 1797 para pagar a contribuição de guerra, era presente do gran Turco. Numerosos tumulos se erguem em volta da capella, na egreja e até debaixo dos claustros do convento: tam vivo é o desejo de não estar separado, ainda mesmo depois da morte, daquelle que se amou tam ternamente durante a vida! Entre estes illustres mausoleus de patricios, generaes, estrangeiros distinctos e professores celebres, cumpre estudar os d'Alexandre Contarini, general da republica; do Cardeal Pedro Bembo, e d'Arminio d'Orbesan, barão de la Bastide, joven guerreiro francez morto em 1515, de idade de vinte annos. A sua elegante inscripção latina cheira um pouco de mais á renascença [1].

Apesar do enfraquecimento da fé, innumera-
veis peregrinos chegam ainda de todas as partes da Europa, principalmente da Allemanha e da Polonia, ao tumulo de S. Antonio. Todos os dias se enviam promessas á sua capella ou offeras para o seu thesoiro. D'onde vem esta popularidade tam constante e universal? Um dos mais celebres doutores da Egreja, S. Boaventura, respon-

[1] Gallus eram, Patavi morior, spes una parentum;
Flectere ludus equos, armaque cura fuit:
Me quarto in lustro mihi prævia Parca pepercit,
Hic tumulus, sors hæc, pax sit utrique: vale

dia, ha d'aqui a pouco seiscentos annos: *Narrent hi qui sentiunt, dicant Paduani.* «Perguntai-o áquelles que sentiram a protecção do Santo; dizei aos Paduanos que contem o que vêem, o que teem visto seus pais, e o que viram seus avós.»

Ora, no correr do mez de novembro do anno de 1227, seus avós viram entrar em Padua um joven religioso de S. Francisco, com a cabeça descoberta e rapada, o corpo coberto d'um habito de burel atado com um cinto de coiro, nuas as pernas e os pés protegidos por sandalias. Este joven religioso pede modestamente esmola, e o seu olhar angelico e a sua nobre figura exprimem eloquentemente o seu humilde e vivo agradecimento. Em paga do pão que recebe, traz todos os bens que uma cidade pôde desejar: a verdade, a paz. Padua carecia d'uma e outra. Devastada pela heresia dos Manicheus e despedaçada pelas guerras civis, debatia-se nos paroxismos da agonia. Nascido em Portugal, e chamado de França onde havia operado com prodigios, Antonio, humilde franciscano, acudia em soccorro de Padua. Ora, prêga, brilham os milagres; Padua abala-se, mudam-se os coraçoeens, resplandece a verdade, e volta a paz: Antonio é o salvador, o amigo, e o pai de todos.

Entretanto o feroz *Esselino da Romano* quer saquear Padua a quem opprime; o Santo caminha só ao encontro deste monstro sedento de sangue. Pelo duplo poder da sua palavra e da sua virtude, o suspende no meio dos seus officiaes, confunde-o, e o torna immovel de terror. E viu-se o novo Attila, tornado manso como um cordeiro, desatar o seu rico cinto, lançal-o ao pescoço e cahir de joelhos ante o enviado de Deus supplicando-lhe pedisse misericordia por elle. Padua é sal-

va; toda a Romanha resoa com os louvores do vencedor; a fama dos seus milagres v^oa de b^occa em b^occa; chega até Roma; Gregorio IX quer ver, ouvir, julgar o eloquente thaumaturgo: era no anno de 1230.

Roma está cheia de estrangeiros de todas as naçoens idos aos santos logares para ganharem a indulgencia da cruzada. Ha Gregos, Francezes, Hespanhoes, Allemaens, Ingleses, Flameegos, Suissos, Escossezes e Esclavonios. Antonio falla a sua lingua materna e se faz entender por todos aquelles povos que a não conhecem. Outro prodigio fere o vigario de Jesus Christo; é a solidez da doutrina do joven Santo, a irresistivel força dos seus argumentos, a vida divina que superabunda nas suas palavras, e o seu maravilhoso conhecimento da Escriptura. Arrebatado de admiração, ergue o Pontífice solememente a voz e lhe faz este elogio unico na historia: « E' a arca dos dois Testamentos, e o arsenal das divinas Escripturas: » *Arca utriusque Testamenti et divinarum Scripturarum armarium.*

Antonio volta a Padua e semêa os milagres pelo caminho. Seus dias passã-m-se a prégar, confessar e consolar; suas noites a orar: é por excellencia o homem publico, a fonte a que cada qual vai beber. Comtudo dois mezes ainda o separam do seu trigesimo-sexto anno, mas em sua curta vida forneceu uma longa e brilhante carreira; a immortal corôa vai descancar sobre a sua cabeça. O Santo está doente, o Santo está moribundo; a estas palavras, a cidade e as aldêas se commovem: choram, oram, agitam-se. O Santo está deitado n'um pobre leito no pequeno convento de *Barcella*, pouco afastado de Padua: a multidão lá se transporta;

é a noite de sexta feira 13 de junho do anno de 1231. No meio dos soluços universaes, faz-se ouvir um canto, é o canto do cysne; digo mal, é o canto d'um anjo, que volta ao ceu, o canto d'um filho de Maria, que pela ultima vez sauda sua mãe na terra d'exilio. Com seus labios moribundos repetiu o santo missionario a sua divisa querida, o seu hymno de guerra: *A gloriosa Domina, excelsa super sidera.* Morreo. Não, vive no ceu pelo seu poder, na terra pelos seus milagres; e depois de mais de seiscentos annos, Antonio de Padua é ainda um dos santos mais populares no Oriente e no Occidente.

Da capella onde repouisa o corpo passamos ao Thesoiro da Basilica. Entre as numerosas riquezas artisticas e religiosos de que está cheio, admira-se um thuribulo e uma naveta d'ouro, dados pelo papa Sixto IV, da ordem dos Minimios. O thuribulo de forma gothica representa uma cathedra em miniatura, com suas torres, suas ogivas, suas graciosas columninhas e suas galerias rendilhadas. A naveta é digna do seu nome; é um naviosinho com todas as suas pontes, seus mastros, suas velas, seus cabos e seus marinheiros. Porque hão de os nossos artistas ignorar a existencia destas duas obras primas, ou não hão de os nossos fabricantes de ourivesaria ecclesiastica julgar conveniente reproduzir estes interessantes modelos?

Alem d'uma immensa quantidade de reliquias insignes, conserva-se n'um relicario scintillante de pedras preciosas a lingua do Santo. Esta poderosa lingua que moveu mais homens e sobretudo mais profundamente que a de Demosthenes ou Cicero, está intacta e vermelha. Foi encontrada neste milagroso estado a 7 d'abril do anno de

1263, por S. Boaventura, ido a Padua para presidir á trasladação das reliquias. A' vista deste prodigio, ao qual tornava incontestavel a dissolução das outras partes do corpo, o Doutor seraphico exclamou: *O lingua benedicta, quae Dominum semper benedixisti et alios benedicere fecisti, nunc manifeste apparet quanti meriti existitisti apud Deum!*

A prova seis vezes secular d'outro milagre está ao lado da preciosa caixinha. Quero fallar do famoso copo do hereje Aloardino de Salvaterra. Aloardino era um soldado a quem a curiosidade ou antes a incredulidade zombeteira tinha levado a Padua. Um dia que estava á meza, ouviu fallar dos milagres de Santo Antonio. Poz-se a zombar delles, e crendo dizer um excellente gracejo, ajuntou: « Se o vosso Antonio, a quem chamaes santo e thaumaturgo, impedir que este copo que tenho na mão quebre quando o atirar ao chão, acreditarei o que me dizeis. » N'este momento, levanta-se da mesa, abre a janella, e com toda a força atira o copo á praça de encontro a uma pedra, e o copo não quebra. Estupefacto, interdito, Aloardino cahe de joelhos e se levanta catholico. Elle mesmo vae buscar o copo, e, na presença de todas as testemunhas desta scena, o leva respetosamente ao thesoiro de S. Antonio, onde tivemos a felicidade de o vermos (1). N'um armario visinho conservam-se as obras do Santo. Não é sem profundo respeito que a gente aproxima a mão aos sermoens do immortal missionario. Posto que acompanhada de emendas, a letra do Santo é mui legivel e até elegante.

(1) *Vida de S. Ant.*, lib. II, p. 198.

Não se pode deixar este logar sem pensar em uma devoção cuja origem e perpetuidade não é inútil recordar. Se alguma vez lestes o *Matyrologio gallicano* do sabio bispo de Toul, *Dussaus-saye*, tereis visto que nossos pais se dirigiam a um santo em particular para cada doença, cada necessidade: a Italia, a Allemanha, todas as outras partes da catholicidade faziam como a França. Santo Antonio de Padua era invocado para achar as coisas perdidas. Precioso resto do vasto naufragio em que o protestantismo e a incredulidade abysmaram tantos piedosos costumes, esta devoção é ainda praticada nos nossos dias; é até popular no Oriente e Occidente: eis ahí um facto. Já respeitavel pela sua catholicidade e antiguidade, este facto o é ainda mais pela sua origem. Numerosos exemplos e incontestaveis testemunhos consignados na vida de S. Antonio de Padua, provam que elle recebera de Deus o poder não só de curar os doentes, mas tambem de consolar os afflictos, fazendo-lhes achar milagrosamente as coisas que tinham perdido (1).

Ao sahir da egreja, está-se de tal modo penetrado do que se acaba de ver, e, quando se é christão, do que se acaba de experimentar, que apenas resta attenção sufficiente para lançar um volver d'olhos para a estatua equestre de bronze do grande capitão Guattamelata, que adorna a praça. Esta estatua, a primeira que se fundiu na Italia e entre os modernos, é a obra-prima de Donatello. Dissemos o derradeiro adeus ao bom frei Prospero, exilado voluntario pelo amor

(1) *Vita di S. Ant.*, lib. III, p. 266.

de Deus e do próximo ; a S. Antonio ; a Padua ; aos conservatorios de pobres e orphãos , e partimos para Veneza.

A estrada segue as margens do Brenta , tam gabadas pelos amantes de paizagens e tam celebres nos nossos fastos militares. Através de uma campina coberta de jardins, onde se dizia que as estatuas de marmore crescem como os cogumelos , chega-se a Mestre : aqui vos esperam os gondoleiros venezianos para vos conduzirem á sua maravilhosa cidade.



11 d'AbriL.

Torre de S. Marcos. — Vista historica de Veneza. — Egreja de S. Marcos. — Trasladação do corpo de S. Marcos. — Thesoiro. — Praça de S. Marcos. — Cavallos. — Leão. — Palacio do Doge. — Prisoens. — Inscriptçoens.

O viajante que entra em Veneza depois do cahir do dia , crê-se transportado a alguma cidade fabulosa das *Mil e Uma Noites*. Uma cidade soberba, vasta , populosa , assentada no meio do mar , sem que se veja , para servir-lhe de base , nem uma polegada de terra , nem uma ponta de rochedo ; longos canaes guarnecidos de casas e palacios , cujos alicerces estão escondidos nas ondas , em tanto que a frontaria , meio europeia , meio oriental , se ergue magestosamente aos ares ; um silencio lugubre ao qual não perturba nem o passo dos cavallos , nem o movimento das carruagens , mas o ruido monotono dos remos que ferem com golpes eguaes a tranquilla superficie das ondas ; o som variado de numerosos repiques , as mil vozes gri-

ladoras d'um povo inteiro que atesta alguns centenares de pontes grandes e pequenas, e passa rapidamente por cima das vossas cabeças; gondolas de cor amarella e negra, que percorrem em todos os sentidos as longas sinuosidades das lagoas; as lanternas d'aquellas carruagens da agua, os lampioens e os archotes cuja luz incerta allumina este singular espectaculo: tudo isto espanta, surprehende e produz uma impressão que tem o privilegio de se não parecer com nenhuma outra.

Para a completarmos, quizemos, depois de termos visto Veneza de baixo, contemplal-a d'alto. No seguinte dia, ao nascer do sol, estavamos na torre de S. Marcos. A primeira maravilha a considerar é esta mesma torre, uma das mais elevadas e atrevidas da Italia. Chega-se ao topo por uma rampa suave, sem degraus. Deste belveder gosa-se d'uma vista que parece um prodigio. Aos vossos pés o mar, Veneza no seio do mar; multidão de zimbórios, de torres, de palacios, de columnas, de porticos, de fachadas gregas, arabes e byzantinas; ao oriente, a vasta extensão do Adriatico, semeada de ilhotas aggrupadas com graça em volta da formidavel cidade; ao norte, os cumes brancacentos dos Alpes do Erial; ao occidente, as verdes campinas do Paduano e do Vicentino; ao sul, o Brenta e as suas margens tam povoadas e ricas.

Acima deste magnifico panorama, está outro ainda mais magnifico, e cujo brilho radiando sobre o primeiro lhe explica, e realça todas as bellezas: é este, deixem-me assim exprimir, o panorama de Veneza no ponto de vista providencial. Encostado à galeria aerea da torre de S. Marcos, o observador não pode estar melhor para o contem-

plar. No principio do quinto seculo, o mundo romano, longo tempo batido em brecha pelos inimigos de fóra e pelos de dentro, desabava com espantoso estrondo aos golpes dos barbaros.

A bandeira negra d'Attila acabava de ser arvorada ante os muros da antiga Aquilea; porem os habitantes, confiados na sua coragem, haviam desprezado este ultimo signal de misericordia. Algumas horas depois, Aquilea não é mais que um montão de cinzas. Comtudo algumas das familias da cidade acharam a salvação na fuga. Os recifes do Adriatico lhes offerecem um asylo. No meio das lagoas, constroem pobres cabanas, vivem isoladamente, absorvidas pelo cuidado de proverem á sua subsistencia.

Dois seculos depois, pelo anno de 697, reuñem-se, elegem um chefe commum e constituem um pequeno Estado. Sob a protecção do imperio do Oriente, a nascente republica cresce, fortifica-se, e em breve se declara independente. No decimo seculo, abalança-se e vóa ás suas primeiras conquistas. O seculo seguinte vê-a pôr em sua joven cabeça a coroa real, caminhar a par das grandes potencias da Europa e partilhar com Genova o imperio dos mares. Por espaço de cinco seculos, pesa com um peso decisivo nos destinos do mundo. Finalmente a sua missão está cumprida: gloria, riqueza, poderio, até a liberdade, tudo lhe é tirado; e a Tyro do Occidente vê-se reduzida a não ser mais nos dias da sua velhice que agente subalterno d'um imperio estranho. E agora, qual foi a razão providencial da grandeza de Veneza e da sua decadencia?

O Deus que tira o bem do mal e a mesma vida da morte, faz nascer a poderosa cidade da

invasão dos Barbaros. Sob as azas maternas da Providencia, cresce rapidamente em força, em riqueza e em coragem: assim é necessario, porque Veneza deve ser um dos mais poderosos auxiliares da Europa civilisada pelo christianismo. Chegará a epocha solemne em que ameaçando a barbaria musulmana invadir o Occidente e substituir a luz pelas trevas, a liberdade pela escravidão, os povos christãos se levantarão como um só homem; e, em vez de esperarem o inimigo, o irão atacar até no coração do seu imperio. Mas são necessarios navios para transportar os seus exercitos; intrepidos marinheiros para lutar contra as ondas ottomanas: Veneza presta estes dois serviços á causa commun. Genova a coadjuva nobremente; e, nos seus navios, a civilisação, armada de todas as peças, atravessa os dois mares que conduzem ao paiz dos Barbaros. Em quanto durar a razão providencial do seu poder, Genova e Veneza estarão na primeira classe entre os Estados europeus. Começarão a decahir, quando a sua existencia já não tiver outro objecto que interesses d'ordem inferior. Com uma precisão notavel a sua historia testifica este duplo facto.

Veneza ainda teve outra missão. Quando, nos seculos XV.^o e XVI.^o, a heresia quiz alistar a velha Europa contra a fé catholica, tomou a voz infatigavel da imprensa para fazer resoar ao longe os seus gritos de rebellião. Basilêa, Genebra, La Haya e Amsterdam foram os seus temiveis auxiliares: Veneza foi escolhida para sustentar o esforço do combate. Das suas immortaes impressas sahiram innumeraveis obras destinadas a proclamar, defender e propagar as verdades conservadoras da religião e da sociedade. Lançado este duplo volver

d'olhos para a rainha do Adriatico, descemos da torre para visitarmos a egreja de S. Marcos, maravilha de Veneza e um dos monumentos mais esplendidos de toda a Italia.

Mixto d'architectura grega, romana e gothica, museu de despojos opimos trazidos do Peloponeso, de Constantinopla, Hespanha, Syria, e de todos os paizes em fim onde Veneza via tremular os seus estandartes, magnifica galeria de pinturas nacionaes, repete a egreja de S. Marcos toda a historia da poderosa republica. Só o inventario dos seus thesoiros fôra infinito. Começada em 976 pelo doge Orseolo, ficou a Basilica terminada em 1071; porém o adorno continuou até ao XVIII.º seculo. Tanto no exterior como no interior tudo o que não é oiro, bronze ou mosaico é incrustado de marmore oriental. Além das suas grandes portas de bronze e dos seus soberbos mosaicos; o vestibulo encerra, á direita, a capella Zeno, cujo altar, considerado como uma obra-prima, é adornado de profusão de columnas e estatuas de bronze de exquisito lavor. No centro está o monumento do cardeal Zeno, com a sua estatua de bronze deitada sobre o tumulo.

Quando se transpõe o umbral do templo, experimenta-se um sentimento analogo ao da rainha de Sabá, testemunha das magnificencias de Salomão. A' vista daquellas abobadas d'oiro, daquelle pavimento de jaspe e porphyro, daquellas quinhentas columnas de precioso marmore, de bronze, alabastro, verde antigo e serpentina, daquelles baixos-relevos de bronze, obras-primas de Sansovino, Ticiano Minio, Zuccato e Pietro Lombardo, fica-se espantado, silencioso, immovel.

O meio clarão que allumia todas estas ma-

gnificencias, augmenta a impressão e leva ao recolhimento. A gente prostra-se, ora, é feliz por ver as mais ricas creaçoens reunidas ao genio para cantar a gloria do Creador.

A pia d'agua benta de porphyro tem por base um altar antigo de esculptura grega, adornado de delfins e tridentes. O mosaico da pia baptismal, representando o Baptismo de Nosso Senhor, é obra do XII.º seculo cheia de estro e calor. No transepto brilha o magnifico Oratorio da Cruz. Finge a forma d'uma tribunasinha sustentada por seis ricas columnas, por cima das quaes se admira o celebre mosaico do Paraizo. Alli se acha a mais bella das numerosas columnasinhas de S. Marcos: é de porphyro preto e branco. Não posso deixar de indicar os dois pulpitos de marmores preciosos, sustentados por columnas de grande valor, que se erguem á entrada do côro; os assentos adornados de marchetarias; os baixos-relevos e as figuras de bronze que adornam as balaustradas, assim como os ornatos de marmoré e a porta de bronze da sacristia, obras-primas de Sansovino, que lhe custaram vinte annos de trabalho. Quatro columnas de marmore grego ornadas de baixos-relevos sustentam a confissão de S. Marcos, e por cima do altar vê-se a famosa *Pala d'Oro*, ou *Icons Byzantine*. É um mosaico de esmalte sobre lamina d'ouro e de prata adornada de labores, perolas, camaphens e pedras preciosas. Offerece, n'uma serie de compartimentos symmetricos, os principaes factos do Velho e Novo Testamento, da vida de S. Marcos, dos Apostolos e dos Prophetas, com inscripçoens gregas e latinas. A *Pala d'oro*, executada em Constantinopla, é um antigo monumento da arte no Oriente, pelos fins do seculo X.º

Mas para que estão reunidas tantas riquezas? Que edificio é este em favor do qual põe Veneza a contribuição o Oriente e Occidente, a natureza e o genio? Como todos os grandes povos foram povos religiosos; assim os seus *mais bellos monumentos* são os monumentos sagrados. Tal é aquelle que nos occupa e cuja origem cumpre explicar. Em toda a idade media, as naçoens do Occidente mostraram extremo ardor em trazer do Oriente os corpos dos martyres. Aos olhos da sua fé tam pura, porque era tam ardente e simples, as reliquias d'um santo eram um thesoiro mais precioso que o oiro e as pedras preciosas. O seu proprio interesse se combinava com um impulso mysterioso da Providencia. O Oriente devia acabar por cahir sob o jugo mahometano; e Deus não queria abandonar os ossos sagrados dos seus Apostolos e dos seus martyres ás profanaçoens dos Infieis. N'esta caça ás reliquias, para empregar a expressão d'um auctor contemporaneo, os Francezes, filhos primogenitos da Igreja, occupavam o primeiro logar (1). A Italia e Veneza sobretudo ardião no mesmo zelo.

Ora, em 826, seis navios desta republica estacionavam no porto d'Alexandria: os Sarracenos eram senhores da cidade. Todavia os commerciantes de Veneza tinham liberdade de lá entrar para negociarem. Alguns delles visitavam assiduamente a igreja onde reposava o corpo de S. Marcos, discipulo de S. Pedro e apostolo de Egypto. Um religioso e um sacerdote velavam

[1] Francos... sanctorum corporum cupidissimos venari, etc. Vid. Bar, an. 826, n. 33, t. IX.

pela guarda do seu tumulo ; porem todos os dias expostos ás avanhas dos turcos , temiam ver despedaçar o tumulo do santo evangelista e as suas cinzas lançadas ás chamma. As suas lagrimas e inquietações não foram por muito tempo mysterio para os commerciantes venezianos. Estes não hesitaram em pedir-lhes o corpo de S. Marcos, a fim de o pôrem em logar seguro. Os guardas recusaram-se a principio a isso ; por fim , depois de muitas difficuldades d'uma parte , e supplicas da outra , foi promettida a concessão. O supplicio de um religioso que subtrahira um monumento sagrado á brutalidade dos Sarracenos , apressou o cumprimento della. Extrahido do tumulo pelo religioso Stauracio e pelo sacerdote Theodoro , o corpo sagrado foi mettido , envolvido em seda , n'um comprido cesto , debaixo d'uma espessa camada de legumes e carne de porco , a que leem horror os Mahometanos. Os Venezianos recebem o precioso deposito e se dirigem para os seus navios. Quando iam andando , são detidos pelos Infieis , que exigem ver o que elles levam. A' vista das carnes immundas , os Turcos lhes escarram do rosto e se afastam gritando : *Canzir, canzir*: « Porco , porco. » Chegados aos vasos , os piedosos venezianos envolvem as santas reliquias nas velas do navio e levantam ferro a toda a pressa.

Bem depressa são transportadas para o convez e depositadas n'uma elegante capella. Em volta do corpo ardem dia e noite tochas e perfumes. Durante toda a viagem , dois religiosos , Stauracio , um dos guardas , e Domingos , peregrino de Jerusalem , psalmodiam hymnos e orações , em tanto que brilhantes milagres annunciam a presença do Apostolo. Finalmente chegam

às aguas de Veneza. Informada da feliz conquista, toda a cidade acode ao porto; o bispo, de vestidos pontificaes, acompanhado de todo o clero e do senado, recebe as preciosas reliquias e as leva solemnemente para o palacio do Doge. Logo poem mãos à obra para edificar um templo digno do Apostolo de Jesus Christo: S. Marcos ergue-se, resplandecente de doirados e mosaicos, marmore e pinturas. Mil vezes mais glorioso em vida e em morte que Cesar ou Alexandre, o conquistador evangelico é depositado na esplendida Basilica. « Mas, accrescenta o historiador, os venezianos, ciosos de possuirem tam grande thesoiro, tomaram todas as especies de precauçoens para impedir que elle lhes fosse roubado. Sabendo que os Francezes eram omnipotentes no Occidente, e de extrema avidez de corpos santos, que iam buscar a todas as partes, depositaram as reliquias de S. Marcos na Basilica erguida em honra sua, porem n'um lugar desconhecido dos estrangeiros (1). »

Da igreja, passamos ao Thesoiro. E' um dos mais ricos e vastos relicarios do mundo. Alli, estão vasos sagrados, patenas, um frontal d'altar coberto de pedras duras orientaes; varios bocados da verdadeira cruz, um cravo, a esponja, a canna, instrumentos da Paixão do Salvador; a faca que serviu ao Filho de Deus na occasião da Cêa e em cujo cabo se distinguem algumas letras hebraicas tam apagadas, que Montfaucon não as pôde ler, finalmente, dois candalabros, obras-primas da

(1) Baron. *Ann.* 826, n. 33, t. IX. — Este lugar foi descoberto em 1094. Vide Boldetti, *Osservaz.*, etc., lib. I, 649, p. 309.

ourivesaria byzantina, que mereceriam por si sòs que se visitasse o Thesoiro.

Ao atravessarmos a praça de S. Marcos e a *Piazzetta*, saudamos os quatro famosos Cavallos de Corinthe, collocados no vestibulo da egreja, os dois pilares trazidos de S. João d'Acre e cobertos de caracteres cophtas: finalmente, o Leão de S. Marcos, emblema nacional do antigo poder de Veneza, tornado a collocar em cima da sua columna depois de ter adornado o caes dos Invalidos. D'alli, ao palacio do Doge, não ha mais que um passo.

Este grave edificio, com suas altas paredes, suas galerias orientaes, seu aspecto sombrio e severo, sua escadaria dos Gigantes e sua ponte dos Suspiros, representa muito bem o governo e a duplice vida da poderosa republica. Palacio, tribunal, prisão, inspira não sei que sentimento de terror que exaggeram ainda mais as narraçoens mentirosas de varios escriptores. Felizmente que se recordam não só os elogios dados por Comines ao governo veneziano, como o juizo do grande conde de Maistre: « A respeito das crueldades censuradas ao Tribunal dos Dez, tenho, diz elle, a desgraça de as não acreditar muito. Como a Inquisição religiosa d'Hispanha, a Inquisição publica de Veneza poderia muito bem ter reinado sobre as imaginaçoens, por não sei que terror suavizado, todo composto de recordaçoens phantasticas, que não tinham outro effeito que o de manterem a ordem poupando o sangue (1).» Em quanto ao mais, visitamos por meudo os Chumbos

(1) *Carta II sobre a Inq.*, p. 66.

e os Poços, reservando para vermos àmanha a parte brilhante do palacio.

Os Chumbos, tornados celebres pela narração de Silvio Pellico, são prisões situadas nos topos do castello, cujo tecto é de chumbo. Sem duvida o preso devia soffrer alli; todavia ha entre o tecto das cellas e o tecto do edificio um vão e uma corrente d'ar sufficiente para temperar o excesso do calor. Do lado do mar a vista é arrebatadora. Os Chumbos estavam vastos de presos, e no quarto de Silvio encontramos um locatario satisfeito que preferia este aposento elevado a muitos outros talvez mais elegantes, mas de salubridade menos perfeita.

Os Poços são as prisões baixas. Formavam varios andares dos quaes dois ainda subsistem. Percorremos estes antigos carceres, e em que peze aos romancistas, não estão situados debaixo do canal, e nunca se navegou sobre a cabeça dos criminosos. Estes carceres, de fortes pedras de cantaria, revelam até um pensamento d'humanidade que nem sempre se encontra nas prisões modernas. A maior parte são guarnecidos de taboens de carvalho e d'uma cama elevada acima do solo, para evitar a humidade.

Accrescentai que nunca nenhum preso alli foi carregado de cadeas, especie de privilegio talvez unico na historia das prisões. Accrescentai, finalmente, que sobre a grande galeria que commuica com os Poços e pela qual passavam e tornavam a passar todos os dias o doge, o senado e os inquisidores, está a bulla tam tocante de Urbano VIII que concede grandes favores espirituaes a todos aquelles cuja charidade alliviar, ainda que fracamente, os presos. Recordai-vos de que aquelles magistrados e-

ram christãos animados da fé da idade media, e podereis affirmar, sem temor d'erro, que os Poços de Veneza foram *um pouco menos* horriveis que as outras prisoes do mesmo tempo.

O testimonho pelo menos negativo daquelles que os habitaram parece confirmar esta inducção. Ao clarão d'um brandão lemos multidão d'inscripções traçadas a giz vermelho nas paredes dos carceres. Bem que manifestem, com livre energia, as disposições pessoas dos seus auctores, não ha nenhuma que exprima a queixa. A resignação, a prudencia, a coragem, e a desconfiança dos homens, taes são as qualidades que se recommendam uns aos outros os moradores destas sombrias habitações (1).



12 d'Abril.

Continuação do palacio do Doge. — Pinturas. — Bibliotheca. — Palacio das Bellas-Artes. — Eschola veneziana. — Palacio Barbarigo. — Grimani. — Busto de Beatriz. — Arsenal. — O Bucentauro.

• A gloria e o esplendor passados de Veneza

(1) Eis algumas dessas maximas. No carcere n.º V, ao rez doç hão lê-se:

*Maledictus homo qui confidit in homine.
Soli Deo honor et gloria.*

No carcere n.º IX, ao rez do chão:
*Non ti fidar d'alcuno penza, e taci
Se fuojr vuoi dei spioni insidie, e taci*

brilham por toda a parte no palacio do Doge: immensos quadros do Ticiano, do Tintoreto, de Paulo Veronese e de outros habéis mestres, recordam as grandes acçoens da sua historia; uma especie de patriotismo respira n'essas bellas pinturas. Veneza apparece sempre n'ellas como o emblema da força, da grandeza e da belleza: é uma deusa poderosa que quebra cadêas, e recebe as homenagens das cidades sujeitas; está no ceu no meio das estatuas dos santos e das santas; vê-se entre a Justiça e a Paz; está rodeada das Virtudes, coroada pela Victoria, ou apparece nas nuvens no meio da multidão das divindades: a allegoria perde a sua frieza ordinaria, pois se torna alli a expressão d'um sentimento d'orgulho e amor da cidade.»

Depois desta apreciação geral, examinamos em particular as pinturas da sala do grande Conselho. A' direita, ao entrar, está o immenso quadro da gloria do Paraiso, obra da velhice do Tintoreto. Apesar da especie de confusão que parece reinar nas numerosas figuras, é ainda uma obra-prima de primeira ordem. As pinturas que cobrem inteiramente as paredes e o tecto, independente-

*Il pentirti, il pentirti nula giova,
Ma ben del valor tuo fa vera provà.*

—
*De chi me fido guardami l'adio;
De chi me non fido me guardaro io.*

—
*Un parlar poco ed un
Negar pronto ed un
Pensar il fine pot dar la vita
A noi altri meschini. 1605.*

mente da sua belleza, offerecem grande interesse debaixo do ponto de vista historico, pois representam os fastos da republica veneziana e os successos religiosos, politicos ou militares que tiveram mais influencia sobre os destinos das naçoens europeas. Notam-se, entre outras, a Volta do doge André Contarini depois da victoria ganha aos Genuезes, e a Apotheose de Veneza, duas obras-primas de Paulo Veronese: a Primeira Conquista de Constantinopla por Dandolo, de Palma o moço; e o Combate naval em que Ottão, filho do imperador, foi feito prisioneiro pelos Venezianos, de Domingos Barbaro.

A sala do grande Conselho é hoje a Bibliotheca de S. Marcos. Nunca livros alguns foram mais magnificamente alojados, a não serem os do Vaticano. Petrarca e o illustre Cardeal Bessarião foram, um o fundador, e outro o bemfeitor insigne da Bibliotheca de Veneza, que conta uns setenta mil volumes. O Principe da Igreja deu a sua rica colleccção de livros gregos e latinos, a fim de que os seus infelizes compatriotas não menos que os Europeus podessem tirar della abundantes fructos.

Os desejos do benefico cardeal não foram estereis. Não só Veneza se distinguiu longo tempo pelo seu amor às letras e às sciencias, mas tambem fez participar a Europa inteira dos seus ricos thesoiros. Os trabalhos dos tres Aldos, primeiros impressores de livros gregos, e a multiplicidade das suas edicoens, estenderam o beneficio de Bessarião: as edicoens d'Aldo o velho teem a auctoridade dos manuscriptos.

A fim de darmos a cada qual o que lhe pertence, é justo dizermos que elle foi, assim como os seus descendentes, zobrememente animado pelos

Summos Pontifices, especialmente por Paulo IV e Clemente VIII. O primeiro encarregou Paulo Manuccio de imprimir as obras dos santos Padres, e lhe confiou a imprensa do Capitolio; o segundo, entregou a Manuccio o moço a direcção da imprensa do Vaticano. Não ha um só progresso util a cuja testa se não ache o papado. Dois manuscriptos attrahiram principalmente a nossa attenção: um Evangeliario, que conta perto de mil annos, e as Actas do Concilio de Chalcedonia, manuscripto in-folio do XIV.º seculo, proveniente do Cardeal Bessarião.

Demos o resto do dia á visita das Galerias, dos Museus publicos e particulares, e do Arsenal. Na impossibilidade de descrever todos os objectos d'arte que elles encerram, contentar-me-hei com dizer que Veneza é para o artista uma mina d'um valor e d'uma riqueza inesgotavel. Todavia, pondo de parte os mosaicos de S. Marcos e as pinturas de varias egrejas, a maior parte das obras pertencem á renascença. Deve-se tambem exceptuar o palacio Manfrino que conserva, n'uma galeria separada, as obras dos antigos pintores Cimabue, Giotto e Montagna. Porem a escola veneziana, representada pelos irmãos Gentile e Giovanni Bellini, pelo Giorgione, Ticiano, Tintoreto e Paulo Veronese, foi, sem contradicção, a primeira pelo que toca ao colorido e pelo *acabado* ao mesmo tempo energico, nobre e severo. Na Academia das Bellas-Artes nota-se sobretudo S. Marcos operando um milagre para libertar um escravo, quadro clasico do Tintoreto; as Bodas de Caná, a mais bella obra de Padovantino; a Santa Virgem n'um throno com o Menino Jesus, de Paulo Veronese. O palacio Barbarigo offerece a celebre Magdalena do Ti-

ciano; e o palacio Manfrino, a Descida da Cruz do mesmo pintor. Uma Galeria de familia pintada pelo Ticiano e Paulo Veronese, com um Museu cheio de estatuas antigas, inscripções e bronzes, fazem o palacio Grimani digno de Roma e Napoles. Junto da praça de S. Marcos, a Piscina de san *Mosè*, morada do conde Cicognara, possui o busto da Beatriz do Dante, obra-prima de Canova.

Veneza, que acabava de se mostrar tam graciosa, tam brilhante, tam rica em suas galerias, seus museus e seus palacios, nos appareceu poderosa e formidavel no seu antigo arsenal. Eis, à entrada, os dois gigantesco leões de marmore do Monte Hymeto, roubados d'Athenas por Morosini, intitulado o Peloponesio. Por cima da porta está a graciosa estatua de Santa Justina, monumento da victoria naval ganha aos Turcos pelos Venezianos, no dia da gloriosa martyr, em 1571. Nas salas, perfeitamente conservadas, contempla o viajante francez com respeitosa commoção a armadura d'Henrique IV, da qual o bom rei fez presente á republica, no dia em que foi admittido no numero dos nobres venezianos. O christão para diante dos capacetes dos cruzados companheiros do celebre Dandolo, e diante dos compridos e brilhantes estandartes tomados aos Turcos na batalha de Lepanto. Finalmente, examinamos com viva curiosidade o pequeno modelo do Bucentauro, que recorda a festa mais brilhante e popular de Veneza.

Reinha do mar, Veneza, no tempo do seu esplendor, renovava todos os annos, aos olhos da Europa inteira, a consagração do seu imperio. O Doge desposava o mar: casamento a um tempo militar e religioso, que produzia, durante longos

seculos, gloriosos fructos de salvação para as naçoens occidentaes. Não se deve esquecer que foi do arsenal de Veneza que sahiram as numerosas frotas que, oppondo-se á invasão sempre ameaçadora dos Turcos, salvaram a civilisação da Italia. Veneza foi no mar para o Meiodia da Europa, o que a Polonia foi em terra, para os paizes do Norte. A alliança da religião com a coragem do seu povo, tal foi a causa do seu poder. Que coisa mais justa do que reconhecê-la e renovar as condiçoens della n'uma festa solemne (1)! O *Bucentauro* servia para a cerimonia. Era uma galera magnifica, scintillante de doirados, de cem pés de comprimento por vinte e dois e meio de largura.

O dia da Ascensão era escolhido para os Esponsaes do mar. Na primeira ponte do navio contavam-se cincoenta e dois remos, vinte e seis de cada lado; em tanto que a segunda ponte formava uma vasta sala, ornada de esculpturas doiradas d'uma extremidade á outra, tapetada de velludo e fechada com bellas vidraças. As esculpturas representavam os attributos das Virtudes e das Estaçoes: eloquente reunião que indicava o imperio da religião sobre a natureza e sobre os elementos. Ao fundo da sala erguia-se a cadeira do Doge, brilhante de doirados e cercada dos as-

(1) A cerimonia dos esponsaes foi estabelecida em 1275, em consequencia d'algumas contestaçoes entre os Bolonhezes e os Anconitanos d'uma parte, e os Venezianos da outra. Estes, vencedores dos seus rivaes, quizeram provar, com uma cerimonia annual, a sua soberania sobre o Adriatico.

sentos dos senadores e dos ministros estrangeiros. Ao som dos sinos e ao estampido do canhão, ao tanger da musica e ás acclamaçoens de todo o povo, sahia o *Bucentauro* do Arsenal na vespera da Ascensão, e lançava ferro diante da praça de S. Marcos, esperando a cerimonia.

No dia seguinte, todos os navios do porto, ricamente empavezados, rodeavam o *Bucentauro*, e formavam um brilhante cortejo. O Patriarcha de Veneza, o Doge e todos os senadores, de grande gala, subiam ao real navio, que caminhava ao mar largo, até alguma distancia do Lido. Alli, no meio dos cantos do clero, á vista de todos os embaixadores, que pareciam, com sua presença, reconhecer este acto de posse, caminhava o Doge magestosamente para a ponte, e despozava o mar lançando-lhe um anel d'ouro e dizendo: « Nós te despozamos, nosso mar, em signal da verdadeira e perpetua dominação que temos sobre ti. » Acclamaçoens unanimes saudavam a renovação da alliança. Oito dias depois da cerimonia, voltava o *Bucentauro* ao Arsenal. A historia de Veneza está cheia de factos brilhantes que mostram com que generosa fidelidade os esposos do Adriatico guardaram o seu contracto. Se faltar memoria ao viajante, póde seguir-nos amanhã na visita das egrejas. Alli verá com seus proprios olhos os numerosos monumentos que repetem a varonil coragem e as uteis façanhas dos nobres Veneziannos contra o mais formidavel inimigo da civilisação europea, o Islamismo.

13 d'Abril.

Egrejas *della Salute*, — *Dei Frari*, — de S. Pedro. — Recordações de S. Lourenço Justiniano. — Idêa do governo veneziano. — S. João e S. Paulo. — Monumento de Marco Antonio Bragadino. — S. Jorge Maior. — Altar-mor. — Inscrição relativa a uma indulgencia. — Recordação de Pio VII. — Monumento do doge Micheli. — Capella dos Franciscanos. — Recordações de S. Marcos.

Possue Veneza tantas bellas egrejas e soberbos mausoleus, que quasi delles nada direi. A egreja de Santa Maria *della Salute*, visinha do seminario patriarchal, interessa muito menos pelas suas cento e cincoenta estatuas e pelo seu grande candelabro de bronze, o mais bello do Estado Veneziano depois do de Padua, como pelos tres sublimes quadros do Ticiano: *a Morte d'Abel*, *o Sacrificio d'Abrahão* e *David matando Golias*. Na egreja do Redemptor brilha o genio de Valla-dio, o Vitruvio dos tempos modernos e o restaurador da architectura na Italia. Santa Maria *dei Frari* possue diversos magnificos mausoleus: entre outros o do general Bento Pesaro; o do doge Foscarri, morto em 1457; do bravo Sebastião Veniero, um dos tres almirantes que commandavam em Lepantho; o monumento Orsini, de elegante e nobre simplicidade, e o de Canova. Na ampla e antiga egreja de S. Pedro, vê-se a cadeira de marmore, em forma de poltrona, que a tradição diz ter servido a S. Pedro, em Antiochia; e o magnifico quadro de Bellucci mostra S. Lourenço Justiniano que livra Veneza da peste.

Tudo falla ainda, em Veneza, deste grande Santo, orpamento do episcopado e gloria da pa-

tria. O primeiro pensamento do viajante catholico é para o immortal patriarcha, como um dos seus primeiros passos é a visita do seu tumulo. Ao percorrer as ruas, pontes e lagoas, crê-se divisar, a cada passo, essa grande e doce figura ante a qual se detinha, silenciosa, a multidão tumultuosa e agitada; crê-se ouvir esse nobre filho dos Giustiniani, coberto do habito de borel dos religiosos do S. Jorge, pedindo esmolla áquelles que ha pouco o tinham visto percorrendo o grande canal nas doiradas gondolas da sua illustre familia; a gente o vê, parando no umbral do palacio materno, rogando aos criados de seu pai dêem ao pobre de Jezus Christo os restos da mesa. A' voz de seu filho, a piedosa mãe sentia as entranhas commovidas, e mandava lhe dessem tudo quanto elle pedisse e ainda mais; porem o joven Santo não recebia senão dois paens. Depois do quê desejava a paz áquelles que o haviam soccorrido e se retirava como se fosse um estranho.

Feito, apesar das suas protestaçoens e lagrimas, bispo de Veneza, foi ao mesmo tempo o Vicente de Paulo e o Carlos Borromeu da sua diocese e do seu seculo. Para honrar tantas virtudes, o papa Nicolau V ligou a dignidade patriarchal á sé de Veneza. Sempre humilde sob a purpura, sempre pobre na abundancia, salvou Lourenço a patria pelo poder das suas oraçoens; e deixou-lhe, ao morrer, um d'aquelles exemplos sublimes que valem mais para a prosperidade dos Estados do que brilhantes victorias. e Que que-reis fazer? disse elle aos seus criados todos occupados a preparar-lhe um leito menos duro que a barra de que elle se servia. Perdeis o tempo, o meu Senhor morreu estendido n'uma cruz. Não

vos lembraes que S. Martinho dizia, na sua agonia, que um christão deve morrer sobre a cinza e o cilicio? » E quiz' morrer deitado n'uma pouca de palha. Quanto ao seu testamento, como havia de o fazer, se não possuia nada? Concluido quiz testar; foi para legar a sua bella alma aos seus diocesanos, exhortando-os todos à virtude; e o seu corpo ao convento de S. Jorge, mandando enterral-o como o d'um simples religioso.

Os Giustiniani, que se crê descenderem dos imperadores Justino e Justiniano, eram uma das quatro familias venezianas chamadas *Evangelistas*. Este nome extraordinario revela a economia profundamente catholica do governo de Veneza. Este governo era uma monarchia electiva. Investido por toda a vida do poder de decidir a guerra ou a paz, de commandar os exercitos, de nomear para as funcçoens publicas e de presidir ao senado, o Doge era nomeado pela nobreza. Esta dividia-se em quatro classes: a primeira, das familias que descendiam dos doze tribunos pelos quaes foi eleito o primeiro Doge em 709, e que, por uma especie de prodigio, subsistiram até ao fim da republica. Eis os seus nomes gloriosos nos fastos religiosos e militares da Europa: Contarini, Badoera, Morosini, Grasenigo, Tiepolo, Micheli, Sannudo, Memo, Faliero, Dandolo, Polano e Barozzi. Estas primeiras familias electoraes eram comparadas aos doze Apostolos.

N'esta classe havia ainda quatro familias, comparadas aos quatro Evangelistas. Quasi tam antigas como as precedentes, assignaram com ellas a fundação da grande igreja de S. Jorge Maior, no anno de 800. São: os Giustiniani, os Cornaro, os Bragadino e os Bembo.

A segunda classe compunha-se das familias cujos nomes se achavam inscriptos no livro d'ouro ou registro da nobreza, lavrado no anno de 1289.

A terceira era formada daquelles que, posteriormente a esta epocha, haviam comprado os seus titulos de nobreza por cem mil ducados. Assim, em Veneza como na nossa antiga monarchia, toda a gente se podia fazer nobre. Bastava ter adquirido a independencia domestica e mostrar que d'ahi em diante se achavam em estado de se dedicarem ao serviço publico da sociedade: pois qué! havia coisa alguma mais moral? N'esta lisonjeira recompensa encontrava o cidadão um premio de estímulo à virtude, ao bom comportamento, ao trabalho, e ao espirito de sacrificio. Pela sua parte, esta longa prova offerecia à sociedade preciosas garantias de nobreza de sentimentos, probidade e desinteresse n'aquelles a quem ella admittia ao desempenho dos empregos publicos.

A quarta classe comprehendia aquelles que tinham sido agregados ao senado de Veneza.

Do corpo da nobreza eram tirados os *Sabios* que eram como os ministros da republica. Recordavam os sete diaconos primitivos de Jerusalem e os diaconos regionarios de Roma. Esta bella e forte gerarchia á qual deveu Veneza mil e duzentos annos de gloriosa existencia, pereceu aos golpes da revolução franceza. Sabendo a morte do capitão de navio Langier, Bonaparte exclamou: « A Republica Veneziana viveu. » A 10 de maio de 1797 um dos seus logar-tenentes, o general Baraguay d'Hilliers, entrou na cidade, e desembarcou na praça de S. Marcos. Queimaram-se

publicamente o Livro d'Oiro e todas as insignias do poder derribado.

A S. Pedro succedeu S. João e S. Paulo. Este soberbo templo, vasta Basilica da idade media, de vidraças ao mesmo tempo brilhantes e sombrias, toda resplandecente de pinturas do Ticiano, Vivarini, Bellino, Corona, e das esculpturas de Pietro Lombardo, Barthel, Grapiglia e Taglia Pietra de Torreto, mestre de Canova, é um monumento nacional cheio dos magníficos mausoleus dos doges, dos senadores e dos homens grandes de Veneza: é o S. Diniz da republica. Notam-se, desde logo, os monumentos dos doges Pedro e Thomaz Monnigo, sob os quaes Veneza chegou ao apogeu do seu poder; o do doge Leonardo Loredano que instituiu o Conselho dos Dez e os Inquisidores d'Estado; o do general Pompeu Giustioniani, morto no campo de batalha, em 1616; os dos doges Thomaz e João Monnigo, do XV.º seculo, obras-primas de gosto e execução; finalmente, o mais bello, o mais elegante e o mais rico de todos os mausoleus de Veneza, o do André Vendramini, morto em 1479.

Ha outro tumulo diante do qual se para com um sobresalto religioso, como se faria diante do *loculus* d'um martyr: é o de Marco Antonio Bragadino. Havia tres mezes que o bravo capitão, á testa d'uma guarnição de sete mil homens, defendia Famagusta contra todo o exercito ottomano: era em 1571. Nos primeiros dias de maio uma mina, aberta pelos Turcos, rebenta subitamente, abala toda a cidade e derriba parte das muralhas. Os sitiadores tentam um assalto geral; porem mallogra-se. Cinco vezes, no espaço de seis semanas, voltam ao ataque, e outras cinco

são repellidos. Infelizmente a guarnição vê-se atacada por um inimigo contra o qual era impotente todo o valor: a fome. Bragadino resigna-se a capitular.

Mustapha Pachá, que comanda o sitio, concede-lhe as condições mais honrosas e testifica-lhe toda a sua admiração por sua generosa defesa: mas essas demonstrações hypocritas não duram muito tempo. O barbaro faz amarrar o valente general, e manda, por em quanto, cortar-lhe o nariz e as orelhas. Dez dias depois, faz-o passear ignominiosamente pelas ruas d'aquella cidade que elle tam gloriosamente defendeu. Finalmente, chegado á praça publica, é preso a um poste e depois deitado em terra e esfollado vivo. Sem deixar escapar uma só queixa, recita Bragadino o *Miserere* no meio das suas horriveis torturas; e ao pronunciar este versiculo: « Concedei-me, Senhor, um coração puro, » este grande homem exhala o ultimo suspiro. Não contente com este horrendo supplicio, manda Mustapha, em sua selvagem ferocidade, que o corpo do heroe seja esquartejado e que a sua pelle seja cheia de palha para ser passeada irrisoriamente em uma vacca pelo campo e pelas ruas da cidade. Este nobre despojo é depois pendurado na verga d'uma galera, enviado ao sultão e exposto na calceta de Constantinopla á vista dos escravos christãos. Porem estes preciosos restos foram de novo comprados ao vil Pachá e postos no tumulo que está diante de nós. Deixo que pensem que commoção faz sentir a presença da reliquia do heroe de Veneza e da inscripção que recorda o seu terrivel supplicio (1).

(1) Segundo o abbade Mariti, na sua *Viajem*
10

De S. João e S. Paulo passamos a S. Jorge Maior. Nobre obra de Palladio . forma esta egreja uma grande cruz latina , adornada de onze altares. As suas principaes riquezas são os duas magnificas columnas de marmore grego com veios que decoram a porta d'entrada ; um Crucifixo de madeira , dado por Cosme de Medicis , durante o seu exilio ; seis quadros do Tintoreto : o Martyrio d'alguns santos , a Coroação de Santa Virgem , a Ceia , o Manná no deserto , a Resurreição e o Martyrio de S. Estevam. O altar-mor , executado por Campagna pelos desenhos do Aliense , é um monumento de primeira ordem. Quatro estatuas de bronze , representando os quatro Evangelistas , sustentam um globo sobre o qual se eleva o Cordeiro dominador do mundo , bella e harmoniosa composição que exprime nobremente o triumpho do Evangelho: obra-prima da arte, comparada com o Jupiter Olympico de Phidias, e collocada com razão acima da cadeira de S. Pedro, do Bernino. •

Não contente com ser artista, o viajante, cuja opinião acabo de citar , quer ser theologo. A proposito d'uma inscripção gravada em uma das pilastras , dispára a tirada seguinte contra o papado: « Esta inscripção parece levar muito longe a doutrina das indulgencias , pois diz : *O perdão de todos os crimes é concedido áquelle que visitar esta egreja* ; inscripção eloquente, contemporanea da S. Bartholomada , e que respira demasiado o espirito pontificio do tempo (1). » Erro , absurdo ,

de Chypre , a defeza de Famagusta custou aos Turcos setenta e cinco mil homens.

(1) *Viajem á Italia* , por M. Val... , t. I , liv. VI ; t. XV. , p. 336.

calúmpnia , insinuação perfida: eis o que se encontra n'esta declamação *eloquente, contemporanea* de Voltaire , e que *respira demasiado o espirito philosophico do tempo.*

Erro ; é falso que a inscripção de S. Jorge leve mais longe que as outras formulas pontificias de todos os tempos , a doutrina das indulgencias. Longe de prometter o perdão de todos os crimes, como o auctor pretende , não promette o perdão de crime algum. Promette somente a remissão da pena temporal devida ao peccado , o que é muito differente. Com effeito , como condição da indulgencia que annuncia , ella estipula , primeiro que tudo , a expiação do peccado.

Absurdo ; traduzida pelo auctor , a inscripção quer dizer : *Aquelle que tiver expiado os seus peccados, receberá o perdão de todos os seus peccados visitando esta egreja.* Como pôde o auctor , que se dá ao trabalho de referir a inscripção inteira, cahir em semelhante contra-senso ? Póde-se ignorar até tal ponto a lingua da Egreja , ou deixar-se arrastar , contra a evidencia e o interesse da sua reputação , ao prazer de disparar uma frecha contra o papado ?

Calúmpnia ; é licito , em pleno XIX.º seculo , a um *bibliothecario real*, imputar á religião , ao papa e ás suas doutrinas a matança da S. Bartholomada ? É esta a sciencia e a philosophia contemporanea ?

Insinuação perfida ; esta inscripção , diz o auctor , *respira demasiado o espirito pontificio do tempo* Ou esta phrase não tem sentido , ou quer dizer que no XVI.º seculo o papado , dominado pelo genio da ambição , fomentava as matanças dos herejes , a rebelião dos vassallos contra os prin-

cipes inimigos da Igreja, e os crimes que são o resultado ordinario das perturbaçoens sociaes, promettendo o perdão de todos estes crimes, com a condição de se visitar tal ou tal igreja. Eis todavia de que modo um grandissimo numero de viajantes na Italia, sabendo-o ou sem o saberem, desfiguram, uns n'um ponto, outros n'outro, os actos pontificios, entregam a religião ao desprezo, e espalham e fortificam contra ella odientos prejuizos (1).

Se o artista entra com amor em S. Jorge Maior, o christão não penetra lá senão com profundo sentimento de respeito, reconhecimento e admiração. E' este o templo eternamente glorioso onde foi renovada, em contrario de todas as previsões

(1) A fim de pôr os documentos do processo ante os olhos do leitor, vou transcrever a inscrição tal qual é, e tal como o mesmo auctor a refere :

Quisquis criminibus expiatis
Statas precans preces
ad
XII Kal. aprilis
Ædes hæcæ supplex
inviserit
Is
Veniam scelerum
Maximam consequaturum
se sciat
Gregorius XIII
Pont. max.
Sacram eam diplomate
tribuit.

humanas e de todas as prediçoens da impiedade triumphante, a interrompida cadeia dos Summos Pontifices. Pio VI tinha morrido em Valença; e a philosophia anti-christan entoara o hymno funebre do papado. Diante dos batalhoens revolucionarios, todos os membros do Sacro Collegio se tinham dispersado: senhores da Italia, faziam os francezes impossivel o conclave. E eis que a Providencia colhe com uma mão o moço guerreiro cuja presença estorva a sua acção, e o lança para as extremidades do Oriente; e com a outra, conduz os Ingleses e os Russos que expulsam os Francezes da Italia. Um relampago brilha entre duas tempestades, e este instante basta ao Arbitro Supremo para cumprir a sua obra: Pio VII é sagrado em S. Jorge. Voltam agora o consul Bonaparte e as suas legioens victoriosas, que importa? a Egreja tem um chefe; a obra divina está salva, salva apesar de todos os desejos e de todos os furors da iniquidade. O retrato de Pio VII, collocado em S. Jorge, repete em toda a sua extensão este drama memorando.

O tumulo do doge Domingos Micheli, o S. Bernardo e o Godofredo das cruzadas venezianas. recorda outro. Dir-se-hia que a Providencia quiz approximar estas duas recordaçoes no mesmo lugar, para fazer brilhar com mais fulgor a sua acção perpetua sobre a Egreja. A' frente dos seus duzentos navios, Micheli, vencedor de Jaffa, conquistador de Tyro e Ascalon, e terror dos Gregos, foi um dos principaes instrumentos de que Deus se serviu para repellir a barbaria musulmana na grande lucta da idade media.

A nossa peregrinação terminou em S. Francisco *della Vigna*. Esta vasta egreja possui de-

zesete capellas, a mais rica das quaes é a capella Giustiniani, toda revestida de esculpturas de marmore. Varios mausoleus do XV.º e XVI.º seculo, bem como a Resurreição e a Santa Virgem, de Paulo Veronese, formam a principal riqueza desta grande Basilica. A capelloha de S. Marcos, situada no jardim do convento visinho, occupa, segundo a tradição, o mesmo logar onde S. Marcos, dirigindo-se de Roma ao Egypto, parou e ouviu uma voz divina que lhe dizia: *Pax tibi, Marce, Evangelista meus*, que os venezianos adoptaram para divisa (1).



14 d'Abril.

Charidade veneziana. — A Piedade. — Spedaletto. — S. Jeronimo Emiliani. — Casa di Ricovero. — Casa d'Industria. — Esmollas annuaes. — Ilha de Murano. — Espelhos. Perolas. — Cravo da Paixão. — Ilha de S. Lazaro. — Mechitaristas. — Partida de Veneza. — Phosphorescencia do mar. — Ultimo reflexo da gloria de Veneza. — Esquadra e batalha de Lepantho. — Nome dos navios.

Baptisando uma nação, o christianismo lhe

(1) Que S. Marcos prégasse o evangelho em Aquilêa, onde teve por successor o gloriozo martyr Hermagoras, é um facto attestado pela tradição constante; que passasse ao dirigir-se para o Egypto pelas Lagoas onde está edificada Veneza, torna verosimil um facto que a tradição dá por certo a inspecção dos logares. Vide Bar. An. 421, an. 46. Mamachi, Orig. etc. t. II, lib. II, t. 4.

imprime tres caracteres : a força , a intelligencia e a charidade. A mais poderosa das republicas modernas , Veneza , trouxe , desde a sua origem , esta gloriosa aureola. As suas victorias na Europa e no Oriente nos attestaram o seu valor ; a sua intelligencia ainda brilha nas suas egrejas , nos seus museus , nas suas galerias e nas suas recordações historicas. Debaixo destes dois primeiros aspectos , a rainha do Adriatico está decahida do seu esplendor ; porem resta-lhe a charidade , e este divino facho , que derramou um doce brilho sobre a sua prosperidade , ainda aformosea com um nobre reflexo os restos da sua desvanecida grandeza. E' consolador contemplar esta gloria que se lhe não tem podido roubar. Alem disso , se a historia religiosa e charitativa dos paizes que percorre foi , em todos os tempos , o objecto mais nobre e util do viajante , hoje novos motivos devem tornal-o sagrado. D'um lado , a indifferença religiosa e a philanthropia , que ameaçam invadir tudo e materializal-o ; por outro , o progresso do pauperismo , paralelo ao da industria , e as idéas que fermentam entre os povos , criam um situação grave , cheia de ameaças e perigos. Só a charidade pode conjural-a e vir em auxilio da sociedade. Fazer conhecer as suas obras , os seus segredos , as suas admiraveis invenções è pois um serviço tanto mais util quanto , debaixo deste aspecto , temos muito que aprender. Este pensamento , que me tem feito indicar ou descrever , em cada cidade , as instituições charitativas , me determina a fazer hoje o esboço da charidade veneziana , como farei em breve com Milão e Turia.

Das riquezas que o valor e a habilidade dos seus navegadores faziam refluir para as suas ilhas ,

deu sempre a raiha do Adriatico uma boa parte aos pobres; e nenhuma especie de miseria foi abandonada. No X.^o seculo construiu o santo doge Pedro Orseolo um hospital, em frente do seu palacio, para os innumeraveis peregrinos da Terra-Santa; um seculo depois, erguia-se outro sob o patrocínio de S. Pedro e S. Paulo, onde acharam accesso, não só os peregrinos, mas tambem os feridos a quaesquer naçoens que pertencessem; o XIII.^o seculo viu edificar, pelo filho do doge Pedro Ziani, o magnifico hospicio dos Armenios que administram ainda os Mechitaristas de S. Lezaro.

No XIV.^o seculo, foi Veneza testemunha d'outra maravilha. O tumulto das armas, o concurso de multidão d'estrangeiros, tinham produzido na opulenta cidade grande relaxação de costumes. Multiplicavam-se os nascimentos illegitimos e os abandonos tambem. Foi então que foi prégar, áquella cidade, um religioso franciscano, Pedro d'Assis, homem de apostolico zelo e ardente charidade. As suas virtudes e eloquencia não tardaram a fazel-o amar pelos Venezianos. Encontrava muitas vezes, pelas ruas, crianças expostas, e os vagidos destas pobres criaturas lhe despedaçavam a alma. Não tomando conselho mais que da sua terna compaixão, resolveu, elle estrangeiro e indigente, crear-lhes um refugio. Pede auctorização ao magistrado, e depois dirige-se de casa em casa fazendo resoar esta unica invocação: *Pietà! Pietà!*

Não foi preciso mais nada; as portas e as bolsas se abriram. Em breve centenares d'orphãos estavam livres da morte: ao seu salvador ficará o cognome de *Irmãosinho Pedro da Piedade*. De-

baixo da sua direcção, se organizam duas confrarias de homens e mulheres; os homens vão pelas ruas em busca das crianças, recolhem-as, e levam-as elles proprios para o asylo preparado, onde as mulheres lhes prodigalizam ternos cuidados. Quando Pedro morreu, em 1353, o seu piedoso estabelecimento, fundado havia sete annos, estava consolidado, e o Doge aceitava o seu padroado perpétuo. Até 1797, os mais altos patricios se honraram de o administrarem. Os Summos Pontifices tinham ligado benções especiaes a esta obra: em dia de Ramos o senado, precedido do Doge, ia visitar solemnemente a egreja para ganhar a indulgencia e depor uma rica esmolla: um Foscari deixou um legado de cem mil ducados. Os orphãos aprendiam a instrucção religioza e um officio. Os rapazes ficavam na casa até aos 18 annos e eram depois confiados a patroens que se escolhiam de preferencia entre aquelles que não tinham filhos.

Conservavam-se as raparigas até que encontrassem um honesto casamento. O mestre da capella do Doge lhes ensinava musica vocal e instrumental: distinctissimos talentos sahiram desta feliz alliança da charidade com as artes.

Sob a influencia de S. Lourenço Justiniano, foi o XV.º seculo um dos mais brilhantes na historia da charidade veneziana. O precursor de S. Vicente de Paulo excitou o zelo dos seus compatriotas, sustentou as obras existentes e preparou outras novas. Viram-se nascer no seculo seguinte. Em 1527 a fome assolava a Lombardia; o senado de Veneza tinha provisionado sufficientemente a cidade; porem esta sabia providencia fez alli refluir multidão de estrangeiros esfaimados, que se

viram em breve arrastar-se pelas ruas, macilentos, valetudinarios, extenuados, tendo apenas força de estender a mão. As entranhas de alguns homens piedosos se commoveram; improvisaram no *Busaglio* um vasto hospital temporario, para offerecer áquelles desgraçados camas, cuidados e alimentos. No anno seguinte a charidade pretendia perpetuar a sua obra do momento, e como penhor de duração fundava lá uma capella. Resolveram affectal-a aos orphãos de pai e mãe. Então vivia em Veneza um rico patricio, Jeronymo Emiliani. Tinha exercido as armas com honra e desempenhado grandes empregos; mas em breve a sua ambição se voltára para o cuidado dos abandonados e das viuvas. Corre ao *Busaglio*, e despoja-se d'um magnifico patrimonio; e, depois dos seus bens, vota a sua pessoa ao serviço daquellas pobres crianças, fazendo-se o seu cathechista e educador, seu chefe de officina e patrão da sua aprendizagem. Durante a sua estada em Veneza, S. Ignacio de Loyola e seus primeiros companheiros foram os auxiliares de S. Jeronymo Emiliani. Esta casa, que illustram tamé tocantes recordações, subsiste, graças aos proprios recursos e a uma subvenção municipal: os orphãos e as orphans são alli confiados e duas congregações differentes. Quando fordes a Veneza não deixeis de visitar lo *Spedaletto*.

Em quanto que illustres santos fundavam no *Busaglio* este precioso asylo para a infancia, uma grande peccadora fundava, em outro ponto da cidade, um refugio para as meninas expostas. Não contente com entregar-se a uma austera penitencia, para apagar alguns annos da sua mocidade, Veronica Franco quiz evitar a outras os

escolhos que ella de mais conhecêra. O *Soccorso casa Pia*, sito na freguezia de S. Raphael, recebia as pessoas que não encontravam um abrigo sufficiente no mundo e aquellas a quem conduzia o arrependimento. Numerozas sympathias foram em seu auxilio, e o grande Conselho se associou a elle, por um decreto solemne, em 1593. O regulamento exigia que as arrependidas não podessem sahir senão pera abraçar a vida religioza ou para casar. Em toda a parte, na Italia, se vê a charidade occupar-se efficazmente do futuro das crianças e das pessoas abandonadas.

Pelo mesmo tempo se fundava, em S. Lazaro, um deposito de mendicidade, que foi depois transferido para as vizinhanças de S. João e S. Paulo. Um rico negociante, Bontempio, lhe consagrou 30,000 ducados em vida, e 100,000 depois da sua morte. Juntou-se-lhe um oratorio musical que se tornou celebre e deu logar a um costume tocante. Todos os domingos se dirigia lá uma numerosa multidão, e depois de cumpridos os deveres piedozos, todos desciam ao deposito: patricios, negociantes, burguezes, ensinavam o cathecismo aos velhos e os serviam à meza.

Graças a S. Caetano de Tienna e a S. Jernymo Emiliani, os incuraveis tiveram tambem seu asylo: a velhice não foi esquecida. Visitamos com felicidade a *Casa di Ricovero*, que recebe quatrocentos velhos dos dois sexos em aposentos separados. Os doentes e os pobres são tractados como reis em Veneza. Esta cidade possue dois magnificos hospitaes, um militar, que póde receber mil doentes, e outro civil, que póde receber mil e quatrocentos. O hospital dos irmãos de S. João de Deus encerra duzentas camas affectas á clinica

cirurgica. Recebem-se tambem alli setecentos alienados. Esta casa subsiste, em parte, pela liberalidade do ultimo doge de Veneza, Marini. Morto de dor, depois da queda da republica, este homem charidozo deu a ultima prova d'affeição á patria com um esplendido legado de 100,000 ducados para repartir igualmente entre um asylo d'alienados e um asylo de crianças orphans ou abandonadas.

O hospicio dos convalescentes, *alla Croce*, completa este systema de charidade.

Restava-nos ver a *Casa d'industria*, ou officina livre de trabalho. Fundada em 1812, esta casa occupa cerca de quinhentos indigentes. Verdaderamente industrial, confecciona tapetes, toalhas, pão, e tem uma officina de lavanderia. Alem disso, é emprezaria da varredura das ruas, e da sua illuminação a oleo. Todo o pobre sem emprego é alli admittido com um attestado do parochio e do commissario de charidade.

O hospicio dos Engeitados merece tambem a attenção pela ordem e economia que o distinguem. Quatro mil crianças, perto da metade das quaes foi exposta, são alli admittidas annualmente. Todas são occupadas no campo, á excepção de duzentas, que ficam na casa. As meninas, casando, recebem um cobertor de lan e 95 libras e 75 centimos d'Italia.

Para completar este esboço da charidade veneziana, seria necessario fallar de muitas obras particulares, de estabelecimentos espalhados por quasi todas as ilhas que rodêam as lagôas, de casas de retiro annexas á maior parte das freguezias, das setenta e duas confrarias para o allivio dos indigentes de cada freguezia, da grande

confraria que fornecia a todos gratuitamente os tractamentos medicos e os remedios, e das commissoens dedicadas especialmente aos pobres envergonhados. Estas confrarias e commissoens foram reunidas, em 1814, sob uma direcção central chamada *Publica Beneficenza*. Os rendimentos fundados, os donativos annuaes poem à disposição da direcção uma quantia de 3 milhoens e 400 mil francos, somma magnifica para uma cidade de 114,000 almas, e que é empregada em distribuicoens de vestidos, camas, lenha, alimentos, e medicamentos gratuitos. Alem disso, os indigentes recebem pessoalmente 15, 20, 30 centimos por cabeça, e ainda mais, segundo as necessidades verificadas. Em Paris, a Administracção dos Hospicios não abona, para o serviço dos Escriptorios de Beneficencia, senão 1,700,000 francos (1).

Depois dos estabelecimentos de charidade vem outra gloria de Veneza, e esta foi por muito tempo um privilegio exclusivo: quero fallar da fabricacção dos espelhos. Hoje as differentes cidades da Kuropa lhe fazem formidavel concorrencia, e produzem espelhos maiores do que os de Veneza. Comtudo estes conservam, segundo se diz, uma incontestavel superioridade. Todos os espelhos de Veneza são soprados, em tanto que os bellos espelhos de Paris são vasados. D'ahi a enorme dif-

(1) Devemos a maior parte dos pormenores que precedem, ás memorias ineditas d'um Veneziano, e das quaes uma excellente collecção, os *Annaes da Charidade*, acaba de dar um extracto. 31 d'out. de 1845, p. 633.

ferença de belleza que existe entre os primeiros e os segundos. Os primeiros são mais eguaes, mais lisos, e não estão, como os segundos, sujeitos a encerrar bolas d'ar, nem a fazer apparecer uma figura mais comprida ou mais larga ou mais curta e até disforme, o que succede algumas vezes nos nossos espelhos vasados, em consequencia das partes mais ou menos espessas ou desegualmente estendidas. A inferioridade actual dos espelhos venezianos vem da sua pequenez comparativa. Os maiores não tem mais que tres pés e meio d'altura por dois pés e meio de largura. E', segundo nos dizem, tudo quanto pôde produzir mais extenso o sopro do homem.

A ilha de Murano, onde se encontram essas officinas tem afamadas, nos offereceu tambem a fabricação das perolas. Custa a comprehender como se podem dar estes lindos objectosinhos tam baratos: descrever os processos de fabricação é talvez o meio de resolver o problema. Começa-se por misturar diversas côres com os elementos ordinarios do vidro. Quando a materia está em fusão, um vidreiro introduz um longo tubo ou maçarico na fornalha. Tira um bocado de materia que apresenta ao maçarico d'outro operario; ambos os vidreiros sopram cada um do seu lado, e a materia atravessada pelo ar, forma uma especie de manga. Logo duas crianças se apoderam dos maçaricos e se apartam correndo cada uma em sentido opposto. A materia vidrosa, que está molle, allonga-se infinitamente, sem quebrar, até que esfria; e o ar introduzido no tubo dilatando-se á proporção que a materia se allonga, conserva o vacuo que está no meio de cada um dos tubos.

A esta primeira operação succede a *côrte*.

Todos aquelles tubos de mil cores são primeiro quebrados a comprimentos de dois ou tres pés. Levam-se em seguida a operarios que, com uma faca fixa em uma banquetta, os cortam em bocadinhos d'algumas linhas. Todos estes bocados cahem em cestos que se deitam n'uma grande bacia cheia d'uma terra calcarea reduzida a pó e que se endrece ao fogo. Mexe-se tudo de forma que se tapem os boraquinhos feitos nas perolas. Até então, as perolas são ainda de desigual tamanho, com as extremidades escabrosas e asperas. Para as pulir e tornal-as de tamanho uniforme, lançam-se, cheias de terra, n'uma grande caldeira gyrante, semelhante a uma rosca d'Archimedes. As perolas expostas a um fogo ardentissimo amollecem, e a fricção d'encontro ás paredes da caldeira as pole, arredonda e leva a uma forma e a dimensoens eguaes. Tiram-as, passam-as pelo crivo para as desembaraçar da terra, lavam-as, apartam-as, e estas lindas ninharias fabricadas com uma rapidez e precisão maravilhosas, partem aos milhares para todas as partes do mundo, onde se mudam, sob dedos habéis, em objectos cheios de graça e variedade.

Da ilha de Murano partimos para a ilha de S. Lazaro. E' alli que está situado o celebre convento dos Armenios. Embarcados para uma viagem d'algumas milhas, pozemo'-nos a orar, conforme o costume dos antigos navegantes do Adriatico. Entre os milhares de navios mais ou menos celebres que teem sulcado este mar, ha um mais glorioso que todos os outros, cuja recordação não pode escapar ao viajante christão. E' a galera que trouxe de Jerusalem a imperatriz Santa Helena com parte dos instrumentos da paixão. Entrando no mar

Adriatico, famoso por seus naufragios, a illustre viajante é assaltada por uma violenta tempestade. Recorda-se do Deus cuja voz serenou as ondas; e pegando n'um dos cravos que tinham traspasado os seus sagrados membros, o mergulha no mar, que se aplaca logo, e cessou, desde então, de ser o terror dos nautas. Outr'ora, em memoria deste facto, todas as tripulaçoens que entravam nas aguas do Adriatico, tiravam o chapéo, prostravam-se, entoavam hymnos sagrados, e se entregavam a exercicios piedozos. Durante uma longa serie de seculos, as praias deste mar sanctificado resoaram com suas solemnes oraçoens (1). Não é este o unico spectaculo verdadeiramente christão de que foi testemunha o Adriatico. Ha outro não menos solemne, de que fallarei depois de ter visitado S. Lazaro, áonde aportamos.

Affigurai-vos uma ilha de graciosos contornos, superficie uniforme, coberta de jardins perfeitamente cultivados, no meio dos quaes se ergue um vasto edificio cujos muros, pintados de vermelho, cercam muitos largos pateos d'uma elegancia e asseio notaveis; vêde, debaixo dos compridos porticos, passearem religiosos vestidos de preto, de andar grave, typo oriental, comprida barba preta, maneiras cheias de graça e dignidade, fallando a vossa lingua materna, recebendo-vos como irmãos, bem que nunca vos hajam visto, e tereis uma idéa do convento armenio de S. Lazaro. Mas porque se acham aqui estes filhos do Oriente?

A Armenia soffrera o jugo musulmano; a ultima centelha da fé estava ameaçada de apagar-

(1) Sandini, *Hist. Famil. sacræ*, p. 251.

se na patria de S. Gregorio o Thaumaturgo. Um religioso, Mechitar de Petro, nascido em Sebasto, pedira, para si e para seus irmãos, um asylo aos Venezianos, então senhores da Morea. O seu pedido foi escutado; porem Veneza perdeu em breve as suas possessões d'alem-mar. Recolhendo-se sobre si mesma, não esqueceu os seus hospedes do Oriente; concedeu-lhes generosa e perpetuamente a ilha de S. Lazaro por asylo. Que fazem elles n'esta solidão situada nas fronteiras dos dois mundos? Oram pela sua patria; transmittem a fé, unica, esperança da Armenia, aos jovens compatriotas que lhes são dirigidos, e que depois tornam a partir para a communicarem a outros; bebem nas fontes do Occidente a sciencia que revestem do traço armenio para a enviarem ao Oriente, e depois nos dão os monumentos da sciencia oriental, que tornam accessiveis traduzindo-os nas diversas linguas europeas: tal é a sua missão.

Se pdis já não tem poder de repellir pelas armas a barbarie musulmana, Veneza conserva a gloria de combatel-a pelas luzes da sciencia e da fé.

O abbade, que fallava muito bem francez, veio receber-nos. Conduziu-nos primeiro á egreja que é pequena, mas perfeitamente arranjada. Os religiosos estavam ao officio, encontramos com felicidade o rito e o traço cheio de dignidade que tinhamos admirado na Propaganda. Terminado o officio, fomos rodeados pelos bons religiosos que se apresentaram a fallar-nos da França e a mostrar-nos a sua bibliotheca, rica em manuscriptos muito antigos e raros, a sua bella imprensa e as diversas obras polyglottas que tem della sabido. Desde a

egreja até ao refeitório, por toda a parte tivemos de admirar, sem restrição, a ordem, a intelligencia, e o trabalho que reinam n'esta casa, capaz de conciliar o inimigo mais impetuoso das instituições monasticas.

O tempo tinha fugido; e quando partimos de S. Lazaro, os ultimos clarões do dia allumiavam as aguas agitadas das lagoas. Veneza, o palacio ducal, a igreja de S. Marcos, o Arsenal e o Lido começavam a reassumir os escuros veus nos quaes os tinhamos achado envolvidos cinco dias antes. A *gondola corriera* nos esperava com os seus gondoleiros vestidos de amarello, para nos transportar a Mestre: eram oito horas da noite.

Durante a viagem fomos testemunhas d'um curioso phenomeno, a phosphorescencia do mar. Cada remada deixava após de si um longo rasto de fogo que dissipava as trevas em que tornavamos a cahir um instante depois; o mesmo espectáculo continuou duas horas inteiras. Qual é a causa disto? Deve-se attribuil-o, como querem alguns sabios, á agitação de pequenos animalculos dotados da mesma propriedade que os pyrilampos? Póde a electricidade reivindicar essa gloria? Esperando as soluçoens da sciencia, o viajante christão que parte de Veneza gosta de contemplar outro espectáculo que, para a poderosa cidade, foi o ultimo, mas brilhante raio da sua gloria: a vista do Adriatico lhe desperta vivamente a recordação delle.

Aleatado pela tomada de Constantinopla, o poder ottomano tinha-se tornado mais formidavel que nunca. Em tanto que os seus exercitos ameaçavam o norte da Europa, as suas frotas invadiam as ilhas da Grecia e ganhavam um após outro

os postos avançados da civilisação : a cruz recuava ante o crescente. Das alturas ao Vaticano viu o grande pontifice S. Pio V o perigo. Vigilante sentinella, dá o grito d'álerta ; a Europa meridional ouve a sua voz. Uma esquadra de duzentas e trinta e oito velas se reúne em Messina, sob o commando de D. João d'Áustria : Veneza conta n'ella pela sua parte cento e vinte e cinco navios. No momento de levantar ferro, todo o exercito se confessa ; afasta-se tudo quanto podesse ser occasião de peccado ; a blasphemia é prohibida sob pena de morte : o Nuncio apostolico abençôa solemnemente a frota, e estes milhares de bravos, certos da protecção do Ceu, fazem-se de véla para o Oriente.

Todavia não foi nem o espectáculo que acabo de descrever, nem o resultado da expedição, a victoria de Lepantho, isto é, a maior victoria naval que se tem ganho, que mais me impressionou n'esta solemne recordação : foram os nomes dos navios que compunham a frota christã. Mais eloquentemente que os exercicios religiosos do valoroso exercito, mostram o espirito que, ainda então, dominava as idéas e os habitos geraes da Europa. Vi a lista de todos os navios hespanhoes, genovezes e venezianos que combateram em Lepantho : todos teem nomes de santos ou santas, apenas alguns nomes nacionaes, e nem um só o nome d'uma divindade pagan (1).

Que diriam esses bravos marinheiros se, voltando ao mundo, vissem as naçoens da Europa

(1) Todos os navios turcos teem nomes nacionaes.

vestir quasi todos os seus navios de nomes pagãos; e em vez de pôrem as suas frotas sob a invocação de todos os santos e santas do Paraíso, confial-as ao patronato dos deuses e das deusas do Olympo? Este repugnante costume, contra o qual clamam assim o bom gosto como a religião, seria para elles, como é para todo o observador reflectivo, um signal demasiado certo do enfraquecimento da fé, e da invasão do paganismo na Europa christã desde o fim do XVI.^o seculo. Não era inutil recordal-o ao optimistas, que pretendem que as tendencias dos tempos modernos são tendencias eminentemente christãs.



15 d'Abril.

Treviso : Recordações de Benedicto XI e de Totila. — Vicencio : Theatro olympico. — *Madona del Monte*. — Montebello, Arcole : Recordações. — Anecdota. — Verona : Amphitheatro. — Recordações do imperador Philippe e de Pio VI. — Grandes homens. — Cathedral. — S. Zenão. — Milagre. — S. Firmo. — Lago de Garda. — Rivoli : Recordação. — Rasgo de coragem. — Peschiera, Attila, S. Leão : Desenzano, a B. Angela Merici. — Brescia : Estatua da Victoria. — Cathedral. — Duas reliquias. — Martyres. — S. Gaudens. — Fontes. — Recordação de Bayard. — Bergamo : edificio da feira. — Santo Alexandre. — Santa Asteria. — Santa Eusebia. — Santa Grata. — Grandes homens. — Colleoni. — Calepino. — Passagem do Adda. — Vaprio.

Era noite quando passamos em Trevizo. Não podendo ver senão imperfeitamente as riquezas desta cidade, contentamo'-nos com recordal-as à nossa memoria e saudar os personagens que a ter-

naram famosa. O Duomo, construcção gothica do XV seculo, interessa muito menos pelas suas admiraveis capellas dos Lombardi, seus soberbos mauzoleus do papa Alexandre VIII, conego desta egreja, e do bispo Zanetti, seus quadros de Barbone, e sua magnifica *Annunciação*, do Ticiano, que pela sua crypta de S. Riberál, vasta egreja subterranea em que repousa, ha seculos, o corpo do heroe christão, modelo e protector da cidade. S. Nicolau, do principio do XIV seculo, recorda o um tempo o poderoso genio de S. Domingos e as liberalidades do papa Benedicto XI. Este pontifice é uma das grandes figuras que parecem esperar o viajante ás portas de Treviso. Filho d'um pastor, Nicolau Bocasini entrou muito novo na ordem de S. Domingos, de que veio a ser geral, Nuncio, cardeal, legado *a latere*, papa sob o nome de Benedicto XI, foi o bemfeitor da Europa e o apostolo da concordia. Pacificou a França e Inglaterra, a Hungria, Veneza e Padua, a Dinamarca e a Italia. Treviso devia ao mundo semelhante compensação. Ao lado desta doce e radiante figura do pontifice apparece a do feroz Totila, ess'outro filho de Treviso que levou a guerra a toda a parte aonde levou seus passos, assolou a Italia e saqueou duas vezes Roma.

Algumas horas depois de ter deixado a antiga Tarvanum, o viajante que se dirige para Milão encontra Vicencio. Esta cidade de oito mil almas, situada n'uma posição vantajosa, atravessada por dois rios e toda esmaltada de egrejas e de palacios, recorda ao mesmo tempo os Gallos senonezes que a fundaram, os Romanos que a tomaram, Alarico e Attila que a saquearam, Frederico Barroxa, e depois Napoleão que successivamente a

conquistaram. Singular destino da Italia ! Não ha uma cidade deste paiz providencial que não tenha sido theatro d'alguns dos grandes acontecimentos de que se compõe a tēa geral da historia. Isto vem de que a antiga Ausonia foi o mais brilhante satellite de Roma, astro immenso que arrasta todos os outros na sua orbita. No meio de tantas revoluçoens, conservou Vicencio o amor ás artes e o culto filial de Maria. O rei da architectura moderna, Palladio, semeou na sua cidade natal as creaçoens do seu genio. Alem do Palacio da Justiça, *la Ragione*, cuja grande sala recorda o salão de Padua; *del Capitano*, de Chievicati, Barbarano e Franceschini, onde reúnem os differentes estylos as suas bellezas e riquezas, cita-se o *Theatro Olympico*, vasto edificio cuja grande sala, rodeada de quatorze ordens de assentos, apresenta um diametro interior de 102 pés por uma altura de 52 acima do pavimento. Quem não tem visitado os theatros d'Herculano e Pompeia, pôde vel-os em Vicencio.

A cathedral, de estylo gothico, offerece uma crypta muito curiosa e uma bella *Adoração dos Magos*, de Paulo Veronese; porem o que attra-hiu a nossa attenção, foi a *Madona del Monte*. A's portas de Vicencio, ergue-se um arco de triumpho devido ao genio de Palladio. Este monumento, *obra-prima das bellas proporçoens*, serve de vestibulo ao Portico ou caminho coberto que conduz ao sanctuario de Maria. Esta galeria, semelhante á de Bolonha, tem uma milha d'extensão; serpentêa graciosamente pela encosta verde-jante d'uma collina, e começada por um arco de triumpho, termina por uma magifica egreja. Do alto do seu templo aereo, a rainha dos Anjos e

Mãe dos homens, a doce Medianeira entre o ceu e a terra, domina ao longe tanto a cidade vicentina como as populozas campinas que a rodêam.

De todos os pontos do horizonte, avistam os olhos o brilhante sanctuario, e foi-nos doce contemplar os numerosos peregrinos a quem o reconhecimento e o amor conduziam ao pé do throno d'aquelle que nunca se invoca em vão. A estatua de Maria é uma obra grega de grande merito artistico; brilha no meio das pedrarias, dos dourados e das obras-primas, dupla homenagem da piedade e do talento. Fica-se eternecido á vista da bella composição de Carpioni, que representa a Esperança introduzindo no sanctuario de Maria multidão de pobres, mulheres e crianças. No refectorio do convento, proximo da igreja, está outra obra-prima egualmente devida á inspiração christã: é o maravilhoso quadro de Paulo Veronese, que representa o Filho de Maria sob as vestes d'um viajante assentado á meza de S. Gregorio. Honra pois ao sanctuario do Monte Berico! Jezus e Maria, pai e mãe do mundo regenerado, estão alli representados no comprimento dos actos de bondade e charidade que traduzem tam perfeitamente o espirito do Evangelho.

Continuando a atravessar as ricas campinas do Vicentino, tam jostamentente chamadas o jardim de Veneza, a estrada, lisa como um espelho, conduz à villa de Montebello. Não foi aqui, como diz um viajante, que o marechal Lannes conquistou o seu titulo historico. O Montebello, teatro da sua gloria, é uma aldêa situaáa a alguns kilometros de distancia de Voghera, nos Estados sardos. O illustre guerreiro, á testa d'um punhado de bravos, derrotou alli uma columna austriaca,

a 8 de junho de 1800, seis dias antes da batalha de Marengo.

Porem saudamos em breve, à esquerda, outro lugar, theatro real d'um glorioso combate. O Alpon e o Adige, que correm na planicie, Arcole e a sua celebre ponte se desenhavam ao longe. Quando se passa por alli, parece ouvir-se ainda o estampido do canhão republicano que abalava a Europa; vêem-se Angereau e Napoleão, tomando successivamente uma bandeira crivada de balas, e avançando, á testa da flor dos granadeiros, até às baterias austriacas, sem conseguirem ganhá-las. Assiste-se a prodigios de valor; depois não se vê mais do que torbilhoens d'um fumo de salitre; a terra desappareceu debaixo de montoes de cadaveres; finalmente ouve-se o baque de varios milhares de bravos que cahem, derribados do alto da ponte fatal. O proprio Napoleão, arrebatado pelo seu cavallo, de que não é senhor, é precipitado, de toda a altura da ponte, no lodo ensanguentado das lagoas. O intrepido Béliard o salvou: e, salvando-o duas vezes n'um quarto d'hora, decidiu duas vezes da sorte da Europa.

Comtudo, no seguinte dia 17 de novembro, a batalha é ganha; mas todos estão exhaustos de fadiga, todos se entregam ao repouso. Só Napoleão não dorme: véla pela segurança das suas legioens. Nós o vemos, na noite de 17 para 18, percorrer o seu campo com o uniforme d'um simples official, para ver pessoalmente se o excesso da fadiga diminue a vigilancia das sentinellas: vê uma adornecida no seu posto. De repente aproxima-se pé ante pé, contem a respiração com receio de a acordar, pega-lhe de vagar na espin-

guarda, e continua o serviço do dormente. Ao cabo de alguns instantes, o soldado acorda, abre os olhos e exclama, assustado: *Estou perdido!* Com effeito as leis da disciplina auctorisam Napoleão a atravessar-lhe o corpo com a espada: *Socoga*, lhe diz com doçura o general em chefe, *depois de tantas fadigas, é permittido a um bravo tal como tu entregar-se ao somno; mas, para a outra vez, escolhe melhor occasião* (1). Como monumento da batalha d'Arcole resta uma pyramide meio arruinada!

Nada mais gracioso do que a paizagem de Montebello a Verona. A estrada é guarnecida de canaes por onde corre vagarosamente uma água limpida, e a campina coberta de amoreiras. De todos os lados se erguem parreiras colossaes que, passando d'uma arvore á outra, formam grinaldas de verdura, cujo aspecto encanta os olhos, entretanto que uma cadêa continua de pequenas montanhas muito bem cultivadas estende o horisonte até aos Alpes tyrolezes.

Verona, cidade de guerra, sciencia e piedade, nos mostrava as suas formidaveis muralhas, o seu baluarte d'Hespanha, as suas bellas pontes sobre o Adige, as suas largas ruas, a plataforma aerea do seu amphitheatro, o mais bem conservado da Italia, e os elevados zimbórios das suas numerozas egrejas.

Bem que tenha curvado a sua nobre cabeça sob vinte differentes sceptros, a filha dos Gallos tem permanecido franceza pelo character e pelo co-

(1) Vide *Tropheus das armas francezas*, t. II, p. 151.

ração. Escreve a nossa lingua nos seus armazens, falla-a nos seus saloens, entretanto que depois d'uma dominação de tripta annos, a Austria não falla alli mais que um idioma incomprehensivel: prova evidente de que o vencedor não tem ainda imposto o seu pensamento ao vencido.

A nossa primeira visita foi ao amphitheatro. Encontramos lá a miniatura perfeitamente intacta do Colyseu: a mesma disposição, o mesmo uso e as mesmas recordaçoes. O magnifico edificio, que data do reinado de Trajano, é edificado de grossos cantos de marmore, conta quarenta e oito ordens de assentos, e contem vintee dois mil logares. Foi na sua vizinhança que foi morto o imperador Philippe, o Arabe, e que o sceptro do mundo passou ás mãos do cruel Decio, seu assassino. Esta recordação vos assalta á aproximação do monumento; porque o assassinato de Philippe pesou com grande peso sobre os destinos do imperio, cuja queda precipitou dando-lhe mais um tyranno, e á Igreja um dos seus mais violentos perseguidores: este assassinato foi commetido em 249. Quinze seculos depois, Pio VI, passando por Verona, abençoava, do alto do sanguinolento amphitheatro, vinte mil christãos triumphantes no mesmo sitio onde seus pais tinham combatido.

Dirigindo-nos do amphitheatro á cathedral, saudamos os grandes homens que tem produzido Verona: Catullo, Cornelio Nepote, Plinio o Velho, San-Micheli, o sabio marquez Scipio Maffei, Paulo Veronese, Bianchini, os illustres irmãos Bellerini, Onuphro e Pindemonte, formam a immortal aureola da cidade que lhes deu a luz. Verona não brilha somente por seus illustres mor-

tos ; ainda pôde apresentar glorias contemporaneas. Fomos felizes em sermos recebidos pelo veneravel abbade Zamboni, celebre na Europa sabia pela interveção da pilha secca applicada aos relogios de torres. Se a mansidão do caracter, a modestia do porte, a simplicidade da palavra, e a amenidade das maneiras, são outros tantos caracteres incommunicaveis do verdadeiro merecimento, affirmo que o illustre physico é um grande homem.

Antes d'entrarmos no *Duomo*, lançamos um volver d'olhos para a bibliotheca do cabido, a verdadeira bibliotheca de Verona. Fundada pelo anno de 850, é rica em manuscriptos, muitos dos quaes remontam ao IV.^o seculo. Petrarca encontrou lá as *Epistolas familiares de Cicero*, e o cardeal Mai os *Antigos interpretes de Virgilio*. Porem a descoberta mais celebre é a das *Institutas de Gaio*. Por 1820 um diplomata dinamarquez, Niebuhr, reconheceu estes manuscriptos cobertos do pó dos seculos. Dando com um *Palimpsesto* em grande e bello papel, conheceu que a primeira escripta tinham ajuntado as *Epistolas de S. Jeronymo*, e, entre estas duas copias, intercallado algumas meditações do mesmo. Havendo feito desaparecer, depois de ter tirado copia dellas, as escriptas accrescentadas, chegou ao texto primitivo: este texto era o das *Institutas de Gaio*. Celebre jurisconsulto, Gaio, contemporaneo de Marco Aurelio, completa o Direito romano, fazendo-nos conhecer as doutrinas dos jurisconsultos anteriores a Justiniano e Theodozio. O seu manuscripto está muito bem escripto e muito bem conservado ; somente a operação da raspadura levou varios membros de phrase cuja restituição ex-

ercerá a paciente sagacidade dos nossos professores de direito.

A cathedral data do fim do X.^o seculo. As suas figuras symbolicas de leoens, aves, grifos, prophetas e guerreiros, offerece uma ampla colheita ao archeologo. A *Assumpção*, do Ticiano, interessa o pintor; e a grossa espinha de peixe, instrumento de supplicio para os martyres, conservada na capella da Santissima Virgem, excita a veneração do christão. Verona conta, com effeito, um bom numero de martyres, cujos mais illustres são os santos Zenão, Firmo e Rustico. Glorioso privilegio do heroismo christão, o primeiro é ainda, depois de quinze seculos, perfeitamente popular na cidade que nobremente conquistou com a effusão do seu sangue e que protege pelo poder da sua intercessão. A gratidão dos Veronezes celebra, todos os annos, tres festas em hoara sua. A primeira tem por objecto a sua NATIVIDADE, a segunda a sua ordenação e a terceira a Trasladação das suas reliquias.

Antes de ser honrado na actual egreja, repousava o corpo do gloriozo Pontifice n'uma antiga Basilica, nas margens do Adige, lora dos muros de Verona. Em 589, foi a antiga egreja testemunha d'um estrondoso milagre que S. Gregoro refere n'estes termos:

« Ao mesmo tempo que o Tibre transbordando cobria com suas aguas uma parte consideravel de Roma, a cidade de Verona foi submergida pelo Adige. O povo correu em tropel á egreja de S. Zenão; viram-se as aguas respeitarem as portas della, elevarem-se á altura das janellas sem entrarem na egreja, e ficarem suspensas como as do Jordão, na occasião da passagem dos Israelitas. O povo es-

teve vinte e quatro horas em oração, depois do que o rio voltou ao seu leito. Este milagre, de que foram testemunhas oculares todos os habitantes de Verona, junto a varios outros que ao depois se operaram, augmentou muito a veneração que já se tinha pelo Santo (1).

Seguindo as pisadas de tantas gerações, fomos render as nossas homenagens ao immortal pontifice. Tudo quanto a arte e a piedade podem produzir bello e tocante, se acha reunido para aformozear a sua egreja e o seu tumulo. Monumento do IX.º seculo, a egreja offerece as suas portas de bronze cobertas de figuras symbolicas, a estatua do Santo de marmore vermelho, a luz sombria e o recolhimento piedoso dos sanctuarios gothicos e romanos. Este merece ser estudado, porque escapou aos estragos das composturas. A crypta onde repousa o santo Martyr attesta pela sua riqueza a piedosa liberalidade dos fieis. Ter-nos-hia sido mui agradavel, se o tempo o permittisse, o visitar como artistas e como christãos as outras egrejas de Verona, tam numerosas e magnificas e tam ricas de recordações. A nossa ultima estação foi em *San Firmo*, antiga egreja, celebre pelos seus tumulos dos *Turriani*, os *Hippocrates* da Italia no XVI.º seculo, e dos *Alighieri*, descendentes do Dante. Alli repousam os preciosos restos dos santos *Firmo* e *Rustico*, nobres filhos de Verona, martyrisados no anno de 303 sob o imperio de Diocleciano. Depois de termos saudado tanto estas gloriosas testemunhas da nossa fé, como os vinte e tres bispos veronezes

(1) Dialog. lib. III, c. 19.

collocados nos altares do mundo catholico, e todas aquellas geraçoens de virgens, gloriosas filhas nascidas do sangue dos martyres, demos o ultimo adeus á cidade gauleza, promettendo-lhe segunda visita para estudarmos os seus Museus, a sua Bibliotheca capitular e as suas obras de charidade. Praza ao Ceu que nos seja dado cumprir um dia a nossa promessa!

Aproximando-nos ao lago de *Garda*, um dos mais bellos da Italia, saudamos, á direita, sem o podermos contemplar, o campo de batalha de *Rivoli*. O ecco das montanhas parecia trazer-nos o famoso dicto de Napoleão, que chamou e fez chamar, pelo exercito todo, a *Massena*, o *Filho querido da victoria*. O lago de *Garda* nos repetta outra circumstancia incrivel, e comtudo verdadeira, deste memoravel combate. Cincoenta homens da decima-oitava brigada fizeram mil e oitocentos prisioneiros. O chefe destes bravos, o capitão *René*, conta do modo seguinte, o'uma carta a seu pai, este singular acontecimento: « A 25 pela manhã, perguntou-me o antigo general *Monnier* se queria ficar na aldêa de *Garda* com cincoenta homens, para vigiar o lago e favorecer um desembarque. Aceitei. Por coisa das quatro horas, na occasião em que eu visitava um pequeno posto que tinha collocado na vanguarda, appareceram sete austriacos: fizemol-os prisioneiros. Temendo ser atacado, disponho-me a tomar uma posição vantajosa; porem a cincoenta passos, qual não foi a minha surpresa, ao encontrar uma columna austriaca, que não divisei senão a vinte passos, porque havia uma volta! O commandante ordena-me que deponha as armas, que estou prisioneiro. — Não, Senhor, respondi, sois vós; já desarmeí a vossa vanguar-

da, vêdes parte della; deponde as armas! ou não dou quartel. Os meus soldados, excitados pelo meu exemplo, repetem este grito.

« Os prisioneiros, vendo que ao primeiro fogo seriam mortos, gritavam com toda a força a seus camaradas que se rendessem. Toda esta vozzeria espantou o official inimigo: quer fallar. Nós só respondemos repetindo: *Deponde as armas!* Elle propõe capitular. *Não!* lhe digo, *deponde as armas e rendei-vos.* — *Mas, Senhor, se me render, não terei que experimentar maus tractamentos?* Respondi-lhe que não, e, com a minha palavra d'honra, tira o chapéo, caminha para a frente, e me apresenta a espada; toda a sua tropa depõe as armas. Eu não estava á minha vontade; temia que elles por fim dessem pela pouca gente que eu tinha; fil-os retrogradar.

« Grande numero recusa marchar; eu conheci o extremo perigo em que estava, principalmente ouvindo um capitão dizer-lhes: *Esperemos ainda.* — *Que dizeis, Senhor?* lhe disse eu com tom firme, *então onde está a honra?* *Não sois prisioneiro?* *não me entregastes as armas?* *não tenho a vossa palavra?* *Sois official, conto com a vossa lealdade: em prova, entrego-vos a vossa espada, e fazer marchar a vossa tropa; do contrario vejo-me obrigado a fazer operar contra vós a columna de seis mil homens que me segue. A palavra honra, e sobretudo, sem duvida, esta imaginaria columna, o decidiram; e chegamos ao campo sem mau encontro (1). »*

Rivoli viu duas grandes potencias disputarem

(1) 25 Nivose (14 de janeiro de 1797.)

entre si com encarniçamento uma victoria da qual algumas cidades, algumas provincias deviam ser o premio: humilde aldêa, tu serás immortal. Ora, chegamos a um novo campo de batalha mui diferentemente celebre. Aqui se encontraram as duas soberanas do mundo: a civilisação e a barbarie; a primeira personificada em S. Leão, e a segunda em Attila. D'uma parte, o Pontifice armado da Cruz, e seguido de alguns sacerdotes; da outra, o guerreiro feroz, o terror do universo, o *flagello de Deus*, coberto da sua formidavel armadura, e rodeado das suas hordas selvagens: o futuro será o premio do vencedor. Isto passava-se na borda do lago de Garda, nas margens do Minicio, no mesmo sitio onde nós estamos, ao pé da pequena cidade de Peschiera, mil vezes atravessada pelos viajantes, sem que nenhum se haja dignado recordar-se do acontecimento immenso de que ella foi theatro.

Na primavera do anno 452, Aquilea, Milão, e todas as cidades da alta Italia cabiam com horrivel estrondo aos repetidos golpes dos Barbaros: o ecco da sua queda perturbava os conselheiros dos imperadores romanos, e as suas legioens assustadas, ja nem ousavam supportar o olhar do feroz vencedor. A torrente devastadora precipitava-se sobre Roma com rapidez sempre crescente. S. Leão encontrou na sua fé animo de oppor-lhe um dique. Parte; Roma o acompanhava com suas oraçoens; a 11 de junho de 452, chega elle ao campo d'Attila. Em preseença do Papa, fica o Barbaro immovel, mudo, e não encontra palavras senão para dizer aos seus officiaes que vira, em pé ao lado do Pontifice, outro Pontifice, cheio de magestade, que o ameaçava com a

morte, se elle não obedecesse a Leão. E Attila, espantado, faz loçar a retirar. Roma está salva: a civilisação christã ganhou um triumpho mais glorioso que as suas victorias no amphitheatro (1). Tal foi, desde o principio, o papel da Igreja, dos papas e dos Santos. Apostolos da civilisação e protectores da liberdade humana, defendem uma e outra contra os seus, mais feros inimigos, e nunca os mais sagrados direitos da sociedade encontraram campeões nem mais intrepidados nem mais perseverantes: a Italia está cheia de recordações semelhantes.

Antes da noite, atravessamos *Desenzano*, grande villa conhecida dos *toristas* pela excellencia dos seus vinhos, e do viajante catholico pela illustre santa de que foi berço. A bemaventurada Angela Merici, fundadora das Ursulinas, merece a gratidão dos seculos. Humilde menina, nascida em 1506, vê hoje a sua familia espalhada por todas as regioens do antigo e novo mundo. A sociedade deve-lhe milhoens d'esposas virtuosas, e a Igreja milhoens de virgens, sua gloria e sua corôa.

O clarão dos lampioens allumiu a nossa passagem por Brescia: todavia a antiga *Brixia* não estava adormecida. Multidão de passeadores sulcavam as suas ruas e praças, e os fieis sabiam das igrejas onde se acabavam de cantar as graciosas ladainhas da Madona. Auxiliar de Vespasiano na sua guerra com Vitellio, viu Brixia erguer-se no seu recinto um templo dedicado ao vencedor. Descoberto ha alguns annos, basta este

(1) Bar. an. 425, t. V, p. 135; n. 3, 4, 5.

antigo monumento para quasi por si so povoar o museu publico. Deu entre outras a famosa estatua de bronze da *Victoria* ou da *Fama*, uma das mais bellas que se conhecem: As inscripçoens antigas são numerosissimas em Brescia, que é, depois de Roma, a cidade de bellas fontes. Contam-se mais de quinhentas publicas ou particulares. A antiga cathedral *Duomo Vecchio*, edificio lombardo do VII.^o seculo, encerra duas reliquias de grande valor. A primeira é uma cruz que a tradição diz contemporanea da que appareceu a Constantino cujas proporçoens reproduz. A segunda é a oriflamma que Alberto, bispo de Brescia, plantou por sua mão nos muros de Damietta na segunda cruzada de 1221. As outras egrejas de Brescia possuem outras ainda mais ricas: os corpos sagrados de vinte e dois bispos, pais e bemfeitores da cidade, postos no numero dos Santos; Afra, nobre heroína que soffreu sob o imperio d'Adriano; os illustres irmãos Faustino e Jovita egualmente honrados com a palma do martyrio no imperio d'Adriano, assim como seu filho espiritual Calocero; finalmente Clateo, um dos numerosos bispos missionarios enviados à conquista da Italia por S. Pedro, e cujo sangue derramado por Nero cimentou os alicerces da igreja nascente de Brescia.

Fôra longo enumerar todas as glorias christãs desta feliz cidade; porem ha uma que se não pode passar em silencio. O viajante christão nomeou S. Gaudens, peregrino do Oriente, que recebeu das mãos das proprias irmãs de S. Basilio uma porção das reliquias das quarenta martyres de Sebasto, e que as levou para a sua patria onde ainda recebem as sollicitas homenagens dos fieis; amigo de S.

Ambrosio a quem o temor da excommunhão foi só capaz de fazer acceitar a honra do episcopado; campeão da fé e gloria dos doutores do seu seculo. O espirito christão, reanimado de idade em idade por tantos santos bispos, se traduziu em Brescia, como nas outras cidades d'Italia, em obras de charidade. Citarei sómente a piedosa casa da *Congregação apostolica*, instituição que a França deve invejar e que tem por objecto soccorrer as familias honradas cahidas em necessidade. Fôra difficil encontrar um zelo mais desinteressado e activo, uma charidade mais delicada e engenhosa em soccorrer sem offender. Tem-se na verdade orgulho de pertencer a uma religião que se manifesta por meio de semelhantes instituições.

Deixamos Brescia lamentando o não vermos os numerosos e notabilissimos quadros do Ticiano, de Civerchio e do Moretto, que adornam as encantadoras egrejas da cidade. Na praça principal consagramos uma recordação a Bayard, cujo procedimento em Brescia lhe dá tanta honra como a sua valentia nos campos de batalha. Se a segunda lhe merece o titulo de cavalleiro *sem pavor*, deve à primeira o titulo não menos glorioso de cavalleiro « *sem nota.* »

A vizinhança dos Alpes Trentinos, que se contém de Brescia a Bergamo, havia tornado o frio mui penetrante. Fechamos cuidadosamente as portinholas, de forma que foi a travez d'um quadrado de vidro que pude ver a campina: pareceu-me povoada e muito fertil. O que mais notei, foi o admiravel systema de irrigação, empregado n'este bello paiz como no resto da Lombardia: mais tarde fallarei delle. Depois de algumas horas de caminhada, passamos o Oglio, que sahe ao lago

d'Ísea, e entramos n'uma campina maravilhosamente cultivada. Sobre um gracioso outeiro, cercado por dois rios, o Bremho e o Serio, ergue-se em amphitheatro a antiga Bergamo, o *Bergamum* dos Romanos. As suas muralhas, os seus baluartes, os seus fossos, a sua cidadella que corôa o Monte Virgilio, dão-lhe um aspecto severo e algum tanto ameaçador. O interior da cidade offerece um gracioso contraste, e dá ao viajante satisfeito mil meios de modificar a sua primeira impressão.

O edificio que primeiro se nos offereceu aos olhos foi o edificio da Feira. É um vasto parallelogrammo, com quatro grandes sallas nos quatro angulos, destinado á celebre feira que constitue a riqueza do paiz. Aos lados contam-se mais de quinhentas elegantes lojas; no meio do campo, jorra uma soberba fonte cujas limpidas aguas alimentam varias canaes destinadas a conservar a frescura e a limpeza. Pelos fins d'agosto, a caravancara se povoa e anima; armam-se de todas as partes tendas de diversas côres; milhares d'estrangeiros, principalmente Soissos e Inglezes, vão buscar os pannos de Como e as sedas da Lombardia. Como tantas outras, a feira de Bergamo deve a sua origem a piedosas peregrinaçoens: já existia em 913.

Accrescentemos que as quatro portas da cidade designadas por nomes de santos, as numerosas egrejas, os conventos e os institutos de charidade attestam eloquentemente a passagem e o imperio do espirito christão. Coisa notavel! as cidades do Occidente que receberam a fé desde os tempos apostolicos, e que foram regadas com o sangue dos martyres, conservam mais abundan-

temente a seiva primitiva. A bella igreja de S. Alexandre, que nos apparecia à vista, recordava-nos que, debaixo deste ponto de vista, Bergamo não é menos feliz que as outras cidades d'Italia. Soldado da legião Thebana, havia Alexandre precedido os seus gloriosos companheiros na estrada do martyrio. Foi Bergamo o logar do seu triumpho, e Bergamo se tornou a cidade que elle protege ainda com suas oraçoens e enriquece com a presença do seu sagrado corpo: venera-se n'um magnifico tumulo.

Antes do soldado de Maximiano, uma moça virgem havia sustentado, em Bergamo, um illustre combate. Asteria, convicta de ser christã, tihha-se visto alvo do furor infernal d'Aureliano, prefeito do imperador Valeriano. Supplicios exquisitos, supportados com uma coragem heroica, tornaram egualmente immortaes a gloria da victima e a crueldade do algoz. Eusebia, digna emula d'Asteria, apresenta-se com ella á veneração do viajante catholico; veem depois os santos Dominião e João, que com seus combates heroicos seguraram a felicidade da cidade firmando o reinado do Evangelho.

Não longe de Santo Alexandre ergue-se outra igreja que recorda um nome benedicto na historia, e mais glorioso em Bergamo que os do Tasso, Calepino ou Colleoni: quero fallar de Santa Grata. Modelo de todas as virtudes sociaes e domesticas, esta santa viuva, cuja feliz influencia foi para a sua patria um immenso beneficio, vê por seu turno a agradecida piedade dos habitantes honrar as suas virtudes n'uma igreja toda resplandecente d'ouro, marmore e delicadas pinturas. Bergamo não esqueceu as outras suas glo-

rias. Junto de Santa Maria Maior está o mausoleu do general Colleoni, primeiro que fez uzo da artilheria de campanha e que inventou os reparos de peças. O guerreiro está montado n'um grande cavallo de pau dourado, cercado de estatuas e de baixos-relevos, obras mais ou menos perfectas, mas preciosos para a historia da arte no XV.º seculo. O Tasso, cujo pai era de Bergamo, domina a grande praça do Palacio da Justiça: a sua bella estatua de marmore de Carrara attesta o patriotismo dos habitantes. Na igreja dos Agostinhos está o tumulo d'um homem que nós todos conhecemos na nossa infancia: Ambrozio Calepino, auctor do famoso dictionario em sete linguas, repousa aqui. Deus dê paz ao bom religioso cujs penosa tarefa contribuiu poderosamente para o progresso das letras no decimo-sexto seculo!

Descendo de Bergamo, não tardamos a passar o Adda pela ponte de Vaprio, celebra pela sua gigantesca Virgem, de Leonardo de Vinci: algumas horas depois, entravamos em Milão.



16 d'AbriL.

Milão. — Reflexoens. — A cathedral. — Lance d'olhos geral sobre Milão. — Visita circumstanciada. — Sacristia de S. Satyro. — Milagrosa imagem da SS. Virgem. — S. Nazario. — Tumulo dos Trivulcios. — S. Lourenço. — Pormenores sobre a architectura. — S. Alexandre. — Riquezas do altar-mor. — S. Eustorgio. — Cadeira de S. Pedro, martyr. — Seu tumulo, suas reliquias e sua historia.

O viajante que tem percorrido a Italia allumiado pelos dois fachos da sciencia e da fé, viu

a historia do mundo antigo e moderno desenrolar-se-lhe aos olhos nos seus mais solemnes dramas. Na Italia meridional, sobretudo em Roma, viu o catholicismo triumphante do paganismo e baptisando a Constantino; viu-o na Italia oriental, em particular em Veneza, triumphar do islamismo e afogando nas ondas de Lepanto o poder ottomano; viu-o na Italia septentrional, em Peschiera, triumphar da barbarie e repellindo Attila; depois, em todas as partes da glorioza Peninsula, viu-o, inspirador das bellas-artes, semeando por todas as partes milhares de obras-primas, e, o que ainda vale mais, creando innumeraveis institutos em que a charidade, victoriosa do egoismo, eleva a natureza humana ao mais alto grau da perfeição e da gloria. Viu todas estas coisas na sua causa, a divina palavra; nos seus meios, o fecundo sangue dos martyres e os exemplos não menos fecundos dos grandes santos, nascidos desta divina semente.

E bemdisse a piedade dos habitantes que prestam aos seus bemfeitores um culto filial. E a Italia, apesar dos defeitos inseparaveis da natureza humana, appareceu-lhe como uma terra evidentemente privilegiada: privilegiada porque recebe mais immediatamente as salutaes influencias de Roma, cabeça e coração do catholicismo. Deste espectáculo, offerece cada cidade a miniatura mais ou menos ornada, mais ou menos completa. Ora, entre as cidades d'Italia, ha uma que parece reflectir mais perfeitamente todas as glorias, e sentir mais eficazmente todas as influencias da cidade mãe e senhora de todas as outras: nomeei Milão. Antes de provar pelos factos o elogio que procede, convem proseguir na relação da nossa viagem.

A's nove horas da manhã, por um tempo magnifico, mas um tanto frio, entramos na capital do-reino Lombardo-Veneziano. A' proporção que se aproximam das nossas fronteiras, tomam as cidades italianas uma physionomia mais franceza.

As grandes ruas de Milão parecem-se com os *boulevards* de Paris: o mesmo alinhamento, a mesma altura de frontaria; só os armazens são menos numerosos, e a circulação menos activa. Na hospedaria Reichmann, recebemos uma hospitalidade ao mesmo tempo alleman, italiana e franceza. Dou esta particularidade, para referir um mixto, tam raro como precioso, de bondade, attenção e polidez. A nossa primeira visita foi ao *Duomo*, maravilha da cidade.

Imagine-se uma montanha de marmore branco talhada, esculpida, sinzelada, trabalhada, em todas as suas partes, como uma renda de Valenciennes, ou um bordado d'Inglaterra. Vêde erguerem-se em volta desta montanha cento e doze torres esvellas e graciosas, que se tomariam, se não fosse a côr, por uma plantação d'arvores verdes na encosta d'uma collina. Um povo d'estatuas anima esta floresta; tres mil estão já collocadas, e deve haver quatro mil e quinhentas. Pela posição mais ou menos elevada que occupam, pelos santos e santas que representam, offerecem aos olhares da terra a brilhante imagem da gerarchia celeste. Toda esta côrte immortal parece não ter mais que uma voz para exaltar a augusta Virgem cuja estatua de bronze doirado domina a agulha mais alta da cupula. Ainda que o culto de Maria não houvesse inspirado mais que a cathedral de Milão, devia ser abençoado por todas as geraçoens d'artistas.

Magnifico no seu conjuncto, o sumptuozo edificio apresenta, principalmente na fachada, os traços dos differentes estylos d'architectura que teem empunhado o sceptro desde a epocha da sua fundação. Começado em 1386, ainda não está terminada: todas os annos, gasta a Côrte d'Austria uma somma consideravel para continuar as obras. A' architectura primitiva e áquelles *lavrantes de pedra*, grandes homens desconhecidos que lhe succederam, ajuntaram os artistas da Renascença a sua maneira. Deve-se-lhes, entre outras, a sacada quadrada coroada de um attico, cuja presença desfigura o frontispico. Comtudo o *Duomo* de Milão passa pela mais bella gloria da Italia, depois de S. Pedro de Roma: foi precisa toda a energia dos seculos da fé para emprehender semelhante construcção. O corpo tem 499 pés de comprimento, 275 de largura no transepto, e 238 de altura debaixo da cupula, 147 na nave, e 110 nos lados baixos. A altura exterior da cupula, com o remate, é de 370 pés.

O interior dá lugar ás mesmas observaçoens que a fachada: o estylo não é uniforme. Lamenta-se não encontrar alli o natural e o escrupulozo do XIII seculo. Todavia, quando se ha transposto o umbral da Basilica por uma das cinco grandes portas que correspondem ás cinco naves, sente-se a religioza impressão de que é impossivel defender-se nas nossas egrejas gothicas. Cincoenta e duas columnas de marmore, de 84 pés de elevação por 24 de circumferencia, sustentam o edificio. Os dois monolithos de granito vermelho, que ornão interiormente a porta principal, são talvez os mais altos que se teem empregado em qualquer construcção. Um novo povo de estatuas

de marmore, collocado n'uma longa cinta de nichos, anima o interior e forma o corteja do Deus que repousa no altar. Notamos, entre outras, as de S. Ambrozio, S. Carlos, do Papa Martinho V, e de Pio IV. O baptisterio é formado d'uma grande bacia de porphyro que passa por ter pertencido ás *Thermas de Maximiano Hercules*.

O côro, fechado por uma simples grade, ergue-se alguns degraus acima da nave. Está rodeado de assentos cujas esculpturas representam a vida de S. Ambrozio e d'outros arcebispos de Milão: são considerados como obra-prima. Por cima do altar-mor brilha o rico tabernaculo onde se conserva o *Santo Chiodo*, cravo da verdadeira Cruz, levado em procissão por S. Carlos durante a peste de 1576. Atraz do côro está a colossal estatua de S. Bartholomeu. Sabe-se que o glorioso Apostolo foi esfolado vivo; é n'este estado que se representa; esta especie de realidade, trazida por um habilissimo sinzel, é horrivel. A sacristia nos offereceu calices e patenas d'um lavor delicado, a bella estatua de Nosso Senhor atado à columna e as duas estatuas de prata de S. Ambrozio e S. Carlos.

Terminamos esta visita pela capella subterranea de S. Carlos. A' vista desta palavra: *Humilitas*, divisa do grande arcebispo e da sua illustre familia, que brilha no magnifico tumulo de um santo ante o qual o mesmo mundo fica mudo d'admiração, o christão recorda-se da promessa do Divino Mestre: *Qui se humiliaverit, exaltabitur*: « Aquelle que se humilhar, será elevado. » O relicario é de prata com vidraças de crystal de rocha e molduras de prata doirada; o santo arcebispo está revestido de suas vestes pontificaes,

adornadas de diamantes; a cabeça, ornada da mitra, descança sobre uma almofada d'ouro. Ao contemplar as feições d'aquella grande figura que dominou o XVI.º seculo e que ainda domina o clero moderno, bemdiz-se a Providencia, sempre fiel em velar pela Egreja; e pede-se-lhe que tire dos seus thesoiros algum desses grandes Santos cuja poderosa actividade reclamam tam imperiosamente as necessidades actuaes. No cimo do *Duomo*, em pé sobre a cupula deste maravilhoso templo que ergue até às nuvens a gloria da Irman e Mãe de todo o governo humano, foi-nos dado contemplar um dos mais vastos panoramas d'Italia: uma grande cidade banhada por dois rios, o Adda e o Tessino, magestosamente assentada no meio d'uma planicie immensa, esmaltada de cidades, aldeas, e sumptuosas quintas, cortada por mil canaes que ajuntam a fertilidade e graça aos trabalhos d'uma intelligente cultura, e terminada pelos cumes nevocos dos Alpes e do Apennino.

Onde encontrar um belveder mais favoravel para contemplar o panorama historico da cidade milaneza? Olhai: eis que veem successivamente, do alto dos Alpes e do fundo da planicie, os Gallos, os Romanos, os Godos, os Hunos, os Lombardos, os Francezes, os Hespanhoes e vinte outros povos que entre si disputam a posse desta terra promettida. A victoria fica pelos Romanos; Milão vem a ser a morada d'alguns dos senhores do mundo. Os outros comprazem-se em deixar alli monumentos do seu poder. Essas dezeseis columnas que admiraes ao pé da egreja de S. Lourenço, proveem das sumptuosas *Thermas* erguidas por Maximiano, grande perseguidor do christianismo.

Mas eis outros mui differentes conquistadores:

já não se tracta da posse da terra e da dominação dos corpos, mas do imperio das almas. O amigo de S. Paulo, aquelle a quem os habitantes de Lystra tomavam pelo proprio Jupiter, S. Barnabè chega a Milão. Ganha a cidade para o seu Divino Mestre; e vò a novas conquistas. Perpetua, dama romana, mulher d'um official de Nero, educou na fé seu joven filho Nazario. Elle parte para Milão, continua a obra de Barnabè, e associa aos seus trabalhos Celso, joven filho da cidade: tudo quanto ha mais fraco contra quanto ha mais forte! O sangue dos jovens martyres, espremido de suas veias por horriveis torturas, cimentará os alicerces da egreja milaneza, cujas paredes serão compostas de sangue e das ossadas dos illustres martyres Fausto, Calimano, Nabor e Felix, Gervasio e Protasio; e que terá por chave de abobada, S. Ambrozio; por columnas, tripta e tres bispos inscriptos no cathalogo dos Santos; por filho, Agostinho, doutor dos doutores; e restaurador, S. Carlos, Athanasio do XVI.º seculo.

Tantas victorias deviam ser recompensadas com um glorioso triumpho. Nero, Antonino, Commodo, Aureliano e Maximiano, embotaram as machadinhas contra os martyres milanezes; cahiram-lhes das mãos d'ahi em diante impotentes: e nas mãos dos seus successores, reunidos no mesmo theatro do combate, vêde a penna que assigna o tractado de paz, e declara o mundo vencido pela Cruz. Salve! egreja de Milão! eis a pagina mais solemne da tua historia. No começo do anno 313, dois imperadores romanos, Constantino e Licinio, chegam a Milão. O imperio tem os olhos fitos nos seus passos, e espera com anxiedade o resultado das suas deliberaçoens.

Finalmente, poucos dias antes das calendas d'abril, pela epocha em que o Christo sahio glorioso do tumulo, apparece um edicto, que annuncia o fim da lucta tres vezes secular do paganismo contra o christianismo; que permite à Esposa do Homem Deus sahir das tenebrosas galerias das catacumbas, lhe concede plena liberdade de exercer à luz do dia o seu magestoso culto e a sua benefica missão, ordenando, além disso, se lhe restituam, sem exigir nenhum resgate, todos os bens que a perseguição lhe arrebatou (1).

O gladio imperial, não fará mais martyres, porem a heresia fará apostatas. Milão tornou-se theatro d'uma nova lucta. Auxencio é vencido por S. Ambrosio; a verdade, que ganha um novo triumpho, prepara os da virtude. Para não citar senão um só, desta montanha de marmore, desta maravilhosa egreja, no cimo da qual estamos assentados, qual foi o pensamento creador? Que recordação repete ella ás geraçoens que a contemplan? No XIV.º seculo, vivia em Milão um daquelles homens de ferro, como a Europa d'então contava milhares delles. Galeas Visconti, duque de Milão, havia-se apoderado por traição da pessoa de seu tio e do patrimonio de seus primos. Porem o remorso vivia na sua alma cupida, como vivia no coração da sociedade contemporanea. Em expiação do seu duplo crime, mandou edificar duas magnificas egrejas em honra de Maria, a quem todos os seculos chamam *Refugio dos peccadores*. Estas duas maravilhas são a Cathedral e

(1) Euseb. *Hist.* lib. X, c. 5; Bar. *an.* 313, t. III, p. 74, n. 1 — 8.

Milão e a Cartuxa de Pavia. O príncipe penitente deu, além de sommas consideraveis, uma pedreira de marmore branco d'uma pureza admiravel: é a pedreira de Candoglia, ao pé do lago Maior.

Depois deste lance d'olhos em globo, desce-mos do *Duomo* para começarmos a visita circumstanciada da cidade. A sacristia da igreja de S. Satyro, em forma de pequeno templo octogono, offerece á admiração do artista a sua architectura do Bramante, e as suas grandiosas esculpturas do Caradosso. Attrahe tambem o peregrino catholico pela sua milagrosa madona do XI.º seculo. Esta imagem da santa Virgem é uma das mais veneraveis da Italia. No frontispicio de S. Nazario vimos os oito sarcophagos da familia Trivulcia. Singular espectáculo o destes grandes tumulos de pedra suspensos por cima da vossa cabeça! Pára-se commovido e silencioso diante daquelle João Jaime Trivulcio, celebre marechal, creador da milicia franceza e braço direito de Luis XII. O seu caracter parece pintado no epitaphio que elle fez para si proprio: *Joannes Jacobus Trivultius, Antonii filius, qui nunquam quievit, quiescit. Tace.* — João Jaime Trivulcio, filho d'Antonio, que nunca repousou, repousa. *Silencio.* S. Nazario, fundado em 382, recorda uma gloria muito superior á dos conquistadores. Os altares, as paredes do antigo sanctuario repetem ainda os nomes immortaes dos gloriosos martyres de Milão, S. Nazario e S. Celso; e do grande apostolo da cidade, S. Ambrosio, que viu, ha quinze seculos, depor as suas reliquias n'este veneravel sanctuario.

Na igreja de S. Lourenço, reedificada por S. Carlos, admira-se o genio tam ousado e fecundo

dos architectos italianos. Já se não tracta de cruz latina, de cruz grega, nem mesmo de rotunda; eis um edificio octogono, quatro lados dô qual dispostos em meios quartos de circulo apresentam na sua concavidade duas ordens de columnas, uma sobre outra, que servem de galerias circulares. Os outros lados em linha recta não teem senão uma só ordem de columnas; porem estas columnas teem duas vezes a altura das primeiras, e sustentam a cupula. Varios quadros distinctos d'Hercules Procaccini, Aurelio Luini e Vimercati, ajuntam as suas brilhantes graças ás formas extraordinarias do edificio.

Se a egreja di *S. Lorenzo* é uma das mais curiosas de Milão pela sua architectura, a de *Santo Alexandre* é talvez uma das mais notaveis por suas riquezas. Na abobada, e nas differentes partes deste magnifico templo, brilham as excellentes pinturas de Frederico Bianchi, de Philippe Abbati, e de *San Agostino*, das quaes algumas representam os principaes factos do Velho Testamento e da vida do glorioso titular. O altar-mor resplandece debaixo da sua rica guarnição de lapis-lazuli, de jaspes sanguineos, de agathas orientaes, e outras pedras preciosas.

S. Eustorgio tem com que satisfazer o archeologo e o christão. Ao primeiro, offerece ella dois monumentos notaveis: a cadeira de prégar e o tumulo de *S. Pedro*, martyr.

E' interessante ver qual era a forma das nossas cadeiras christans na idade media, e conhecer os povos que se conservaram fieis ás formas primitivas da arte, e os que se afastaram dellas. Os ambons, as tribunas dos primeiros tempos foram substituidas por cadeiras. Na Suissa e Ita-

lia, a cadeira actual, ou o *palco*, è uma especie de estrado ou tribuna oblonga por sobre a qual o prégador pôde á sua vontade ir e vir, e conservar a liberdade de movimento, a graça e dignidade de porte que convem ao orador: taes eram tambem as cadeiras da idade media.

A de S. Pedro, martyr, forma uma especie de grande tribuna de pedra, d'onde o eloquente Dominicano podia, indo d'uma extremidade à outra, fazer ouvir ao seu auditorio a defeza da fé que elle devia um dia assignar com o seu sangue. Que differença entre esta tribuna tam nobre, tam comoda, tam respeitavel pela sua forma primitiva, e essa boceta de pinheiro suspensa aos pilares das nossas egrejas, tam mesquinha, tam estreita, tam estranha ás vezes na forma e nos ornatos, na qual o orador, encerrado e meio escondido, se curva e agita, condemnado a movimentos sem graça nem dignidade. O tumulo de S. Pedro, martyr, è uma obra-prima da arte no XIV.º seculo, dessa arte natural e verdadeira porque è profundamente religiosa. Devem-se sobre tudo notar as cariatides gothicas que representam as virtudes do Santo e sustentam todo o edificio.

Mas quem è esse santo cuja cadeira è um objecto de veneração; esse santo cuja memoria consagram as artes, e cuja cabeça, constantemente rodeada de piedosos peregrinos, repouse em um relicario d'oiro e crystal? È um desses homens poderosos em obras e palavras, que salvaram a civilisação da Europa salvando a fé; benefactores da humanidade cujo nome esqueceu o materialismo moderno ao mesmo tempo que goza o fructo dos seus trabalhos, porem que o reconhecimento catholico continua a invocar e abençoar.

Em tanto que na Italia oriental S. Antonio de Padua afugenta com o brilho dos seus milagres o erro e a tyrannia, S. Pedro, martyr, faz palpitár sob os golpes da graça victoriosa o resto da Peninsula. E' impossivel contar as ovelhas que elle arranca ás garras do manicheismo. Tal é o enthusiasmo e a veneração que elle inspira, que as populaçoens inteiras vão ao encontro d'elle com a cruz, a bandeira, as trombetas e os tambores. Muitas vezes vêem-se obrigados a leval-o erguido em uma liteira, com medo que seja esmagado pela multidão. Comtudo o odio dos manicheos eguala o amor dos catholicos. Cresce a ponto que o mandam assassinar entre Como e Milão. Antes de morrer, o Santo recita o *Symbolo* e ora pelos seus matadores. A sua oração é escutada; o seu assassino entra na casa dos Dominicanos de Forli na qualidade de frade converso, e alli expia o seu crime nas lagrimas da mais austera penitencia: eis a idade media. Nós estavamos ajoelhados diante do tumulo do martyr, seiscentos annos depois da sua morte, succedida a 6 d'abril de 1252.



17 d'Abril.

Santo Ambrozio. — Recordações de Theodósio. — Tumulo de Stilição. — Mosaico. — Corpo de S. Ambrozio, — dos SS. Gervasio e Protasio, — de S. Marcellino. — Leito de S. Satyro. — Crucifixo de S. Carlos. — Baptisterio. — Recordação de S. Agostinho. — Recordações da Peste de Milão. — S. Carlos e Calvino. — Rito Ambrosiano. — Eschola de S. Ambrozio. — Lazareto. — Monza. — Igreja. — Pintura. — Thesoiro. — Corôa de ferro. — Anecdota. — Seminario dos Philosophos. — Volta a Milão.

Tive a consolação de dizer missa na crypta onde repousa S. Ambrozio com os Santos Gervasio e Protasio. Desejara offerel-a sobre o mesmo corpo do grande doutor; porem um regulamento que nos lizeram ver na sacristia prohibe celebrar os santos mysterios n'este altar, a não ser segundo o rito ambrosiano. A igreja de S. Ambrozio, cuja fundação remonta ao anno de 387, é um dos mais antigos monumentos da antiguidade christã.

Antes d'entrar-se encontra-se o portico quadriforme que, isolando a igreja do ruido e do tumulto, servia d'estação ás primeiras ordens de penitentes. Eis o umbral sagrado no qual S. Ambrozio fez parar Theodosio. Estas pedras que vêdes com os vossos olhos, que pisaes com vossos pés, viram o senhor do mundo, rodeado de todo o brilho da pompa imperial, apresentar-se n'esta igreja depois da matança de Thessalonica. Se ellas podessem fallar, vos repetiriam as sublimes palavras que ouviram da bôcca do Pontifice: «Senhor! parece que ainda não conheceis a enormidade do crime commettido por vossa ordem; não vos impeça o brilho da purpura de reconhecerdes

a fraqueza desse corpo tam magnificamente coberto. Sois feito do mesmo barro que vossos subditos: não ha mais que um senhor do mundo. Ousareis vós, orando, levantar para elle essas mãos ainda tinctas d'um sangue injustamente derramado? Retirai-vos pois e não vades aggravar com um novo crime aquelle de que sois culpado. — Mas David peccou, respondeu o principe desculpando-se. — Pois que o imitastes no seu peccado, lhe diz Ambrozio, imitai-o na sua penitencia. » O imperador submetteu-se e esteve oito mezes excluido da participação nos santos mysterios.

S. Ambrozio suspendendo Theodozio, S. Leão suspendendo Attila, e S. Bazilio suspendendo Valente, onde achar alguma coisa mais sublime e mais social nos annaes dos povos? Coisa notavel! estes grandes exemplos de protecção do fraco contra o forte, do direito contra a injustiça, da verdade contra o erro, não se encontram nem na historia dos sacerdotes pagãos, nem na das egrejas hereticas ou scismaticas: á Egreja catholica a honra exclusiva de dal-os ao mundo! Dizer a razão disso fôra inutil: quando os termos d'um problema estão estabelecidos tam claramente, o primeiro que vem pôde desembataçar a incogita.

Os principaes monumentos da Basilica ambrosiana são: a antiga tribuna ou cadeira de marmore branco d'onde S. Ambrozio, segundo a tradição, via S. Agostinho entre os seus mais assistidos ouvintes; a famosa serpente de bronze, erguida no meio da nave, que nos teem tomado por Esculapio, e outros pela que Moisés elevou no deserto; e o tumulo de Stilicão e de sua mulher Serena. O altar-mor resplandece debaixo do seu

famoso *Paliotto* d'ouro, obra-prima d'ourivezaria do X.^o seculo; e o abside do côro attrahe os olhares para o seu bello mosaico do IX.^o Na parte superior, o Salvador está assentado em um throno d'ouro, sciattillante de pedrarias, tendo ao seu lado S. Gervasio e S. Protasio. Não longe d'alli apparece S. Ambrosio, a quem Deus revelou, n'um mysterioso somno, o sitio onde repousavam os corpos dos dois martyres. A este proposito, um viajante francez que se gaba de erudição, mas a quem falta muitissimas vezes o senso christão, se agasta e exclama: «S. Ambrosio dorme dizendo missa, em tanto que um sacristão lhe bate no hombro para o acordar e mostrar-lhe o povo que espera. Singular momento escolhido pelo artista na vida deste grande Santo! Sabia-se que Fenelon tinha adormecido no sermão; S. Ambrosio, dormindo em pé ao altar, é ainda menos edificante.» B' assim que se escreve a historia.

No fundo do *Presbyterium* está a cadeira pontificia de S. Ambrosio, de marmore branco, simples e sem esculpturas. Proximo d'alli venerase o crucifixo com que S. Carlos abençoava o povo durante a peste. Na capella, que tem o seu nome, repousa S. Marcellina, digna irman de seus dois irmãos, Ambrosio e Satyro, dos quaes foi amavel preceptora. A mesma Basilica encerrava tambem o corpo de S. Satyro, transportado depois para S. Victor; mas conserva ainda o leito que foi de seu uso. A' vista d'aquellas columnas torcidas de pau, d'aquellas pranchas duas vezes veneraveis, experimenta o christão aquillo que o proprio *torista* seria feliz e orgulhoso em experimentar, se visse a loga de Cicero ou a cadeira curul de Cesar.

As nossas impressoens foram tanto mais vivas, por isso que um acontecimento da vida de S. Satyro repete a todas as geraçoens a fè ardente dos primeiros christãos e o amor indissolúvel que os unia ao Deus Redemptor. Satyro tinha-se embarcado para a Africa, a fim de recuperar alguns bens que retioham injustamente a seu irmão. O navio naufragou desgraçadamente : Satyro não era ainda mais que cathecumeno. Roga aos fieis que levavam consigo a Eucharistia, segundo o costume, que lhe dêem uma hostia consagrada. Envolve-a no seu *oratorium*, especie de lenço que os Romanos traziam ao' pescoço. Munido deste sagrado deposito, lança-se ao mar, sem esperar a prancha para se sustentar : nada e é o primeiro que chega a terra. Para testemunhar a Deus o seu reconhecimento, faz-se baptisar, e morre em breve, nos braços de Ambrosio e Marcellina.

Ao sahirnos da piedosa Basilica, visitamos o Baptisterio para sempre celebre, onde o grande Agostinho se tornou filho daquella Igreja catholica da qual devia ser o mais brilhante luzeiro. Era a oito das Calendas de maio, 23 d'abril do anno 387, em vespore de Paschoa (1); nessa noite solemne o baptisterio, resplandecente de luzes, estava cheio de cathecumenos de compridos vestidos brancos. Um povo immenso cercava os porticos; os hymnos sagrados erguiam-se ao ceu com o fumo do incenso. Revestido das suas vestes pontificaes, chega Ambrosio conduzindo pela mão o filho de Monica, o professor d'eloquencia da gran-

(1) Possidio, *Vit. August.* n. 42; Ambros. *epist. ad Æmilium.*

de Roma, Agostinho, sua nobre conquista: mergulha-o na fonte sagrada. Segundo a tradição da egreja de Milão, é depois da terceira immerção que Ambrozio, no enthusiasmo do amor e da alegria, entoava o hymno sublime *Te Deum*, que Agostinho continua com elle improvisando alternativamente cada um dos versiculos. Ha acaso temeridade em desafiar o artista christão, o viajante quem quer que seja, a que fique sem commoção ao visitar este Baptisterio immortal, e a que não murmure o hymno d'acção de graças?

Entretanto a hora adiantada nos chamava a cathedral: queriamos assistir á missa cantada celebrada segundo o rito Ambroziano. Seria fóra de proposito explicar aqui a razão das numerosas transposições na ordem das ceremonias. Contentar-me-hei com signalal-as, accrescentando que n'ellas se vêem brilhar os uzos veneraveis da nossa antiguidade christã. A missa começa pelo *In-treito* seguido do *Confitemini Domino quoniam bonus*; o *Kyrie* não se diz senão depois do *Gloria in excelsis*. O Evangelho lê-se n'uma especie de pulpito ou ambom muito elevado, a fim de que possa ser ouvido por todo o povo; a leitura é seguida do *Kyrie, eleison*. O celebrante não lava as mãos senão immediatamente antes da consagração; ao receber a communhão cada fiel responde *Amen*; a missa acaba por terceiro *Kyrie, eleison*.

Porem de todas as ceremonias, aquella que recorda mais distinctamente os usos da primitiva Egreja, é o offercimento do pão e do vinho. Na occasião do Offertorio o Celebrante desce á entrada do côro, onde lhe são apresentados o pão e o vinho pela *Eschola de S. Ambrozio*. Dá-se es-

te nome a dez velhos e dez velhas sustentados à custa da igreja. Dois destes velhos, revestidos de vestes particulares, apresentam o pão e o vinho. O primeiro velho apresenta tres hostias, e o outro uma galheta de prata cheia de vinho. Duas mulheres vão por seu turno apresentar o pão e o vinho: todos, homens e mulheres, são seguidos do resto da Eschola que vai successivamente fazer a oblação dos symbolos eucharisticos. E este uso vos leva a dezoito seculos, ás Basilicas de Constantiaopla e ás catacumbas de Roma; e o sacrificio vos apparece o que é na realidade, a obra commum de todos os membros da Igreja, assim do clero como do povo: *meum ac vestrum sacrificium*.

Esperando a partida dos wagons que deviam conduzir-nos a Monza, sahimos das barreiras para visitarmos o lazareto, tornado tam famoso pela peste de Milão. Este edificio do XV.º seculo tem 1,200 pès em cada face, cercado d'um portico aberto e espaçozo cujas arcadas se apoiam' em columnas de granito d'uma só peça. Cada pestifero tinha seu quarto. No meio do vasto patio, encerrado entre os porticos, se ergue uma capella onde se dizia missa pelos doentes. Parece ver-se ao altar S. Carlos Borromeu offerecendo a angusta Victima pelos quatro mil pestiferos que attestavam, durante a epidemia, esta morada da dor e da morte.

Duas vozes, que resoavam na mesma epocha, parecem ferir os vossos ouvidos. A primeira é a do santo Arcebispo dizendo aos sacerdotes milanezes, cuja coragem animava com o seu exemplo: « Os mais ternos cuidados de que o melhor dos pais deve rodear seus filhos n'estes tempos

de tribulação, deve o bispo prodigalizar-os ás suas ovelhas pelo seu zelo e ministerio, e fim de que todos os outros homens, inflammados pelo seu exemplo, abracem todos as obras da charidade christã.

« Quanto aos curas e a todos aquelles que tem cargo d'almas, longe delles o pensamento de privarem do mais pequeno serviço o seu rebanho, n'um tempo em que lhe são necessarios; mas tomem a determinação fixa de antes arrostarem tudo de boa vontade, até mesmo a morte, do que abandonarem, n'esta extrema precisão de todas as especies de soccorros, os fieis confiados aos seus cuidados pelo Salvador que os resgatou com o seu sangue (1). »

Do outro lado dos Alpes, ouvi a voz dos ministros protestantes que, interrogados pelo conselho de Genebra, não temem responder: « Na verdade, seria do nosso dever ir consolar os pestíferos, porem nenhum de nós tem animo bastante para o fazer. Rogamos ao conselho que nos perdoe a nossa fraqueza, não nos havendo Deus concedido a graça de vencer e affrontar o perigo com a necessaria intrepidez, á excepção de Matheus Geneston, o qual offerece ir lá, *se cahir a sorte n'elle.* » Ao retirarem-se, diziam entre si: « Antes iriamos para o diabo (2). » Em logar de animar os seus *dignos sacerdotes*, o arcebispo de Genebra, Calvino, fez que se lhe prohibisse o ir visitar o hospital pestilencial. Entre duas religi-

(1) Concil. Med. V, c. 4, p. II.

(2) Extr. dos registros do conselho d'Estado da republica de Genebra. 1735 a 1792; fragm. 1.º de maio de 1543. p. 10.

oens que inspiram sentimentos tam differentes , é facil decidir qual é a boa.

O sino da estação veio arrancar-nos do lazareto : em menos d'uma hora estavamos em Monza. A antiga *Modoetia* , situada a doze milhas de distancia da capital , nos chamava para nos mostrar os ricos thesoiros da sua Basilica. A tradição repete assim a origem de Monza : Theodelinda foi inspirada para edificar uma egreja ; mas não sabia onde havia de situar-a. Um dia que , cansada da caça , repousava debaixo das grandes arvores de Monza , se aproxima uma pomba e lhe diz : *Modo* , « Já já ; » e a rainha responde : *Etiam* , « Sim. » E immediatamente fez pôr mãos á obra , e *Modoetia* , nome latino de Monza , repete de geração em geração as duas palavras creadoras.

E' na egreja collegial de S. João Baptista que se conserva, entre outras insignes reliquias , a famosa Corôa de Ferro, cuja origem e uso convem contar. No anno 325 , S. Helena , visitando a Palestina , encontrou não só a Cruz do Salvador, senão tambem os quatro cravos com que o Rei dos reis foi pregado ao throno do seu amor. A piedosa imperatriz quiz que estas insignias da realza divina servissem de adorno e defesa ao imperador , seu filho , e aos Cesares , seus successores. Um dos cravos foi posto no diadema de Constantino ; outro no freio do seu cavallo de batalha. Estes cravos foram religiosamente guardados em Constantinopla , onde estavam ainda no meado do seculo VI.º Em 550 , vê-se o Papa Vigilio jurar sobre estes venerandos monumentos , na presença do imperador Justiniano , que condemna os escriptos de Theodoro de Mossuesto. Trinta e seis annos depois deixavam elles o Ori-

ente com S. Gregorio, para virem augmentar o immenso thesoiro de reliquias e monumentos sagrados que Roma formava com tanta perseverança, que conserva com tanto cuidado, e que mostra com legitimo orgulho assim aos seus amigos como aos seus inimigos.

Entretanto que S. Gregorio se assentava na cadeira de Pedro, aonde o tinham erguido as suas virtudes e os seus talentos, não longe de Roma uma joven rainha subia ao temivel throno dos Lombardos: era Theodelinda. Filha do rei da Baviera, esposa d'Agilulfo, foi na Italia, para seu marido e para o seu povo, o que foi Clotilde nas Gallias para Clovis e seus Francos, Adelberga na Inglaterra e Ingonda na Hespanha: isto é, o apostolo da sua nação que ella teve a felicidade de reconduzir do arrianismo á verdadeira fé. Em testemunho da sua paternal satisfação, fez S. Gregorio presente á piedosa rainha do cravo encerrado no diadema de Constantino. Theodelinda o collocou, com um pedaço consideravel da vera Cruz, enviado pelo mesmo Pontifice, na igreja de Monza.

N'aquella epocha, não era Monza mais que um simples castello onde os reis lombardos, cuja capital era Pavia, iam passar a bella estação. Desde que foi enriquecido com tantos thesoiros divinos, elles o consideraram como o palladium do seu imperio. O que era para os Israelitas o tabernaculo da Arca d'alliança, o veio a ser Monza para os lombardos. D'onde o nome de *Palladium* e *Oraculum* que elle tem nas suas cartas.

Quando morreu, deixou Theodelinda todas as riquezas de que acabo de fallar, e outras mais, á Basilica de Monza, edificada por seus cuidados.

O auto ou a copia do auto da doação acha-se na capa doirada d'um manuscripto conservado em Monza, e que Mabillon publicou no seu *Iter italicum*: de cada lado, lê-se a inscripção seguinte:

EX. DONIS. DEI. DEDIT.
THEODELENDÆ. REG.
IN. BASELECA. QVAM. FVN.
DAVIT. IN. MODOECIA.
JVXTA. PALATIVM. SVVM.

A fim de perpetuarem o eloquente uso a que a imperatriz S. Helena destinara o cravo que trespassara o Rei dos reis, Agilulfo e Theodelinda o mandaram pôr na corôa dos reis lombardos, e foram os primeiros que quizeram trazer na frente este diadema sagrado. A partir desta epocha, vêem-se os seus successores e depois os imperadores d'Allemanha irem tomar a Monza a Corôa de Ferro, e receberem, ao tomal-a, o titulo de reis d'Italia. O primeiro imperador cuja cabeça foi ornada deste augusto diadema, foi Carlos Magno, e o penultimo, Napoleão (1). A cerimonia da coroação é sempre feita pelo arcebispo de Milão. Os antigos annaes dizem que elle possui este privilegio do mesmo Papa S. Gregorio.

Dois obstaculos retardaram, por algum tempo, a visita do Thesoiro. A' nossa chegada, fazia-se a Catechese de Perseverança; a igreja estava cheia de gente. Terminando o officio, foi ne-

(1) Carolum Magnum, victo Desiderio rege, Modoetiæ per archiepiscopum Mediolanensem Corona Ferrea redimi voluisse, atque, ut ita apud posteros observarentur, instituisse. — Sigon. *De Regno Ital.* lib. IV.

cessario arranjar as chaves da santa capella, que, depositadas em varias mãos, se reuniram com custo. Esta demora nos permittiu que visitássemos a egreja em todas as suas partes. A frontaria é ornada de duas estatuas de S. João Baptista e dois medalhoens de marmore representando Theodelinda e Agilulfo. Todo o interior é pintado a fresco. A capella, à esquerda do altar-mor, possui um quadro do XV.º seculo (1444), que representa preciosos cofres abertos na presença da rainha Theodelinda e de seu filho, o rei Adwaldo, do arcebispo de Milão, e de grande numero de prelados e senhores da Côrte. Alguns dos personagens tem na mão vasos sagrados e a Cruz; à sua frente caminha S. Gregorio Magno levando uma corôa real semelhante à Corôa de Ferro. Este quadro traduz e completa um precioso monumento que tínhamos visto na metropole de Milão. Quero fallar do mosaico do IX.º seculo, situado sobre o lado esquerdo do grande abside, e que representa o arcebispo dando a Corôa de Ferro aos reis lombardos. Estas duas pinturas attestam de um modo authentico tanto a origem como a historia e o uso da Corôa de Ferro.

Alfim chegaram as chaves. No Thesouro da sacristia vimos o manuscrito de que fallei, a magnifica taça de onix, dadiua de S. Gregorio, e a maior que se conhece; o magnifico pente de marfim de Theodelinda, engastado n'um adorno de filigrana d'ouro enriquecido d'esmeraldas; finalmente, a bacia de bronze doirado, contendo uma gallinha cercada de sete pintos de prata doirada, emblema da benefica princeza, occupada da felicidade das sete provincias que compunham o seu reino. Outros dois objectos ainda mais vene-

raveis altrahiram a nossa attenção. O primeiro é a carta authographa de S. Gregorio Magno a Theodelinda, na qual o Summo Pontifice especifica à prínceza as reliquias que lhe envia por João seu legado. Esta carta é em papyro e de duas columnas separadas por uma grinalda de florinhas. O segundo é a Cruz *del Regno*, que se suspendia ao pescoço dos reis lombardos quando se celebrava a sua coroação. É uma cruz grega d'ouro, cujos braços do comprimento de duas polegadas são ornados de pedras preciosas e reunidos por uma magnifica saphira.

Da sacristia levaram-nos á egreja. É na capella . á direita do altar-mor, que se guarda a Corôa de Ferro com diversas reliquias insignes: o precioso thesoiro está encerrado n'um soberbo armario situado por cima do altar.

A Corôa de Ferro compõe-se de duas partes: uma interior e outra exterior. A primeira é o mesmo cravo da Paixão. Este cravo é achatado e forma uma lamina circular d'umas seis linhas de largura e d'um comprimento sufficiente para rodear uma cabeça d'homem; a segunda é o diadema propriamente dicto. O cravo está engastado n'uma corôa d'ouro adornada de esmaltes e de vinte e duas pedras finas de differentes côres; a sua altura é de umas vinte linhas; forma um simples circulo ou faixa sem fitas para atal-a, sem raios nem cimeira na parte superior: tres signaes de grande antiguidade. Examinando-a de perto ficasse admirado do polido e da pureza do ferro interior, exempto da minima nodoa de ferrugem, posto que a Corôa tenha estado muitas vezes e algumas por muito tempo escondida em logares humidos, para a subtrahir aos estragos e ás pro-

funções, resultados inevitáveis das numerosas guerras que teem assolado a Italia.

Contemplando pela ultima vez esta preciosa reliquia collocada entre um pedaço consideravel da verdadeira Cruz, parte da canna, da esponja, da columna e do santo sepulcro, pergunta um homem a si mesmo porque quizeram os reis e imperadores a todo o custo ornar a testa com esta antiga Corôa cuja magnificencia está longe de egualar a dos modernos diademas? O homem razoavel vê-se forçado a responder: Que todos os seculos reconheceram na Corôa de Monza alguma coisa sagrada e divina; que os chefes das nações christãs consideraram uma honra insigne o terem em sua testa, ainda um só instante, o diadema sanctificado pelo sangue do Rei dos reis; que a Religião quiz, concedendo-lhes este glorioso privilegio, recodar-lhes a origem do poder e o uso que devem fazer delle e as contas que delle hão de dar. Pela sua parte, no proceder humanamente inexplicavel de todos aquelles monarchas que tomam para sua corôa um instrumento de supplicio, não pôde o christão deixar de admirar mais uma prova da divindade daquelle que mudou as idéas, os costumes, as leis e os prejuizos do universo (1).

(1) Veja-se, sobre a Corôa de Ferro, a sabia dissertação de Fontanini, prelado domestico de Clemente XI. *Roma*, 1717. Esta obra, contra a qual veem aniquillar-se os arrazoados de M. Robulziano Gironi, começa por estas palavras: « Quid adhuc quæris examen, quod jam factum est apud Apostolicam Sedem, » e termina por estas: « Desinat incessere novitas vetustatem. »

Quando sahiamos da igreja, encontramos na praça um grupo consideravel de burguezes e homens do povo que conversavam uns com os outros. Na multidão estava um velho ainda rijo que veio direito a nós e nos disse em bom francez: « Saude aos meus compatriotas. — Então sois francez? — Sim. — Que fazeis n'esta terra? — Vivo agradavelmente dos meus pequenos rendimentos. — Ha quanto tempo deixastes a França? — Habito em Monza ha quarenta annos. Fazia parte do exercito d'Italia; estava em Marengo; fui ferido; fiquei n'esta terra e aqui estou estabelecido; mas fallai-me da França! » Ao dizer estas palavras, estendeu-nos affectuosamente a mão; o rosto des-enrugava-se-lhe, animava-se-lhe a cada uma das nossas palavras; por fim duas grossas lagrimas lhe cahiram das faces e disse-nos apertando-nos de novo a mão: « Como vêdes, fiz-me italiano sem deixar de ser francez! »

« A tous les cœurs bien nés, que la patrie est chère! »

(Muito chara é a patria para os coraçoes bem formados!)

Visitamos depois o pequeno Seminario. Diferentemente das outras dioceses d'Italia, Milão reúne em casas separadas os theologos e os philosophos. Como edificio o estabelecimento de Monza é bellissimo e passa por mui notavel debaixo do ponto de vista dos estudos. Por um systema que se assimilha algum tanto ao de Mettray ou de Petit-Bourg, os dormitorios servem ao mesmo tempo de salas d'estudo. Acabavamos de percorrel-os, quando se veio anunciar a partida das cinco horas: foi necessario descer a toda a pressa á estação.

Digo-o com saudade : quando estiverem estabelecidos os caminhos de ferro , o classico caleceiro deixará de existir ; ir-se-ha de Genova a Veneza em um dia ; as mil bellezas da natureza e das artes passarão por diante dos olhos como sombras chinezas ; viajar-se-ha , não para ver , mas para chegar : acabar-se-ha a viagem de Italia.



18 d'Abril.

Arrozaes. — Pavia. — Ponte. — Corpo de S. Agostinho.
— Universidade. — Collegio Borromeu. —
Campo de batalha. — Cartuxa.

A's cinco horas da manha partimos para Pavia. Uma planicie monotona , d'umas seis leguas d'extensão , separa Milão da antiga capital dos Lombardos. Percorre-se por uma magnifica estrada que costêa constantemente o *Naviglio* , grande canal de communicação entre o Milanez e o Adriatico. Pelo meio das arvores e dos campos cultivados desenham-se numerosos arrozaes : era a epocha das sementeiras. Alguns homens com um sacco de arroz ao pescoço , a cabeça coberta d'um largo chapêu de palha e as pernas nuas , lançavam a semente n'um terreno profundamente humedecido e até coberto d'algumas pollegadas d'agua. Era para obedecer à prescripção do Cantor das Georgicas : *Nudus ara , sere nudus ?* Ignoro ; o que parece infallivel , é que semelhante operação deve produzir o resultado indicado pelo fim posthumo do verso virgiliano : *Ilabebis frigora , febres.* Como quer que seja , a cultura do arroz é

uma das principaes riquezas da Lombardia é do Piemonte. A Europa, segundo se diz, o deve a um Hollandez vindo das Grandes Indias. A Italia tira grande proveito delle, graças ao seu intelligente systema de irrigação.

Esta cultura é, além disso, a mais simples de todas; a terra, depois da colheita, está privada d'agua até á primavera. N'ella se semêa então o arroz depois d'uma unica lavra e sem outras preparaçoes. Quando a planta tem algumas pollegadas d'altura, abaixam-se as comportas para inundar o solo. O arroz cresce como uma planta marinha n'uma terra constantemente submergida. Não se tornam a levantar as comportas senão pela epocha da madureza, a fim de dar ao solo tempo de seccar, e aos ceifadores possibilidade de fazerem a colheita. Ella se ata em pequenos molhos que se deixam algum tempo amontoados antes de os malhar. Cultiva-se esta planta tres annos seguidos no mesmo terreno; não se lhe deitam adobos durante todo este tempo, por causa das aguas que lhes neutralizariam o effeito; e depois deixa-se a terra dois annos inculta e em prados naturaes. Durante cinco annos não se estruma a terra senão uma vez. O producto d'uma medida d'arroz é avaliado no dobro da d'um trigo d'egual belleza (1). Todavia ao lado das vantagens estão os inconvenientes: as aguas estagnantes dos arrozacs causam muitas vezes febres e outras doenças.

(1) Veja-se *Cartas sobre a Italia*, por M. de Châteauevieux, p. 380.

O principal motivo da nossa peregrinação a Pavia era offerecer os santos mysterios sobre o corpo de S. Agostinho. Tinhamos orado no Baptisterio de Milão que foi o seu berço, e era justo que nos prostrassemos sobre o seu tumulo. Mas antes de nos dirigirmos á egreja, o tempo nos permittiu lançassemos uma vista d'olhos sobre a cidade. Edificada nas margens do Tessino, no meio d'uma campina tam fertil e tam agradavel que partilha com a marca d'Ancona o glorioso cognome de Jardim da Italia, Pavia, o *Ticinum* dos Romanos, deve a sua origem aos Gallos de quem foi uma das principaes fortalezas. O demonio reinava alli senhor absoluto, assim como no resto do mundo, quando os pescadores da Galiléa foram abalar os seus altares. A grande sombra dos santos Juvencio e Syro parece pairar ainda sobre esta cidade, conquistada á fé pelas suas penosas luctas. Enviados por S. Ermagoras, discipulo de S. Marcos, plantaram o estandarte victorioso da cruz não só em Pavia, mas nas cidades visinhas (1). Para ganhar raiz e estender os seus ramos protectores, a arvore da verdadeira liberdade pedia sangue: foi regada de sangue. A' frente dos martyres de Pavia caminham os santos bispos Dalmasio e Felix; a sua coragem, tornada patrimonio dos seus successores, continuou a brilhar nas luctas encarniçadas, posto que não sanguinolentas, do erro contra a verdade.

Quatorze bispos, formados segundo o seu modelo, e collocados como elles nos altares do mundo christão, são os chefes do glorioso exercito

(1) Bar. Annot. ad Martyr. 12 sept.

cujo intelligente valor soube conservar a Pavia o thesoiro da fé.

As artes e sciencias brilharam tambem com vivo resplandecer na capital dos Lombardos. O rei Luitprando, guerreiro, legislador, auxiliar de Carlos Martel na defeza da civilisação europea contra os Sarracenos; Boecio, ministro de Theodorico, sabio, orador, philosopho, poeta e martyr do bem publico, deixaram nomes immortaes; porem a torre em que Boecio foi encerrado, e na qual compoz o seu livro da *Consolação*, já não existe. Fundada pelos Summos Pontifices em 1360, a Universidade de Pavia continua gloriosamente a cadeia da tradição scientifica. Entre os illustres discipulos que ella viu em seus cursos, tem cuidado o viajante christão de não esquecer S. Francisco de Sales.

O aspecto de Pavia não tem nada de notavel; as ruas são em geral estreitas e sujas; os edificios publicos, excepto alguns, de mediocre elegancia: só a *Strada Nuova* merece ser percorrida. Esta rua larga, ornada d'armazens, atravessa toda a cidade e termina na magnifica ponte do Tessino. Este monumento do XIV. seculo attesta o poder da arte e a grandeza dos edificios publicos, n'uma epocha muito tempo accusada de barbaria. Tem trescentos pés de comprimento por doze de largura. Cem columnas de granito sustentam o elegante tecto de que é coberto, assim como a piedosa capella edificada no meio.

Entre as egrejas, S. Miguel offerce curiosos restos de esculptura romana. Graças a algumas desestradas restauraçoes, a cathedral só imperfeitamente conserva o seu caracter gothico; porem tem muitos bons quadros de Sacchi, Zingaro e

Antonio Rossi. O *S. Syro* do ultimo é uma obra capital; porem a verdadeira riqueza deste templo, o nobre objecto da piedosa curiosidade do viajante, é o tumulo de S. Agostinho.

O illustre Bispo d'Hiippona repouisa no altar-mor. A arte ao mesmo tempo tam paciente e poetica do seculo XIV.º excedeu-se, em certo modo, para adornar o tumulo do immortal Doutor. A descripção desta epopêa em marmore nos levaria demasiado longe; contentar-me-hei em dizer que quatrocentas e oitenta figuras d'um delicado trabalho, decoram as paredes do mausoleu.

O que pode sentir um sacerdote catholico offerecendo a adoravel Victima sobre o corpo de S. Agostinho, os pensamentos que lhe nascem á recordação do filho de Monica, os sentimentos que lhe inspiram a visinhança, o contacto do gigantesco athleta da fê, do genio mais vasto e ao mesmo tempo do coração talvez mais amante que tem honrado a Egreja e a humanidade, são coisas que se não podem contar, nem mesmo quando se teve a felicidade de as sentir.

Mas como se acha este precioso deposito em Pavia? Ha mil e cem annos que a historia nunca variou na resposta. No fim do quinto seculo, Trasamundo, rei dos Vandalos, perseguiu violentamente a Egreja d'África. Todos os bispos a quem o cutello não terminou a gloriosa carreira, foram desterrados para a Sardenha. Ao partirem para o exilio, os numerosos confessores levaram consigo os ossos dos martyres e particularmente o corpo sagrado de S. Agostinho, seu pae e modelo: era no anno 405, sob o papa Symmaco. Trescentos annos depois, pelo anno 774, o temor dos Sarracenos fez transportar o precioso

deposito para Pavia ; onde todas as gerações christãs não teem cessado um instante de ir render-lhe suas homenagens (1).

Ora sabeis em que termos um auctor francez , cuja obra anda entre as mãos da maior parte dos peregrinos d'Italia, falla deste facto incontestavel e incontestado ? Prestae ouvidos : « Entre

(1) Vid. S. Fulgent. ep. Rusp. ; Oldrad. ep. Mediol. *Epist. ad Car. Magn.* ; Francis. *Fera. de Rebus Sardois*, etc. ; Baron. *Ann. t. IX*, an. 725 ; Paul. diacon. *de Gestis Longobard.* lib. VI, c. 14 ; Sigonius, *de Reg. Italiæ* ; Ado Vienneus. *In chronic.* an. 717. Duas testemunhas illustres contemporaneas da segunda transladação, exprimem-se assim : « Luitprandus audiens quod Saraceni, depopulata Sardinia, etiam loca foederent illa ubi ossa sancti Augustini episcopi propter vastationem Barbarorum olim translata et honorifice fuerunt condita, misit, et dato magno pretio accepit, et transtulit ea in Ticinum, ibique cum debito tanto Patri honore recondidit. » Beda, *lib. de Sex. ætat.* in fine. — O facto que o V. Beda conta em poucas palavras, descreve-o Oldrado, arcebispo de Milão, por menor na sua carta a Carlos Magno. Esta peça capital, que lamento não poder referir, acha-se inteira em Baronio, *Ann. t. IX*, an. 725, n. 2 e seg. ; n'ella se vê a magnífica recepção feita por Luitprando e pelo seu povo ao corpo de S. Agostinho, e os milagres com que o santo recompensou a piedade publica, em fim a deposição dos seus restos sagrados na egreja de S. Pedro, *in celo d'oro*.

essa multidão de restos mentirosos, que abundam na Italia, Pavia mostra dois dos mais brilhantes e mais bem imaginados. O primeiro é o pretendido e grandioso tumulo de S. Agostinho (1). » Um factó publico tractado de fabula; os auctores contemporaneos tractados de embuste ou ignorancia; onze seculos, de saperstição; os papas, de charlataneria: eis parte do veneno encerrado n'estas phrases ás quaes tornarão para sempre indesculpaveis a fidelidade do historiador e a probidade do homem honrado: até agora comtudo tam-se viajado com similhaotes guias!

Depois d'uma frugal comida, visitamos a Universidade. Este vasto edificio, sito na *Strada Nuova*, offerece á admiração do estrangeiro a sua rica fachada e os seus tres patios rodeados d'um peristyle de columnas duplas. No interior, encontra-se uma bibliotheca d'uns cincoenta mil volumes, um lindo gabinete de phisica e historia natural, e magnificas salas destinadas ao ensino. Os estudos, cujo programma é tam variado como em França, fazem-se alli com um resultado egual, se não superior, graças á liberdade do ensino. Alli não se semeja grego e latim para colher bachareis, mas derrama-se instrucção para obter sciencia.

O Collegio Borromeu, visinho da Universidade, é uma das magnificas creaçoens de S. Carlos. O illustre arcebispo quiz que a joven nobreza do Milanez bebesse em fontes puras a sciencia que faz os cidadãos uteis, em tanto que edu-

(1) Este auctor é M. Valeri, nas suas pretendidas *Viajens historicas na Italia*.

cada sob a mesma disciplina, na mesma provincia e no mesmo estabelecimento, ella se formasse em costumes christãos e conservasse com fidelidade o espirito nacional, preciosa herança das familias, e garantia d'honra e prosperidade para os Estados. Com a intelligencia e o zelo das grandes coisas que caracterizam os santos, apressou-se o generoso Cardeal a pôr mãos á execução do seu projecto; a energia da sua vontade e a bondade do seu coração o conduziram ao termo no curto espaço d'alguns annos. Pavia foi dotada d'um monumento, cuja grave fachada, elegante architectura, vastos porticos, brilhantes frescos e esplendida capella, são o orgulho da cidade e a gloria immortal do fundador. Fiel ao espirito do santo Cardeal, continua ainda hoje a familia Borromea a sustentar á sua custa o Collegio e os trinta alumnos que o compoem.

Os Santos, bemfeitores do mundo, tal foi o assumpto da conversação durante a caminhada que demos a pé até á Cartuxa, distante de Pavia umas seis milhas. A meio caminho, sobre a esquerda, mostra-se o supposto sitio onde Francisco 1.^o perdeu a celebre batalha. O famoso campo tem ainda o nome de *Ripentita*; foi no parque da Cartuxa que o monarcha francez rendeu a sua nobre espada e se entregou prisioneiro. A tradição do convento diz que a primeira coisa que feriu seus olhos foi a inscripção seguinte: *Bonum mihi quia humiliasti me, ut discam justificationes tuas*: « É um bem para mim, Senhor, que me tenhaes humilhado, a fim de que eu aprenda a conhecer os vossos adoraveis juizos. » A' vista deste texto divino, poz-se o principe de joelhos, repetiu-o com devoção e escreveu a sua mãe: *Tu-*

do está perdido, Senhora, menos a honra. A vinte minutos da estrada, no meio d'uma planície coberta d'arvores de fructo, se desenha a Cartuxa. Que dizer desta maravilha? Senão que ella é digna irman da Cartuxa de Napoles. Na elegante fachada, adornada de pinturas delicadas, de baixos-relevos, de medalhoens e columnas de marmore de Carrara, brilha ao longe a inscripção seguinte, escripta em grandes letras d'ouro: *Virgeni Mariæ, Filie, Matri et Sponsæ Dei: « A Virgem Maria, filha, mãe e esposa de Deus. »* Misericordia para Galeas Visconti cujo arrependimento ergueu este magnifico sanctuario.

A egreja, mixto d'architectura gothica e grèga, forma uma cruz latina, cujo comprimento é d'uns duzentos e trinta e cinco pés, e a maior largura de cento e sessenta e cinco. Tem tres naves, quatorze capellas, sete de cada lado, sem contar as duas do transepto e o altar-mor. Todas as paredes exteriores são ornadas de esculpturas e columnas de marmore branco, assim como o zimborio, cuja forma é da maior elegancia. O interior do templo corresponde ao exterior. Do pavimento até a abobada, tudo é ouro, marmore e pintura.

Cada altar, coroado d'um quadro, offerece aos olhos deslumbrados a reunião dos marmores mais raros incrustados ordinariamente de pedras finas. Os principaes frescos são de Cesare Camillo Procaccini, Macrino d'Alba, Antonio Busca e Daniel Crespi. A santa Virgem, com Nosso Senhor, S. Pedro e S. Paulo, pelo Guercino, e a santa Virgem cercada d'Anjos que adoram o Menino Jesus, pelo Perugino, são duas admiraveis obras-primas de graça e expressão. O habil si-

zel d'Amedei e outros escriptores celebres povoou todas as partes do edificio de estatuas cuja belleza rivaliza com a das pinturas. Que dizer da grade de ferro do côro, com couceiras de marmore, ornatos e figuras de bronze doirado, senão que é talvez a mais bella que existe? No transepto ergue-se o mausoleu de marmore de Galeas Visconti, fundador da igreja. Este monumento está coberto de esculpturas delicadas representando as acçoens de Galeas, cujo corpo nunca repousou n'este magnifico tumulo, acabado sómente cento e sessenta annos depois da sua morte:

Quem não viu o côro e o altar-mor não pode fazer idéa da sua magnificencia. Alli scintillam, por todas as partes, os mosaicos mais finos e mais brilhantes, o alabastro recortado como uma renda, o bronze animado pelo sinzel de Brambilla, o lapis-lazuli formando por todas as partes graciosos desenhos e fazendo brilhar, no seu fundo azul, multidão de pedras preciosas, semelhantes ás estrellas que scintillam na abobada celeste. O *Lavabo* dos religiosos, e as duas sacristias são outras tantas joias. No primeiro, a grande bacia de marmore, as figurinhas que deitam agua, e o poço de marmore, parecem o ultimo esforço da arte, tanta elegancia e delicadeza se acha n'elles. Pelo seu tamanho e riqueza, as duas sacristias correspondem ao que já se viu. A nova é um museu de pintura; e a antiga possui uma obra unica no mundo: é um cofre ornado de baixos-relevos de dentes d'hyppopotamo, e representando toda a historia do Velho e Novo Testamento.

Ao sahirmos da igreja, entramos no Portico da Fonte. Este logar recorda o *Atrium* dos antigos. No centro rebenta uma fonte limpida, e, pelos

ledos, corre um elegante portico de barro cozido, com tecto pintado de azul e doirado, e cujas esculpturas rivalizam com as mais bellas obras de marmore. D'alli passamos a outro claustro mais vasto; mas não menos rico. O meio, coberto de relva, é o cemiterio dos Cartuxos, cujas cellas se levantam symetricamente por cima do tecto sahido fóra que cobre o portico. Tal é o imperfeito esboço desta maravilha da arte. O arrependimento d'um principe a começara, a austera frugalidade dós Cartuxos a acabara; um principe jansenista, José II, a espoliou, e o Directorio francez a expoz a uma ruina completa arrancaando os chumbos que a cobriam. Amor e admiração, horror e piedade: taes são os sentimentos que inspiram a historia e a vista da Cartuxa (1).

(1) A idade media com sua fé, suas fraquezas e sua heroica penitencia, respira no auto de fundação. Aos oito d'outubro do anno da encarnação de mil e trescentos e noventa e seis, João Galeas Visconti poz a primeira pedra do edificio, e tres annos depois vinte e cinco cartuxos foram alli estabelecer-se. O duque lhes assignou para dotação diversos logares nos arredores, de que elles tiraram um rendimento consideravel, o qual ainda augmentou mais com a cultura. João Galeas, no seu testamento feito em Miligno, a 21 d'agosto de 1402, impoz aos religiosos a obrigação de empregarem uma somma fixa e annual em terminar esta construcção, e isto até á sua plena e inteira conclusão; depois do que, a mesma somma devia ser distribuida aos pobres todos os annos, o que não pôde ter logar senão no anno de 1643, não se tendo acabado inteiramente o

19 d'AbriL.

Um sermão. — Bibliotheca. — Galeria. — Bibliotheca Ambroziana. — Leonardo de Vinci. — Santa Maria das Graças. — Fresco da Cêa. — Arco da Paz. — Circo. — Grande Seminario. — Paço archiepiscopal. — Primeira casa d'orphãos. — Grande hospital. — Irmãos de S. João de Deus. — Sallas d'asylo, — Oratorio de S. Carlos. — Pio instituto de Santa Maria da Paz. — Collegio militar. — Hospicios Martínelli, — de Santa Maria *della Stella*, — *di Loreto*, — *délla Vergine Addolorata*. — *Pia casa d'industria*.

Ao passarmos por ao pé da egreja de S. Fiel, fomos attrahidos pela voz d'um prégador que, não sei com motivo de que festa, prégava da Santa Virgem. O auditorio era numeroso e mui recolhido. Segundo o costume d'Italia, o orador ia e vinha livremente sobre o *Palco*, distribuindo aos fieis os thesouros da sua piedade e eloqueancia: não carêcia nem d'uma nem d'outra. A sua palavra viva e figurada, o seu tom de voz cheio d'unção, os seus gestos pitorescos, a fluidez dos seus pensamentos e sentimentos, convinham quanto era possível ao caracter da assemblea. Em geral, tenho observado nos prégadores italianos muita mais simplicidade e naturalidade que nos nossos. O methodo symetrico, a fria unidade, todas essas coi-

edificio senão n'essa epocha. Porém sendo cada anno mais consideravel o remanescente, deu meio aos religiosos, ao mesmo tempo que satisfaziam â esmolla prescripta, de continuarem a aformosear e enriquecer o soberbo monumento. • Caval. Malespina de Sannazaro, *Descriz. della Certosa di Pavia*.

sas da arte humana, que devemos, em parte, á nossa educação classica, está longe o pulpito italiano de admittil-as no mesmo grau. D'onde resulta que a prégção attinge melhor o seu fim, quer dizer, é ao mesmo tempo mais popular e mais util.

De S. Fiel dirigimo -nos á Bibliotheca. Aqui, como na maior parte das grandes cidades d'Italia, a Bibliotheca é um palacio e um thesoiro. Duas bellas escadas de marmore conduzem a vastas salas ornadas de forros de madeira delicadamente trabalhados. Uas cento e sessenta mil volumes e mil manuscriptos estão arrumados em soberbos armarios; depois vem o Gabinete das medallas e o Observatorio, um dos mais notaveis da Europa. Este ultimo foi illustrado por um dos melhores astrónomos dos tempos modernos, o abbade Oriconi, que o dirigiu por espaço de cincoenta annos. Depois de ter recusado ser senador do imperio, o humilde e piedoso ecclesiastico morreu em 1832. No mesmo edificio se acha a galleria. Como toda a gente, vimos alli com felicidade o *Casamento da Santa Virgem*, obra cheia de graça da mocidade de Raphael, e a *Agar despedida por Abrahão*, do Guerchino: este quadro produz viva impressão; *S. Pedro e S. Paulo*, pelo Guido; *S. Marcos prégando em Alexandria*, por Gentile Bellini; a *Magdalena aos Pés de Nosso Senhor*, e a *Santa Familia*, pelo Albano; e varias outras composicoens; de Gaudencio Ferrari, Bernardino Luini, e do Bramantino, estão outras tantas obras-primas de gosto, ingenuidade, expressão e perspectiva.

Se a galeria de Milão occupa um logar distincto entre as galerias da Europa, a bibliotheca

ambroziana figura em primeira linha entre os the-soiros litterarios da Italia. Devida em parte á munificencia de S. Carlos, conta uns sessenta mil volumes e mais de dez mil manuscriptos. Vimos alguns Palimpsestos de grande interesse. Citarei entre outros o dos Pleitos de Cicero por Scaro e Flacco, sobre os quaes tinham escripto os versos de Sedulio, nosso poeta christão do VI seculo. O das Cartas de Marco Aurelio e Frontão, encontradas debaixo d'uma historia do Concilio de Chalcedonia: esta dupla descoberta é devida ao cardeal Mai, que parece haver recebido a missão de fazer a respeito dos velhos manuscriptos, o que Cuvier fez a respeito dos fósseis. As obras de Josepho, escriptas em papyro, são um dos manuscriptos mais preciosos que se conhecem: este manuscripto data de doze seculos pelo menos. Uma magnifica salla contem muitas obras-primas de pintura; taes são o *Christo*, do Guido, e a *Eschola d'Athenas*, de Raphæel.

Leonardo de Vinci não deve ser esquecido. Pintor, litterato, mecanico, engenheiro, architecto, o amigo de Francisco I.^o estava à frente de todas as artes, e em todas deixou os luminosos vestigios do genio. O pai das letras teve por este grande homem mais que admiração; honrou-o com uma constante amizade. Tendo sabido que Leonardo de Vinci estava moribundo em Fontainebleau, o rei foi vel-o e o sustentou no regaço em quanto lhe faziam tomar um caldo. Tanta bondade excitou a surpresa d'um cortezão: « Sahei, lhe diz o rei, que eu posso fazer grandes senhores todos os dias, mas só Deus pode fazer o homem que perco. »

A *Çêa* passa pela obra-prima de Leonardo de

Vinci. Foi feita para o refeitório dos Dominicanos de Nossa Senhora das Graças, e disseram-nos que só a cabeça de Nosso Senhor occupára o artista por espaço de tres annos. Este admiravel fresco está infelizmente perdido ou quasi perdido. Em 1796, os Francezes, tornados senhores de Milão, profanaram a igreja dos Dominicanos e transformaram o refeitório em cavalleriça. A humidade e o salitre, communicando-se ás paredes, reduziram em breve a immortal composição ao deploravel estado em que a vimos. Não restaria vestigio algum della se um moço official, visitando os quartéis; não houvesse mandado immediatamente retirar os cavallos e provido, quanto ainda era possivel, á conservação da obra-prima.

Ao sahirmos de Nossa Senhora das Graças. saudamos o Arco da Paz começado por Napoleão, e o Circo acabado por este mesmo conquistador. Este circo moderno imita perfeitamente os antigos, e serve como elles para as corridas de carros e para as naumachias; pôde conter trinta mil espectadores. Dir-se-hia que n'este bello paiz d'Italia os monumentos sahem de baixo da terra e não custam nada a construir, tam consideravel é o seu numero. As pontes, as egrejas, os palacios, as estatuas, os arcos de triumpho, os porticos, as fontes, que se encontram nas mais pequenas cidades, são d'uma perfeição admiravel e d'uma solidez que desafia os seculos. O amor das artes é a gloria dos Italianos, e vale tanto como qualquer outra; esta pelo menos não faz infelizes.

O grande seminario e o paço archiepiscopal são outros dois monumentos que honram a cidade que os possui e o grande santo que os fundou.

D'architectura nobre e severa, reflectem o genio do illustre cardeal e indicam o objecto a que são destinados. Os vastos saloens do arcebispado outr'ora armados de ricas tapeçarias, foram despojados dellas por S. Carlos, para vestir os seus pobres diocesanos durante a peste; deixaram-os no mesmo estado. A nudez daquellas grandes paredes tem não sei que de surprehendente que se torna em eloquencia, quando a gente a contempla recordando-se do facto de que acabo de fallar.

Reanimado por S. Carlos, o espirito de charidade continua a inspirar os Milanezes. Compre dizer para gloria sua, que o primeiro estabelecimento regular, em favor das crianças abandonadas, teve nascimento na sua cidade. Essa honra per'ence a um santo sacerdote chamado Dathen, dignatario da egreja de Milão; eis o proprio auto desta memoravel fundação que teve logar em 787: « Eu Dathen, pela salvação da minha alma e pela dos meus concidadãos, mando que se faça da casa que comprei e que é contigua á egreja, um hospicio para as crianças achadas. Quero que logo que uma criança for exposta na egreja, seja recebida pelo guarda do hospicio e confiada á custodia e aos cuidados das amas que forem pagas para isso... Estas crianças aprenderão um officio, e quando houverem chegado à idade de dezoito annos, quero que sejam desligadas de toda a servidão e livres para irem e ficarem onde lhes aprouver (1). »

(1) Muratori, *Antich. ital.* t. IV, 37. — O

Fôra agradável seguir através dos seculos essa longa cadêa de beneficios publicos, da qual o estabelecimento de Datheu faz como o primeiro anel. Se os limites d'uma viagem nos vedam semelhante trabalho, perwittem ao meos esboçalo rapidamente; dissera de boa vontade que o ordenam: em geral, a Italia charitativa é mui pouco conhecida. Comtudo, na presença do pauperismo que invade as sociedades modernas, em frente desse formidavel problema cuja solução atormenta a Europa actual, á vista da incommodidade e da fermentação que trabalham as classes inferiores e que podem, n'um momento dado, estabelecer um dello de morte entre aquelle que não possui e aquelle que possui: não é um imperioso dever investigar como a mais antiga, a mais perfeita das sociedades, a Egreja catholica, preveniu a causa e paralysoou os effeitos desse temivel antagonismo? Ora, talvez em parte alguma o seu espirito se tenha feito sentir mais vivamente que na Italia; e o viajante que revela ao seu paiz algumas das suas salutarens invençoens, quasi merece uma corôa civica. Mais vale mil vezes publicar uma boa obra que descrever uma estatua; além disso é justo fazermos com Milão o que temos feito com o resto da Italia: taes são os motivos que, contra os nossos projectos, retardaram a nossa partida vinte e quatro horas.

epitaphio deste santo sacerdote é simples e sublime como a sua vida :

Sancte, memento, Deus, quia condidit iste Datheus.
Hanc aulam miseris auxilio pueris.

A nossa primeira visita foi para o grande Hospital: é o palacio mais bello da cidade. Os marmores, as columnas, os ornatos d'architectura estão alli prodigalisados.

Edificado pelo duque Francisco Sforza, foi, desde o seu principio, consideravelmente augmentado. Contem oitocentas camas, sem cortinas, e que me pareceram demasiadamente chegadas. Recebem-se n'elle sem distincção todos os doentes pobres. Alem dos medicos e cirurgioens ordinarios, alguns professores ensinam alli a arte de curar a numerosos alumnos que juntam constantemente a theoria á practica. Não falta lá senão uma coisa: as nossas irmans de S. Vicente de Paulo. Possa o feliz contagio que de Genova as fez passar a Placencia chegar em breve ao Milanez! Os cuidados materiaes são alli dados com todo o zelo e intelligencia que se pôde esperar de enfermeiros e mulheres assalariadas; se ha um pouco d'embaraço, a limpeza das vastas sallas não deixa nada a desejar. O mesmo succede com os soccorros espiritaes. Debaixo deste ultimo ponto de vista, os hospitaes d'Italia são modelos que se não podem estudar demasiado.

A charidade milaneza edificou para o doente pobre outro palacio meos sumptuoso que o primeiro, porem é administrado com mais sublime dedicação. Na rua *Fate-ben-Fratelli*, vêdes um grande edificio, cujo vestibulo é adornado d'uma bella estatua, de marmore branco, de S. João de Deus. É alli que os dignos filhos de S. Vicente de Paulo da Hespanha e da Italia tractam paternalmente noventa enfermos. Como o coração dos bons religiozes, as portas da sua casa estão sempre abertas: quem quer que seja, o enfermo pode

entrar , certo de ser recebido com cordeal disvelo: eis pelo que toca aos doentes.

Porem a infancia , a pobreza , a velhice , de que modo vai em seu auxilio a charidade milanesa ? Aqui , como em todas as partes onde reina , produz o catholicismo milagres , e abrange todas as miserias humanas desde o berço até á tumba. Alem de grande numero d'escolas gratuitas , possui Milão , para uma população de 148,000 almas , sete ou oito sallas d'asylo. Devem ellas a sua existencia ao excellente abbade Aporti. O methodo é o mesmo que entre nós : e o aceio não deixa nada a desejar. O Oratorio de S. Carlos recebe , aos domingos e dias feriados , jovens aprendizes a quem faz passar o tempo em exercicios religiosos e em divertimentos honestos. O piedoso Instituto de Santa Maria da Paz educa as crianças incorrigiveis de dez a quatorze annos. Um dos grandes meios de melhoramento , é o silencio a que se está obrigado durante todo o tempo do trabalho. Quando o visitamos , acabava o Instituto de ser fundado ; comtudo já contava bom numero de crianças , e o virtuoso director se applaudia pelos resultados obtidos.

Luis XIV estabeleceu o Hospital dos Invalidos , onde os bravos são sustentados em sua velhice , e alliviados em suas enfermidades à custa da patria , pela qual derramaram seu sangue e perderam os seus membros ; Napoleão fundou a casa imperial de S. Diniz para as filhas dos Legionarios ; e toda a Europa applaudiu estas novas instituicoens. Restava uma lacuna : o imperador d'Austria a encheu. Milão possui um Collegio militar , destinado aos filhos dos soldados dos oito regimentos italianos : lá encontramos tresentos alumnos.

Os serviços, as feridas, e a morte dos pais no campo de batalha, são títulos d'admissão para os filhos. Disseram-nos que existem cincoenta institutos semelhantes para os outros regimentos do exercito austriaco. E' facil comprehender o quanto estas instituicoens de bom senso e charidade devem prender o official inferior e o soldado á sua bandeira, pois que na sua ausencia o abandono e a necessidade não ameaçam a sua familia.

Mas o filho do simples cidadão a quem a morte roubou o auctor dos seus dias, que vem a ser delle? A charidade lhe abre os braços e lhe faz as vezes de mãe. O collegio della, é o hospicio dos Orphãos, chamado *Martinetti*, do nome do seu fundador. N'esta bella e vasta casa, encontramos nós uns duzentos meninos de côr rosada, e de rosto alegre. São alli recebidos da idade de sete a treze annos, e ficam até aos dezoito annos. Formam-os para as profissoens industriaes, e enviam-nos como aprendizes para casa dos melhores artistas; assim se habituam pouco a pouco á vida do operario. E' o systema a um tempo economico e paternal do hospicio romano de *Tata Giovanni*. A condição essencial de bom exito encontra-se na escolha dos mestres. As vantagens que o hospicio *Martinetti* proporciona aos orphãos, as gozam as jovens orphans na casa de *Santa Maria della Stella*, defronte de Nossa Senhora das Graças. Fundado pelo cardeal Borromeu, recebe este asylo de tresentas a quatrocentos orphans. Entram n'elle desde os sete annos até aos dez, para não sahirem senão aos vinte e um.

Debaixo do ponto de vista da religião, dos bons costumes e do trabalho, a sua educação não

deixa nada a desejar. Assim que as *Stellinas* são procuradas para casamento pelos artistas honrados. Quando se estabelecem dá-se-lhes um dote de tresentos e treze francos. Se não encontram nem com quem casar, nem onde se arrumar, Santa Maria *di Loreto* lhes abre as suas portas; alli podem passar a vida no seio da paz e da innocencia. Na epocha da nossa visita, Santa Maria *della Stella* contava tresentas e quarenta orphans; encontramos cento e vinte no *Loreto*. Como se vê, o systema de dupla adopção se pratica assim em Milão como na maioria das outras cidades d'Italia; nada é mais moral e por ventura mais economico. Não repetirei o que disse em outra parte sobre a mesma materia.

Milão distingue-se tambem pela esmola favorita da charidade romana. Do rendimento de varias instituicoens, distribuem-se alli annualmente mais de mil dotes, e todas as semanas soccorros individuaes na importancia de mais de trinta mil libras italianas. A veneravel congregação de *Santa Corona* faz tractar gratuitamente os doentes em domicilio. A piedosa *União* visita os doentes do grande hospital, tem cuidado das mulheres e donzellas em perigo, e procura casal-as ou arrumal-as; dirige o Refugio da *Beata Virgine Addolorata*; recebe n'elle as donzellas nubeis de idade de menos de vinte annos, sustenta-as até aos vinte e seis, e lhes dá um dote ao sahirem. Dirige tambem o refugio destinado ás meninas de cinco e doze annos. Ficam alli até aos vinte annos e não sahem senão para serem criadas graves ou mestras: se casam, recebem um dote de duzentos francos. Ainda existem em Milão varias outras associaçoens charitativas, entre as diversas profissoens. Con-

tentar-me-hei com citar o piedoso Instituto philarmónico, o piedoso Instituto typographico, e o piedoso Instituto para os chapelleiros; é assim que em todos os paizes catholicos se lucha com associações *pias* e *charitativas* contra o individualismo que produz primeiro o egoismo, e depois o pauperismo. Porem para serem uteis, isto é Moraes e duradoiras, devem as associações ser fundadas sobre o duplo vinculo do interesse do tempo e do interesse da eternidade; isto quer dizer sufficientemente que são impossiveis fóra da inspiração christã.

Mas a gloria da charidade milaneza é a *Pia Casa d'Industria*. A visita deste estabelecimento modelo terminou o nosso longo e rico dia. Impedir que os pobres mendiguem, como tambem que soffram, sem attentar contra a sua liberdade; assim se estebelece no ponto de vista do economista christão o grade problema da extincção da mendicidade. Ora, parece-nos achar aqui a sua verdadeira solução. A *Pia Casa* impede que os pobres mendiguem, quer dizer que não lhes deixa pretexto algum para o fazerem. Disse-se aos pobres: Ou sois validos ou não sois. Se sois validos, trabalhai em vossa casa ou em casa dos particulares; se vos faltar obra, viude á *Pia Casa*, e ella vol-a dará, quaesquer que sejam a vossa idade, sexo ou forças. Quando tornar a haver obra em vossa casa ou em casa dos particulares, tereis toda a liberdade de a aproveitar. Se sois invalidos, sereis soccorridos em domicilio; porem em nenhum caso vos será permittido mendigar. Se o fizesseis, apesar de todos os meios de o não fazerdes, commetterieis um delicto igualmente contrario ao Evangelho que declara indigno de comer

aquelle que se nega a trabalhar, e á lei civil que deve reprimir a vadice, mãe de todos os vicios. Criminosos, serieis castigados com a reclusão, n'uma prisão ou n'um deposito de mendicidade.

O que precede mostra que a *Pia Casa* impede tambem que o pobre soffra, proporcionando-lhe sempre obra a elle, a sua mulher e a seus filhos. Não só lhe segura o salario exigido para a subsistencia de sua familia, mas tambem respeita a sua liberdade. O pobre chega pela manhan á sua obra; vendem-lhe, se o desejo, uma excellente sopa pelo preço de nove centimos a ração de vinte e oito onças; e de cinco centimos a meia ração. Pode comprar fóra o que lhe convem ajuntar-lhe, e até pode ir comer á cidade com sua mulher e seus filhos; porque tem, todos os dias, como o operario ordinario, uma hora de manhan e outra de tarde de que pode dispor. Terminado o seu dia, torna a achar-se á noite com sua familia, e a sua condição não differe em nada da do artista. Que differença entre a *Pia Casa* e os nossos depositos, e principalmente as work-houses da Inglaterra, onde a liberdade do pobre e as leis da familia são tam horriavelmente sacrificadas! Mas tambem que differença nos resultados! Aqui, abençoá o povo a auctoridade e a riqueza; alli, amaldiçoa-as. Aqui, conserva o pobre a sua dignidade e honra conservando a sua liberdade; alli, embrutece-se perdendo uma e outra. Aqui, a lucta entre o pobre e o rico seria difficil de provocar; alli, não parece esperar senão occasião para rebentar em sangrentas represalias, em desordens, e em anarchia.

A *Casa d'Industria*, estabelecida em 1784, sob a denominação de *Casa de Trabalho livre*, viu

em 1815 formar-se uma filial na outra extremidade da cidade, ao pé da igreja de S. Marcos. O estabelecimento recebe internos *ricoverati*, e externos *interventi*. Os primeiros estão de permanencia; porem são livres para deixarem o estabelecimento quando quizerem, e sem serem obrigados a justificar os seus meios d'existencia: trabalham a jornal ou de empreitada. O seu salario é de quarenta centimos para os homens, e trinta para as mulheres. O dos segundos não é de mais que trinta e cinco centimos para os homens, e vinte e cinco para as mulheres; porem juntam a isso todo o producto do trabalho que podem fazer além da sua tarefa. Por este modo o seu jornal está longe de ser mau. Alguns individuos estão em suas casas e podem ganhar até dois francos por dia. As crianças não teem salario algum; o seu trabalho é accete pelo alimento, que se compõe de sopa, pão e carne; duas vezes por semana ajuntam vinho.

Os homens e as mulheres trabalham em salas separadas; e ha obra para todos. A tecedura da tela e das estofas acompanhada de todas as operaçoens que suppõe, taes como cardar, fiar, branquear, tingir, etc.; com o fabrico de esteiras de junco, de que se faz grande consumo no Milanéz, formam as duas principaes occupaçoens da *Pia Casa*. O numero dos internos é d'uns quinhentos; o dos externos varia de quinhentos a mil, segundo as estaçoens, e actividade dos trabalhos e a carestia dos viveres. Accrescentemos que o estabelecimento fornece trabalho em domicilio a quatorze mil pessoas pouco mais ou menos cada anno. Todavia, graças á especialidade dos seus productos, não faz concorrencia alguma rui-

nosa ao operario livre, nem á industria privada. Assim é que o systema milanez resolve o problema da extincção da mendicidade, e concilia os interesses de todos: os da sociedade destruindo a chaga da vagabundagem; os do pobre, offerecendo-lhe um asylo, ao mesmo tempo que lhe deixa a sua dignidade, liberdade e familia; os do operario livre, dirigindo os trabalhos do refugio de modo que evita uma concorrência prejudicial á sua industria. Ao sahir da *Pia Casa*, não se pode deixar de repetir aos economistas as palavras de Bacon aos Pedagogos do seu tempo: « Procuraes systemas d'educação; vêde as eschololas dos Jesuitas, que é quanto se tem realizado melhor (1). »



20 d'Abril.

Partida de Milão. — Systema de irrigação. — Ponte do Tessino. — Anecdota. — Novara. — Dyplico consular. — Baptisterio. — S. Gaudencio. — Recordações. — S. Lourenço. — O Piemonte. — Vercell. — Recordações de Mario e de S. Eusebio. — Cathedral. — Tumulo do B. Amadeu, — de S. Eusebio. — Manuscripto de S. Marcos. Egreja de S. André. — Tumulo de Thomás Gallo.

Deixamos a capital da Lombardia n'um bello dia de primavera. Os cultivadores andavam nos campos; aqui semeavam-se os arzoaes; alli se-gavam-se as luzernas. As aves regressando das

(1) Consule Jesuitarum scholas; his enim quod usum venit nihil melius. *De aug. scient.*

suas longiquas emigraçoens, alegravam com seus cantos os numerosos trabalhadores, e grandes manadas de bois pulando em torno de nós, animavam a paizagem. Por todas as partes, canaes graciosamente traçados levavam a todas as herdades o rico tributo das suas limpidas aguas. Não se póde deixar d'admirar a intelligencia com que a sciencia das aguas e da architectura hydraulica é empregada n'este encantador e fertil paiz. Grandes depositos estão estabelecidos na flanco desviado dos montes, de modo que se disponha um nivel sufficiente para a irrigação da planicie. A agua desce por canaes que a dividem circulando em volta das propriedades. De distancia em distancia estão diques e comportas destinadas a fazel-a trasbordar sobre o solo; de modo que nenhuma parte da superficie possa escapar ao beneficio. Leonardo de Vinci não foi, como se julgara, o inventor desses canaes; só se lhe attribue a invenção das reprezas.

Alem destes regatos que se tomariam pela sua côr argentea pelas malhas d'uma vasta rede estendida sobre a verde relva, possui Milão dois grandes canaes que formam a sua verdadeira riqueza: o do Tessino, acabado em 1271, e o do Adda aberto em 1457.

Vindos de pontos oppostos, reúnem-se na cidade, aformoseam-n'a, refrescam-n'a, fertilizam-lhe os jardins, unem-n'a ao Adriatico, cujo commercio attrahem, e a poem em communicação com os paizes visinhos e com os valles do lago Maior. E' d'alli que elles levam, por preços moderados, os viveres, o carvão, as madeiras de queima e de carpentaria, e os materiaes de todas as especies, mas principalmente o *marolo*, soberbo gra-

nito de que são feitas as cinco ou seis mil columnas que adornam a real cidade.

Adeus ao Milanez; adeus às bellas aguas que fertilizam o solo; às boas obras que fecundam as almas da Gallia cisalpina! Adeus brevemente à Italia. Já passamos *Magenta*, a *Maxentia* dos Romanos, grande villa, situada no meio das verdes campinas como um brilhante oasis: eis-nos nas margens do Tessino. Na outra extremidade da ponte, a mais bella da Italia, não vimos senão pelos olhos da imaginação Annibal e os seus elephantes, descendo dos Alpes e preparando-se para transpor o rio, apezar da defeza do exercito romano; o que vimos com os olhos do corpo, foi a alfandega piemonteza formada em ordem de batalha e esperando-nos a pé firme. Força foi soffrer a visita, exhibir os *passaporti* e cumprir pela quinquagesima vez as formalidades do costume. Dignaram-se achar-nos em regra, e foi-nos dada por escripto a licença de trotar para Novara.

Na carruagem tomou logar um cantor bergamesco, que ia a Turin; o seu mais ardente desejo era transpor connosco os Alpes e ver Paris. « Tenho lá um compatriota, ajuntava, e seria feliz se o tornasse a ver. — Como se chama? — Vós não o conheceis; mas toda a Europa o conhece: é Rubini. — E' de Bergamo? — Certamente, e nascemos na mesma rua. O bom do rapaz não era rico, mas tinha uma linda voz. Para ajudar sua velha mãe, accumulava as funcções de corista e a mais lucrativa de official d'alfaiate. Um dia, que tinha ido provar umas calças a Nozari, o nosso excellente *Virtuoso* o olhou fixamente e lhe disse com bondade: — Parece-me, meu rapaz, que te vi em alguma parte? — E' possível, Senhor, ter-

me-heis vistò no theatro , onde faço a minha parte nos coros. — Tens boa voz ? — Famosa não . Senhor , apenas subo ao *sol*. — Vejamos, disse Nozari aproximando-se do piano : começa-me a tua escalla. — O moço corista obedeceu ; mas chegando ao *sol*, parou todo esfalfado. — Dá o *lá* , vejamos !... — Senhor , não posso. — Dá o *lá* , miseravel. — *Lá, lá, lá*. — Dá o *si*. — Mas , Senhor... — Digo-te que dê o *si* , ou na minha salvação... — Não vos enfadeis, Senhor, eu tentarei : *lá, si, lá, si, dó*. — Bem vêes , diz Nozari com voz triumphante ! e agora , meu rapaz , não te digo senão duas palavras : se quizeres trabalhar, serás o primeiro tenor d'Italia. Nozari não se enganou ; o pobre corista , que , para ganhar a vida , concertava calções , possui hoje dois milhoens de fortuna e chama-se Rubini (1). »

De que depende a reputação ! É o cantor , orgulhoso com o seu compatriota , poz-se a fallar-nos de Donzelli , Crivelli , Léandro , Bianchi , Mari , Dolci , e de toda essa bandada de rouxinoes partidos de Bergamo , e cujas melodias teem encantado successivamente as capitães da Europa. »

Acabava de terminar esta conversação mudada , quando na extremidade d'uma planicie viçosa e fertil , cortada pelo Terdoppio e pelo canal de Sforzesca , avistamos , assentada em um monticulo , a antiga Novara. O seu velho castello , as suas muralhas , e as suas grossas portas lhe dão um aspecto ameaçador : dir-se-hia de longe uma torre da idade media. A *Novaria* dos Romanos

(1) Esta anecdota foi depois contada muitas vezes , e entre outros por Fiorentino.

conserva diversos monumentos curiosos de dominação delles. A religião do povo-rei acha-se nos numerosos altares votivos, dispostos pelo antigo portico da cathedral. O seu amor aos jogos publicos é recordado n'um dyptico consular da sacristia de S. Gaudencio. N'este *libretto* de marfim estão esculpidos dois consules dando o signal dos espectaculos. Estas differentes reliquias compoem, com bom numero de pedras sepulcraes, urnas e inscripçoens romanas, um museu muito curioso; porem o principal objecto da nossa attenção foi o soberbo *columbarium* transformado em baptisterio: um sepulchro pagão feito berço dos fieis! eis um desses bellos e poderozos contrastes cujo segredo possui a Italia tam bem, e cuja vista produz sempre viva impressão.

Algumas boas telas decoram a cathedral, e os archivos do cabido conservam um dos mais antigos manuscriptos de toda a Italia: é a vida de S. Gaudencio e d'outros santos de Novara, escripta em 700. A Basilica dedicada ao santo Bispo é o mais bello edificio da cidade. As brilhantes e graciosas pinturas do Moncalvo, de Brandi, Gaudencio Ferrari, Stephano Legnagoi e dos melhores mestres da Eschola milaneza, resplandecem na cupula e nas capellas, entretanto que o altar-mor deslumbra com seus marmores e bronzes. Todavia a magnificencia da igreja é inferior à do tumulo, um dos mais esplendidos d'Italia. Quem era pois esse Pontifice cujo corpo està rodeado de tanta gloria?

Como um formidavel furacão, ameaçava o arrianismo apoiado pelo poder imperial derribar, arrancar em toda a face do globo a arvore ainda nova da fé verdadeira. Já a Africa, a Asia, e

até parte da Europa abalada até aos alicerces, se cobriam de sanguinosas ruínas; as trevas do erro estendiam-se como escuras nuvens sobre as mais brilhantes christandades; o mundo descia pouco a pouco á noite da heresia para depois tornar a cair na objecção pagão. Porém a Providencia vela pela sua obra. Athanasio no Oriente, Hilario, Martinho e Ambrosio no Occidente, luctam em nome dos povos contra a violencia da procella. Salvam a Igreja, e com ella a fé, a civilisação, e a liberdade do mundo; e todas as gerações reconhecidas proclamam ha quinze seculos a sua coragem e virtudes. Taes são os titulos que S. Gaudencio, bispo de Novara, apresenta á veneração e ao amor do seu povo. Discipulo de S. Lourenço martyr, e digno do mestre, é Gaudencio sagrado bispo de Novara por S. Simplicio de Milão. Um amor mais forte do que a morte o prende a S. Martinho de Tours, columna da verdade no Occidente; e quando vê S. Eusebio de Vercell, seu collega e vizinho, partir para o Oriente, faz-se companheiro do seu exilio, e vota-se a todos os rigores imperiaes para conservar intacto em seu coração e no de seus filhos o thesoiro da fé (1).

Honra a estes filhos que nunca esqueceram seu pai! Em commum veneração confundem S. Gaudencio e o santo martyr Lourenço, outra gloria da cidade. Lourenço era um padre de Novara, dedicado á educação das crianças. Irritados com os seus bons resultados, lançam-se os pagãos dos arredores de repente sobre o santo preceptor,

(1) Bar. An 397, t. V, p. 52.

e o fazem pedaços com seus jovens christãos. O seu sangue fecunda a semente da fé, e Novara ainda hoje ora diante dos ossos sagrados dos seus novos bemfeitores. Para os glorificar aos olhos de todos os seculos, faz o Deus dos martyres sahir do seu tumulo um milagroso licor que cura os doentes (1). Depois de termos deposto as nossas homenagens aos pés daquelles verdadeiros grandes homens cuja presença faz melhor que a vista das ruinas e obras-primas da arte, tornamo'-nos a pôr a caminho para Verceil.

O Piemonte estendia-se diante de nós com os seus arrozaes, os seus prados e as suas montanhas; tudo annuncia a fertilidade do solo e o feliz socego dos habitantes. E' que effectivamente este pequeno reino é um modelo, um oasis no meio da Europa agitada. A religião honrada, praticada, amada como o thesoiro publico, faz alli sentir a sua doce influencia. O mesmo rei é um fervoroso christão; possam todos aquelles que se aproximam d'elle. partilhar a sua sincera fé e o seu respeito á Igreja! Diz-se que o verme da impiedade moderna tem manchado aqui e alli algumas flores; diz-se que, apezar das linhas aduaneiras,

(1) Eis a antiga inscripção gravada no tumulo de marmore cheio dos seus ossos :

ASPICIS HOC MARMOR TUMVLI DE MORE CAVATVM,
ID SOLIDVM EST INTVS, RIMA NEC VLLA PATET,
VNDE QVEAT TELLVS OCCVLTAS MITTERE LYMPHAS :
MANAT AB INJESTIS OSSIBVS ISTE LIQVOR.
SI DVBITAS, MEDIO SVDANTES TOLLE SEPVLCHRO
RELIQVIAS, DISCES VNDA SALVBRIS VBI EST.

as nossas más producções penetram no reino; diz-se que o espirito revolucionario faz andar á volta certas cabeças. Todavia, que falta ao Piemonte para ser feliz? As leis são sabias e paternaes; as instituções de charidade - numerozas e bem entendidas; os tributos quasi nullos; as sciencias theoricas e praticas, as mesmas artes são honradas. Uma das feridas mais perigosas abertas pelo nosso Codigo civil foi fechada. Sabe-se que estragos produz entre nós a lei ridicula e funesta que auctoriza um leigo cingido d'uma banda, a pronunciar estas graves palavras: Em nome da lei, eu vos uno. Aqui não se pode contrahir matrimonio senão ante o sacerdote revestido n'estas circumstancias de poderes religiosos e civis (1).

Oxalá que a rivalidade que existe entre Genova e Turin nunca seja um fermento de discórdia! oxalá que a febre d'innovação não substitua fataes utopias a um systema de governo experimentado pela experiencia e sancionado pela approvação dos homens sabios e desinteressados! (2).

Conversando deste modo ácerca do reino de Sua Magestade Sarda, chegamos á vista de Ver-

(1) Que differença, que contraste entre o Piemonte de 1842, pintado aqui pelo douto abbade Gaume, e o Piemonte de 1860! E ainda dirão que o liberalismo nada tem que ver com a religião, e que é o unico systema politico que póde aditar a sociedade?! Amarga irrisão! — *Nota do traductor.*

(2) Dir-se-hia que o auctor prophetizava o que receava! — *Nota do traductor.*

ceil. A antiga *Versellæ*, fundada pelo Gaulez Bel-loveso, no anno de 603 antes de Jezus Christo, está assentada n'uma risonha collina na confluencia do Cervo com o Sesia. Na planicie proxima apparece a sombra de Mario, não triste e humilde como em Minturnes, mas grave e gloriosa; ouve-se o tinir das armas, e os gritos dos moribundos: foi aqui que o grande capitão desbaratou aquellas myriades de Cimbrios e Teutonios, cahidos sobre a Italia como uma avalanche do topo dos Alpes. Se o viajante, ao atravessar o campo da batalha, admira ainda uma vez o valor romano, inclina-se tambem ante a Providencia, cuja poderosa mão vê afastar todos os obstaculos humanos ao engrandecimento da Cidade eterna. Debaixo deste aspecto as planicies de Verceil occupam um largo lugar na têa geral da historia anterior ao christianismo.

Quando ás luctas do ferro contra o ferro succedem os combates mais importantes das idéas, brilha Verceil com não menor fulgor. Dentro dos muros da antiga cidade, um novo guerreiro, egualmente ido de Roma, afugenta a formidavel heresia de Ario: esta segunda victoria não é menos providencial do que a primeira. Estavamos anciosos por nos prostrarmos diante do tumulo do heroe que a ganhou. Nomeei S. Eusebio, defensor de S. Athanasio, terror de Constaucio, e glorioso martyr do Verbo consubstancial que, arrastado de prisão em prisão desde Verceil, na Palestina, na Cappadocia, e nos desertos do Alto Egypto, deu ao mundo inteiro o longo espectaculo da sua heroica firmeza.

A nossa primeira visita foi á cathedral, onde repouisa o corpo do immortal Pontifice. O *Duomo*

é um magestoso edificio , reedificado no VI.º seculo pelos desenhos do celebre Pellegrini de Bolonha. Duas capellas attrahem principalmente a attecção. A primeira é dedicada ao B. Amadeu de Saboia. O corpo deste principe cuja corôa temporal se transformou em corôa eterna , repouisa em um tumulo de prata , dado por um dos seus descendentes , o rei Carlos Felix. Deste tumulo parece sahir ainda a palavra verdadeiramente real do Bemaventurado. Ao valor d'um heroe , juntava o duque todas as virtudes christans , e particularmente uma ternura paternal pelos pobres : « Senhor , lhe disse um dia o mordomo , as vossas esmolas esgotam os vossos thesouros. — Pois bem ! respondeu o principe , aqui está o collar da minha ordem , vendem-n'o e alliviem o meu povo. » A segunda capella , ainda mais veneravel que a primeira , é a de S: Eusebio. A' vista da magnificencia que cerca o corpo do Martyr , â recordação dos numerosos milagres que elle opera , não se pôde conter a sublime queixa do Propheta : *Senhor , é demasiada honra e poder para os vossos amigos.*

Deste tumulo , banhado por tantas lagrimas ardentes , coberto de tantos beijos e perfumado de incenso de tantas oraçoens , descemos ao thesoiro da cathedra. Póde-se passar por Vercell sem ver o celebre manuscripto do Evangelho de S. Marcos , copiado pelo punho de S. Eusebio ? Que é feito das laminas de prata de que o rei Berenger o mandou cobrir , ha perto de novecentos annos ? Perguntai-o aos Vandalos modernos. Foi com receio d'uma nova espoliação que se concertaram , ha alguns annos , os forros de madeira do côro , verdadeira obra-prima d'esculptura , de maneira que podessem ser desfeitos n'um dia.

A vasta igreja de S. André, coroado de quatro torres, suscita outra grande recordação. No anno de 1230, no momento em que S. Thomás illustrava, com o seu ensino, as Universidades de Napoles e Paris, outro doutor, tomando por guia a S. Diniz o Areopagita, explicava com immensas vantagens a Theologia mystica no convento de S. André de Verceil: este mestre chamava-se Thomás Gallo. Entre os seus discipulos assestava-se um joven religioso de S. Francisco que devia encher o mundo com o ecco do seu nome e com o brilho dos seus milagres: era Antonio de Padua.

Um fresco da epocha, collocado por cima do tumulo do professor, o representa assentado na sua cadeira de theologia; e entre os seus discipulos vê-se S. Antonio de Padua, com a cabeça rodeada d'uma aureola. Um baixo-relevo, que adorna a parte inferior do mausoleu, indica a fonte onde o doutor bebia a sua admiravel sciencia. Thomás está de joelhos diante de Nosso Senhor e da Santa Virgem, em tanto que S. Diniz, em pé, lhe põe affectuosamente a mão na cabeça. Seria difficil encontrar alguma coisa mais interessante, debaixo dos dois pontos de vista da arte e da piedade, que este tumulo verdadeiramente monumental.

21 d'Abril.

Vista de Turin. — Pinacotheca. — Bibliotheca. — Museu grego e romano. — Tabua Isiaca. — Museu egypcio. — Instrumentos aratorios. — Armas. — Estatuas. — Os santos martyres Octavio, Solutor, Adventor. — S. Maximo. — Cathedral. — Capella do Santo Sudario. — Palacio do rei. — Audiencia.

Depois de termos viajado parte da noite, chegamos á vista de Turin, ao nascer do sol. O Pó que corre caudaloso pela vasta planicie, os zimbórios e os campanili scintillantes aos primeiros fulgores do dia, a antiga capital da Liguria com suas largas ruas traçadas á corda, as suas praças soberbas se estivessem acabadas, os seus edificios de brilhantes fachadas, as montanhas proximas, cuja base é esmaltada de risoshas *villas*, ao passo que o cume eleva às nuvens a esplendida igreja da *Superga*: tudo isto forma um todo cheio de grandeza e que impressiona, ainda mesmo depois de se ter visto a Italia. Do meio de *Piazza Castello* goza-se uma vista unica: quatro ruas cortando-se em angulo recto dividem a cidade inteira e, do centro, deixam ver as quatro extremidades. A fim d'evitar as repeticoens, não me demorarei a descrever os numerosos e notaveis quadros das Escolas flamenga e hollandeza que vimos na *Pinacotheca* do Castello; as aquarellas de Bagetti passam por obras-primas; o mesmo succede com o *S. João Nepomuceno*, de Marillo. O Santo está no confissionario, tendo, d'um lado, a Imperatriz, e, do outro, um camponez, imagem da egualdade evangelica ante aquelles tribunaes que justificam aquelles que se acousam. Entre os manuscriptos da Bibliotheca, cumpre notar o *Epitome* de Lac-

tancio, unico na Europa; e a *Imitação de Jezus Christo*, que se crê do XIV seculo.

O Museu grego e romano offerece pouco interesse, depois dos de Roma e Napoles. A mesma famosa tabua Isiaca perdeu o seu prestigio de antiguidade, desde que passa, entre os sabios, por datar somente do reinado d'Adriano. Não se dá o mesmo com o Medalhario, um d'os mais ricos da Europa. Debaixo dos porticos da Universidade conserva-se, entre outros baixos-relevos, o Voto de Q. Visquasio. Vê-se um homem guiando um carro puchado por dois machos e carregado de um tonel. O carro e o tonel são perfeitamente semelhantes aos de que ainda hoje se servem no paiz (1). No Museu de Napoles, vinte objectos differentes nos tinham tambem dado logar a notar a tenacidade dos habitos populares.

Porem a gloria de Turio, é o Museu egypcio, o primeiro da Europa. Não sei que sobresalto se experimenta no meio deste mundo extincto ha tres ou quatro mil annos. As estatuas dos reis e dos deuses; os frescos e as pinturas dos tumulos que representam os costumes da vida intima, militar e agricola; charruas, um jugo para os bois, frechas, um capacete, uma espada de bronze, dois cõesinhos de marfim, um dos quaes conserva ainda o fio que dobava ha trinta seculos; uns sapatos de cartão de tela; as mumias que vos mostram sacerdotes, reis e principes, aos quaes não falta, para estarem vivos, senão o movimento e o calor: tudo isto faz admirar a sciencia d'um povo

(1) Sabe-se que foram os Gaulezes que ensinaram aos Romanos a fazer os toneis.

sem rival na arte d'imprimir ás suas mais simples obras, assim como ás mais gigantescas, o sello da immortalidade.

Todavia, a este primeiro sentimento succede em breve profunda piedade.

Vêde os deuses diante dos quaes se prostrava a mais sabia das naçoens! Embalsamados, como os seus adoradores, estes deuses mortaes são animaes de todas as especies; ibis, chacaes, cyncephalos, gaviões, peixes, crocodilos, e bezerrros tendo na testa o signal caracteristico do boi Apis. Que vem a ser o homem entregue a si mesmo? Das numerosas estatuas as mais magnificas são as d'Osymandias, de mais de quinze pés d'altura; e do grande Sesostris, de seis a sete pés d'altura. A ultima, de basaltes preto com manchas brancas, passa pela obra-prima da arte egypcia. Assentado no seu throno com vestes militares, o rei tem na mão um sceptro curvo. A sua physionomia é doce e altiva; a posição cheia de dignidade; as mãos são perfectas e os pés de justa proporção. Turia deve esta immensa collecção a um de seus filhos, o cavalleiro Drovetti, muito tempo consul no Cairo: honra ao seu intelligente e generoso patriotismo.

Não se pode sahir do Museu egypcio sem se recordar a grave reflexão d'um viajante. « Confesso, diz, que ao encontrar amontoados ao pé dos Alpes todos estes restos pulverosos ou mutilados da mais antiga civilisação do globo, talvez que um dia, dizia eu 'comigo mesmo, os nossos proprios restos, todos os nossos monumentos de marmore e de bronze, todos estes magnificos testemunhos do nosso poder e da nossa gloria, sejam expostos no museu d'algun povo hoje selvagem, n'um deserto

ainda desconhecido, ao pé d'um lago ignorado, no seio d'algum impenetravel e escuro bosque, ou de alguma alta montanha apenas descoberta. Os Sacy, os Akerblad, os Yong, os Champollion, os Salt, os Seyffarth e os Pfaff d'outro mundo farão por sua vez dissertações, e defenderão obstinadamente os seus diferentes systemas. Luis XIV, com o seu brilhante seculo e as suas vastas obras, será como o grande Ramsés, como o Sesostris daquelles tempos remotos; e as nossas recentes conquistas, tam rapidas, tam passageiras, parecerão fabula depois da historia.»

O habitante de Turin que visita o seu Museu não deve gastar toda a sua compaixão com os Egypcios, deve reservar parte della para si proprio, quando pensa nos deuses que adoravam seus avós: a mesma disposição deve ser a de todo o viajante, a qualquer nação civilisada que pertença. Porem como foi Turin tirada da idolatria, quem são os homens a cujo sangue é a antiga Liguria devedora da fé, e da civilisação filha da fé? Por que mãos foi conservado constantemente acceso o salutar facho n'este religioso pajz, apezar das tempestades da perseguição e da heresia? Os annaes de Turin nos contam a historia destes verdadeiros pais da patria e a grata piedade de seus filhos.

A antiga *Bodincomagus*, fundada pelos Gaullezes, cujos cruéis deuses adorou, foi saqueada por Annibal, conquistada pelos Romanos que lhe deram o nome de *Colonia Julia*, e aformoseada por Augusto, cujo sobrenome foi para ella um titulo de gloria: *Augusta Taurinorum*. Ao receber o jugo, recebeu ella os deuses dos vencedores: com Teutates adorou Jupiter. Adorava-os ainda, quando Barnabé, seguido em breve pelos santos Aposto-

los da Liguria, Celso e Nazario, foi apresentar-lhe o facho da verdade: Turin recebeu-o. A divina semente não tardou em brotar n'esta fecunda terra como nas outras partes da Gallia cisalpina (1). Para a levar á madureza duas coisas eram necessarias: o fogo da perseguição e o orvalho do sangue; estas duas condições foram cumpridas. Por ordem de Maximiano, Octavio, Solutor e Adventor, todos tres soldados da legião Thebana, receberam em Turin as primicias da rica messe que a *Augusta Taurinorum* preparava ao Pai de familia (2).

A cultura desta preciosa herdade foi confiada ao correr dos seculos a intelligentes lavradores. Na primeira linha brilha S. Maximo, gloria não só de Turin, mas da Igreja inteira. Este grande bispo assistiu aos concilios de Milão em 451, e de Roma em 465; defendeu vigorosamente a integridade da fé, dotou o mundo d'eloquentes escriptos, e manteve o fervor primitivo entre as suas ovelhas. Penetrado de confiança para com os tres martyres cujo sangue cimentara os alicerces da sua igreja, dizia ao seu povo: «Honra a todos os martyres, mas honra sobretudo áquelles cujas reliquias possuímos! Elles nos assistem com suas oraçoens; nos protegem com sua presença durante esta vida; e nos recebem em seus

(1) S. Barnabé, Bar. 52—54; Ughelli, t. IV, 830.

(2) Taurini ejusdem legionis nobilissimi milites Octavius, Solutor et Adventor, glorioso martyrio erexere trophæa victoriæ. — Bar. An. 297, t. II, n. 15.,

braços quando partimos para a eternidade. » A todos aquelles santos que ama e honra como seus pais, bemfeitores e patronos, edificou a piedosa cidade cento e dez egrejas, como se sabem edificar na Italia.

A mais notavel é o *Duomo*, dedicado a S. João Baptista. Offerece ao artista uma *Santa Virgem*, d'Alberto Durer, as estatuas de Santa Christina e Santa Thereza, de Legros, as esculpturas do altar-mor de marmore, e a vasta tribuna do orgão carregado de doirados. Porem tudo isto é eclipsado pela esplendida capella do Santo Sudario, situada atraz do altar-mor. Imaginai uma rotunda elevadissima, cercada de columnas agrupadas de marmore preto polido, cujas bases e capiteis são de marmore doirado. Sobre estas columnas se apoiam seis grandes arcadas que formam as janelas, cuja cimalha sustenta a cupula. Esta compõe-se de varias abobadas de marmore abertas, collocadas umas por cima das outras, e dispostas de modo que deixam ver no topo do edificio uma corôa de marmore em forma d'estrella, que parece suspensa no ar, bem que descance sobre os seus raios. O altar de marmore preto sustenta um relicario de prata, adornado d'ouro e de diamantes e posto debaixo de vidro: encerra o santo Sudario. Esta preciosa reliquia trazida do Oriente no tempo das cruzadas por Godofredo de Charoy, cavalleiro champenez, recorda a promessa de Francisco I antes da batalha de Marignan; depois da victoria viu-se o principe dirigir-se a pé de Lyon a Chambery, onde estava então o santo Sudario, para render homenagem das suas victorias ao Deus das batalhas. Se se accrescentar que por cima do altar *brilha* uma grande cruz de crystal sustenta-

da por um grupo d'anjos, e que o pavimento é de marmore roxo, semeado d'estrellas d'oiro, ter-se-ha um sanctuario d'uma belleza severa, magestosa e perfeitamente em harmonia com o seu destino.

A capella é contigua ao palacio do Rei; abriu-se uma porta de comunicação e achamo'-nos nos aposentos do soberano. Varias pessoas esperavam n'uma grande sala: era dia d'audiencia. Duas vezes por semana e por varias horas, teem ricos e pobres livre accesso junto do principe. Todos são admittidos a depor-lhe no coração as suas queixas, as suas peticoens, as suas miserias, os seus projectos, e as penas intimas da sua vida publica ou privada. O rei escuta, alenta, consola, soccorre, e protege; n'uma palavra, cumpre com intelligencia e dedicação todos os deveres d'um pai. Carlos Alberto é o mais fervoroso christão do seu reino, o S. Luis do decimo-nono seculo. Todas as manhãs ouve missa, e todos os domingos tem a felicidade de se aproximar á santa meza.

Penetrados de veneração por este rei tam digno do throno, descemos á *Consolata*, a mais bella egreja dos conventos, aonde o viajante catholico é attrahido pela milagrosa imagem da Santa Virgem. É mister penetrar no sanctuario da *Consolata* resplandecente d'oiro e marmore; é mister contemplar os mil testemunhos de confiança e amordados à rainha das Graças, para conhecer a piedade dos habitantes de Turin: ámanhan veremos que esta piedade não é esteril.



22 d'AbriL.

Egreja *della gran Madre di Dio*. — Castello de Stupinigi. — Superga. — Grande hospital. — Sallas d'asylo. — Obra de S. Luis de Gonzaga. — Hospital da Charidade. — Instituições para os orphãos e orphans. — As Rosinas. — A pequena Casa da Providencia. — Silvio Pellico. — Partida de Turia. — Os Valdezes. — Suza.

Os arredores de Turin apresentam tres monumentos, que nós não podiamos esquecer. Pela manhã, percorrendo uma bella rua adornada de porticos e atravessando uma magnifica praça circular, chegamos á fralda d'uma deliciosa collina enfeitada da primeira verdura da primavera e toda semeada de brancas villas. Diante de nós se apresentava, grave e magifico, o templo *della gran-Madre di Dio*. A gente não se cansa de contemplar este edificio, copia do Pantheon. As suas formas cheias de nobreza e as suas proporções colossaes recordam os monumentos romanos, em tanto que a sua fundação proclama a piedosa gratidão da cidade de Turin para com Maria. Este templo é uma promessa dos decurios da cidade, em reconhecimento da volta do rei Victor Manuel.

Levando a nossa curiosidade para outro ponto, saudamos o castello de Stupinigi, com o seu tecto pitoresco coroado d'um grande veado de bronze. Este ponto de caça da côrte de Turin passa, no seu genero, pelo edificio mais magifico da Europa. Ao longe, sobre a planura d'uma alta montanha, vê-se erguerem-se as reaes construcções da *Superga*: esta igreja de forma octogona, sustentada por grandes columnas de marmore, adornada de soberbas capellas, é tambem uma promessa.

Em 1706, conversavam um com o outro o rei Victor Amadeu e o principe Eugenio sobre esta montanha, observando os movimentos do exercito francez que sitiava Turin. O Rei, desesperando de salvar a sua capital, cahê de joelhos, expõe a Maria a sua confiança e os seus temores, e promette-lhe, se for levantado o sitio, mandar edificar no mesmo logar onde ora uma igreja em sua honra. A Superga e o S. Dioniz dos reis do Piemonte: os seus tumulos são talvez mais brilhantes que os dos nossos principes: porem parecem-me por isso mesmo carecer de tristeza e magestade.

Voltando á cidade, consagramos o resto do dia a visitar outros monumentos menos conhecidos dos viajantes, e comtudo mais gloriosos e mais dignos da sua attenção! Graças á sua visinhança da França, possui Turin as nossas Damas do Sagrado Coração e as nossas admiraveis Irmãs de S. Vicente de Paulo. As primeiras educam a juventude, e as segundas tractam os doentes: isto quer dizer com que intelligencia e dedicação são recebidas as geraçoens que entram na vida e as que sahem deste reino de dores. O grande hospital de S. João conta quinhentas camas. Desde as ultimas revoluçoens, a charidade publica fornece grande parte das sommas necessarias á sua manutenção. E' inutil dizer que a ordem e o azeio reinam nas sellas, como a attenção e a economia no serviço: este elogio compete a todos os hospicios administrados pelas nossas religiosas. Fundado, em 1794, pelo santo sacerdote Barucchi, parochô da cidadella, o hospital de S. Luis passa por um modelo de architecture, azeio, salubridade e bom gosto. Turin possui tambem uma vasta

casa d'alienados, uma eschola de Surdos-Mudos, e varias sallas d'asylo, cuja origem é devida a uma Dama franceza que mantem, na sua propria casa, um destes doces e alegres hospicios da infancia. O reconhecimento publico nomeou a senhora mar-queza de Bar..., em casa da qual fomos recebi-dos com uma bondade cuja memoria nunca se apa-gará.

Com que felicidade não encontra o viajante francez nas ruas os nossos Irmãos das Escholas christãs! Aqui, como por todas as partes, estão florescentes os seus estabelecimentos. Admioistram, além disso, a expensas da cidade, uma Eschola superior, onde se continuam os estudos começados nas aulas elementares, e onde se aprende a lingua franceza. Ao sahirem da Eschola, os filhos dos pobres soffrem um exame, e os mais fortes são admittidos na Obra real, onde recebem gratuita-mente uma instrucção professional.

O christianismo tem amado e propagado sem-pre as luzes; assim que o desenvolvimento da ins-trucção publica é uma das glorias do Piemonte. Porem se o catholicismo é uma religião de ver-dade, é tambem uma religião da charidade: por-que Deus é uma e outra coisa. Um volume in-teiro não fôra sufficiente para descrever todas as obras de misericordia de que elle cobre o paiz onde estamos. Multidão d'associaçoens d'homens e mulheres dão soccorros em domicilio; provêem especialmente ás necessidades d'uma classe de po-bres que merece as maiores attençoens, e que é difficil descobrir, e dos pobres envergonhados. A Congregação de S. Paulo encarrega doze dos seus membros de os procurarem e de cuidarem d'elles nos differentes bairros: faz tambem tractar os do-

entes pobres em domicilio. A obra de S. Luiz de Gonzaga, e diversas associações de Damas nas freguezias, soccorrem os indigentes incapazes de trabalhar, em rasão das suas enfermidades. Os pobres validos são recebidos no Hospital da Charidade: contam-se mais de mil. Para os occupar, formaram-se diversas manufacturas; a fabricação das estofas de lan, dos pannos ordinarios, dos tapetes de pés, das telas, e das fazendas d'algodão, emprega o maior numero de braços. Ha tambem differentes officios e até uma Eschola de musica, onde o rei vai buscar individuos para a sua capella. Encontramos lá grande ordem, um ar geral de satisfação em todos os rostos, e uma separação de idade e sexo convenientemente traçada e regularmente mantida.

Mas quem dirá tudo quanto a charidade piemonteza faz pelas crianças? Substituido ao antigo convento de S. Miguel, o hospicio das Crianças Desamparadas recebe aquellas que nasceram na Maternidade ou que foram expostas. O Piemonte conta triota e dõs hospicios da mesma especie, onde estas creaturinhas são rodeadas de todas as maternas sollicitudes da charidade. Um numero pelo menos egual de piedosas instituições recebe os orphãos e as orphens: as esmolas e legados dos fieis fazem quasi todas as suas despezas.

O *Albergo Regio di Virtù* nos mostrou os seus cento e cincoenta mancebos de familias pobres, alegremente applicados a multidão d'officios. Ha dois seculos que este precioso estabelecimento está costumado a dar ao Piemonte os artistas mais instruidos, estimaveis e habets.

Quanto ás donzellas pobres que não encontrariam em suas familias garantias sufficientes

contra o perigo da corrupção, a *Casa del Soccorso* lhes abre um doce e seguro asylo. Se perderam seus pais, o estabelecimento das *Pobres Orphans*, fundado no meado do XVI.º seculo, as recebe da idade de oito a doze annos. Aos vinte e cinco tem a faculdade de deixarem a casa para casarem, ou para tomarem o veu. Aquellas que voltam ao mundo recebem o beneficio de segunda adopção: são affiançadas por pessoas honradas que respondem pela sua subsistencia, que as protegem e vigiam. Este patronato, tam eminentemente christão, tem consigo a sua recompensa. As orphans em geral dão honra a seus pais adoptivos. Amam o trabalho, são boas artistas, modestas, sobrias e de excellente comportamento; assim que são procuradas pelas familias mais estimaveis.

Entre tantas instituicoens, onde respira o espirito da mais generosa e intelligente charidade, duas ha que se não podem esquecer. Não sei se jamais o christianismo operou milagres tam tocantes: quero fallar da *Obra das Rosinas* e da *Pequena Casa da Providencia*. Em 1716 nasceu em Mendovi uma menina chamada Rosa Gorona. Orphan desde a infancia, abandonada, sem apoio, pobre dos bens deste mundo, e só rica d'uma terna compaixão da desgraça, quiz consagrar a vida e o coração a ajudar suas companheiras d'infortunio. A abnegação e o trabalho que lhe foi mister, adivinha-se vagamente, mas só Deus o sabe. Quanto aos resultados do seu zelo, toda a gente os pode admirar e abençoar. Oito estabelecimentos no Piemonte, que servem de refugio às donzellas de treze a vinte annos, devem a sua origem á perseverança da sua dedicação. Do nome da sua querida fundadora, chamam-se

as diligentes educandas *Rosinas*; e ha um seculo que se vêem corresponder admiravelmente às instrucçoens e exemplos della, com o seu ardor no trabalho e a sua doce e solida piedade. Todas se vestem uniformemente, com um vestido roxo e uma pequena touca de chita; tudo mui simples e todavia de bom gosto. Podem ficar no estabelecimento toda a vida, e nunca sahem á cidade, menos com uma licença e somente para negocios.

Só a casa de Turin contem tresentas meoinas. E' lá que repousa a boa Rosa, cuja modesta sepultura apresenta uma inscripção, pathetica historia da sua vida e da ternura de suas filhas.

QUI GIACE
ROSA GORONA DI MENDIVI,
CHE DALLA GIOVINEZZA DEDICATASI A DIO,
PER LA DI LUI GLORIA
INSTITUI, ERESSE
IN PATRIA, QUI E IN ALTRA CITTA
BITIRI DI ABBANDONATE FANCIULLE
PER FARLE SERVIRE A DIO
CON DAR LORO OTTIME REGOLE
PER CUIS'IMPIEGANO NELLA PIETTA, E NEI LAVORI.
NEL SUO GOVERNO DI ANNI PIU DI TRENTA
DIEDE PROVI COSTANTI
D'ESIMIA CARITA E D'INVITTA FORTEZZA,
PASSO ALL'ETERNO RIPOSO AL DI 28 FEBBRARO
L'ANNO 1776, DELL'ETA SUA 60.
LE FIGLIE GRATE ALLA BENEFICA MADRE
HAN POSTO QUESTO MONUMENTO.

A outra maravilha de Turin é a *Pequena Casa da Providencia*. De que dependem as maiores coi-

sas ! Um diacono de Roma vê ao atravessar o mercado alguns escravos á venda ; é impressionado pela sua boa presença ; tem piedade delles : e deste movimento rapido como o relampago nascerá a conversão da Gran-Bretanha. Aqui, posto que n'uma ordem differente , o mesmo principio e o mesmo resultado.

Na entrada do inverno de 1828 , uma Franzeza acompanhada de seu marido e de seus cinco filhos , atravessava Torino para se dirigir a Lyon. Esta mulher , grávida de sete mezes, cahé subitamente enferma ; apresentam-n'a á porta de todos os hospitaes ; nenhum se abre para a receber, sob o pretexto de que não está nos casos previstos pelos regulamentos. Apenas de volta á pequena hospedaria onde se apeára , esta pobre mulher morre nos braços do sacerdote que foi administrar-lhe os sacramentos. Este sacerdote era Cottolengo. Uma mãe de familia, uma estrangeira, uma doente repellida de todos os hospícios , e morrendo , talvez , por falta d'alguns tractamentos dados a tempo ! este espectáculo commove profundamente o bom padre. Seu coração concebe a idéa d'uma casa destinada a impedir a repetição de semelhantes desgraças : não haverá exclusão para ninguem : para ter direito d'entrada , bastara ser repellido em todas as partes.

Porem não tem recursos ! Acaso a Providencia não alimenta os passarinhos ? Rico somente da sua charidade e confiança em Deus , o veneravel abbaçe colloca primeiro quatro camas nos pequenos quartos d'uma pobre casa , sita n'um dos bairros mais populosos da cidade. O numero dos admittidos augmenta rapidamente ; duas piedosas donzellas os tractam. A charidade lhes da novas

companheiras ; .é o nucleo d'uma congregação digna de S. Vicente de Paulo.

Na epocha da cholera, obrigam o conego Cottolengo a transferir o seu hospicio para outro sitio. Depois de muitas procuras, encontra um local n'um dos arrabaldes. Esta mudança podia fazer perecer a obra ainda no berço, e foi o motivo do seu desenvolvimento. A charidade agita-se; e o estabelecimento, que, em 1829; recebia quatro doentes, conta hoje mil e quatrocentos. Todos os dias se amplia; porque não rejeita ninguém, todo aquelle que não pode encontrar asylo nas outras instituições de charidade é de direito recebido na *Pequena Casa da Providencia*. O orphão, a criança abandonada, o surdo-mudo, o idiota, o epileptico, o incuravel, o aleijado, o enfermo, o doente, a pobre rapariga abandonada, o indigente e o estrangeiro, todos, até as desgraçadas victimas da devassidão, podem ir bater a' porta do hospicio, certos de que ella se hade abrir.

Porem quem dá o sustento a todas estas bôccas, e remedios a todas estas doenças? Coisa prodigiosa, milagre inaudito de confiança d'uma parte, e de protecção divina da outra! este estabelecimento colossal não tem bens de raiz, nem rendas, nem dotações, nem auxilios regulares; pede a Deus primeiro, e depois á charidade publica, o sustento de cada dia: e o pão quotidiano nunca faltou; porem as esmolas, sempre sufficientes para as precisoens do momento, nunca as excederam. A Providencia deixa à sua obra esta existencia precaria que faz brilhar o caracter verdadeiramente divino d'um edificio construido, por assim dizer, no ar, sem alicerces nem apoio,

e que desabaria no mesmo instante se a mão que o sustenta viesse a retirar-se. Mas também a modesta igreja do hospício resoa dia e noite com supplicas e rogos: cada uma das numerosas famílias da casa passa por seu turno uma hora aos pés do altar.

Onde é o noviciado dos irmãos e das irmãs que tractam tantos pobres e doentes? É na casa. Qual é o seu viveiro? Os orphãos e orphans que vão allí procurar asylo. Além dos officios e das profissoens uteis a que os applicam, exercitam-os na nobre vocação de servir os pobres. As orphans aprendem a tractar os doentes, e algumas se preparam para serem Irmãs da Charidade: parte dos orphãos se dispõe para as funcçoens de enfermeiros; uns e outros instruem e tractam as criancinhas indigentes que vão de fóra passar o dia na casa. Admiravel combinação que da educação dada pela charidade, fez nascer para a charidade novas geraçoens de dedicados ministros (1)!. A Italia tinha-nos habituado aos milagres; mas confesso que nos reservava o maior de todos para ultimo.

Ao sabirmos deste logar onde a charidade de Jesus Christo vos penetra com suas chammas e se mostra tam viva, tam pura, e tam admiravel como nos mais bellos dias da Igreja; dirigimo'-nos a casa da senhora marquezia de B....., amavel e piedosa hospeda de Silvio Pellico. O illustre preso de Spielberg, a quem eramos dirigidos, nos recebeu com perfeita affabilidade. Quando se no-

(1) Vide *Instituto di beneficenza a Torino*, por M. Sacchi.

mêa um *conspirador*, um *carbonaro*, um *criminoso de lesa-magestade*, a imaginação representa involuntariamente um homem de feições duras, olhar feroz, ar sombrio e mau, formas mais ou menos athleticas, voz grossa e retumbante: qual foi pois o nosso espanto! diria a possa indignação, ao vermos um homem baixo que chega apenas a quatro pés e meio d'altura, compleição delicada, rosto doce e risouho, maneiras affaveis, e traço simples e modesto; um homem que não falla das suas prisoes senão para bendizer a Providencia e desculpar os seus aigozes; que junta á humildade d'uma criança, a piedade d'uma menina, e o animo paciente d'um solitario! Para descobrir um conspirador digno do *carcere duro*, em semelhante creatura, é mister ter os olhos da policia austriaca: tal foi a primeira phrase que se escapou de todas as bôccas ao sahirnos do palacio.

Era chegada a hora da partida. Foi com felicidade que tomamos logar no vehiculo, cuja ultima rodada devia parar no territorio de França. Sahindo de Turin pela porta de Susa, inclina-se a gente diante da pyramide de Beccaria; depois, entrando na planicie ricamente cultivada, deixa-se á esquerda Pignerol e Fenestrelles. A primeira recorda ao viajante o mysterioso Mascara de ferro, e Fouquet e Lauzun, prisioneiros de Luis XIV, e o veneravel cardeal Pacca, prisioneiro de Napoleão. A segunda repete a passagem do exercito francez em 1516, glorioso preludio da escalada do Grande S. Bernardo. No fundo dos valles vizinhos subsistem ha setecentos annos os restos dos Valdezes. Estes herejes tam temiveis por seus excessos como por suas doutrinas subversivas de

toda a ordem religiosa e civil, formam uma sociedade e uma religião que conta uns vinte mil adeptos. São em geral agricultores e pastores, e vivem da cultura dos seus valles e do producto dos seus rebanhos. Teem templos e ministros chamados moderadores ou barbas, communicam pouco com os paizes visinhos e mostram-se muito afeitos aos seus erros.

Na estrada, eis Rivoli cujo castello serviu de prisão a Victor Amadeu II; mais adiante, avista-se atravez dos densos ramos de amoreiras, a graciosa aldêa d'Avigliano, afamada pelas suas sedas; duas leguas adiante, ao pé da villa de Santo Ambrozio, um convento de Benedictinos, que se tomaria por uma torre ameaçadora da idade media. Finalmente, costeando as margens escarpadas do Doira, e contemplando pela ultima vez a vide casada com o olmo, chegamos a Susa. Salve á linda cidadezinha! Salve ao seu *Passo*, tam difficil e famoso nos annaes das nossas guerras! Salve ao seu Arco de Triumpho de marmore dedicado a Augusto, e cujo friso aereo offerece a imagem esculpida d'um triplice sacrificio: em todas as partes onde o povo-rei deixou monumentos do seu poder, gravou uma homenagem á religião. A noite veio surprehender-nos n'estas Thermopylas da Italia, porem não devia deter-nos. Em tanto que conversavamos em volta d'uma grande fogueira, transportavam a caixa do vehiculo para cima d'um trenó, unico meio de continuar a viagem pelo meio das neves.



23 d'Abril.

Adeus á Italia. — Planurá do Monte Cenis. — Hospicio dos Peregrinos. — Lans-le-Bourg. — Estrada dos Alpes. — Saint Jean de Maurienne. — Aiguebelle. — Chambery. — Passagem das Escadas. — Ponte de Beauvoisin. — Lyão. — Volta a Nevers.

O duvidoso clarão das nossas lanternas não nos permittiu vissemos o sitio do forte de la Brunette; porem o viajante christão e francez não pode esquecer o bravo cavalleiro de Belle-Isle, pai do excellente marechal deste nome, que morreu aqui em 1747, victima da sua coragem. Está pois dicto que se não pôde dar um passo, não importa em que parte da Italia, desde os Alpes até aos Abruzzos, sem topar com o pé em ossos francezes. Genio, oiro, sangue, coragem, temos gasto tudo para conquistarmos um paiz onde nunca podemos assentar a nossa dominação, e no qual não possuimos hoje nem sequer uma polegada de terreno. **Mysterio!**

Os primeiros raios do dia allumiavam o horisonte, quando chegamos á estalagem da Grande Cruz. Durante a paragem forçada dos trenós, lançamos derradeiro olhar sobre a Italia, á qual dissemos os nossos desejos e os nossos adenses. Não sei; mas parece que no cume aos Alpes, a seis mil pés d'elevação acima do mar, no meio do silencio da natureza, o espectador se despe mais facilmente dos seus prejuizos, a vista se torna mais penetrante, e o juizo mais socegado; o espirito se amplia com o horisonte, dilata-se o coração, e chegam os sentimentos mais vivos e puros; vê-se melhor a grandeza ou pequenez dos homens,

e a realidade ou o nada das coisas; faz-se como que uma selecção do bem e do mal, que permite se apreciarem as verdadeiras condições da gloria, da felicidade, e da vida das nações.

Brilhante Ansonia, que resplandeces entre as nações, como o diamante na frente dos monarchas, tu foste a mãe incomparavel dos grandes capitaens, dos grandes poetas, dos grandes navegantes, e dos grandes artistas: *Alma parens, magna virum.*

O marmore, o bronze e os metaes preciosos, animados ao sopro do teu genio, erguem-se em estatuas, em templos, em palacios, em fontes, em arcos de triumpho, em obeliscos, e em monumentos de todas as especies, e cobrem o teu solo privilegiado, magnificos e numerosos como os pinheiros seculares que coroam os cumes aereos dos Alpes e do Apenino. A terra parece que para ti escapou á maldicção primitiva; docil à tua mão, produz com abundancia não só o pão que mantem a vida do homem, o vinho que lhe alegra o coração, e a seda que lhe dá um vestido real; senão tambem os fructos mais deliciosos ao seu gosto, as flores mais doces ao seu olfacto e mais agradaveis à sua vista.

Gracioso como o cinto nupcial da moça virgem (1), um azul mar rodêa as tuas praias e te traz as mais raras producções dos paizes longiquos; é tal a feliz temperatura do teu clima, que milhares de doentes veem de todos os pontos do globo pedir-lhe a cura; em tanto que o teu ceu, quasi sempre sem nuvens, parece zeloso de

(1) Jeremias, VI, 11, 32.

fazer brilhar com fulgor immortal todos os matizes das tuas graças e da tua encantadora belleza. Brilhante Ausonia, alegre-te; poderás perder, talvez já perdessees outros sceptros; porem em quanto o amor das maravilhas da natureza e da arte viver no coração do homem, tu serás o primeiro objecto da sua ardente curiosidade e o termo final da sua legitima admiração.

Todavia um espirito quieto e penetrante vê em tôdas estas vantagens o verdadeiro principio da gloria e da felicidade da Italia? Ah! estes bens apparentes são antes uma causa de ruina que uma fonte de prosperidade. Não está conhecido que a riqueza do solo é o campo ordinario da molleza dos costumes; que a molleza dos costumes gera a corrupção dos corações, e que a corrupção conduz com um passo mais ou menos rapido, porem sempre infallivel, á destruição das sociedades? E depois que coisa mais propria para provocar invasões desastrosas que tantos bens reunidos n'este paiz encantador? Chega a ponto que percorrendo os annos trinta vezes seculares da Peninsula, vê-se um homem forçado a exclamar: « Desgraçada Italia, seres tam bella e excitares, de seculo em seculo, a cubiça de todos os Barbaros! » O principio da sua vida, a alma da sua gloria, é a religião. Fez a sua força antes do Evangelho, e lhe deu o imperio do mundo: *Nulla unquam (civitas) nec major, nec sanctior.* Desde o Evangelho, a mantem no throno da intelligencia, e a faz reinar sobre os povos, como o sol sobre os astros do firmamento, para lhes communicar a luz, regular os seus movimentos, e, arrastando-os na sua orbita, manter a harmonia universal.

Esquadrinhar por todas as partes este principio vital, desvelal-o aos olhos daquelles que vierem depois de nós, tal foi o objecto da nossa longa peregrinação. Este principio nos appareceu no decreto particular da Providencia, que escolheu a Italia para centro da fé; appareceu-nos nos tumulos dos martyres, cujo sangue continua a fecundar esta terra que ensopou até às profundezas; nas Basilicas dos Santos, que a piedosa Italia cerca d'um culto tam magnifico, tam filial e tam terno; nas peregrinaçoens tam sinceras á Virgem Mãe de Deus, protectora da innocencia e refugio dos peccadores; nas instituçoens de charidade tam intelligentes e tam variadas, que levam vida a todas as veias do corpo social com mais abundancia e felicidade que os mil canaes d'irrigação ás planicies da Toscana ou da Lombardia; no respeito á auctoridade paterna; na obediencia geral aos magistrados e aos soberanos; na fé em Deus, na Igreja, no papa e na sua soberana palavra.

As glorias exteriores da Italia não são mais que um reflexo desta luz occulta, manifestação multipla daquelle principio vital. Oxalá o comprehendam bem os viajantes, e não provoquem mais com seus sarcasmos, seus falsos juizos, e suas zombarias, as populaçoens italianas ao desprezo das unicas e verdadeiras garantias da sua existencia e prosperidade! Oxalá que a propria Italia repilla como o laço mais perigozo, o sonho, hoje tam ardentemente afagado, d'uma republica, d'uma confederação, que sei eu? d'uma unidade chimerica que arruinaria todas as suas provincias sob um sceptro commum!

Nascida nas tenebrozas lojas do carbonarismo, é propagda pelo espirito 'mau que hoje sopra no

mondo, e desejada por aquelles que não hão visto senão de longe a pretendida liberdade, a pretendida grandeza, e a felicidade das sociedades leigas. Para a Italia, esta utopia esconde no seu seio a guerra civil, a perda da liberdade e a espoliação da Santa Sé.

A guerra civil. Qual setá a capital da nova republica? Foi por ventura nunca a Italia habitada por um povo homogeneo? Não é a sua historia a narração continua das sanguinosas rivalidades dos Etruscos e Samnitas, dos Volscos e Latinos, dos Gregos e Gaulezes estabelecidos no seu territorio? O Toscano e o Piemontez, o Lombardo e o Veneziano, o Genovez e o Parmezano, o Romano e o Napolitano, não herdaram a antipathia e as pretensões de seus passados? Querer compor de tantos elementos contrarios, um todo homogeneo capaz d'união; querer fazer ceder a interesses politicos semelhantes resistencias provenientes da differença das raças; e das cinco capitaes italianas obrigar quatro a renunciar às suas pretensões para reconhecerem a supremacia d'uma das suas rivaes, é uma tentativa impossivel em si mesma e que não tardaria em tornar-se sanguinolenta.

A perda da liberdade. Se a liberdade não é a licença; se a liberdade implica o direito real e pratico de obrar sem pês na esphera em que a Providencia collocou cada cidade, cada provincia e cada individuo; o direito de manifestar o pensamento quando é justo, nobre e benefico; o direito de chegar às dignidades e às honras que merecem o trabalho, a sciencia, a virtude e o genio; o direito de fazer reparar as lesões e as injustiças de que o homem pode ser victima na sua pessoa, na sua honra ou na sua fortuna; n'u-

ma palavra o direito para cada um de cumprir facilmente e sem temor os deveres das duas sociedades humana e divina: a historia passada e presente depõe que a Italia, e principalmente Roma, goza de maior somma de liberdade que qualquer outro paiz do mundo. Que seria feito dessa liberdade na hypothese da unidade material, da centralisação e do governo representativo? Não se ergue um grito geral no seio dos povos que o tem ensaiado, contra um systema que confisca, em proveito d'um ser ideal, colectivo, e forçosamente irresponsavel, Estado, Governo, Camara, ou qualquer que seja o seu nome, a intelligencia, a educação, a liberdade das cidades, das provincias e dos particulares transformados em automatos?

A espoliação da Santa Sé. Eis ahi a ultima palavra da revolução, não só na Italia; senão tambem no resto da Europa. A quem farão crer que os apóstolos da joven Ausonia trabalham para pôr nas mãos do Papa o sceptro da Peninsula? Quando tal fosse o seu objecto, a realização do seu projecto seria ainda uma desgraça. Quanto convem ao vigario de Jesus Christo ser materialmente independente, tanto lhe assentaria mal ser soberano d'um grande imperio. Nos dias de tempestade em que vivemos, o seu throno temporal não seria um obstaculo permanente ao livre exercicio do seu poder espiritoal? Não vêdes o ciome das potencias, as intrigas da diplomacia, a desconfiança dos povos, e talvez o odio sital-o dia e noite e fazer desaparecer o Pai e o Pontifice sob o rosto desfigurado do monarcha? Porem isto é discutir por mui longo tempo uma supposição evidentemente chimerica. No plano real da futura

republica, os Estados Pontificios não seriam mais que uma provincia de segunda ordem, tal como por exemplo a Lombardia e a Toscana, e o Santo Padre tributario e vassallo do Estado. Mas então que é da independencia material do chefe da Egreja? que é da mesma Egreja? que é do ensino da religião e da fé dos povos, e do governo da grande sociedade espalhada pelos quatro pontos do mundo? que é, em ultimo resultado, da sociedade e da civilisação? O que seria da harmonia dos ceus se conseguissemos prender o sol.

Lançando o ultimo olhar sobre a Italia, todos estes pensamentos vinham em tropel apresentar-se-me ao espirito. E' porque ao percorrer as diversas partes deste feliz paiz, alguns murmurios surdos chegam aos ouvidos do viajante attento. Um fogo subterraneo arde nas entranhas da terra, que um dia poderia fazer explosão. Oxalá que o Deus de toda a bondade que protege tam manifestamente a Italia, extinga o volcão! Se a Peninsula deve ser castigada, seja-o com a perda dos bens temporaes que a enriquecem, mas nunca se alterem a sua piedade e a sua fé.

Com tanto que conserve intactos estes 'dois thesoros, ainda que seja despojada de tudo o mais, será sempre bastante rica, bastante poderosa e bastante feliz. Terà o principio immortal que fez de Roma a rainha eterna do mundo, e da brilhante Ausonia, a sua filha predilecta: *Nulla unquam civitas nec major, nec sanctor, nec bonis exemplis ditior fuit.*

Entretanto a comitiva convenientemente aquecida se tornou a pôr a caminho, e em breve chegamos á planura do Monte Cenis. A verde relva de que elle está coberto durante o verão, os nar-

cizas, os ranunculos, as violetas, as mil flores que o tapetam e embalsamam, haviam desapparecido sob montes de neve. Seu dorso, aberto pela mão dos homens, nos offereceu uma estreita mas longa passagem entre duas altas paredes cuja solidéz dependia unicamente d'alguns graus de mais ou de menos no thermometro. Bem nos foi viajarmos por um tempo secco e um ceu sereno; porque um degelo, ou uma borrasca podia sepultar-nos como tantos outros debaixo das avalanchas. A fim de dar soccorro aos infelizes peregrinos destes montes surprehendidos pela tempestade, edificou a charidade catholica no meio da planicie um dos seus pontos avançados. Tres quartos de legua adiante do *Hospicio dos Peregrinos*, começa-se a descer. Uma estrada em zig-zag que parece cahir de precipicio em precipicio, conduz a Lans-le-Bourg. Fica-se agradavelmente surprehendido ao encontrar, ao sahir destas solidoens selvagens, uma pequena aldêa muito viva, e muito animada. Lans-le-Bourg é o ponto de encontro dos viajantes d'Italia e da Saboia. Assim que o confortavel não é alli desconhecido; prova o jantar que nos serviram no *Leão d'Oiro*, e que nós comemos com um appetite aguçado sabiamente pelo grande consinheiro do paiz, o ar dos Alpes.

Rorriquecida com um defluxo de primeira qualidade, que o nosso excellente conductor em balde tentou derreter ao calor d'um velho Bordes, a nossa caravana continuou o seu movimento de descida por uma estrada sinuosa, traçada pelas margens escarpadas do Arque, entre duas medonhas serras penhascozas. Profundos abysmos, escuros bosques de pinheiros, torrentes que se precipitam com estrondo; pyramides de granito que pendem

acima da vossa cabeça, cantos de rochedo desprendidos do flanco daquellas massas gigantescas, cavernas abertas, covis dos lobos e dos ursos, temiveis senhores destas montanhas: tal é o gracioso espectáculo que se prolonga, excepto algumas pequenas variedades, durante o espaço de treze leguas, de Lans-le-Boorg a Saint-Jean-de-Maurienne.

Comtudo, se ha de dar-se credito à historia, foi por este caminho infinitamente menos difficil do que era ha um seculo, que Annibal transpoz os Alpes com cavallos, elephantes e todo o embaraço trem d'um exercito d'invasão. Foi mais gloriosa a passagem do Grande S. Bernardo por Napoleão? É um bonito thema de rhetorica.

Em Saint-Jean-de-Maurienne começa o valle a abrir-se; avistam-se aqui e alli alguns bocados de terra vegetal. Lembra-se a gente de Carlos o Calvo morrendo aqui envenenado pelo seu medico judeu; geme á vista das papeiras e dos cretins; sauda o presumido campo de batalha, onde Annibal bateu os Allobroges e perdeu a rectaguarda; depois a vista descança na aldêa d'Aiguebelle, e na linda egreja da Trappa que não podia estar mais bem collocada; depois deixa-se o valle de Maurienne de que é chave Aiguebelle. Quam pobre é a população destas montanhas, tam laboriosa e moral. De todas as provincias do Piemonte e da Saboia, a Maurienne é a unica que não tem hospicio para as crianças abandonadas; não precisa delle.

Agora salve ao Isere, meio saboiano e meio francez; salve a Montmélian, aos seus lindos outeirinhos plantados de vinhas, e às suas fortificaçoens em ruina, que outr'ora deliveram Luis XIII e o seu valente exercito. Eis-nos em Chambéry,

capital da Saboia. Sobre as negras calçadas das suas ruas estreitas, crê o ouvido do peregrino escutar os passos mesurados das legioens de Cesar, descidas dos Alpes para irem á conquista das Gallias; depois, debaixo das abobadas da piedosa cathedral, a voz querida de S. Francisco de Sales, apostolo destas montanhas.

A alguma distancia, os olhos encontram dois illustres berços, o do grande conde de Maistre, e o do general de Boigne. Honra, gratidão, immortalidade, ao genio cuja poderosa mão travou de Voltaire e despedaçou o colosso de pés de barro; cujo olhar elevado quasi á intuição divina, sonda com a mesma facilidade os mysterios da Providencia e as profundezas do futuro, e cuja palavra perfeitamente original se grava nos oraçoens como a ponta do buril no cobre ou no aço. Honra, gratidão, immortalidade ao generoso guerreiro, duas vezes digno deste nome, que, depois de ter, á custa do seu sangue, vencido os inimigos da patria, ganhou uma victoria ainda mais nobre, derramando a sua immensa fortuna no seio dos pobres.

Admiremos agora a industria humana, que á força d'audacia e obstinação abriu a bella estrada em que estamos, furando e fazendo saltar por espaço de meia legua rochedos gigantescos cuja massa espanta a imaginação. Não é de hontem que lhe surri o impòssivel e que ella se compraz em tental-o. Ha vinte seculos que Horacio lhe fazia esta poetica exprobração: *Nil intentatum reliquit, audax Japeti genus*. Se se interrogarem estas rochas destacadas, meias abertas pela mina, responderão que seus irmãos ou seus avós voaram em estilhas ao vapor do vinagre queimado por Anni-

bal. E' provavel que fosse do vinagre dos quatro ladroens: a historia não o diz; mas affirma-se que seria hoje mais facil que nunca verificá-lo.

Depois da villa das Escadas, atravessa-se o Giers, especie de torrente que rocca no fundo d'um barranco cuja ladeira de prodigiosa elevação esconde suas ondas escumantes. Em breve se mostra debaixo da forma d'um ribeiro quieto e inoffensivo, fraca barreira que separa a França da Saboia: entramos na Ponte de Beauvoisin. Adeus ao traje saboiano, italiano, napolitano e austriaco; adeus á *Dogana, ai passaporti, alla buona mano*. Tudo muda; eis o uniforme francez, o fraque verde debruado d'azul; eis a alfandega e os passaportes e os chumbos de segurança. Resistaram-nos conscienciosa e quasi polidamente; depois, mediante cincoenta centimos chumbaram-nos com todas as regras, e algumas horas depois a diligencia Bonafous nos depunha na calçada de Lyão: o circulo das nossas peregrinaçoens estava terminado.

Tres dias se deram ao descanso e ao mui interessante estudo dos estabelecimentos que fazem a gloria da *cidade das Escolas*. Fourvières, com sua devota romaria, S. João, tam feliz por possuir o coração de S. Vicente de Paulo; os Carluxos e a sua bella egreja, Santo Ireneu, a Prisão de S. Pothino e Santa Blandina, os ossos dos dezenove mil martyres; Ainay, outr'ora tam temido dos poetas e dos rhetoricos; o pio cemiterio de S. Justo; a Charidade, com o seu povo de velhos e as suas molles camas para as criancinhas expostas, multidão d'egrejas brilhantes d'obras e d'instituiçoens de charidade, todo este espectaculo de piedade, de fé e de luxo catholico, renovou

algumas das impressões experimentadas álem dos montes. Foram-nos muito doces; pois que, a partir das fronteiras de França, as cruces, as madonas, os oratorios, e os signaes religiosos que coroam as montanhas e ornãam os caminhos d'Italia haviam desaparecido. Nada de poesia para o coração, nada de encantos divinos na peregrinação: por todas as partes a fria imagem d'um materialismo monotonico.

A 27, ao meio dia, chegavamos sãos e salvos ao ponto de partida. Preciso de dizer que a vista de Nevers commoveu deliciosamente a nossa alma e chamou-nos aos labios a oração com que, seis mezes antes, começára a viagem? « O' Deus! protector dos filhos d'Israel, que lhes fizestes atravessar o mar Vermelho a pé enxuto, que indicastes aos Magos, pela luz d'uma estrella, o caminho que conduzia a vós: dignai-vos de conceder-nos uma viagem feliz, um tempo sereno, a fim de que debaixo da guia dos vossos santos Anjos cheguemos ao lugar aonde vamos, e voltemos sãos e salvos áquelle d'onde partimos, e depois cheguemos felizmente ao ponto da salvação eterna. Amen. » Assim seja!

FIM.



INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS

NO TOMO VII.



Paginas

- 2 *de Abril.* Tolentino. S. Nicolau. Napoléão. Mural. Macerata. Recanati. Loretto. Porta da Cidade. Rua. Praça. Historia da Santa Casa de Nazareth 5
- 3 — Impressão. Missa na Santa Capella. Descrição da Igreja. Do monumento que rodêa a Santa Capella. Da Santa Capella. A Sacristia. O Thesouro. O Palacio apostolico. A Pharmacia. As Damas do Sagrado Coração. 19
- 4 — Missa no altar da Anunciação. Chegada dos Peregrinos. Os Dalmatas, suas oraçoens. Novo Vetturino. Contracto. Partida de Loretto. Ancona. Arco de Trajano. Cathedral. Sarcophago de Corconio. Historia e conversão da joven Annina Constantini. 38

- 5 — Sinigaglia. Sua feira. Fano. Fos-
sombrone. Recordação d'Asdrubal. Pe-
saro. Cathedral. Recordações de Ros-
sini, de Raphael e de Bramante. Re-
publica de S. Marino. Organização ci-
vil e judicial dos Estados-Pontificios. La
Cattolica. Recordações dos Padres de
Rimini. Arco d'Augusto. Egrejas. Mar-
tyrio de S. Gaudente. Quadro de Paulo
Veronese. 49
- 6 — Tribuna de Cesar. Capella do Mila-
gre. Santo Antonio de Padua, seu dis-
curso aos peixes. Conversão de Bon-
villo. Porta de S. Julião. Ponte de
Augusto. Passagem do Rubicão. Cer-
via. La Pignata. Mosteiro de Classe.
Mosaico. S. Romualdo. O imperador
Othão. Ravenna. 61
- 7 — Ravenna. Santa Maria da Rotunda.
Palacio de Theodorico. Tumulo do Dan-
te. Egreja de S. Vital. Tumulo de
Galla Placidia. Egreja de S. Romual-
do. Cathedral. Cyclo pascal. Cadeira
de S. Maximino. Bibliotheca. Recor-
dações. S. Germano d'Auxerre. Co-
lumna dos Francezes. Anecdota. Es-
tado da Romania. 73
- 8 — Ferrara. Manuscriptos do Tasso, de
Ariosto e de Guarini. Prisão do Tasso.
Hospital. Alfandega austriaca. Rela-
ções da Austria com a Santa Sé. Ro-
vigo. 87
- 9 — Padua. Historia, Universidade. Pa-

	lacio da Justica. Il Salone. Pedra do opprobrio. Queda dos anjos. Café Pedrocchi. Prato della Valle. Casa do conde Luis Cornaro. Recordações.	96
10	— Santa Sophia. A B. Helena Enselmini. A cathedral. Virgem de Giotto. S. Daniel. O B. Gregorio Barbarigo. O Baptisterio. O Dyptico. O corpo de S. Mathias. Crypta de S. Prosdocimo. Virgem Byzantina. Annunziata. Pinturas de Giotto. Santa Justina. Portmenores historicos. Santo Antonio. Capella deste Santo. Popularidade do Santo. Thesouro. Thuribulo e naveta gothicos. Lingua de Santo Antonio. Copo d'Alcardino. Seus sermoens. Estatua de Guttamelata. Margens de Brenta, Veneza.	102
11	— Torre de S. Marcos. Vista historia de Veneza. Egreja de S. Marcos. Trasladação do corpo de S. Marcos. Thesouro. Praça de S. Marcos. Cavallos. Leão. Palacio do Doge. Prisoens. Inscriptões.	122
12	— Continuação do palacio do Doge. Pinturas. Bibliotheca. Palacio das Bellas Artes. Eschola veneziana. Palacio Barbarigo. Grimani. Busto de Béatriz. Arsenal. O Bucentauro.	133
13	— Egrejas della Salute, Dei Frari, de S. Pedro. Recordações de S. Lourenço Justiniano. Idêa do governo veneziano. S. João e S. Paulo. Monu-	

Abril.

Paginas.

- mento de Marco Antonio Bragadino. S. Jorge Maior. Altar-mor. Inscricção relativa a uma indulgencia. Recordação de Pio VII. Monumento do doge Micheli. Capella dos Franciscanos. Recordações de S. Marcos. 140
- 14 — Charidade Veneziana. A Piedade. Spedaletto. S. Jeronimo Emiliani. Casa di Ricovero. Casa d'Industria. Esmollas annuaes. Ilha de Murano. Espelhos. Perolas. Cravo da Paixão. Ilha de S. Lazaro. Mechitaristas. Partida de Veneza, Phosphorescencia do mar. Ultimo reflexo da gloria de Veneza. Esquadra e batalha de Lepantho. Nome dos navios. 150
- 15 — Trevisó. Recordações de Benedicto XI e de Totila. Vicencio: Theatro olympico. *Madona del Monte*. Montebello, Arcole: Recordações. Anecdota. Verona: Amphitheatro. Recordações do imperador Philippe e de Pio VI. Grandes homens. Cathedral. S. Zenão. Milagre. S. Firmo. Lago de Garda. Rivoli: Recordação. Rasgo de coragem. Peschiera, Attila, S. Leão. Desezano, a B. Angela Merici. Brescia: Estatua da Victoria. Cathedral. Duas reliquias. Martyres. S. Gaudens. Fontes. Recordação de Bayard. Bergamo: edificio da feira. Santo Alexandre. Santa Asteria. Santa Eusebio. Santa Grata. Grandes homens. Colleoni. Calepino.

- Passagem do Adda. Vaprio. 164
- 16 — Milão. Reflexoens. A Cathedral. Lan-
ce d'olhos geral sobre Milão. Visita
circumstanciada. Sacristia de S. Sa-
tyro. Milagrosa imagem da SS. Vir-
gem. S. Nazario. Tomulo dos Tri-
vulcios. S. Lourenço. Pormenores so-
bre a architectura. S. Alexandre. Ri-
quezas do altar-mor. S. Eustorgio. Ca-
deira de S. Pedro, martyr. Seu tumulo,
suas reliquias e sua historia. 182
- 17 — Santo Ambrozio. Recordações de Theo-
dozio. Tomulo de Stilicão. Mosaico.
Corpo de S. Ambrozio, — dos SS. Ger-
vasio e Protasio, — de S. Marcellino.
Leito de S. Satyro. Crucifixo de S.
Carlos. Baptisterio. Recordação de S.
Agostinho. Recordações da peste de
Milão. S. Carlos e Calvino. Rito Am-
broziano. Eschola de S. Ambrozio. La-
zareto. Monza. Egreja. Pintura. The-
soiro. Corôa de ferro. Anecdota. Se-
minario dos Philosophos. Volta a Mi-
lão. 194
- 18 — Arrozaes. Pavia. Ponte. Corpo de
S. Agostinho. Universidade. Collegio
Borromeu. Campo de batalha. Car-
tuxa. 208
- 19 — Um sermão. Bibliotheca. Galeria. Bi-
bliotheca Ambroziana. Leonardo de Vin-
ci. Santa Maria das Graças. Fresco
da Cêa. Arco da Paz. Circo. Grande
seminario. Paço archiepiscopal. Pri-

- meira casa d'orphãos. Grande hospital. Irmãos de S. João de Deus. Salas d'asylo. Oratorio de S. Carlos. Pio Instituto de Santa Maria da Paz. Collegio militar. Hospicios Martioelli, — de Santa Maria *della Stella*, — *di Loreto*, — *della Vergine Addolorata*. *Pia casa d'industria*.. . . . 219
- 20 — Partida de Milão. Systema d'irrigação. Ponte do Tessino. Anecdota. Novara. Dyptico consular. Baptisterio. S. Gaudencio. Recordações. S. Lourenço. O Piemonte. Verceil. Recordações de Mario e de S. Eusebio. Manuscripto de S. Marcos. Egreja de S. André. Tumulo de Thomaz Gallo. 232
- 21 — Vista de Turin. Pinacotheca. Bibliotheca. Museu grego e romano. Tabua Isiaca. Museu egypcio. Instrumentos aratorios. Armas. Estatuas. Os santos martyres Octavio, Solutor, Adventor. S. Maximo. Cathedral. Capella do Santo Sudario. Palacio do rei. Audiencia.. . . . 143
- 22 — Egreja *della gran Madre di Dio*. Castello de Stupinigi. Superga. Grande hospital. Salas d'asylo. Obra de S. Luis de Gonzaga. Hospital da Charidade. Instituições para os orphãos e orphans. As Rosinas. A pequena Casa da Providencia. Silvio Pellico. Partida de Turin. Os Valdezes. Suza. . . . 150
- 23 — Adeus á Italia. Planura do Monte

Abril.

Paginas.

**Cenis. Hospicio dos Peregrinos. Lans-
le-Bourg. Estrada dos Alpes. Saint
Jean de Maurienne. Aiguebelle. Cham-
bery. Passagem das Escadas. Ponte
de Beauvoisio. Lyão. Volta a Ne-
vers..**

261

